

A DOUTRINA ESPIRITUAL DE DOM MARMION

M. M. PHILIPON, O. P.

DOUTOR EM TEOLOGIA

A
DOCTRINA ESPIRITUAL
DE DOM MARMION

Tradução de
LYDIA CHRISTINA

1956

Livraria AGIR Editôra

RIO DE JANEIRO

COPYRIGHT DE
ARTES GRÁFICAS INDÚSTRIAS REUNIDAS S.A.
(A G I R)

Traduzido do original em francês:
LA DOCTRINE SPIRITUELLE DE DOM MARMION
publicado por Desclée de Brouwer

NIHIL OBSTAT

Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 1956
D. Estevão Bellencourt O.S.B.

PODE IMPRIMIR-SE

Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1956
Mons. Caruso
Vigário Geral

Livraria **AGIR** *Editôra*

R. Bráulio Gomes, 125
(ao lado da Bib. Mun.)
Caixa Postal 6040
Tel.: 34-8300
São Paulo, S. P.

Rua México, 98-B
Caixa Postal 3291
Tel.: 42-8327
Rio de Janeiro

Av. Afonso Pena, 919
Caixa Postal 733
Tel.: 2-3038
Belo Horizonte
Minas

ENDEREÇO TELEGRAFICO «AGIRSA»

**A MÃE DO VERBO ENCARNADO,
QUE "FORMA O CRISTO"
EM CADA UM DE NÓS.**

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7.

I N D I C E

	Págs.
PREFACIO, de D. R. THIBAUT	11
INTRODUÇÃO	15

I. O DOMÍNIO DE CRISTO SOBRE UMA ALMA

1. PERÍODO DE FORMAÇÃO	31
<i>Formação sacerdotal:</i>	
Fé irlandesa	31
<i>Holy Cross</i>	32
Roma	34
Coadjutor em Dundrum	35
Professor de filosofia	36
<i>Formação monástica:</i>	
Vocação beneditina	36
Noviciado	41
Profissão solene	47
Ocupações monásticas	49
Vida profunda	51
2. DESABROCHAMENTO ESPIRITUAL	53
O Prior de Mont-César em Louvain	54
Relações exteriores	63
Para a identificação com Cristo	68
3. SUPREMA TRANSFORMAÇÃO EM CRISTO	74
Abade de Maredsous	75
Irradiação mundial	87
Consumação em Cristo	89

II. NOSSA VIDA EM CRISTO

Nossa predestinação em Cristo	97
Cristo, causa "adequada" de nossa santidade	102
O axioma fundamental	107
A antítese cristã: morte e vida	107
A morte ao pecado	109
A vida em Deus	113
A transformação em Cristo	115
Vida de união a Cristo	121
<i>In sinu Patris</i>	135

III. A PERFEIÇÃO DA VIDA CRISTÃ

	Págs.
1. A INSTITUIÇÃO MONÁSTICA	139
A idéia fundamental: "a procura de Deus"	140
O Abade	143
A família monástica	149
2. A ESPIRITUALIDADE MONÁSTICA	151
O ideal beneditino de D. MARMION	151
Cristo na Regra de S. Bento	155
A "conversão dos costumes"	157
A "compunção do coração"	159
A humildade	161
O "bem da obediência"	164
O holocausto	166
Fidelidade por amor	169
A caridade fraterna	171
A oração contemplativa	174
O <i>Opus Dei</i>	177

IV. SACERDOS ALTER CHRISTUS

1. O ETERNO SACERDOTE	186
O supremo exemplar do Sacerdócio na Trindade	187
A consagração sacerdotal de Cristo	189
O <i>Ecce venio</i>	190
O sacrifício da Cruz	191
O sacrifício do Altar	192
O eterno Sacerdócio	193
2. O SACERDÓCIO NA IGREJA	194
Grandeza e poder do Sacerdote	194
A santidade sacerdotal	198
Princípio fundamental: <i>Sacerdos alter Christus</i>	198
Eminente santidade do Sacerdote	199
Espírito de fé	201
Virtude de religião	205
A Missa do Sacerdote	206
O espírito de oração	207
As outras virtudes sacerdotais	209
Cristo, ideal do Sacerdote	211

V. A MÃE DE CRISTO

Cristocentrismo marial	215
Maternidade divina	216
Imaculada Conceição	217
Plenitude de graça	221
Medianeira de tôdas as graças	223
"Eis aí a tua Mãe!"	224
Forma pessoal de intimidade marial	225
EPÍLOGO: DOUTOR DA ADOÇÃO	235

PREFACIO

Indagar-se-á, talvez, porque se dedicou um filho de São Domingos ao exame profundo da doutrina espiritual de um filho de São Bento.

É que o PADRE PHILIPON discerniu a importância capital da obra de DOM MARMION na espiritualidade cristã. Com a Irmã Elisabete da Trindade e Santa Teresinha, apareceu-lhe Dom Marmion qual mestre destinado pela Providência para relembrar ao nosso tempo alguns dos mais fundamentais temas do Evangelho. Julgou, e com razão, que seria soberanamente útil às almas focalizar-lhe os pontos centrais da benfazeja doutrina.

O trabalho foi executado com uma consciência profissional a que me apraz render homenagem. Crítico sagaz, o autor, levando tão longe quanto possível o cuidado da informação, cingiu-se à leitura atenta e assidua de todos os manuscritos deixados por DOM MARMION. Do acúmulo de documentos compulsados isolou a própria substância da sua espiritualidade. Além disso, é para mim uma alegria reconhecer que triunfou em seus esforços para penetrar na mentalidade beneditina, tal como a concebia o Abade de Maredsous.

A doutrina espiritual de DOM MARMION está em perfeito acôrdo com o ensino da Igreja, mas, para realçar-lhe o valor, requeria-se a ciência de um teólogo. Enfim, — the last but not the least — tanto a extensão dos conhecimentos ascéticos e místicos, quanto a experiência das almas, permitiram ao PADRE PHILIPON apreender e revelar até que ponto, em DOM MARMION, a doutrina se achava na total dependência da intensidade da vida interior.

Exposição sóbria e pessoal, por um mestre, da doutrina rica e original de um outro mestre.

DOM R. THIBAUT

Maredsous, a 21 de março de 1953, na festa de São Bento.

•

•

•

•

•

INTRODUÇÃO

Posição de DOM MARMION na história da espiritualidade. — A trilogia e as outras obras. — A colaboração de DOM THIBAUT. — Fontes da doutrina de DOM MARMION. — Caracteres fundamentais de sua espiritualidade. — O sentido de nosso trabalho.

*Um dos maiores mestres
espirituais de nossa época.*

172

CHAPTER 10

10.1.1.1

10.1

10.1

10.1.1

10.1

10.1.1

10.1.1

INTRODUÇÃO

Quando se escrever a história da espiritualidade do século XX, ter-se-á de começar por D. MARMION. Sua obra foi o sinal de profunda renovação espiritual, cuja influência ganhou tôda a catolicidade. Deve-se-lhe, em grande parte, o retôrno à verdade primordial do Cristianismo: o CRISTO, modelo e fonte única de nossa vida. Houve admiráveis precursores dêsse cristocentrismo renascente: SCHEEBEN, nos países de língua alemã; o PADRE FABER, na Inglaterra; MONS. GAY, todo impregnado dos ensinamentos da Escola francesa. Mas nenhum dêles o igualou na irradiação mundial.

Cristo, vida da alma (1917), marca época em espiritualidade, inaugurando a célebre trilogia que deveria ser continuada com *Cristo em Seus mistérios* (1919) e *Cristo, ideal do Monge* (1922), e que vem de ser coroada com a publicação póstuma de *Cristo, ideal do Sacerdote* (1951).

O êxito prodigioso e inesperado de *Cristo, vida da alma* mostrava, com evidência, a que ponto essa espiritualidade, penetrada de dogma, singela, despojada do accidental, tôda centrada em Cristo, correspondia à secreta expectativa da consciência cristã. Foi como que “uma revelação de verdades esquecidas”.¹ As almas cristãs, enfim, tornavam a encontrar o seu Mestre! Não mais se fatigaram de ler e de reler as páginas densas e vigorosas onde Cristo Se lhes apresentava qual Modêlo e Fonte vivificante de tôda santidade, convidando-nos a morrermos ao pecado para só nEle vivermos, a nos unirmos com a Igreja em seu louvor de Verbo Encarnado e a nos deixarmos conduzir por Ele “ao seio do Pai”.²

1 A 2 de março de 1919, de passagem por Paris, escrevia D. MARMION a D. THIBAUT: “Estou cada vez mais surpreso com o acolhimento que teve o 1º volume. Por tôda parte aonde vou sucede o mesmo. Dizem-me ser como que “uma revelação de verdades esquecidas”.

2 *Joan.* I, 18.

Essas idéias básicas, que se nos tornaram familiares, causaram sensação em sua época, imprimindo à espiritualidade católica uma orientação decisiva, não por espírito de novidade, mas pelo domínio de Cristo em nossas vidas. A missão providencial de D. MARMION foi operar a “refluência” da espiritualidade moderna à própria Pessoa de Cristo. Foi uma revolução pelo retôrno ao fundamental.

O público recebeu com o mesmo entusiasmo tanto as cartas de direção como a biografia do Abade de Maredsous, traçada com mão de mestre por D. THIBAUT, que alia a precisão do historiador a um coração de filho.

A êle devemos o *corpus asceticum* de D. MARMION. A uma correspondente que o felicitava, escrevia êste, gracejando: “Não tenho sequer tentação de vaidade, pois ali nada há de meu. Falam Cristo e S. Paulo, e um dos meus monges redigiu o texto. Só que o meu nome está na capa. Todavia, o Cristo é tão bom que levará em conta o meu desejo de O fazer amado”.³ Realmente, Cristo e S. Paulo falavam através da alma de D. MARMION. E D. THIBAUT soube recolher a fulguração dessa palavra espontânea para no-la transmitir com rara fidelidade.

A Providência o preparara maravilhosamente para essa tarefa. Tendo entrado em Maredsous a 1º de outubro de 1896, contando dezenove anos de idade, D. RAYMOND THIBAUT foi sucessivamente, no decurso dos vinte primeiros anos de vida monásticas, o discípulo, o dirigido, o monge, o ouvinte assíduo, a testemunha da vida e, durante os anos de composição da trilogia, o depositário e o confidente das grandes idéias espirituais do Abade de Maredsous.

Dotado do espírito positivo do historiador profissional, professor e diretor de revista, com as suas qualidades intelectuais e os seus hábitos de trabalho, com o seu cuidado de clareza e de precisão, achava-se mais qualificado que ninguém para tal obra.⁴ Designado pelo Prior de Maredsous, D. THIBAUT aceitou por obediência. Pôs-se à obra, confron-

3 *Carta a Winefrida Kraemer*, Maredsous, 6 de outubro de 1920.

4 D. THIBAUT dirigiu a *Revista Beneditina* de 1903 a 1914. Foi também o criador e o diretor da coleção *Pax*, consagrada a trabalhos de história, de ascese e de mística beneditinas. Achava-se

lando os textos, harmonizando-os, restituindo-lhes o seu clima espiritual. Depois de árduo labor, foi submeter o resultado de seu esforço ao Mosteiro de Maredret, que recolhera e conservara a maior parte dos retiros e das conferências de D. MARMION. A reação foi inequívoca: “São de fato as idéias do Dom Abade, mas não a sua maneira viva, espontânea, transbordante, apaixonada por Cristo”.

Humildemente, D. THIBAUT deixou de lado as quinhentas páginas já compostas, não mais lhes tocando. Recomeçou metódicamente o trabalho, indo controlar capítulo por capítulo com as monjas de Maredret, privilegiadas ouvintes de D. MARMION, particularmente qualificadas para julgar a fidelidade da obra. Daí surgiu *Cristo, vida da alma*, destinado à difusão pelo mundo inteiro.

As outras obras foram compostas nas mesmas condições de escrupulosa exatidão, recorrendo D. THIBAUT constantemente, assim como para *Cristo, vida da alma*, ao juízo do próprio D. MARMION, que aprovou, retocou e até acrescentou com sua própria pena — sobretudo para *Cristo em Seus mistérios* — novos desenvolvimentos de suas idéias. Tal controle dá a tôda a obra impressa um verdadeiro cunho pessoal de autenticidade. Pela parte que lhe cabia, D. THIBAUT soube fazer reviver o pensamento de seu Abade com a energia e o valor insubstituível de uma testemunha. A trilogia constitui, pois, a expressão fiel da doutrina e da alma de D. MARMION, a fonte principal do seu ensino, à qual teremos sempre de recorrer. A obra póstuma, *Cristo, ideal do Sacerdote*, que não pôde ser objeto de igual controle, nem por isso é destituída do mais alto valor de autenticidade, composta com a mesma preocupação de absoluta objetividade e com a utilização complementar de numerosos autógrafos. D. THIBAUT realizou um trabalho definitivo.

*

* *

É, pois, a obra de um grande mestre espiritual que chega

preparando um grande trabalho sobre *As Beneditinas em França no século XVII*. Quando empreendeu a edição das obras de D. MARMION, passou tôda a sua documentação ao PADRE BREMOND, que a utilizou para o belo capítulo sobre *As grandes Abadessas de sua História Literária do Sentimento Religioso*.

até nós. D. MARMION prende-se à mais pura linguagem da tradição beneditina. Sua alma foi marcada pela Regra de São Bento. Apenas ingressara no Mosteiro, D. COLUMBA se pôs a estudá-la com ardor. Todo o resto da vida haveria de comentá-la. Prior de Mont-César, em Louvain, ou Abade de Maredsous, não como erudito mas como mestre espiritual, solicitando ao texto venerável, que formou milhares e milhares de santos, o segredo de seguir os traços da mesma virtude heróica, maravilhado com a simplicidade da perfeição cristã na escola de S. Bento. “Tenho, no íntimo da alma, a convicção de que a doutrina do nosso Bem-aventurado Pai, tôda penetrada do espírito do Evangelho, pode conduzir o homem ao supremo grau da perfeição acessível neste mundo”.⁵

A exposição de sua própria doutrina espiritual está cheia de reminiscências da Regra ou de desenvolvimento que lhe inspirou. É nela que haure os temas fundamentais de conferências e de retiros: a humildade; a compunção do coração; o sentido da obediência monástica, que chega a ponto de tentar o impossível, mas sempre por um princípio de amor; o primado do *Opus Dei* e a incessante “procura de Deus”, alma de tôda a Regra beneditina, objeto único da vida do monge; enfim, o teocentrismo libertador, que mantém a alma constantemente em face de Deus, esquecida de si mesma na simplicidade, na discreção e no abandono dos filhos de Deus. Ele admirava o gênio espiritual de S. Bento, que soubera, desde o Prólogo da Regra, “adaptar-se ao plano divino e tudo reconduzir a Deus por Cristo”,⁶ “colocando à nossa disposição as imensas riquezas do cristianismo”.⁷ Prezava suas máximas e conselhos, prescrevendo a Presença familiar de Cristo, “amado acima de tudo” e “preferido a tudo”. O *Nihil amoris Christi præponere* parecia-lhe o ponto culminante da Regra beneditina e a última palavra. De tudo isso brotou o *Cristo, ideal do Monge*, trazendo-nos o âmago da alma religiosa de D. MARMION.

Inserido nêsse quadro vivo do monaquismo beneditino é

⁵ Retiro, Maredret, dezembro de 1905.

⁶ *Ibidem*.

⁷ Conferência, Maredret, 15 de julho de 1914.

que êle foi haurir a sua própria doutrina nas fontes mais profundas do cristianismo: a Sagrada Escritura e a teologia.

Amava apaixonadamente a Bíblia, tôda a Bíblia, aconselhando lê-la por completo, "achando no Antigo Testamento a chave do Novo; pois, observava êle, não há solução de continuidade entre as obras de Deus". ⁸

Mas o autor inspirado que lhe marcou mais profundamente o espírito, foi incontestavelmente S. PAULO. Seus escritos não o deixavam. Gostava de lê-los em grego. Não queria que se respigassem alguns versículos apenas; recomendava a leitura atenta e integral de uma Epístola inteira. Então, o pensamento do Apóstolo surgia diante dêle em suas grandiosas perspectivas, amplas com a Redenção, e o mistério de Cristo aparecia-lhe em tôda a extensão, no âmbito da economia da salvação, segundo os eternos decretos do plano de Deus. Daí jorraram em sua alma contemplativa as mais altas luzes sôbre o papel de Cristo na vida das almas: a nossa predestinação adotiva à imagem do Filho, a posição universal do Salvador, tornado, pela vontade de Deus, "nossa sabedoria, nossa justiça, nossa redenção e tôda nossa santidade". ⁹ Daí o sentido de nossa miséria de pecadores e de nossa fraqueza, mas também de nossas infinitas riquezas em Jesus Cristo e a intuição da essência de tôda mística cristã, morte e vida, até à antítese suprema: "Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim". ¹⁰ Todos êsses grandes temas paulinos infiltram-se na alma de D. MARMION e incorporam-se rãpidamente ao seu próprio pensamento, tornando-o quase indiscernível do pensamento do Apóstolo. D. MARMION vê Cristo com os olhos de S. PAULO.

Se os grandes temas da doutrina do Abade de Maredsous são de inspiração paulina, articulam-se, no entanto, conforme as linhas estruturais da teologia clássica. D. MARMION investiga a Escritura, adere às declarações dos concílios e aos documentos do magistério da Igreja. Leu SANTO AGOSTINHO, S. GREGÓRIO, S. BERNARDO, cujo comentário sôbre o *Cântico*

8 Conferência, Maredret, 4 de março de 1910.

9 1 Cor. I, 30.

10 Gal. II, 20

dos *Cânticos* o entusiasmou. ¹¹ Conheceu intimamente os grandes mestres da Ordem de S. Bento, em particular LOUIS DE BLOIS. ¹² Os capítulos de S. FRANCISCO DE SALES sôbre o abandono, no *Tratado do amor de Deus*, confirmaram-lhe e enriqueceram-lhe as próprias instituições. Nas leituras ou nas apreciações, usa de amplo e sadio ecletismo; em teologia, porém, o mestre de seu pensamento é S. TOMÁS DE AQUINO. Ao lado da *Bíblia* e da *Liturgia*, a *Suma Teológica* estará sempre entre os seus livros de cabeceira. Medita-se continuamente, a fim de descobrir novas luzes sôbre as profundezas de Deus. Recomenda a sua leitura assídua: "Tratai de aprofundar S. TOMÁS; é tão fecundo!" ¹³ Por vêzes, estuda-o de joelhos; e, após as suas aulas, alguns estudantes vão espontâneamente acabar de contemplar no côro os mistérios divinos explanados em seu ensino. ¹⁴

De fato, para êle, "a teologia é a evolução da fé na oração"; ¹⁵ pede, antes de tudo, a essa ciência sagrada, que lhe faça tocar a Deus pelo amor. A êsse respeito, nada mais sintomático que suas confidências de jovem professor de teologia, tão reveladoras de um modo de ver que conservará até ao fim da vida: "Há algum tempo que ensino o tratado de Deus, tendo recebido muitas luzes sôbre a Natureza divina. Meditando as palavras *Ego sum qui sum*, "Eu sou Aquêle que é", vi que nossos deveres para com Deus se resumem todos na adoração. A fé é a adoração de Deus como "Verdade Suprema", *Summa Veritas*; a esperança, a sua adoração como "Onipotência Auxiliadora e Fiel", *Summa Fidelitas et Potentia*; a caridade, a sua adoração como "Soberana Bondade", *Summa Bonitas*; e a nossa submissão dirige-se à sua transcendente grandeza, *Summa Majestas*. Ora, como em Deus tudo isso não faz senão UM: "AQUÊLE QUE É", a ado-

11 *Rétiro*, Maredsous, setembro de 1919. Retomando um texto do grande DOUTOR (BERNARDO), o próprio D. MARMION o comentou às Beneditinas de Maredret em algumas conferências que formam a substância do opúsculo *Sponsa Verbi, A Virgem Consagrada a Cristo*.

12 *Conferências Monásticas*, Maredret, 15 de outubro de 1909.

13 *Carta*, de 5 de agosto de 1902.

14 Cf. *Un Maître de Vie Spirituelle*, pág. 146.

15 *Carta à Abadessa de Maredret*, 2 de janeiro de 1902.

ração contém em germe êsses atos múltiplos".¹⁶ Assim, nêsse monge contemplativo, o estudo da teologia sempre se conclui na adoração. Todos os tratados que ensina trazem-lhe luzes de vida e mostram-lhe os caminhos de Deus para a direção das almas. O tratado do *Verbo Encarnado* é sempre o seu curso predileto, o mais aprofundado. Dêle extrairá a sua obra-prima de espiritualidade.

Haure também, com abundância, nas riquezas doutriniais da liturgia, onde sua alma se eleva sem esforço à mais alta contemplação dos mistérios de Deus. Ali encontra de novo, numa atmosfera de oração e numa luz superior, os dogmas de fé que acaba de ensinar. Acima de tudo, encontra o Cristo vivo em sua Igreja. As ações e gestos do Salvador não são para êle a simples lembrança de um passado longínquo. Não consistirá a eficácia da liturgia em perpetuar todos êsses mistérios entre os homens, aplicando-lhes a virtude redentora de Cristo? Enquanto a voz da Igreja, *vox sponsæ*,¹⁷ se une ao louvor do Verbo Encarnado, desce às almas, conforme o próprio grau de fé e fervor, a graça correspondente a cada um dêsses mistérios de Cristo. A liturgia apresentava-se-lhe como "o alimento mais adequado às almas".¹⁸ *Cristo em Seus mistérios* é o perene testemunho dessa experiência íntima.

Acabamos de tocar na palavra decisiva que marca a fonte primordial de sua doutrina: sua própria experiência de Deus em Cristo. Eis onde reside o mais profundo segredo, que explica a gênese dêsse mestre espiritual. Mais que todos os livros, seu próprio amor lhe revelou o Cristo. D. MARMION, místico, não se assemelha a S. JOÃO DA CRUZ. Admirava "a sublime doutrina"¹⁹ do Doutor das noites e da Viva Chama de amor, mas o impulso de sua vida interior tomava outro sentido: "Li atentamente S. JOÃO DA CRUZ. Essa leitura não convém à minha alma, pois me tira a liberdade com Deus. Meu atrativo é achar *tudo* em JESUS e *por* Êle. Êle é o "caminho" que o Pai nos dá, é por Êle que devemos ir. Quando procuro fazer oração no "vazio", deixando de lado tôdas as

16 *Notas Intimas*, dezembro de 1891 (ingl.).

17 *Notas Intimas*, maio de 1887 (ingl.).

18 *Conferência*, Maredret, 4 de março de 1910.

19 *Nota Autógrafa*, sem data.

belas palavras, figuras e comparações empregadas por Jesus em suas instruções, sinto-me paralisado".²⁰

A cada um sua graça. Isso não atinge à transcendente grandeza do gênio místico de S. JOÃO DA CRUZ. Em D. MARMION Cristo polariza tudo. Em seu último retiro sacerdotal, o de 1922, na diocese de Tournai, dizia confidencialmente aos sacerdotes, à guisa de testamento: "Para mim, tôda a minha vida espiritual: é Jesus Cristo".²¹ Tôdas as suas graças místicas convergiam para essa transformação em Cristo, que êle desejava total até à identificação: *Jam non ego, vivit vero in me Christus*.²² Deus, que o predestinava para lembrar à sua Igreja as "insondáveis riquezas de Cristo",²³ começou por realizar nêle êsse programa de santidade. Como em todos os grandes místicos, sua obra espiritual, permanece como a expressão suprema de sua vida.²⁴

*

* * *

Fruto de sua experiêcia, é nesta que sua doutrina vai haurir certas notas características, em particular o traço mais fundamental de sua espiritualidade: o *crisocentrismo*. "Na devoção moderna", dizia êle com tristeza, "Cristo não é TUDO. No entanto, quanto mais leio as sagradas Escrituras,

20 *Carta a uma Carmelita*. Beauplateau, 25 de setembro de 1918.

21 *Retiro sacerdotal*, Tournai, agosto de 1922.

22 *Gal.* II,20.

23 *Ephes.* III,8.

24 Cf. o notável estudo, publicado em *Présence de Dom Marmion* (Desclée De Brouwer, 1948), págs. 109-133, de D. RYELANDT, íntimo de D. MARMION e associado a D. THIBAUT na publicação de *Cristo, Ideal do Sacerdote*. Cf. o número especial consagrado a D. MARMION por *La Vie Spirituelle* (janeiro de 1948): *Dom Marmion e a Bíblia* (D. O. ROUSSEAU), *São Paulo e Dom Marmion* (R. P. BUZY), *Dom Marmion e a Liturgia* (D. L. BEAUDUIN), *Cristo, Ideal do Sacerdote* (D. THIBAUT), *O Crisocentrismo de Dom Marmion* (R. P. BOULARAND, S. J.), *O Doutor da Adoção Divina* (R. P. PHILIPON, O. P.), *O Ensino de Dom Marmion Sobre a Mística* (D. RYELANDT), *A Posição da Obra de Dom Marmion na História da Espiritualidade* (PADRE D. CAPELLE). — Ver também: *A Idéia Mestra da Doutrina de Dom Marmion*, D. THIBAUT.

quanto mais vivo a Liturgia, mais vejo um pensamento dominante: Cristo é o centro da criação".²⁵ Em vez de se conformarem à sabedoria do plano divino, os homens tentam constituir-se "os arquitetos da sua própria perfeição",²⁶ substituindo o Pensamento divino por sua concepção humana, minimizante. Quanto a êle, não cessará de fazer-se arauto do plano divino e de pregar infatigavelmente a Cristo. "Não vos canseis de me ouvir repetir as mesmas coisas. S. PAULO, elevado ao terceiro céu, tendo entrevisto maravilhas que o homem não pode sequer suspeitar, só fala de Jesus Cristo e tudo refere a Cristo. *Prædestinavit nos conformes fieri imaginis Filii sui*,²⁷ "Deus nos predestinou para sermos conformes à imagem de seu Filho". Lêde as suas Epístolas e vereis que tudo se reduz a isso".²⁸

O Abade de Maredsous encontrara grande número de almas "estreitas, atormentadas, gementes",²⁹ referindo tudo a si mesmas, que subitamente se libertaram de si próprias e desabrocharam para sempre com a entrada de Cristo em sua vida. A graça própria de D. MARMION foi a de revelar Cristo às almas, para n'Ele as fixar. Sua obra escrita, vindo prolongar a influência de sua palavra, jamais teve outra finalidade: "Quis demonstrar que a perfeição cristã não é mais que a invasão de nossa atividade pelo Cristo".³⁰

Essa posição central de Cristo no âmago de sua espiritualidade imprimiu-lhe um caráter acentuadamente *dogmático*. Suas conferências e retiros acham-se repletos de exposições sôbre os maiores mistérios de nossa fé. Nos meios contemplativos, onde mais se encontra em seu elemento, seus temas familiares terminam freqüentemente em elevadíssimas ascensões sôbre os dogmas cristãos. O Filho o conduz "ao seio do Pai",³¹ onde seu olhar se detém complacente a investigar a geração do Verbo e a união de amor do Pai e

25 Conferências Monásticas, Maredret, 22 de abril de 1914.

26 Retiro, Abadia de Erdington, novembro de 1902 (ingl.).

27 Rom. VIII,29.

28 Conferências Monásticas, Maredret, 20 de outubro de 1909.

29 *Ibidem*.

30 A D. THIBAUT, por ocasião da publicação do último volume da trilogia — *Cristo, Ideal do Monge*.

31 *Joan*, I,18.

do Filho, donde procede o Espírito. Retorna com predileção, como ao centro de seu pensamento, ao mistério da Encarnação, analisando longamente a união das duas naturezas em Jesus Cristo, a Sua santidade, as Suas virtudes, o jôgo dos dons do Espírito Santo em Sua alma de Filho. A contemplação do Verbo Encarnado transporta-o a todos os aspectos do dogma e da moral. Cristo apparece-lhe como o laço vivo de todos os mistérios cristãos, permanecendo no centro de perspectivas da sua visão de conjunto. A síntese elaborada no decurso dos longos anos de ensino vivifica-se numa contemplação ardente de Cristo. Elle tudo elabora como um mestre que tem o dogma por alimento habitual do pensamento. Donde a grandeza de sua concepção da nossa vida cristã, entrevista “como uma aceitação da Encarnação”, ³² um escoamento da vida divina do Pai no Filho e, por Elle, através Sua humanidade e sob o impulso do Espírito, em sua Igreja, em cada um dos membros do Seu corpo místico. Em D. MARMION, a moral faz corpo com o dogma e participa da sua sublimidade. Absoluta ausência de visão fragmentária; tudo se reduz à unidade. Sob a ação dos dons de inteligência e de sabedoria, elle possui a experiência: “Somos UM com Cristo e com todos os membros de Seu corpo místico. Disto acho-me cada vez mais convencido. Não somente eu o creio, mas *eu o vejo*”. ³³ A seus olhos, todo o dogma católico resplandece em Cristo.

Seu vigoroso cristocentrismo libertou-o de todo individualismo estreito. Daí um derradeiro traço característico de sua obra: o cunho de *catolicidade*. A espiritualidade de D. MARMION desenvolve-se em clima de Igreja. Nela a alma jamais se encontra sôzinha, em face de si mesma, egoisticamente concentrada, preocupada exclusivamente com a sua própria santificação. Vive em comunhão com todo o corpo místico, sem espírito de capela, sem exclusão de ninguém, na mais pura linha do Evangelho e de S. PAULO, nada considerando estranho de quanto se refira a Cristo, à glória do Pai, ao acesso de todos os homens à salvação. Horizontes imensos que se identificam, por assim dizer, com o próprio olhar de Jesus. Eis porque espíritos de tôdas as escolas se reconhe-

³² *Retiro Sacerdotal*, Louvain, novembro de 1901 (autógrafo).

³³ *Retiro*, Maredret, dezembro de 1921.

ceram nos ensinamentos de D. MARMION. Mesmo quando se dirige aos monges e aos sacerdotes, o Abade de Maredsous é compreendido e apreciado pelos simples cristãos. A presença viva de Cristo em tôdas as páginas de sua obra operou êsse milagre de catolicidade.

As obras de D. MARMION incluem-se doravante entre os nossos clássicos de espiritualidade.

*
* *

Devo confessar que só empreendi êste trabalho depois de grandes hesitações.

Com a morte de D. MARMION, descobriu-se considerável quantidade de escritos autógrafos: cursos de teologia dogmática e de sagrada Escritura; inúmeras notas manuscritas de preparação para conferências sacerdotais, para certos retiros, para pregações diversas e para relatórios por vêzes de grande importância; enfim, confidências íntimas e reflexões diversas, inscritas em caderninhos, em fôlhas sôltas e até mesmo em agendas de bôlso. A êsse conjunto de autógrafos há que acrescentar cêrca de quinhentas cartas, recolhidas por D. THIBAUT.

Existe outra série de documentos, ainda mais reveladores de sua fisionomia concreta, permitindo-nos apreender seu pensamento em pleno impulso vital, em sua espontaneidade vivaz, ora pitoresca, ora prática, ou então elevando-se, de súbito, em magníficos vôos místicos: são as "reportagens" de seus retiros e conferências. Nada de estenografia literal, mas notas fidelíssimas, tomadas no decorrer da audição. O estilo, que muito varia de Louvain para Maredsous, Maredret, Jupille, etc., não altera a substância do pensamento, atentamente colhido com o máximo de exatidão verbal. Sob êsse ponto de vista, são de raro valor as notas de Maredret, asseguradas por um verdadeiro conjunto de taquígrafas, habituadas com a maneira do Abade.

Sinto-me feliz em expressar aqui tôda a minha gratidão pela confiança e liberalidade com que puseram a meu dispôr a documentação total. O presente trabalho foi elaborado

nessa atmosfera, com a garantia de objetividade oferecida pelo recurso contínuo às fontes.

O difícil consistia em restituir a êsses documentos o sô-pro de vida que os animara. Lembro-me ainda do conselho que incessantemente nos dava o nosso velho mestre, PADRE LABRANGE: vigiar muito para recolocar os textos “na situação”.

Antes de iniciar êste trabalho, pareceu-me indispensável comungar da vida beneditina. Foi assim que aceitei pregar retiros em diversos Mosteiros beneditinos, a fim de penetrar — por osmose e uma espécie de conaturalidade — na mentalidade monástica sem a trair. Os retiros em Maredsous e em Maredret me trouxeram as mais preciosas luzes. Interroguei numerosos monges que haviam conhecido D. MARMION, ouvi longamente as confidências de almas por êle dirigidas, procurei tornar-me uma alma beneditina para entrar na compreensão do grande ideal beneditino, uma das mais elevadas formas da perfeição cristã.

Depois entreguei-me ao estudo atento dos manuscritos, colhendo as citações mais típicas, recolocando-as em seu contexto natural, procurando apreender os pontos de irrupção de uma síntese viva, mais experimentada que formulada, evitando qualquer montagem artificial, qualquer reconstrução subjetiva e factícia.

Achando-me na presença de um teólogo que, em muitos pontos, tornara perfeitamente explícito o próprio pensamento, bastava conduzir as citações ao devido lugar no seu contexto psicológico e dinamismo interior. Qualquer quadro estranho teria infalivelmente desnaturado o movimento original do pensamento marmioniano. Uma alma é um universo; não pode ser compreendida senão de dentro, na complexidade da sua personalidade total. Impunha-se o esquecimento de si mesmo.

Após vários anos de minuciosa pesquisa e assíduo contato com os textos de D. MARMION, desprende-se uma impressão dominante, de impressionante relêvo: Cristo foi a grande paixão de sua vida. Jamais esquecerei o tom de convicção com que me disse um dia Dona Cecília de Hemptinne, Abadessa-fundadora de Maredret, que com D. MARMION *tinha* excepcional intimidade: *Para o Cristo, êle possuía um ca-*

risma. Eis o segredo, a força única que o tornou um dos maiores mestres espirituais do nosso tempo.

*Saint Maximin, 25 de janeiro de 1953,
Festa da Conversão de São Paulo.*

2
3
4

5

I

O DOMINIO DE CRISTO SOBRE UMA ALMA

1. PERÍODO DE FORMAÇÃO

Formação sacerdotal: Fé irlandesa. - - *Holy Cross.* --- Roma. Coadjutor em Dunderum. -
Professor de filosofia. --- *Formação monástica:* Vocação beneditina. --- Noviciado.
--- Profissão solene. --- Ocupações monásticas. - - Vida profunda.

2. DESABROCHAMENTO ESPIRITUAL

O Prior de Mont-César em Louvain. -- Relações exteriores. --- Para a identificação com Cristo.

3. SUPREMA TRANSFORMAÇÃO EM CRISTO

Abade de Maredsous.—Irradiação mundial.
Consumação em Cristo.

Para mim, JESUS é TUDO
(DOM MARMION)



O DOMÍNIO DE CRISTO SOBRE UMA ALMA

1. PERÍODO DE FORMAÇÃO

D. MARMION é um santo irlandês. Sua rica personalidade, de exuberância por vêzes desconcertante, ocultava intensa vida interior, que hauria sua fôrça numa fé profunda e numa paixão ardente, dominadora, pela Pessoa adorável de Cristo. Testemunhava um dos monges que mais lhe penetraram a intimidade: “Tinha defeitos; mas, por Cristo, seria capaz de tudo”. A curva ascendente da vida de D. MARMION resume-se no domínio progressivo, e cada vez mais total, de sua alma por Cristo.

Fé irlandesa

Nascido em Dublin a 1º de abril de 1858, na Quinta-feira Santa, JOSEPH MARMION recebeu, a 6 do mesmo mês, na Igreja de São Paulo, a graça de adoção, da qual deveria ser mais tarde o teólogo e o doutor. Esse germe da vida divina, por êle recebido no batismo, desabrochou num clima excepcional de vida cristã. Na família MARMION resplandecia a legendária fé da alma irlandesa.

O pai, grande cristão, pôde certo dia replicar ao jovem seminarista que, tomado de nobre zêlo, lhe aconselhava o exercício da presença de Deus: “Meu filho, no meio das ocupações cotidianas, não deixo passar minutos sem fazer a Deus a oferta de todo o meu ser”.¹

1 Para todo êsse periodo, ver *Un Maître de la Vie Spirituelle, dom. Columba Marmion*.

Com muita justeza observa D. THIRAUT: “As suas origens célticas deve êle a penetração da inteligência, a vivacidade da imaginação, a riqueza da sensibilidade, a exuberância da vida, a constante juventude da alma. Do sangue francês que lhe corre

A mãe pertencia a uma família de origem lorena, afeiçoada a suas convicções católicas.

Nêsse lar, onde deviam nascer nove filhos, quatro meninas e cinco rapazes, a fé — uma fé viva — a tudo animava: orações, exercícios de piedade em comum, missa cotidiana, comunhão freqüente, festas de família. Profunda amizade unia mais particularmente Joseph à sua irmã Rosie, três anos mais velha que êle, sua confidente e amparo nas horas difíceis, ambos chamados a uma elevada perfeição religiosa.

Adivinha-se a impressão profunda que dessa primeira educação familiar recebeu a alma de D. MARMION. As aulas com os Padres Agostinianos e os estudos secundários com os Padres Jesuítas vieram completar-lhe a formação. ²

Nessa atmosfera de fervor cristão, cedo se orientou Joseph para o sacerdócio, correspondendo assim ao desejo da família e, em particular, do pai. Mas, exatamente na véspera de sua entrada para o seminário de *Holy Cross*, uma crise de alma quase o desviou para sempre. Após dramática luta interior, de noite regressou triunfante ao lar, confiando à sua irmã Rosie: “Achava-me terrivelmente tentado e não queria mais entrar no seminário. Como deves ter rezado, e muito, por mim!” Naquêlle dia, Joe Marmion jogou o seu destino.

Holy Cross

Tendo entrado em janeiro de 1874 para o Seminário maior de *Holy Cross*, em Clonliffe, arrabalde de Dublin, encontrou uma comunidade de 80 seminaristas, que professores de escol formavam numa sólida piedade e iniciavam nas ciências sagradas.

nas veias, conserva a luminosa clareza de espirito, o hábito das visões nítidas, a facilidade de exposição, a retidão do caráter. Em ambas as fontes reunidas, haure inalterável alegria e a generosidade do coração, com tudo quanto essa nobre qualidade comporta de entusiasmo e de vigor, de devotamento e de delicadeza” (pág. 1).

- 2 Recebeu dos Padres Agostinianos as primeiras lições no colégio de externos chamado Seminário de Saint Lawrence O'Toole. Aos dez anos, entrou no Belvedere College de Dublin, dirigido pelos Jesuítas, onde permaneceu de 1868 a 1874.

Vivo, impulsivo, excessivamente impressionável, de jovialidade expansiva e por vêzes despreocupada com as formas, o jovem irlandês de 17 anos, com sua veia transbordante e natural entusiasmo, anima o grupo de amigos que espontâneamente se reúne a seu redor.

Sua bela inteligência revela ràpidamente admiráveis aptidões para a filosofia e a teologia. Mas o que êle procura no estudo, antes de mais nada, é uma "luz de vida". A sagrada Escritura, a teologia e as demais ciências eclesiásticas tornam-se o alimento principal de sua piedade. Êle já possui a alma de um doutor.

Um santo Lazarista, o Padre JOHN GOWAN, a quem escolhera por diretor, imprimir-lhe-á na vida espiritual um sêlo profundo. Humilde e austero, inflamando-se, em suas célebres conferências, ao falar de Deus, da paixão e morte de Jesus Cristo ou dos outros mistérios sobrenaturais, exige dos seus penitentes o mesmo espírito sobrenatural, a generosa aceitação das cruzes e das humilhações, o culto apaixonado dos sofrimentos de Cristo. "Meditai com freqüência as dores de Jesus fazendo a Via Sacra e chegareis com grande rapidez à mais elevada perfeição", não cessava de repetir-lhes. Foi com êle que D. MARMION tomou a resolução de fazer diàriamente a Via Sacra, prática a que permaneceu inviolavelmente fiel até a morte.

Sob a direção de tal mestre espiritual, FATHER MARMION fêz rápidos progressos na virtude. Eis o período generoso — por vêzes heróico — do esforço pessoal. No decorrer de instrução dada por um santo sacerdote a respeito da fidelidade, uns dez seminaristas tomam a resolução de não mais faltarem ao silêncio: "No comêço", confessará D. MARMION, "escapava-me, por vêzes, alguma palavra. Mas então", acrescentava êle, "impunha-me uma penitência. Pouco a pouco, consegui guardar o silêncio completo. Julgo poder afirmar que, durante cinco ou seis anos, não faltei ao mesmo".

Além da vida escolar, dedica-se, numa escola dominical, a catequizar meninos ameaçados pela propaganda protestante.

No decurso de umas férias, sabendo que uma velha insolvente vai ser arrastada aos tribunais por inexorável credor, acaba abrindo mão, após uma noite inteira de luta inte-

rior, da quantia necessária, penosamente economizada para uma viagem próxima. É imediata a recompensa divina: FATHER MARMION sente nascer na alma o chamado para a vida perfeita.

Em 1878, a morte fere o lar. Morre-lhe o pai, depois de ter a alegria de ver três filhas se consagrarem a Deus, mas sem a consolação de contemplar o filho sacerdote subindo os degraus do altar.

À provação sucede insigne favor, de ordem mística, que lhe deixará na alma “indelével impressão”. Um dia, quando estava para entrar na sala de estudo, foi súbitamente tomado “por uma luz sôbre a infinidade de Deus”. Pareceu-lhe tocar o inexprimível Esplendor de Deus e entrever a Imensidade do seu Ser. “Isso durou um instante apenas”. “Experimentou logo a imperiosa necessidade de abismar-se na adoração da Majestade divina. Nêle os toques místicos da graça assumirão frequentemente êsse caráter de luz súbita, deslumbrante, que termina em uma atitude de fé e adoração.

Roma

Suas aptidões intelectuais o designavam como elemento de escol, cheio de futuro. MONS. MC CABE enviou-o ao Colégio Irlandês de Roma para ali terminar o ciclo dos seus estudos teológicos. O clérigo MARMION sentiu-se maravilhado. “Estar em Roma, mesmo sem estudar”, escreverá êle mais tarde, “é uma verdadeira educação do coração e da alma”.³ Não que menosprezasse o estudo, — pois ali se mostrou aluno brilhantíssimo — mas foi tôda a sua alma cristã que encontrou em Roma o desabrochamento. D MARMION poderá afirmar: “Lembro-me sempre de Roma como de uma das épocas mais felizes da minha vida”.⁴

O que o atraía, antes de tudo, era a Basílica de S. Pedro, centro da unidade católica: *Hinc unitas*.⁵ Por tôda a vida, o seu senso cristão será redobrado por um “senso ro-

3 Carta a D. Idesbald, Louvain, 12 de janeiro de 1903.

4 Carta a François X..., Maredsous, fevereiro de 1890.

5 Inscrição gravada sob a cúpula de São Pedro.

mano” que instintivamente o impelirá a voltar-se para o Papa como regra infalível da sua fé.

Percorreu como peregrino os santuários de Roma, voltando de preferência ao túmulo dos Apóstolos e às catacumbas, símbolos de uma fé confessada até ao sangue. Roma foi para êle, antes de tudo, o contato vivo e concreto com a Igreja de Cristo.

No Colégio da Propaganda encontrou mestres eminentes. Mas quem mais influiu na sua vigorosa inteligência, impressionando-a poderosamente, foi o célebre SATOLLI, professor de teologia dogmática, que lhe revelou a *Suma Teológica* de S. TOMÁS DE AQUINO. Ao anoitecer da vida, D. MARMION evocava ainda, e com emoção, o luminoso ensino dêsse mestre admirado e querido. Em particular, conservava a memória de uma lição “inolvidável” sôbre a visão beatífica, na qual SATOLLI exaltava, “em linguagem límpida e ardente, a felicidade suprema, cuja fonte é Deus: saciedade plena do espírito pela posse da Verdade total, perfeita satisfação do coração na união indefectível com o Bem absoluto e soberano, no seio da Trindade”. Essa divina beatitude era evocada tão profundamente que os ouvintes, maravilhados, sentiam-se todos penetrados pela mesma. Assim, prorromperam em aplausos quando o mestre, resumindo a exposição e terminando-a com uma prece, apropriou-se da exclamação do Salmista: “Teus eleitos, ó Senhor, Tu os saciarás com a abundância dos bens de Tua morada, Tu os inebriarás com a torrente de Tuas delícias, porque em Ti se acha a própria fonte da Vida, e em Tua luz veremos a luz. . .”⁶

No fim do ano letivo de 1881, FATHER MARMION terminava os seus estudos em Roma, sendo o primeiro da classe, com medalha de ouro.

A graça das graças, recebida na Cidade Eterna, foi a elevação ao Sacerdócio a 16 de junho de 1881. Um mês depois regressou à Irlanda revestido do próprio poder de Cristo.

Coadjutor em Dundrum

Nomendo coadjutor na paróquia de Dundrum, pequena

6 Ver *Un Maître de la Vie Spirituelle*, pág. 27.

povoação ao sul de Dublin, dedica-se ao serviço das almas, sob as mais diversas formas do ministério pastoral.

Professor de filosofia

Um ano depois, em setembro de 1882, o Arcebispo de Dublin, MONS. MC CABE, confia-lhe a cátedra de filosofia no Seminário de *Holy Cross*, em Clonliffe, onde se experimenta a alegria de receber como professor o aluno de outrora, laureado em Roma. Ali começam a desenvolver-se as suas qualidades de clareza na exposição e de penetração dos aspectos mais essenciais de um problema ao mesmo tempo que o poder de síntese, qualidades que se tornarão as características de seu ensino.

Conserva um contato vital com as almas. Seminaristas, cada vez mais numerosos, confiam-lhe a direção de sua vida. Todavia, o seu zelo ardente estende-se também a um vasto conjunto de deserdados: mulheres da prisão de Mountjoy, em Dublin, da qual é Capelão; presos políticos ou de direito comum. O Bispo encarrega-o igualmente da capelania do Convento das Redentoristas. As preferências de D. MARMION se orientarão sempre para as almas consagradas a Deus e para os maiores pecadores. Ensino e direção das almas assinalam, pois, os inícios de uma atividade apostólica e de uma experiência sacerdotal que se hão de revelar tão fecundas na irradiação espiritual do Prior de Louvain e do Abade de Maredsous.

Essa vida de estudo e de transbordante apostolado não conseguia cumular todos os desejos da alma de FATHER MARMION. Faltava-lhe a plenitude de Deus.

Vocação beneditina

A vocação beneditina surgira-lhe por ocasião de uma visita a Monte Cassino, em 1880, durante a sua permanência em Roma, em face de um quadro do refeitório representando o Patriarca dos Monges do Ocidente: "Foi ali que ex-

perimentei, pela primeira vez, o chamado de Deus para a vida monástica". ⁷

De volta à Irlanda, em julho de 1881, FATHER MARMION passava por Maredsous a fim de saudar o seu amigo, o CLÉRIGO MOREAU, também aluno da Propaganda, que entrara para o noviciado dos Beneditinos no mês anterior. A abadia, de fundação recente, causou grande impressão no jovem irlandês: "Cheguei de tardinha ao mosteiro. Quanto me impressionou a paz e o silêncio de seus grandes claustros, o cântico do Ofício divino, o sentimento de total separação do mundo que ali reinava"! ⁸

Disse-lhe D. PLÁCIDO WOLTER, que possuía em raro grau o dom de discernimento das almas: "Tem mais vocação que seu amigo".

Não era ainda a hora de Deus. ⁹ A Providência, que des-

7 *Carta ao Prior D. Roberto*, Roma, S. Anselmo, 1º de março de 1912.

8 "I arrived at the monastery towards evening: I remember how impressed I was by the peace and silence of the vast cloisters, the chant of the Divine Office, and the sentiment of complete separation from the world which reigned there". (Num artigo publicado em 1903 no *Belvederian*, dirigido por seus antigos mestres do Belvedere College, em Dublin).

9 Em *Présence de dom Marmion* (Desclée De Brouwer, 1948, págs. 51-58), D. THIBAUT publicou uma comunicação, muito esclarecedora, sobre "a vocação missionária de D. MARMION", que formara o projeto de dedicar-se ao serviço de MONS. SALVADO, bispo beneditino espanhol, fundador da Nova Núrsia, na Austrália ocidental. Eis algumas passagens reveladoras de seu estado de alma, extraídas das duas cartas mais antigas que possuímos da correspondência de D. MARMION.

Ambas são dirigidas a MONS. SALVADO (em inglês).

Roma, 29 de abril de 1881.

"Sem dúvida, causar-lhe-á certa surpresa esta carta pela qual desejo manifestar-lhe o que julgo ser minha vocação para a sua missão da Austrália ocidental.

No momento, acho-me concluindo os estudos teológicos; fui ordenado diácono no Sábado Santo e espero receber a ordenação sacerdotal no sábado da Trindade.

No decurso de todos os meus estudos — isto é, durante êstes últimos oito anos —, experimentei continuamente grande atrativo pelo estado religioso, e fiz diversas tentativas, embora viva-

tinava D. MARMION a um vasto e fecundo apostolado junto ao clero, conservou-o durante cinco anos entre os sacerdotes da diocese de Dublin. Entretanto, nos recônditos de sua al-

mente contrariadas pelos membros de minha família, para realizar o meu desejo; mas sempre sem o conseguir, devido à recusa do meu bispo, o falecido Cardeal Cullen.

No mês de agosto passado (1880), por ocasião de uma visita a Monte Cassino, senti renascerem todos os meus antigos desejos; e, de volta a Roma, disse-me o meu confessor que, embora sendo confessor no Colégio Irlandês há mais de trinta anos, jamais aconselhara alguém a se fazer religioso; todavia, declarou-me, eram tão evidentes os sinais de minha vocação que se considerava como que obrigado a externar-me o seu pensamento: era vontade de Deus que eu me fizesse religioso e, em sua opinião, beneditino.

Tendo o meu bispo chegado a Roma cêrca de dois meses depois disso, abri-lhe todo o meu coração: e, sendo êle um homem de grande santidade (o Rvmº Dr. Mc Cabe), disse-me, após um dia de reflexão, que eu teria primeiro de ocupar um cargo em sua diocese durante algum tempo; após o que, não se oporia a que eu cumprisse a vontade de Deus. Mas, visto que se tratava de assunto de grande importância, julgava mais prudente que deixasse decorrer aproximadamente um ano como padre secular em Dublin; em seguida, se a minha vocação persistisse, prometia-me a sua benção e a permissão para partir. Aceitei essas condições, continuando os meus estudos, e tudo o mais, como antes.

Embora tendo sempre experimentado um grande desejo do estado religioso, sentia contudo, ao mesmo tempo, uma espécie de mal-estar ou de escrúpulo quanto ao fato de tornar-me beneditino, visto que Deus me dera um desejo intenso de trabalhar na salvação das almas; e sempre me sentia vivamente emocionado quando ouvia ou lia algo a propósito dêsses milhares de seres humanos pelos quais Jesus derramou o Seu sangue, e que morrem sem O conhecer. E assim, quando me sucedeu ler pormenores referentes à sua missão, verifiquei que exatamente para isso estava eu chamado, porque poderia satisfazer o meu desejo de ser religioso, trabalhando, ao mesmo tempo, pelas almas mais abandonadas, e em obediência.

Tratei do assunto com François Moreau, fortalecendo-se a minha convicção. Em seguida, consultei o meu confessor, que me disse ser absolutamente certo chamar-me a Providência a esta vocação, dando-me a permissão para escrever esta carta a Vossa Excelência."

ma, persistia o chamado divino. “Aos olhos do mundo, parecia que não me era possível fazer maior bem do que no lugar onde me encontrava; possuía tudo o que era necessário para a minha santificação, à exceção de um só bem: o da obediência. Eis a razão pela qual deixei a minha pátria, renunciei à minha liberdade, e a tudo. Era professor; possuía, embora jovem, uma ótima situação, êxito, amigos. *Eu me fiz monge para obedecer*. Deus me revelou a beleza e a grandeza da obediência”.¹⁰

Há uma carta de FATHER MARMION, particularmente reveladora, desde essa época, de sua compreensão da vida religiosa: consagração a Deus de uma personalidade humana pelo dom total da vontade: “Cada Ordem religiosa tem o seu espírito distintivo, o seu esplendor particular, as suas virtudes características. . . Se não possuímos o espírito e a formação da Ordem a que pertencemos, permaneceremos à margem da comunidade e, assim, jamais poderemos ser bons religiosos, nem agradar verdadeiramente ao Coração de Jesus. . .

“Dundrum, junho de 1882.

Excelência,

Recebi a sua amável e tão bondosa carta, à qual teria respondido antes, não fôra o motivo seguinte.

Tratou-se, durante êstes últimos tempos, de atribuir-me as funções de secretário particular de Sua Eminência o Cardeal McCabe; e, enquanto o caso permanecia em suspenso, fui diferindo, cada dia, de escrever-lhe, esperando, cada dia também, que fôsse tomada a decisão; poderia então dar-lhe informações a êsse respeito e receber de V. Excelência algum conselho sôbre o procedimento a tomar no caso de ter sido nomeado.

Recebi uma carta do Vigário Geral, referindo-se à nomeação; mas, quando o Cardeal voltou de Roma, pediu-lhe o meu pároco não efetuasse ainda a substituição. E o caso ainda continua no mesmo.

Quanto à missão da Nova Núrsia, as minhas intenções estão mais firmes que nunca; e posso falar com uma convicção tanto maior quanto a experiência de um ano passado na vida de ministério de sacerdote secular — embora indubitavelmente me tenha sido utilíssima — deu-me o desejo intenso da vida religiosa, não com o objetivo de ter menos trabalho, mas com o de poder trabalhar em obediência, e de ser afastado do mundo, que infelizmente tem grande encanto para mim”.

10 Confidência a seus monges.

“Mas, perguntar-me-eis, como adquirir êsse espírito? Como saber se realmente o possuo”?

Eis a minha resposta: é precisamente êste o objetivo do noviciado. Vossos superiores têm a missão de transmitir-vos o espírito de vossa Ordem. Todo o vosso papel consistirá em abandonar-vos *absolutamente* nas suas mãos, qual cêra nas mãos de quem a trabalha. No fim do vosso noviciado, os *germes* dêsse espírito estarão semeados em vosso coração, a fim de desabrocharem mais tarde, em tôda a perfeição. A par da oração, eis o único meio de adquirir o espírito da vossa vocação. Muitas vêzes, custa à natureza ser talhado e aparado dessa maneira, mas, sem isso, jamais poderemos esperar sermos agradáveis ao Sagrado Coração.

Se eu fôsse amanhã ser religioso, seria com a firme resolução de abandonar-me absolutamente nas mãos dos superiores, permitindo-lhes cortarem, sem piedade alguma, tôdas as “excrecências” (excrecenses) de meu caráter, de modo a poder ser apresentado no altar como oblação pura; e, embora a natureza pudesse queixar-se, procuraria tudo suportar pelo amor de Jesus crucificado. Estou certo de que, sendo fiel, prontamente adquiriria o verdadeiro espírito de minha Ordem, “recolhendo na alegria o que tivesse semeado nas lágrimas”. (11-12)

Um ano depois, FATHER MARMION deixava a sua cara Irlanda e vinha bater à porta de uma abadia estrangeira. Era a 21 de novembro de 1886, festa da Apresentação de Nossa Senhora.

Sua inesperada partida, de que apenas o seu diretor e sua irmã Rosie haviam sido confidentes, suscitou surpresa e pesar de alguns amigos, amargas censuras de outros. “Consideram-me uma espécie de apóstata por ter deixado o clero secular. Entretanto, ouvi as palavras: *Magister adest et vocat te*,¹³ “O Mestre está aí, e chama-te”.¹⁴

Esperavam muitos que êle não pudesse suportar a vida

11 Ps. CXXV,6.

12 *Carta a Uma Noviça do Instituto da Merci*, Clonliffe, 27 de novembro de 1885 (ingl.).

13 *Joan.* XI,28.

14 *Carta a François X. . .*, Maredsous, fevereiro de 1890.

claustral e pressagiavam-lhe um próximo regresso. Ele, porém, não voltou. Transpondo a porta do mosteiro, sua vontade estava decidida a aceitar os maiores sacrifícios para obedecer a Deus. FATHER MARMION era da têmpera dos santos que não recuam: “Tudo perdi para ganhar a Cristo”.¹⁵

Noviciado

S. Bento espera do postulante uma total “conversão dos costumes” e a “procura única de Deus”, *Si revera Deum quaerit*.¹⁶ O verdadeiro monge vive “só”, longe do mundo, em face de Deus. Um só fim: glorificar o Senhor, *Ut in omnibus glorificetur Deus*.¹⁷ Um só meio: obedecer por amor. A vida monástica, na escola de S. Bento, é “um retôrno a Deus, pelo trabalho da obediência, sob o estandarte do Rei dos Reis, o Senhor Jesus”.¹⁸

A condição indispensável dessa incessante “procura de Deus” é uma renúncia total. O aspirante à vida perfeita sente, desde os primeiros dias, as exigências de tal programa, e FATHER MARMION conheceu-lhe tôdas as asperezas. A disciplina do mosteiro assumia então o caráter vigoroso dos admiráveis fundadores da abadia de Maredsous. Em certas horas, o pobre postulante voltava-se com nostalgia para as amenas paisagens da sua Irlanda.

O Padre Mestre não o poupa. O reduzido número de monges da comunidade acentua os contrastes. O IRMÃO COLUMBA sofre com o isolamento. O irlandês é um ser eminentemente sociável. “Mais vale brigar que estar só”, afirma um de seus provérbios. Um dia, não podendo mais, o jovem monge foi prostrar-se diante do tabernáculo e, resolvido a tudo sofrer por Cristo, murmurou entre lágrimas: “Antes me deixar esquarterar que abandonar o mosteiro”. A graça triunfara definitivamente.

Suas *Notas Intimas* permitem-nos penetrar no segrêdo de sua alma. Assiste-se, período por período, a um enriquecimento progressivo de sua vida espiritual.

15 *Philipp.* III,8.

16 *Regra*, cap. LVIII.

17 *Regra*, cap. LVII.

18 *Prólogo da Regra*.

Desde os inícios de sua existência monástica, a figura adorável de Cristo assume em sua vida interior um surpreendente relêvo: “Após o almôço, enquanto passeava no jardim, li o capítulo oitavo da *Imitação de Cristo* e senti-me vivamente impellido a tomar Jesus por único Amigo. Compreendi que, apesar de minha grande fraqueza e de minha covardia, Jesus desejava ser meu Amigo acima de todos os outros. O texto: “As minhas delicias se acham em estar com os filhos dos homens”,¹⁹ revolucionou-me e levou-me irresistivelmente a corresponder com tôdas as minhas fôrças a êsse desejo de Jesus. No decurso dessa meditação, senti bem perto a presença de Jesus e uma vontade ardente de realizar tôdas as coisas sob o Seu olhar”.²⁰

Dois mêses após, anota a fórmula capital: “Nesta festa do Sagrado Coração, compreendi que somos agradáveis a Deus na proporção de nossa conformidade a Jesus Cristo, especialmente em Suas disposições interiores. Eis porque uma confiança *de filho* na oração, apesar dos nossos pecados, é tão agradável a Deus. “Eu sei que sempre me ouvis”,²¹ dizia Jesus ao Pai. Somos os filhos adotivos de Deus e devemos sempre, com tôda a humildade e simplicidade, dirigir-nos a Deus como a um Pai”.²²

Eis aí, em germe, a idéia fundamental da espiritualidade de D. MARMION. Tôda a santidade consiste em nossa configuração a Cristo pela graça de adoção. Surpreende-se aqui o brotar dessa grande intuição central.

Uma “bela passagem” de MONS. GAY traz-lhe “grandes luzes” sôbre a maneira de *orar em nome de Jesus Cristo*, e êle a copia integralmente, acrescentando em suas notas: “Acho que os capítulos de MONS. GAY sôbre a esperança e a

19 *Prov.* VIII,31.

20 *Notas Intimas*, 21 de abril de 1887, quinta-feira, festa de S. Anselmo (ingl.).

21 *Joan.* XI,42.

22 *Notas Intimas*, festa do Sagrado Coração, 1887: “On the feast of the Sacred Heart, I felt that we are pleasing to God in proportion as we are conformable to Jesus-Christ, especially in His interior dispositions. This is why a *child-like* confidence in prayer, in spite of our sins, is so pleasing to God. “I know that

confiança estão repletos de luzes e de unção. Espero relê-los com freqüência”.²³

Sabendo-se que a Pessoa do Verbo Encarnado ocupa o primeiro plano na obra de MONS. GAY, discípulo, neste ponto, da Escola francesa, já não surpreende a ulterior resposta de D. MARMION a uma de suas filhas espirituais, que lhe perguntava como aprender a conhecer Jesus Cristo: “Leia S. PAULO e MON. GAY”.

Essas graças iniciais do jovem monge serão apenas as primícias de uma vida espiritual, cujo impulso básico o conduzirá a uma semelhança cada vez mais total com o Cristo, até à identificação. Será êste o ideal que a si mesmo há de propôr no dia da profissão solene: “a imitação mais perfeita possível de Cristo”.²⁴

Ao contato da vida beneditina, descobre o IRMÃO COLUMBA as riquezas da liturgia. Não é ainda a concepção pessoal, tão elevada, de uma atitude de alma que se une ao cântico do Verbo. A oração litúrgica lhe aparece, segundo a tradição clássica, antes de tudo como a expressão do louvor da Igreja, Espôsa de Cristo: “Recitando o Ofício divino, encontro um grande auxílio ao pensar que sou realmente o embaixador delegado pela Igreja a fim de transmitir, várias vezes por dia, sua mensagem perante o trono do Altíssimo. Essa homenagem deve ser apresentada com os termos e o cerimonial prescritos pela Igreja”.²⁵ O que o impressiona, na liturgia, é mais ainda o seu ofício de louvor que o seu poder de súplica. “Não é o louvor a mais elevada forma da oração! E quão agradável é a Deus! Por si mesmo, poderia bastar; substitui tôdas as outras formas da oração”.²⁶ Anota êle, por ocasião da festa da Santíssima Trindade, em 1888: “Rezando o *Gloria Patri* experimento grande devoção em unir-me à adorável Trindade no hino eterno de louvor que

Thou always hearest me” said Jesus. We are the adopted children of God, and we should always, in all humility and simplicity, treat Him in the same way”.

23 *Notas Intimas*, 10 de setembro de 1887 (ingl.).

24 *Notas Intimas*, 9 de fevereiro de 1891. “The most perfect imitation possible of Jesus Christ”.

25 *Notas Intimas*, 1º de maio de 1887 (ingl.).

26 *Notas Intimas*, entre 17 de agosto e 8 de setembro de 1887 (ingl.).

Ela incessantemente dirige a Si mesma com infinito amor, em união com tôda a côrte celeste". ²⁷

Não é que o IRMÃO COLUMBA menospreze a oração de súplica. Uma das suas atitudes de alma escolhida consiste em interceder "a título de membro do corpo místico de Cristo"; e, quando sobe ao altar, compraz-se em "colocar espiritualmente sob o seu olhar o mundo inteiro, com as suas misérias, os seus sofrimentos, os seus pecados". ²⁸

Ora, o louvor e a súplica da Igreja sòmente por Cristo têm valor. Como o poderia esquecer um D. MARMION? Não era movimento essencial de sua alma o de tudo realizar em Jesus Cristo? "À hora da oração, e principalmente durante o Ofício divino, acho grande confôrto em unir-me a Jesus, Chefe da Igreja e Advogado junto ao Pai, exercendo o Seu *eterno sacerdócio* de pé, no Céu, diante do trono da adorável Trindade, e apresentando-Lhe Suas chagas sagradas". ²⁹ E eis que já desponta a grande intuição iluminadora do sentido profundo da liturgia católica, a ser realçado pela Encíclica de Pio XII: ³⁰ "a união de tôda a Igreja a Cristo Sacerdote em seu ofício de louvor do Pai, "Cristo é o vínculo de ouro entre tôda a criação e a adorável Trindade". ³¹

Se a inteligência do jovem monge se abria ao conhecimento do mistério de Cristo e às riquezas da vida litúrgica, ao mesmo tempo sua vontade se dirigia com generosidade à prática de tôdas as virtudes monásticas. Ele tinha consciência de que o ideal beneditino devia ser doravante a forma de sua santidade. "Deus espera de nós, não uma perfeição conforme a nossa concepção pessoal, mas uma *perfeição beneditina*. Do contrário, seremos rejeitados; e êsse código de perfeição, é a nossa Regra". ³²

A 13 de agosto seguinte, escreve: "Encontro grandes luzes na meditação da santa Regra".

27 *Notas Intimas*, festa da Santíssima Trindade, 1888 (ingl.).

28 *Notas Intimas, Retiro*, maio de 1889 (ingl.).

29 *Notas Intimas*, festa do Sagrado Coração, 1888 (ingl.).

30 Encíclica *Mediator Dei et Hominum*, de 20 de novembro de 1947.

31 Carta à Sua Irmã, Religiosa da Merci, 17 de outubro de 1891: "Jesus Christ is the golden bond of union between all creation and the Adorable Trinity".

32 *Notas Intimas, Retiro*, segunda-feira de Pascoela, 1887 (ingl.).

Dois traços caracterizam a sua conduta monástica: o espirito de desapêgo e, mais ainda, em grau excepcional, o culto da obediência religiosa. “Impressionaram-me as palavras: “Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo e siga-Me”,³³ lidas na comunhão da missa. *Abnegare, negar-se* é o contrário de *afirmar-se*. Quanto mais nos apagamos, *abneget semetipsum*, mais de perto seguimos a Jesus”.³⁴

Os textos familiares do Evangelho sôbre a renúncia, saboreados no decorrer da prece litúrgica, entram-lhe profundamente na alma, onde se tornam “princípio de vida”: “Esta manhã, enquanto se cantavam as palavras: *Vos qui reliquistis omnia et secuti estis me...*, “Vós que deixastes tudo e Me seguistes”,³⁵ compreendi que “deixar” tôdas as coisas admite diversos graus:

— deixar tudo *materialmente*: o que é muito agradável a Deus, mas ainda muito imperfeito;

— desprender-se *em espirito*: é o desapêgo;

— enfim, deixar tudo de maneira absoluta, não só pela renúncia a tudo quanto nos é caro, mas até ao ponto de não mais gozá-lo pela imaginação, nem sequer pela lembrança. Tanto quanto o espirito prevalece sôbre a matéria, essa renúncia absoluta ultrapassa o desapêgo puramente material”.³⁶

Todavia, aspecto que mais impressiona nêsse período de iniciação monástica é exatamente o mesmo que o atraira à vida religiosa: o bem da “obediência”: “Durante as Vésperas, ocorreu-me um bom pensamento, do qual espero colher grande fruto. A obediência requer de nós, não sômente realizarmos a vontade expressa dos superiores, mas até irmos ao encontro de seus desejos. Ora, tenho a certeza de que o desejo formal de meu Abade é o de nos ver adquirir a mais elevada santidade possível. A seus olhos tudo o mais é secundário, como tantas vêzes afirmou. Por conseguinte, quanto mais generoso eu fôr em meu impulso para a santidade, maior será a minha obediência. Assim, posso fazer de minha

33 *Matth.* XVI,24. Missa de um Mártir.

34 *Notas Intimas*, 17 de agosto de 1887 (ingl.).

35 *Matth.* XIX,28,29. Missa de um Confessor.

36 *Notas Intimas*, 10 de setembro de 1887.

vida um ato contínuo de obediência e, por isso mesmo, progredir a cada instante no fervor". ³⁷

Sobre êsse ponto capital, Deus o ilumina evidentemente: sua graça pessoal será sempre a de ir a Deus pelo caminho da obediência. "Recebi a luz de compreender que, para um beneditino, *a obediência é tudo*. Mortificação, longas orações, missa, podem tornar-se impossíveis e produzirem muito pouco ou nenhum fruto. A obediência perfeita a tudo substitui. Grande é a paz que experimento em considerar as coisas sob êsse aspecto". ³⁸

As luzes divinas o orientam sempre no mesmo sentido:

"Dia seguinte ao Natal de 1888. — Impressionou-me seriamente o capítulo da Regra: *Si impossibilia injungantur*, "Se vos ordenam o impossível", ³⁹ considerado à luz da vida de Cristo. A obediência é o mais sublime ato de adoração que o homem possa oferecer a Deus. Foi o segredo da própria existência do Cristo. Todos os males que têm afligido a humanidade, destruído a obra de Deus e povoado o inferno, provieram de um ato de desobediência. Tôdas as graças que Jesus Cristo nos alcançou, são devidas à Sua obediência. "Está escrito de Mim, no início do Livro, que faça a Vossa vontade. Sim, meu Deus, quero cumprir essa vontade, e a vossa Lei está gravada no *centro* do meu coração... ⁴⁰ Os trinta anos da vida de Jesus em Nazaré resumem-se na palavra: "Era-lhes submisso". ⁴¹ E todo o mistério de sua santa Paixão encerra-se na atitude: "Pai, a tua vontade e não a minha..." ⁴² Assim, cada manhã, ao toque do sino, pensarei nas palavras de Jesus, deixando o seio do Pai e dizendo-Lhe: *Ecce venio*, "Eis que venho para fazer a tua vontade". ⁴³ Seja esta a chave do meu dia". ⁴⁴

A obediência religiosa de D. COLUMBA hauria seu motivo sobrenatural na virtude de fé animadora de tôda a sua

37 *Notas Intimas*, Pentecostes de 1888 (ingl.).

38 *Notas Intimas*, entre setembro e Natal de 1888 (ingl.).

39 *Regra*, cap. LXVIII.

40 *Hebr.* X,7.

41 *Luc.* II,51.

42 *Math.* XXVI,39.

43 *Hebr.* X,7.

44 *Notas Intimas*, 26 de dezembro de 1888 (ingl.).

vida. "O Abade será para nós o Cristo na justa medida de nossa fé. É esta que no-lo mostrará "ocupando o lugar de Cristo" ⁴⁵ no mosteiro. Quão belo seria possuir o Cristo entre nós, como os Apóstolos, e recorrer a Ele em tôdas as nossas dificuldades". ⁴⁶

Profissão solene

A alma de D. COLUMBA avançava rapidamente no caminho da perfeição. A profissão simples marcou uma primeira etapa. Mas, na vida do monge, a profissão solene constitui o ato supremo, decisivo, que empenha a sua existência de homem até à morte. D. MARMION compreendeu-lhe tôda a importância e grandeza. Preparou-se fervorosamente para êsse dom total, irrevogável. Suas *Notas Intimas* nos conservaram, em precioso documento, o segredo de sua alma.

"9 de fevereiro de 1891 — Véspera de minha profissão solene. Acho-me cheio de gratidão para com Deus por Suas admiráveis misericórdias em meu favor. No Domingo passado, Quinquagésima, celebrei a santa Missa em ação de graças por todos os benefícios de Deus, em expiação dos meus pecados, e também para alcançar que meu sacrifício seja total e agradável ao Senhor. Fiz uma boa confissão, após muitos atos de contrição, e sinto agora que Deus me fará misericórdia. Grande paz.

Um só pensamento domina agora meu espírito: A profissão solene é um holocausto, uma *total doação* de si mesmo a Deus e a mais perfeita imitação de Cristo. No dia da Purificação, no Templo, Jesus se ofereceu ao Pai *sem reserva*; e, a partir dessa oblação por assim dizer *oficial*, Ele realizava, a cada instante de Sua vida, "o que agradava a seu Pai", ⁴⁷ até que, na cruz, pronunciasse o *Consummatum est*. ⁴⁸

45 *Regra*, cap. II.

46 *Notas Intimas, Retiro*, maio de 1891. "Our Abbot will be to us Jesus-Christ in proportion to the faith with which we believe *eum vices Christi in monasterio gerere*. How beautiful it would be if we could have Jesus-Christ amongst us as the Apostles had Him, to go Him in our doubts".

47 *Joan.* VIII,29.

48 *Joan.* XIX,30.

“Tomei a firme resolução de imitar essa perfeita oblação de Jesus, transformando a minha profissão solene em holocausto de fé, de esperança e de amor.

— *Fé*. Nêste dia da minha profissão, entre as mãos de Deus, renuncio a todos os direitos sôbre mim mesmo, convencido, numa firme adesão de minha fé, de que, se Lhe abandonar, da minha parte, tudo quanto sou e tudo quanto possuo, Deus, em retribuição, saberá inspirar a meus superiores conduzirem-me em tôdas as coisas pelo caminho mais conforme a Seu beneplácito. Sinto que êsse total abandono é muito agradável a Deus e muito O glorifica. Honra-Lhe a fidelidade, a bondade, e constitui um ato heróico de fé.

— *Esperança*. Renuncio a todos os bens dêste mundo, protestando solenemente que “o Senhor é a parte da minha herança”, *Dominus pars hæreditatis meæ*.⁴⁹ É também um ato heróico de esperança, porque tudo espero que Deus, cegamente, renunciando ao poder de me dirigir a mim mesmo e de escolher o meu futuro.

— *Amor*. Tudo abandono, até mesmo as inclinações mais santas, deixando inteiramente à autoridade a escolha de minhas ocupações, no sacrificio total de meus gostos. Tomo solenemente a resolução de consagrar todo o resto da minha vida, se a obediência o exigir, a atividades sem atrativos para mim, ou mesmo àquelas que me causariam grande repugnância”.⁵⁰ É o estado de alma dum santo.

O melhor comentário dêsse programa nos é dado por sua vida; e poderemos colhêr, mais tarde, em circunstâncias análogas, conselhos onde transparece uma experiência pessoal cujo testemunho tem valor de confidência:

“Entrai em religião sem *projetos*, sem plano, salvo o projeto de ser *todo inteiro* de Nosso Senhor e de ser o mais pequenino, o mais submisso dos religiosos em relação àqueles que Deus se digna utilizar para representá-Lo. Sereis bom religioso na medida de vossa submissão e de vossa obediência. Nunca vos esqueçais de que, entrando em religião, e sobretudo no dia de vossa profissão, um contrato implícito se

49 Ps. XV,5.

50 *Notas Intimas*, 9 de fevereiro de 1891 (ingl.).

estabelece entre Deus e vós. Deus se compromete a conduzir-vos a seu amor perfeito por meio daquêles que O representam, e é bastante sábio e bastante poderoso para cumprir a Sua parte do contrato, quaisquer que sejam aquêles que O representam. Quanto a vós, só uma coisa empreendereis: deixar que os superiores vos guiem. Por vêzes, para experimentar a vossa fé e a vossa fidelidade, Elle permitirá que os superiores vos ordenem o que poderia parecer contrário à vossa santificação; mas, se tiverdes fé, tudo concorrerá, em última análise, para o vosso bem: *Omnia cooperantur in bonum* (51-52). — “A santa profissão contém em germe tôda a santidade religiosa e, para alcançar a perfeição nessa vocação sublime, não há necessidade de buscar fora dessa graça *capital*. Uma *profissão religiosa*, fielmente observada, conduz *infallivelmente* à santidade”.⁵³

Esse ideal sublime, entrevisto no dia da profissão, não lhe restará como pura concepção do espírito. Tornar-se-á fórmula de vida, realizada entre ocupações cotidianas, muitas vêzes contraditórias, a que só a obediência imprimirá o cunho da unidade.

Ocupações monásticas

Será utilizado, primeiro, como chefe de disciplina no colégio de Maredsous, durante o ano letivo de 1891-1892. Todavia, o acento irlandês, a jovialidade e os inevitáveis, qui-prôquós que surgiam ao repreender em língua francesa, estavam longe de favorecer a manutenção da disciplina. Esse primeiro contato foi um desastre.

Ao contrário, nas lições de filosofia aos jovens Desclée, revelou-se um mestre. Os alunos fizeram entusiástico elogio do explicador e, logo após, foram-lhe confiados os cursos regulares dos jovens monges. Essa decisão da autoridade o recolocava no seu elemento e inaugurava sua carreira de pro-

51 *Rom.* VIII,28.

52 *Carta ao Pe. François de Sales*, Carmelita, Louvain, 27 de dezembro de 1904.

53 *Carta ao Pe. François de Sales*, Carmelita, Louvain, 26 de novembro de 1905.

fessor, em que será exímio. Em período de fundação, é inevitável o acúmulo de encargos: "Comecei hoje o curso de filosofia e inaugurarei esta noite o de teologia. Mas não sei se me será possível, com as aulas no colégio e as outras ocupações, continuar êsses cursos de maneira satisfatória. Toda-via, quero experimentar".⁵⁴

Esperavam-no outros trabalhos. Durante os oito anos que precederam sua partida para Louvain, êle se desincumbirá, e "com rara perfeição", das funções de segundo cerimoniário, onde o seu amor pela liturgia e compreensão profunda dos ritos haurirão maravilhoso alimento para a vida contemplativa. Ao contato dos símbolos sagrados, sua alma sente a Deus. A liturgia permanecerá uma das grandes fontes de luz da sua vida interior.

O encargo de zelador recolocou-o, durante quatro anos (1895-1899), entre a juventude monástica do noviciado, onde tornava a encontrar um assustador Padre Mestre, cujas ordens deveria agora fazer executar. A jovialidade de D. COLUMBA contrastava com a rude figura ascética de D. BENTO. Sua alegria comunicativa desafogava os espíritos e sua fé ardente auxiliava as almas a se elevarem até Deus. Tendo alcançado pleno êxito nessa difícil tarefa, podia êle escrever ao ABADE PRIMAZ HILDEBRANDO, então em Roma: "O Padre Mestre e eu vivemos na mais estreita união, e é mui notável o espírito de caridade e de santa alegria que reina no noviciado".⁵⁵

Em junho de 1895, reviu a Irlanda, por motivo da celebração do centenário de Maynooth, um dos maiores, senão o maior dos seminários da cristandade. Foi em Maynooth que D. MARMION encontrou MONS. MERCIER, que representava a Universidade de Louvain.

Pode imaginar-se a profunda alegria de D. COLUMBA nêsse retôrno à terra natal, embora não mais encontrasse no lar semblantes caríssimos, já desaparecidos.

Além das ocupações monásticas, D. MARMION foi chama-

54 *Carta ao Abade Hildebrando*, Primaz da Ordem, Maredsous, 9 de janeiro de 1891.

55 *Carta ao Abade Hildebrando*, Primaz da Ordem, Maredsous, por volta de 1896 ou 1897.

do, em diversas circunstâncias, a desenvolver seu zêlo fora do mosteiro, nas paróquias circunvizinhas e, em breve, noutras cidades dos arredores. Sua estréia no ministério pastoral não deixa de ser pitoresca. Um pároco vizinho, inesperadamente privado do pregador na véspera de grande solenidade, foi pedir socorro aos Beneditinos. O superior, desolado, disse-lhe que não dispunha de ninguém, à exceção de um jovem monge da Irlanda, que falava imperfeitamente o francês. "Aceito mesmo assim". E levou consigo D. COLUMBA. Três dias depois, acompanhava-o à abadia, declarando: "Nunca tive em minha paróquia tão bom pregador". E o "Padre irlandês" começou a ser disputado por todos os párocos.

Extremamente variado foi o ministério de D. MARMION: fiéis de paróquias, rapazes e moças de diversos colégios, círculos operários da região de Charleroi, retiros sacerdotais em Dinant. Foi aí que inaugurou, com reuniões mensais, o apostolado junto aos sacerdotes, que se tornou uma das formas mais características da sua irradiação espiritual.

Vida profunda

É nas profundezas da alma que sempre se deve procurar o segrêdo da surpreendente fecundidade de uma existência de santo. Os grandes servos de Deus têm de pagar com o próprio sangue o seu poder de resgate. Tal é a lei de toda redenção. Brilhante revelação desse fato é a influência apostólica de D. MARMION. Por toda a vida, êle permanecerá um ser tentado, hipersensível, com horas de abatimento e, por vêzes, momentos de depressão bem desconcertantes. A graça nem sempre conseguirá dominar os primeiros impulsos de sua natureza, excessivamente impressionável. Por que escandalizar-se? As fraquezas dos santos são para nós um ensinamento e um precioso confôrto. As *Notas Íntimas* apresentam, com grande sinceridade, o testemunho das lutas cotidianas de sua natureza para elevar-se até à santidade heróica. Numerosas confidências assinalam as fases dessa ascensão:

"Festa de S. Plácido, 5 de outubro de 1887. Aridez, tentações, aborrecimento".

"1888. — Hoje, segunda-feira, sofro de um estado ner-

voso e de grande esgotamento. Ausência de devoção sensível, pouquíssima luz, freqüentes tentações. *Deo gratias*".

"Pentecostes de 1888. — Fatigadíssimo, muito tentado mas resignado".

"Natal de 1888. — Arido e tentado. *Deo gratias*".

Poder-se-iam multiplicar as citações. Interiormente iluminado pelo Espírito Santo, D. MARMION compreendia o sentido purificador dêsse sofrimento.

"17 de fevereiro de 1895. — Estive doente por vários meses. Além das dores físicas, da insônia, etc., fui seriamente atormentado e perturbado em meu espírito. Por vêzes, parecia-me estar inteiramente abandonado por Deus. Mas, na festa de S. Escolástica, aniversário de minha profissão dissiparam-se as nuvens e compreendi que essas provas e tentações haviam operado grande bem na minha alma. Em particular, aprendi o que é servir a Deus na *fé pura*. Os que não passaram por isso não podem saber o que é crer e esperar em Deus exclusivamente na fé. Durante a oração, as palavras: "o espírito é que vivifica, a carne para nada aproveita". ⁵⁶ fizeram-me ver claramente que só os atos procedentes de um motivo de fé são sobrenaturalmente agradáveis a Deus e que a devoção sensível, "caro", embora auxiliando a produzir com maior facilidade êsses atos, é, em si mesma, inútil; e que os atos cujo princípio único é a devoção sensível, não possuem valor sobrenatural algum aos olhos de Deus. Desde 10 de fevereiro, gozo de grande união com Jesus na fé, ainda que muitas vêzes sem a menor devoção *sensível*. Sinto pouca dificuldade em permanecer quase todo o dia em presença de Jesus. Isso não estorva em absoluto os meus deveres de estado mas, pelo contrário, muito os facilita".

A par dos sofrimentos da luta e da tentação afluem as luzes:

— luzes sôbre a sua possibilidade de atingir a mais elevada santidade pelo caminho do amor, sem passar obrigatoriamente por austeridades extraordinárias, acima de suas forças;

56 *Joan.* VI,64.

— luzes sôbre a mortificação dos sentidos, a compunção do coração, sôbre a sublimidade do seu ideal de perfeição monástica, sôbre a Eucaristia, sôbre a devoção à Santíssima Virgem, sôbre a transcendente grandeza da missão sacerdotal. Sua alma contemplativa vive cada vez mais na grande luz de Deus.

No fim dêsse primeiro período de vida beneditina, D. MARMION é um monge fervoroso, de absoluta renúncia. Sua vigorosa inteligência possui os princípios diretores que constituirão as linhas mestras de sua doutrina espiritual. Discipulo de S. PAULO, tornou-se o apaixonado amante de Cristo. “Vejo, cada vez mais, que Jesus Cristo é TUDO”.⁵⁷ Cristo está no centro de sua doutrina como de sua vida.

*
* *

2. DESABROCHAMENTO ESPIRITUAL

O período de Louvain é capital na evolução do pensamento e da vida espiritual de D. MARMION.

Durante dez anos, o Prior de Mont-César permanece em contato quase cotidiano com os professores e os estudantes da célebre Universidade, dedicando-se êle mesmo a um magnífico esforço intelectual em vista de seu próprio ensino das ciências sagradas. Preserva a sua vida contemplativa pelas observâncias monásticas e pelo silêncio do claustro, goza de profunda influência no interior do mosteiro, enquanto sua irradiação apostólica se estende cada vez mais pelo ministério junto a numerosas almas sacerdotais, algumas já chegadas a uma vida mística muito elevada. Enfim, graças de luz e de união vêm transformar-lhe a vida interior. Herôicamente fiel no plano da obediência, dócil ao mínimo sôpro do Espírito de Jesus, D. COLUMBA galga rapidamente as sumidades da perfeição cristã. Louvain marca essa obra de desabrochamento.

⁵⁷ *Notas Intimas, Retiro*, de setembro de 1893 (ingl.).

O Prior de Mont-César

D. MARMION fêz parte do grupo dos monges fundadores de Mont-César em Louvain.

Quase que desde as origens da abadia de Maredsous, D. GERARDO VAN CALOEN, o futuro restaurador da vida beneditina no Brasil, expressara a idéia de uma fundação em Louvain, onde, no quadro da vida claustral tradicional, poderiam os monges, segundo suas aptidões intelectuais, prosseguir seus estudos na Universidade, ao passo que os antigos alunos da escola abacial de Maredsous, então estudantes nas diversas Faculdades, achariam ainda, para lhes salvaguardar a fé e a vida cristã, uma casa acolhedora na atmosfera da família beneditina.

Após uma primeira tentativa infrutífera de D. GERARDO, que caiu doente, foi designado D. ROBERTO DE KERCHOVE D'EXAERDE para preparar a futura fundação. Durante dez anos, sòzinho, à custa de dificuldades humanamente insuperáveis, mas de tôdas triunfando por sua confiança em Deus, êle comprou, pedaço por pedaço, todo o terreno de Mont-César. Era um realizador êsse gentil-homem. Rude para consigo e para com os outros, de extrema tenacidade, devia inscrever no brasão de seu abaciado a divisa de sua família: "Suportar para subsistir".

Na vigília da festa da Bem-aventurada Ida de Louvain, a 12 de abril de 1899, D. ROBERTO e seus companheiros, no decurso da comovedora cerimônia das despedidas, receberam da Santa Sé a missão de partir em fundação. Sôbre êles renovou-se o gesto secular de bênção dos itinerantes de Cristo. Abraçaram seus irmãos da família monástica e, após o solene cântico *In viam pacis*, foram-se, como tantas gerações de monges, para levar adiante a mensagem de Cristo.

A 13 de abril, pela manhã, um pequeno cortejo de quatorze monges, sob a direção de D. ROBERTO, atravessava tôda a cidade de Louvain. A cidade universitária os viu passar recitando salmos, precedidos pela cruz de fundação. Galgaram a encosta de Mont-César e, às onze horas, penetraram na capela provisória, ao canto do *Te Deum* e do *Regina Cœli*, estabelecendo-se a fundação sob a invocação da "Rainha do Céu". A Ordem beneditina acabava de dar à Bélgica um

novo mosteiro, morada de oração e de paz, a serviço de Deus e dos homens. Nasceria a abadia de Mont-César. Estava destinada a tornar-se rapidamente intenso foco de vida intelectual e espiritual, cuja irradiação em breve se estenderia à Igreja inteira.

A 21 de abril, iniciavam-se os cursos nessa casa de estudos, erigida em Abadia a 6 de agosto do mesmo ano, tendo D. ROBERTO DE KERCHOVE como primeiro Abade. Este nomeou D. COLUMBA MARMION Prior e Prefeito dos jovens monges-estudantes, dupla função que deveria exercer até a sua eleição para o abaciado de Maredsous.

Estava D. MARMION em pleno vigor. Votou-se integralmente à sua tarefa de professor de teologia dogmática e de diretor espiritual.

O antigo laureado de Roma, o brilhante professor de filosofia de Clonliffe, o monge educador de Maredsous, que, durante oito anos, se consagrara com perfeita consciência profissional ao ensino da filosofia, e depois da teologia, entre os seus irmãos, possui agora as linhas diretrizes de sua visão do mundo. Os fecundos anos de labor em Mont-César, em contato com a vida universitária, permitir-lhe-ão atingir maestria inigualável. Outros o ultrapassarão pela documentação minuciosa de sua erudição; mas quando D. COLUMBA toca num dos magnos temas em que o dogma trata dos mais altos mistérios de Deus, dos elementos fundamentais da estrutura da Igreja de Cristo ou da vida espiritual das almas, suas vistas se ampliam ao infinito. As vastas intuições que jorram de seu pensamento, após longa reflexão contemplativa, iluminam pelos vértices um mundo inteiro de conclusões secundárias. Seus vigorosos esboços reúnem, com raro poder de coesão orgânica, sob um mesmo feixe de luz, os múltiplos aspectos, à primeira vista ocultos sob a complexidade de um problema. O ponto central resplandece, numa fulgurante claridade; e se o vê irradiar, sobre todo o conjunto das verdades conexas, com o valor arquitetônico e a força iluminadora de um princípio supremo, chave da questão. Ele é um mestre incomparável na síntese.

É todo o ciclo da apologética clássica e da teologia dogmática que êle assim percorre, ano por ano, aprofundando de cada vez com novo poder de penetração, os fundamentos

tradicionais da nossa fé e os principais mistérios do cristianismo. Seu tratado do Verbo Encarnado permanece como sua obra-prima, o seu curso mais elaborado com o da Igreja, prolongamento, a seus olhos, do mistério de Cristo. Os sacramentos: o batismo, a penitência, mas, acima de tudo, a Eucaristia, prendem-lhe demoradamente o pensamento. Em seu curso sôbre a elevação do homem ao estado sobrenatural, pouco se interessa pelas controvérsias *de auxiliis*, mas analisa cuidadosamente o caráter essencial da graça santificante, misteriosa participação na natureza divina, que nos torna filhos de adoção em Jesus Cristo. Èle perscruta êsse ponto fundamental, verdadeiro centro de perspectiva de tôda a sua espiritualidade. Elabora assim, no decurso de uma lenta maturação de mais de vinte anos, os temas maiores que constituirão a esplêndida substância de *Cristo, vida da alma* e de suas outras obras, destinadas a reconduzir a espiritualidade moderna às fontes das mais elevadas verdades cristãs e à Pessoa adorável de Cristo. Depois de ter sido a matéria do seu ensino, o dogma será a alma de sua espiritualidade.

Eis, por exemplo, a sua introdução ao estudo da graça:

“No tratado da Encarnação, contemplamos a natureza humana elevada, em Cristo, à dignidade de uma Filiação divina. Pois êsse Homem, Cristo, “não julgou uma rapina proclamar-Se Igual a Deus”.⁵⁸ Èle era verdadeiramente “Filho de Deus”,⁵⁹ por natureza. Era-Lhe devido êsse “consórcio com a natureza divina”,⁶⁰ a Èle, “o Filho Único que repousa no seio do Pai”.⁶¹ Essa elevação pessoal à Filiação divina constituía, em Cristo, a *Sua graça incriada*, isto é, a Sua união hipostática.

Ora, Deus predestinara Cristo a tornar-Se “o primogênito entre muitos irmãos”,⁶² a fim de que Èle, por natureza, e nós, por adoção, sejamos “filhos de Deus, não só de nome, mas na realidade”.⁶³ Em virtude dessa graça de adoção, “entramos em sociedade com Deus Padre e com o seu Filho

58 *Philipp.* II,6.

59 *Joan.* I,34.

60 *II Petr.* I,4.

61 *Joan.* I,18.

62 *Rom.* VIII,29.

63 *I Joan.* III,1.

Jesus Cristo". ⁶⁴ Tornamo-nos, assim, "herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo". ⁶⁵

Esta super-elevação de nossa natureza, porém, é constituída em nós por uma *graça criada*, raiz e fonte de tôda a nossa dignidade sobrenatural, de "todos os dons que do Pai das luzes descem a nós". ⁶⁶ A graça não é senão êsse dom divino que eleva o homem à dignidade de "filho de Deus", por adoção, e que o auxilia a corresponder a esta sublime grandeza.

Apreende-se, ao vivo, a maneira simultâneamente tão tradicional e tão original de D. MARMION. A graça de adoção aparece-lhe como transbordamento, em nós, da filiação eterna de Jesus. Para êle, Cristo é a chave de tudo. Sem esforço, seu animado pensamento reconduz todos os problemas a Cristo, Alfa e Ômega do plano divino, intuição suprema de sua vida. "Cristo é a nossa Sabedoria e, estudando-O com reverência e amor, é que encontraremos sempre a chave da maioria das dificuldades teológicas". ⁶⁷

O mesmo método em seu tratado da Igreja. ⁶⁸ "Tocando num problema qualquer", observa êle, "é de soberana importância tudo considerar de cima, como num olhar de síntese, à luz do princípio superior donde tudo procede". E faz logo a aplicação ao mistério da Igreja. "Ela é o corpo místico de Cristo, a êle unida por um lado estreitíssimo, desempenhando na terra o mesmo papel de Cristo, delegada por Deus a fim de propôr aos homens, de maneira infalível, o conjunto das verdades reveladas, a fim de aplicar-lhes também todos os meios de salvação adquiridos pelos méritos de Jesus Cristo, os quais lhe foram confiados por seu Fundador". A Igreja encontra seu triplice principio de unidade em Cristo Doutor, Sacerdote e Rei.

Em D. MARMION, tôdas as vistas de teólogo se revelam na irradiação do mistério de Cristo.

Incumbia-lhe outra tarefa, onde mais profundamente ainda se encontrará a si mesmo: a formação monástica e es-

64 I Joan. I,3 — I Cor. I,9.

65 Rom. VIII, 17.

66 Jac. I,17.

67 Carta a um de seus discípulos, Louvain, 5 de agosto de 1902.

68 Louvain, 1900.

piritual dos jovens cléricos. Enquanto D. ROBERTO DE KERCHOVE fôr imprimindo vigorosamente à sua abadia uma regularidade de pontual retidão, D. MARMION insuflar-lhe-á o impulso e a alma de um grande espiritual.

Duas vêzes por semana, reúne seus estudantes para conferências em que trata dos grandes temas da vida espiritual e monástica. Sua ciência teológica, seu conhecimento sabroso, da *Escritura*, de S. PAULO e de S. JOÃO, sua constante utilização dos textos da *Liturgia* onde êle próprio colhe tantas luzes, enfim sua experiência de homem e seu apostolado nos meios contemplativos, conferem a seu talento de improvisador a fôrça persuasiva e irresistível de um pensamento vivo onde domina fé ardente e apaixonada por Cristo. O jôgo fisionômico, a mímica por vêzes, as saídas pitorescas e inesperadas, conservam os jovens sob o império de uma personalidade poderosa de doutor e de santo. Frequentemente, a sua jubilosa exuberância desconcertará aquêles que só lhe vêem o exterior. Todavia, quando fala de Cristo e dos mistérios de Deus, todo o seu ser se transfigura. Sua alma respandece. Êle achará fervorosos discípulos em certas almas de escol, como D. PIO DE HEMPTINNE, nas quais imprimirá o seu cunho espiritual.

D. MARMION comenta a Regra de S. BENTO, não como erudito mas como espiritual; e, a propósito da Regra — código completo de perfeição cristã — apresenta os mais variados ensinamentos espirituais a todos os membros de sua comunidade monástica. Conservou-se um volume inteiro de notas, tomadas durante essas instruções. Essas páginas de espiritualidade, ora familiares, ora transcendentas, fazem pressentir as riquezas doutrinarias de *Cristo, ideal do Monge*. Na moldura espontânea e natural de uma intimidade familiar, D. COLUMBA nos entrega o melhor de sua alma religiosa.

Ainda neste caso hate simplesmente respigar algumas passagens reveladoras:

“Para ser um verdadeiro monge é necessário aplicar-se ao estudo da santa Regra. Assim como a Igreja, da qual é imagem perfeita, a Ordem de S. BENTO possui uma alma e um corpo. A alma: é o espírito interior; o corpo, a constituição externa, mas na unidade. Destruído um só elemento, desaparece o outro...”

“O mosteiro é uma sociedade de homens que militam sob uma mesma Regra e sob a direção de um Abade, com o objetivo de prestar a Deus um culto perfeito: o sacrificio da obediência. Donde a fórmula de S. BENTO: “Nada preferir ao Offício divino”, *Nihil operi Dei præponatur*.⁶⁹

“Quanto às outras obras, o monge só as empreende em virtude da obediência e para render um culto a Deus. Não porque tôdas as obras estejam colocadas no mesmo plano, mas, para um monge, uma obra só tem realmente valor na medida em que exprime a sua obediência, o seu culto, o seu sacrificio. O monge é um cristão ideal, não sendo a Ordem monástica senão o cristianismo em sua perfeição”.⁷⁰

Sente-se o tom e adivinham-se as infinitas riquezas de aplicação prática que o Prior de Mont-César daí poderia fazer jorrar, segundo as mil circunstâncias da vida de uma grande abadia em vias de formação.

O pequeno grupo de monges fundadores não constituía ainda uma vasta comunidade, mas tornava-se necessário estabelecer sólidas bases para o futuro.

Mestre experimentado nos caminhos espirituais, D. Marmion, no decurso de suas conferências hebdomadárias, insiste sôbre a primazia da vida interior e sôbre a prática fiel das virtudes monásticas, não por ostentação ou com uma rigidez farisaica, mas por amor e com o espirito de liberdade dos verdadeiros filhos de Deus.

“A finalidade da vida monástica é alcançar a perfeição do amor, a ponto de torná-lo princípio atual de tôdas as virtudes. O amor é simultâneamente um fim e um meio. Nossa felicidade eterna dependerá do nosso grau de amor no instante da morte. Devemos, pois, esforçar-nos por aumentar êsse amor, para a glória de Deus mas também para o nosso próprio bem. Afirma-o S. PAULO, “as ações mais heróicas, sem o amor, nada valem”.⁷¹ O que vale aos olhos de Deus, é a caridade. Quem possui o amor, possui ao mesmo tempo tôdas as outras virtudes, que dêle promanam, como de sua fonte. E compreende-se a palavra de S. AGOSTINHO: “Ama,

69 *Regra*, cap. XLIII.

70 *Conferências Monásticas*, Louvain, entre 1899 e 1909.

71 I Cor. XIII,2.

e faz o que quiseres". ⁷² Sábiamente, acrescenta D. COLUMBA: "O verdadeiro amor consiste em fazer a vontade d'Aquêlê a Quem amamos. Se verdadeiramente amamos a Nosso Senhor, praticaremos tôdas as virtudes enumeradas por S. PAULO em sua definição da caridade: "A caridade é benigna, é paciente, não suspeita mal", ⁷³ e assim por diante. O amor de Deus é, por conseguinte, o fim e o meio de todo progresso espiritual, o guia principal de nossa vida, mas jamais se deve separar de um temor reverencial e afetuoso para com Deus, o qual nos previne contra o nosso orgulho e contra tôda concupiscência. Quem possui o verdadeiro amor de Deus, diz S. PAULO, é formado pelo Espírito Santo para cumprir tôda a vontade de Deus". ⁷⁴

A disposição fundamental do monge deve ser uma perfeita docilidade ao Espírito de amor. "Essa flexibilidade marca a diferença entre as almas. Por vêzes, encontram-se religiosos de observância muito exata, mas que não fazem nenhum progresso espiritual. Depois, descobre-se a causa: uma carência de flexibilidade de alma quanto à obediência ou à caridade fraterna. As almas flexíveis, pelo contrário, são extremamente poderosas sôbre o Coração de Deus. Se às vêzes lhes escapam fraquezas exteriores, Deus passa adiante; reergue-as com amor, porque sua docilidade perfeita Lhe cativa o Amor misericordioso". ⁷⁵

Essa perfeição não é uma "ética". O monge encontra seu verdadeiro modêlo em Cristo. "Uma vida espiritual que não se apoia inteiramente em Cristo é falsa, vazia, absolutamente inútil". "Sem Mim, nada podeis". ⁷⁶⁻⁷⁷ Sempre D. MARMION volta as almas para Cristo.

A êsses ensinamentos o Prior de Mont-César acrescentava a fôrça irresistível do exemplo.

O Prior ocupa lugar importante na engrenagem de uma Abadia beneditina, logo depois do Abade que o nômeia e o substitui a seu bel prazer. Lugar intermediário, difícil, de

72 S. AGOSTINHO, *In Epistol. Joan.*, Tr. VII, cap. 4.

73 I Cor. XIII,4,5.

74 *Conferências Monásticas*, Louvain, entre 1899 e 1909.

75 *Ibidem*.

76 *Joan.* XV,5.

77 *Conferências Monásticas*, Louvain, entre 1899 e 1909..

“segundo” do Abade e não de “segundo Abade”. Com efeito, observa S. BENTO, há os que, intumescidos por um malévoló espírito de soberba, imaginam-se segundos Abades; atribuem-se uma autoridade sem contróle, alimentam escândalos e causam divisões na Comunidade. Daí: ciúmes, conflitos, detrações, rivalidades, cabalas e as piores desordens. Se o Abade e o Prior se acham em opposição de ensinamentos, os que vivem sob a direção de ambos, tomam partido por um ou por outro, expondo-se a se perderem”. ⁷⁸

Conforme a sua concepção da comunidade monástica, S. BENTO insiste no primado absoluto do Abade, fonte e salvaguarda da unidade. “Para conservar a paz e a caridade, é preciso que o govérno do mosteiro dependa inteiramente do Abade”. ⁷⁹ E o santo Patriarca aconselha sábiamente ao Prior “nada fazer contra a vontade do Abade”, *Nihil contra abbatis voluntatem aut ordinationem faciens*. ⁸⁰ O Prior deve, ao mesmo tempo, mandar e obedecer. Difícil posição que exige muito tato, prudência, caridade e humildade.

D. ROBERTO DE KERCHOVE e D. COLUMBA surpreendiam, à primeira vista, pelo seu contraste, mesmo físico. O Abade de Mont-César, asceta, macilento, anguloso, de atitudes inequívocas e decididas, exigia a execução minuciosa da Regra e de suas vontades. Em suma, um monge de elevada estirpe, cuja obra será duradoura quanto o granito. D. MARMION, corpulento, jovial e risonho, chegava por vêzes até ao gracejo, um tanto pesado, de irlandês; entretanto, assim que soava a hora da prece, viam-no recolher-se profundamente. Tôda a sua alma de contemplativo era súbitamente arrebatada com Cristo até “ao seio do Pai”. ⁸¹

É forçoso confessar que, em certas horas, a obediência do Prior de Mont-César, para ser fiel, teve de atingir o heroísmo. Ele jamais recuou, submetendo-se, apagando-se, não só sem a mínima recriminação, mas sem deixar transparecer sequer o pêso do sacrifício exigido, com um espírito de fé que

78 Regra, cap. LXV.

79 Regra, cap. LXV.

80 *Ibidem*.

81 *Joan.* I,18.

sempre Lhe fêz descobrir, sôbre a fronte do seu Abade, o semblante de Cristo.

Após uma dessas rudes provas, podia êle escrever com tôda a lealdade: “Tereis alegria em saber que Nosso Senhor me concedeu uma graça muito poderosa — julgo que a mais poderosa de tôda a minha vida — pois, apesar de terrível luta interior, deu-me a graça, não só de submeter-me *sem reserva alguma* ao Reverendíssimo Padre, mas também de conservar-Lhe tôda a minha confiança e todo o meu afeto, e de resolver-me a permanecer aqui, se tal fôr a Sua santa vontade, quando chegar o momento de escolher. Durante a oração, compreendi que tudo consiste no seguinte: em *receber Jesus Cristo* tal como Lhe apraz apresentar-Se a nós: como jardineiro, como peregrino, como caráter simpático ou não. Recebê-lo não pela metade, com frieza, mas inteira, leal e francamente; e, quanto mais nos ferir, mais nos devemos curvar. Não saberia expressar-vos a deliciosa paz que gozo e a liberdade perfeita do meu coração”.⁸²

O Prior de Mont-César admirava a virtude, as eminentes qualidades de energia e de prudência administrativa do seu Abade: venerava-o como um santo. A Providência serviu-se dêsses inevitáveis sofrimentos de tôda vida em comum para purificar a alma ardente e o caráter impulsivo de D. MARMION. A austera disciplina monástica de Louvain defendeu-o contra a sua despreocupação natural e conservou-o heróica e integralmente de Deus. O exemplo de sua fidelidade secundava maravilhosamente a ação de seu cargo. De total devotamento à comunidade, êle tomava, sem regatear, seu vasto quinhão de tarefas de tôda espécie, exigidas por êsse período de formação.

Em 1923, no dia seguinte à morte de D. COLUMBA, D. ROBERTO DE KERCHOVE fazia questão, perante as monjas de Maredret, de render testemunho a essa maravilhosa fidelidade: “Tive-o como Prior durante dez anos. Sempre me edificaram a sua caridade e o sêu devotamento ao serviço do Mosteiro. Quanto à sua obediência, posso afirmar que jamais tive um monge mais obediente que êle”. E, em fevereiro de 1942, D. THIBAUT pôde recolher, dos lábios dêsse venerável

82 *Carta*, Louvain, 1º de abril de 1902.

nonagenário moribundo, o supremo testemunho: "Que homem extraordinário!... Devo tê-lo feito sófrer. Mas nunca encontrei um religioso tão obediente quanto êle".⁸³

Depois de tal poder de abnegação, serão para surpreender os frutos espirituais dêsse devotamento cotidiano e alegre? "Aqui, graças a Deus", podia escrever D. MARMION ao Abade de Erdington "tudo vai bem. Deus nos abençoa, não com bens temporais, mas com uma grande paz e santa união na caridade. Pois que buscamos isso em primeiro lugar, "tudo o mais nos será dado por acréscimo".⁸⁴ Nossos estudos progredem de tôda maneira. Há muito entusiasmo e os resultados dão grande satisfação".⁸⁵

Ao lado de D. Roberto e em estreita união com êle, o Prior arrastava as almas, contribuindo, com todo o seu poder, para o estabelecimento da abadia na unidade e na paz.

Relações exteriores

Uma abadia beneditina no coração de uma grande cidade universitária não é uma Cartuxa em pleno deserto. Apenas chegados a Louvain, os filhos de S. BENTO acharam-se associados à vida intelectual da célebre Universidade. "O Reitor Magnífico" veio convidar os professores para participarem das discussões teológicas e filosóficas. Isso não me agrada muito; mas não se pode fazer de outra maneira, visto que formamos, com os jesuítas e os Dominicanos, a terceira Casa de Estudos, e devemos aceitar as conseqüências de nossa situação".⁸⁶

D. MARMION, em plena maturidade, possuidor de uma ciência teológica profundamente assimilada, era particularmente solicitado. Repetidas vêzes, teve êle de dirigir-se à *Alma Mater*, a fim de assistir às defesas de teses e de apresentar objeções por ocasião das lides acadêmicas. Um volumoso caderno de notas manuscritas atesta o cuidado com que preparava seus apartes, ao mesmo tempo sábios e humo-

83 *Présence de dom Marmion*, pág. 69.

84 *Matth.* VI,33.

85 *Carta ao Abade de Erdington*, Louvain, 2 de janeiro de 1900.

86 *Carta a D. Beda*, Louvain, agosto de 1899.

ísticos, que entusiasmavam o seletto público reunido, em tais circunstâncias, na *Aula Máxima* da Universidade.

Não tardou a estabelecer-se uma corrente de amizade entre os professores ou estudantes das diversas Faculdades e a abadia de Mont-César, onde os acolhiam para os retiros, para dias de recolhimento ou então como simples visitantes, segundo a mais pura tradição da hospitalidade beneditina. Logo se acharam à vontade nessa casa de oração e de paz. Incessante fluxo e refluxo se processava entre a abadia e o mundo da Universidade. Bem depressa, mestres e estudantes descobriram o valor espiritual do Prior de Mont-César. Muitas almas sacerdotais foram confiar-lhe a direção de sua vida. Cada sexta-feira viam-se sacerdotes, em pequenos grupos escalonados, galgarem as ladeiras que conduziam à abadia. Iam bater à porta da cela de D. MARMION, donde saíam radiantes de luz e de paz.

Entre esses mestres de valor, que iam entreter-se, a respeito de sua alma ou de seus projetos, com o Prior de Mont-César, domina a grande figura de MONS. MERCIER, que escolhera D. COLUMBA para confessor. Consultava-o regularmente e sempre se conservou hóspede assíduo e amigo fiel de Mont-César. Foi ali que tomou conhecimento de sua elevação ao Cardinalato, ali também que elaborou a célebre Carta Pastoral de 1914: *Patriotismo e Resistência*, de repercussão mundial.

Quando MONS. MERCIER foi nomeado para o Arcebispado de Malines, D. MARMION experimentou todo o vazio da separação. "Perdi um amigo que me era muito caro, isto é, MONS. MERCIER. Desde vários anos éramos tão íntimos que quase não tínhamos segredos. Agora sua elevada posição cava um abismo entre nós, abismo que toda a sua condescendência não poderia cumular. . . É uma alma tão santa, que só procura Deus e a Sua glória! Fará muito pelas almas". ⁸⁷ Na realidade, a Providência oferecer-lhes-á freqüentes ocasiões para se encontrarem. Da sua parte, o Abade de Maredsous professará grande veneração por seu ilustre amigo: "E' um verdadeiro santo". ⁸⁸

87 *Carta a D. Roberto*, Louvain, 30 de abril de 1906.

88 *Carta a uma Religiosa das Damas Inglesas de Bruges*, Maredsous, 14 de março de 1914 (ingl.).

Mas onde a ação de D. MARMION se mostrou decisiva até ao carisma, foi sobretudo nos meios contemplativos. Ali, em colóquios íntimos onde êle podia comunicar-se com tóda a liberdade, arrebatava as almas consigo aos mais altos píncaros da vida mística, até “ao seio do Pai”.⁸⁹

As Carmelitas de Louvain foram as primeiras que se confiaram à sua direção espiritual. Adotou-as como um coração de pai: “Aceito a direção de vossas almas como uma ordem proveniente dAquêle a Quem tudo devo e procurarei, por minhas pobres orações e por meu ministério, auxiliá-los a atingir a sublime perfeição a que vos chama o vosso celeste Espôso... Quero que só Jesus seja o Diretor do Carmelo de Louvain. Foi Ele quem vos comprou com o seu Precioso Sangue; é a Ele e só a Ele que pertenceis. A Ele cabe santificar-vos; e, se Ele Se digna utilizar-me nessa obra tão importante para a Sua glória, será sob a condição de que eu em tudo dependa do seu Espírito, de que renuncie a meu próprio pensar para seguir em tudo o de Jesus, de que vá haurir em seu Sagrado Coração a luz para compreender os Seus desígnios sobre cada uma de vossas almas”.⁹⁰

Cada semana o Prior de Mont-César dirigia-se fielmente ao Carmelo como confessor ordinário, acrescentando conferências espirituais piedosamente coligidas e resumidas. Tôdas as semanas descia também ao Colégio teológico americano para ouvir as confissões dos estudantes.

Cada mês além das conferências aos estudantes do colégio universitário do Espírito Santo, cujo presidente era MONS. LADEUZE, dirigia-se a Bruxelas, junto à colônia inglesa; mais tarde, durante os dois últimos anos de sua permanência em Louvain, teve de assegurar na capital, a instâncias do CARDEAL MERCIER, os retiros do clero paroquial e docente.

Outras comunidades, cada vez em maior número, reclamavam o auxílio de seu ensino e de seu ministério: em Louvain, Liège, Bruges, Jupille, Lede, Koekelberg, em outras cidades da Bélgica, Irlanda e Inglaterra: Doau, Ampleforth,

89 *Joan.* I,18.

90 *Carta à Priora do Carmelo de Louvain, Maredsous, 20 de fevereiro de 1899.*

Ramsgate, Erdington, Stanbrook, Princethorpe. Beneditinos e Beneditinas disputavam-no para os seus retiros. Não obstante o período de sobrecarga, de fadigas, muitas vêzes até de esgotamento, dos últimos tempos do ano letivo, consagrava habitualmente a êsse ministério os meses de verão. “Parto para a Inglaterra em fins do mês próximo para pregar retiros. É o meu repouso. Não me agradariam férias sem objetivo útil”.⁹¹

Sem contar os imprevistos e as circunstâncias extraordinárias de uma ação apostólica transbordante e variada, em que sua personalidade lucra ampla compreensão de tôdas as almas e maravilhoso enriquecimento.

Mau grado seu, o Prior de Mont-César via-se arrastado por uma rêde de compromissos apostólicos que lhe deixavam cada vez menos tréguas. Foi necessário aliviá-lo de uma parte dos seus cursos de teologia. Essa decisão deixou-lhe uma ponta de pesar: “Devo confessar que me foi penoso ter de abandoná-los, no momento em que eu *começava* a entrever a síntese de tôdas essas belas questões”.⁹²

A irradiação de sua poderosa personalidade impunha-se no exterior. Com freqüência, o CARDEAL MERCIER chamava para junto de si o seu confessor e amigo. Levou-o consigo a Maria-Laach (outubro de 1907), a Paray-le-Monial (março de 1909), a Roma (fevereiro de 1912). Os Superiores utilizam-no ao máximo para o bem da Ordem. Em julho de 1909, D. MARMION assiste ao Capitulo geral de Beuron. Suas relações multiplicam-se. Chamam-no de tôda parte. O seu Abade é obrigado a defendê-lo contra os importunos e um pouco contra si mesmo. Sua alma apostólica e seu temperamento de monge-missionário poderiam arriscá-lo a se deixar envolver numa ação excessiva, mas o espírito de perfeita submissão livra-o de todo ativismo. “Sinto cada vez mais a necessidade de me dar às almas, porém, ao mesmo tempo, Jesus me faz sentir que, sendo monge, tôda a minha atividade deve ser regulada e inspirada por Êle, pela obediência”.⁹³

O sucesso não o deslumbra. “Sinto uma *tal* distância en-

91 Carta a D. Thibaut, Louvain, 24 de julho de 1906.

92 Carta a D. Thibaut, Louvain, 10 de março de 1904.

93 Carta à Abadessa de Maredrel, Louvain, 23 de fevereiro de 1903.

tre o que prego e o que pratico, que verdadeiramente receio tornar-me como um poste indicador, mostrando aos outros o caminho e permanecendo eu mesmo estacionário". ⁹⁴

Apesar de tudo, com o decorrer dos anos, acumula-se o trabalho: "Para esta diocese pertenço à comissão de "vigilância", o que quer dizer: "trabalho, trabalho". ⁹⁵

A mesma queixa reaparece-lhe constantemente nas cartas: "Não imaginais quanto é *comido* o meu tempo. Digo *comido*; pois, tôdas as manhãs, coloco-me sôbre a patena com a hóstia que se vai tornar Jesus Cristo. E da mesma forma que Ele está ali para ser comido por tôda espécie de pessoas — *sumunt boni, sumunt mali, sorte tamen inæquali* ⁹⁶ sou também comido por todo o dia. Possa o nosso caro Salvador ser glorificado pela minha destruição, assim como Ele o é por Sua própria imolação". ⁹⁷

Pergunta-se como um só homem podia fazer face a atividades aparentemente tão desconexas: cursos regulares de teologia e de sagrada Escritura, cuja preparação exige longas horas de trabalho contínuo; colóquios e discussões sôbre os problemas teológicos de atualidade, com os professores ou com os estudantes da Universidade; consultas escritas e orais da parte das autoridades religiosas que apelavam para a sua segurança doutrinal nessas horas de crise modernista, ou para o seu conhecimento excepcional das seitas protestantes.

Sua chama apostólica e sua experiência dos caminhos espirituais constituem-no procuradíssimo pregador de retiros e diretor de almas... Esses trabalhos suplementares, já tão esmagadores, atraídos por suas qualidades pessoais, acrescentam-se a uma série cotidiana de ocupações absorventes, aos múltiplos e incessantes deveres da vida social de seu cargo de Prior, a uma correspondência cada vez mais extensa, sem contar as visitas dos importunos e as mil surpresas da vida corrente num mosteiro citadino.

Isso não impede, em absoluto, que D. MARMION se mostre de impecável fidelidade às observâncias conventuais e a

94 *Carta a uma Religiosa das Damas Inglesas de Bruges*, Louvain, 8 de janeiro de 1908 (ingl.).

95 *Ibidem*.

96 Festa do Santíssimo Sacramento, Sequência *Lauda Sion*.

97 *Carta à Irmã Cecilia de Maredret*, Louvain, 19 de janeiro de 1905.

todos os exercícios regulares de uma Casa de formação, em particular aos longos Ofícios do côro, onde é o primeiro a chegar, gostando de prolongar a prece litúrgica com secretas orações a Deus. Acha-se por tôda parte entre os irmãos: nos trabalhos penosos, nos deveres da vida comum, no recreio; e no recreio, com vivacidade e bom humor, desenrughando com um inesperado gracejo as frentes preocupadas, às vêzes um pouco exagerado no descuido das formas exteriores, mas sabendo também, sem beatice, por meio de uma palavra, de um arranco, elevar as almas ao sobrenatural com a espontaneidade de um coração de homem, no qual se sente o apaixonado por Cristo.

Eis onde se deve descobrir o segrêdo dessa grande existência. No Prior de Mont-César ocultava-se a alma de um santo.

Para a identificação com Cristo

À primeira vista, causa surpresa a prodigiosa atividade desenvolvida pelo Prior de Mont-César e ter-se-ia a tentação de indagar se êle sôbe permanecer verdadeiramente na pura linha de sua vocação monástica. Todavia, não prova a história que, durante longos séculos, antes da criação das Ordens mendicantes e das Congregações modernas — e depois, paralelamente a elas, — o monaquismo forneceu, segundo as necessidades gerais da época, inúmeros apóstolos à Igreja? Seria minimizar singularmente o grande ideal beneditino, uma das formas superiores e mais amplas do cristianismo, querer restringir-lhe, de maneira excessiva, a fórmula de realização, de acôrdo com as categorias mais recentes de “ação” e de “contemplação”. Na escola de S. BENTO, como no Evangelho, a perfeição cristã é compatível com tôdas as formas da atividade humana. Consiste essencialmente, não em tal ou qual forma petrificada de observâncias regulares, mas, antes de tudo, numa orientação de tôda a existência para a exclusiva “procura de Deus” em uma vida de fé intensa, desabrochando, sob o impulso da caridade e segundo as exigências de mútuo auxílio do corpo místico, nas mais variadas formas da ação apostólica.

Essa largueza de vistas na concepção do ideal beneditino

explica a existência simultâneamente muito contemplativa e sobrecarregada do Prior de Mont-César de Louvain. D. COLUMBA MARMION se nos revela, com o seu temperamento pessoal, como a encarnação do monge irlandês na vocação missionária, pronto a consumir-se e a expatriar-se pela conquista das almas, a serviço da Igreja de Cristo. Quanto mais avança na vida, mais sua alma se estabelece na superior harmonia em que as riquezas da vida interior e de uma atividade transbordante irradiam simultâneamente da mesma personalidade viva que alcançou eminente unidade. Sente-se que êle se acha à vontade em tôda parte: na solidão e silêncio do claustro, onde sua alma encontra a plenitude de Deus, como nas populosas cidades de Bruxelas ou de Londres, ou ainda através a Alemanha e a Itália, aonde o chamam os deveres de seu cargo. Através de tudo, sua alma de monge "procura Deus" e seu coração de apóstolo conserva a nostalgia de Cristo. Pouco lhe importa a multidão ou o deserto: o problema único de sua vida interior é Cristo. Nêsse período de Louvain, ver-se-á que êle tende cada vez mais a unir-se aos sentimentos de adoração e de louvor da alma do Verbo Encarnado. Sua vida interior simplifica-se. Em breve, D. MARMION tem um só objetivo: identificar-se com Jesus na Sua intimidade com o Pai.

Chegando a Louvain, sua vida espiritual já se acha tôda centrada em Cristo. Eis a orientação radical de sua alma, a sua graça pessoal que atinge o carisma e que vai torná-lo doutor e apóstolo infatigável das infinitas riquezas de Cristo. O contato com o mundo universitário, longe de arrastar-lhe a alma de contemplativo a um intelectualismo esterilizante, mais do que nunca o reconduz à Fonte Única de vida: Cristo Jesus. "Hoje, 29 de setembro de 1899, recebi uma graça particular. Compreendi que tôda a minha perfeição deveria consistir na união íntima de mim mesmo com Jesus Cristo, como Filho de Deus e Salvador dos homens. Eu o compreendi claramente após a Missa. E, dessa maneira, minha ação de graças divide-se entre os atos de Jesus para com o seu Pai, e os Seus atos para com a minha alma e as dos outros".⁹⁸

Inicia-se novo ano letivo. Êle se dedica alegremente ao

98 *Notas Intimas*, 29 de setembro de 1899.

trabalho intelectual, mas o centro de sua vida continua a ser a Liturgia, que o associa a todos os mistérios de Cristo.

A Páscoa assinala o momento supremo. D. MARMION encontra no mistério pascal o duplo aspecto de morte e de vida, que lhe dá de proporcionar a intuição central de sua doutrina espiritual: mistério de morte ao pecado e de vida em Deus com Jesus. *Quod autem vivit, vivit Deo*,⁹⁹ “Cristo não vive mais senão para Deus”. “Senti a intensidade dessa vida de Jesus *tôda para Deus*” (É êle próprio quem sublinha). “A união de nossa vida com essa vida: eis a mais elevada forma de perfeição. “Sem Êle, nada podemos”,¹⁰⁰ mas foi justamente para nos comunicar essa vida que Êle veio. “Assim como o Pai tem a vida em Si mesmo, assim deu ao Filho ter vida em Si mesmo”.¹⁰¹ “Eu vim para que as minhas ovelhas tenham a vida com superabundância”...¹⁰² Tenho experimentado, cada vez mais, o desejo de associar-me a essa vida divina, a fim de que Jesus seja glorificado em mim... Tomei a resolução de procurar unir a minha pobre vida a essa Vida intensa e divina”.¹⁰³

A medida que passam as semanas e os meses, através as ocupações múltiplas e esmagadoras, sua alma mergulha mais profundamente em Cristo, até perder-se n'Ele, na unidade de um mesmo amor. “Nosso Senhor me convida a identificar-me com Êle... Impele-me a realizar atos de amor para com seu Pai em união com Êle, a *abandonar-me* inteiramente a Êle, a amar o próximo como Êle o amou. É sobretudo êste último ponto que me atrai desde algum tempo. Sinto um grande *acréscimo* de amor para com a santa Igreja, Espôsa de Cristo. Tenho como um sentimento habitual de que o próximo é Jesus Cristo, e sinto-me impelido a uma grande caridade para com todos. Vejo, de modo claríssimo, que a verdadeira caridade abrange tôdas as virtudes e impõe contínua renúncia. Como prática interior, sinto-me cada vez mais impelido a *perder-me em Jesus Cristo*. Que Êle queira em mim e le-

99 *Rom.* VI,10.

100 *Joan.* XV,5.

101 *Joan.* V,26.

102 *Joan.* X,10.

103 *Notas Intimas*, 18 de abril de 1900, terça-feira da Páscoa.

ve-me a seu Pai". ¹⁰⁴ Essas confidências a seu Abade Primaz revelam-nos o fundo habitual de sua vida interior e o seu processo fundamental: desaparecer em Cristo.

Os toques de união afluem-lhe na alma; o ministério apostólico, por sua vez, amplia-lhe consideravelmente a experiência pessoal, mas tôdas essas luzes, adquiridas ou infusas, tôdas essas graças de união convergem para uma verdade central, cada vez mais dominadora. A seus olhos, Cristo não é apenas um dos elementos de nossa perfeição. É *tôda* a nossa vida espiritual. D. MARMION volta incessantemente a um texto de S. PAULO que o iluminou sôbre êsse ponto capital e que lhe proporcionou a fórmula explicativa do plano divino. *Christus factus nobis sapientia a Deo et justitia et sanctificatio et redemptio*, ¹⁰⁵ "Cristo se tornou *nossa* sabedoria, *nossa* justiça, *nossa* santidade e *nossa* redenção". A alma de D. MARMION encontra sua expansão na atmosfera dêsse cristocentrismo. "Se me perguntassem: "Em que consiste a vida espiritual?" — Eu responderia: "Cristo". ¹⁰⁶

As notas íntimas, a correspondência dessa época, os retiros que prega, as conferências aos sacerdotes, os conselhos cotidianos aos monges de Mont-César balizam a curva dessa transformação em Cristo. "Estou *unidíssimo* a Nosso Senhor, mais, creio eu, do que nunca em minha vida... Sinto-me cada vez mais levado a perder-me, a ocultar-me em Jesus Cristo. *Vivens Deo in Christo Jesus*. ¹⁰⁷ Ele se torna, segundo me parece, o olhar de minha alma. A minha vontade confunde-se com a Sua. Sinto-me levado a nada desejar *fora d'Ele* para *n'Ele* permanecer. Eis o estado de minha alma". ¹⁰⁸

Leu, nessa época, o *Tratado do amor de Deus*, de S. FRANCISCO DE SALES, que se tornara o seu autor místico predileto. Adota sua doutrina do abandono e da santa indiferença, mas a integra em sua síntese pessoal, quer vivê-la em Cristo. "Minha vida interior torna-se cada vez mais simples: tende a uni-

104 *Carta ao Abade Hildebrando, Primaz da Ordem*, Louvain, 1º de junho de 1901.

105 I Cor. I,30.

106 *Carta sem data*, citada na *Union à Dieu*, por D. THIBAUT, pág. 53.

107 Rom. VI,11.

108 *Carta à Abadessa de Maredret*, Louvain, 28 de outubro de 1902.

ficar a minha vontade com a do Pai Eterno por Jesus Cristo. E sinto-me interiormente convidado a cortar todo desejo, exceto o de realizar *a vontade conhecida* de Deus com toda a energia de minha alma; e, para ser agradável a Deus, o de abandonar-me sem plano nem desejo à sua Sabedoria e à sua Bondade”.¹⁰⁹

E pôde concluir, alguns meses depois: “Eis, portanto, a última palavra de tudo: amar Jesus Cristo”.¹¹⁰

Essa profunda união com Jesus estabelece-lhe a alma em comunhão com todos os membros do corpo místico de Cristo. Sua vida se desenrola sob os vastos horizontes da unidade da Igreja e assume amplitude infinita.

Zêlo apostólico, caridade fraterna, espírito de oração, prática das diversas virtudes, toda a atividade interior ou exterior de D. MARMION encontra seu centro de irradiação na união constante com Cristo. É na busca dessa identificação com Jesus que ele vai descobrir o seu supremo ideal de santidade: viver com Ele “no seio do Pai”.¹¹¹ Essa fórmula joânica, que exprime o mistério mais secreto do Verbo escondido “no seio do Pai”, torna-se doravante o *leit-motiv* de sua própria vida de união a Deus. A ressonância dessa fórmula nas almas privilegiadas que dirige, manifesta-lhe cada dia a sua inexaurível profundidade. As confidências dos últimos anos de Louvain revelam-nos a que grau ela se tornara, em união com Jesus, o seu ideal pessoal. A graça de adoção identifica-o com a vida íntima do Filho “no seio do Pai”:

In sinu: é a extrema intimidade do amor, que supõe amor perfeito, confiança e união de vontade. Assim como S. João na última Ceia. Unidos com Jesus, estamos *in sinu Patris*. É a vida de *puro amor* que supõe o esforço de fazer sempre o que mais agrada ao Pai. “Ele nunca me deixa só, porque Eu faço sempre o que é do Seu agrado”.¹¹² As nossas fraquezas, as nossas misérias não nos impedem de estar *in sinu Patris*, porque é o seio do Amor e da Misericórdia in-

109 *Carta ao Abade Hildebrando, Primaz da Ordem, Louvain, 26 de dezembro de 1902.*

110 *Carta à Abadessa de Maredret, Louvain, 9 de abril de 1903.*

111 *Joan. I,18.*

112 *Joan. VIII,29.*

finitos. Isto supõe um profundo aniquilamento e desprezo de nós mesmos, tanto maiores quanto mais perto nos achamos dessa infinita santidade. Isto supõe também que nos apoiamos em Jesus, “que, por Deus, foi feito para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção”. ¹¹³

Tudo quanto se faz *no seio do Pai, com o espirito filial de adoção*, é de imenso valor.

Esse estado, porém, supõe a ausência de tôda falta deliberada e de tôda recusa em seguir as inspirações do Espírito Santo. Pois Jesus, tomando sôbre Si “nossas fraquezas e nossas misérias”, ¹¹⁴ não aceita o menor pecado deliberado: “Qual de vós me argüirá de pecado”? ¹¹⁵ Nêsse santuário, recebem-se as graças e, muitas vêzes, o repouso da contemplação.

Pôr vêzes, o pensamento de nossa fraqueza, de nossas máculas, de nossa indignidade, virá atemorizar-nos. Esse pensamento deve humilhar-nos, aniquilar-nos profundamente diante de Deus, mas não assustar-nos, pois, se estamos *in sinu Patris*, é com Jesus e nêle que aí estamos”. ¹¹⁶

Nessa página de sublime elevação D. MARMION nos revela o supremo segredo de sua alma e a sua forma pessoal de intimidade com Deus. Em todos os grandes místicos, os horizontes da vida espiritual se abrem, mais cedo ou mais tarde, na adorável Trindade. Quanto a D. MARMION, Cristo o conduz ao Verbo, e o Verbo o transporta “ao seio do Pai”. Seu movimento de alma não o conduz, como em ELISABETE DA TRINDADE, à contemplação direta das *Três Pessoas* divinas. Tomando por modelo Cristo em Seu “estado fundamental”, D. MARMION irá ao Pai na própria atitude da alma do Filho.

Ficou-nos um precioso documento, um ato de consagração à Santíssima Trindade, composto por êle mesmo, em união íntima com o Carmelo de Louvain, no qual se encontra o ritmo profundo de sua vida interior.

“Ó Pai Eterno, prostrados em humilde adoração a Vossos pés, consagramos todo o nosso ser à glória de vosso Fi-

113 I Cor. I,30.

114 Is. LIII,4.

115 Joan. VIII,46.

116 *Notas Intimas*, 22 de abril de 1906, Domingo de Pascoela.

Iho Jesus, o Verbo Encarnado. Vós O constituístes Rei de nossas almas; submetei-Lhe as nossas almas, os nossos corações, os nossos corpos, e que nada em nós se mova sem as Suas ordens, sem a Sua inspiração. Que, unidos a Ele, sejamos levados a Vosso seio e consumados na unidade de vosso Amor.

Ó Jesus, uni-nos a Vós em Vossa vida tôda santa, tôda consagrada a vosso Pai e às almas. Sêde “nossa sabedoria, nossa justiça, nossa justificação, nossa redenção, nosso TUDO. Santificai-nos na verdade.

Ó Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho, estabelecei-Vos como fornalha de amor no centro de nossos corações e levai sempre, como chamas ardentes, os nossos pensamentos, afetos e ações *ao alto*, até *ao seio do Pai*.

Seja a nossa vida inteira um *Gloria Patri et Filio et Spiritui Sancto*.

Ó Maria, Mãe de Cristo, Mãe do santo amor, formai-nos Vós mesma segundo o coração de Vosso Filho”.

Tôda a alma e tôda a mística de D. MARMION passam nesta oração.

*
* *

3. SUPREMA TRANSFORMAÇÃO EM CRISTO

Em 1903, D. COLUMBA fixava a sua estabilidade em Mont-César. Parecia ligado à abadia de Louvain para sempre. A Providência decidira diversamente.

O PAPA LEÃO XIII nomeara Abade Primaz da Ordem Beneditina D. HILDEBRANDO DE HEMPTINNE, Abade de Maredsous. Dentro em pouco, a experiência revelou a D. HILEBRANDO que não lhe seria possível acumular por muito tempo as suas altas funções de Primaz, exigindo prolongadas permanências em Roma, e o govêrno efetivo da sua abadia. Tornava-se necessário pensar em sua substituição e muitos haviam pronunciado o nome de D. COLUMBA como eventual sucessor. O próprio Prior de Mont-César já recebera essa confiança. O seu primeiro impulso foi um reflexo de defesa: “Julgo-me *sinceiramente* incapaz... Eis porque estou longe de o desejar ou

solicitar". ¹¹⁷ Todavia, aproximando-se a hora da eleição, sua alma coloca-se num total abandono: "Acho-me em perfeita paz, visto que desejo exclusivamente a vontade de Deus e estou sinceramente convencido, por numerosas razões, de que a posição seria muito superior às minhas forças". ¹¹⁸ "Orai muito por mim nêstes dias, para que as minhas disposições, em qualquer hipótese, sejam quais Nosso Senhor as desejaria". ¹¹⁹

A 28 de setembro de 1909, quando chega a Mont-César o resultado da eleição, sua natureza experimenta uma primeira impressão de abatimento. A graça, porém, triunfa. "Durante esta noite, grande luta e tentações de desânimo e desespero. Após a Missa de S. Miguel grande paz e confiança". ¹²⁰ E, no mesmo dia, D. MARMION partia para Maredsous a fim de receber a promessa de obediência dos seus monges.

Abade de Maredsous

Cada govêrno traz consigo a sua graça própria. Com D. PLÁCIDO WOLTER estabeleceram-se em Maredsous o grande espírito religioso de Beuron e a fidelidade minuciosa às observâncias monásticas. Os dois irmãos WOLTER instauraram as bases materiais e espirituais do edifício. D. HILDEBRANDO LE HEMPTINNE, que lhes sucedeu, comunicou à nascente Abadia um magnífico impulso, uma vasta irradiação: criação da Escola de arte, fundação de Mont-César em Louvain, restauração da vida beneditina no Brasil, função de Abade Primaz sôbre tôda a Ordem Beneditina. Quanto a D. COLUMBA foi o doutor e o mestre espiritual.

Côncio do seu papel de "representante de Cristo", fará da célebre fórmula de S. BENTO a regra constante do seu abaciado: *Abbas vices Christi*, "o Abade ocupa no Mosteiro o lugar de Cristo". ¹²¹ Esse princípio supremo esclarece todos os

117 *Carta à Abadessa de Maredret*, Louvain, 12 de maio de 1905.

118 *Carta a uma Religiosa das Damas Inglesas de Bruges*, Ramsgate, 7 de setembro de 1909 (ingl.).

119 *Carta à Madre Garnier*, fundadora de Tyburn, Malines, 20 de setembro de 1909.

120 *Notas Intimas*, 29 de setembro de 1909.

121 *Regra*, cap. II.

aspectos de sua missão abacial: Pastor e Pai das almas, Doutor e Pontífice. É necessário ler em *Cristo, ideal do Monge* as páginas magistrais onde D. MARMION descreve êsse tríplice papel do Abade. Os pensamentos profundos, nascidos de sua experiência pessoal, evocam os traços característicos de seu próprio ideal.

A exemplo de Cristo, o Abade é o Pai das almas da família monástica. Sua missão de Pastor é de conduzi-las a Deus. Tôda a evolução do Mosteiro deve ser dirigida a êsse fim: temporal e espiritual, ambos indissolúvelmente unidos num Mosteiro bem organizado.

D. MARMION encontrava-se à frente de uma abadia próspera, de múltiplas engrenagens: uma centena de monges, um colégio, uma escola de arte, obras literárias e científicas a ocuparem a atividade dos espíritos, levando ao longe o renome da espiritualidade e da ciência beneditinas. Em suma, tôda uma cidadezinha a ser governada. É forçoso confessar que D. MARMION não possuía, pessoalmente, os dons práticos da administração. Soube, porém, cercar-se de oficiais de valor e, sob o seu govêrno, a abadia conheceu constante prosperidade.

Compreensiva e benevolente, exerce-se a ação de D. MARMION sôbre as múltiplas e fecundas atividades apostólicas de seu mosteiro. Ele conserva e aperfeiçoa as instituições existentes, estimula as iniciativas e tôdas as formas de devotamento compatíveis com o ideal monástico, a serviço das paróquias circunvizinhas, da diocese, da Igreja inteira. Envia seus monges a Roma, ao Colégio de S. Atanásio, ao centro internacional de S. Anselmo, à obra pontifícia da revisão da Vulgata; e, ao longe, para auxiliar o impulso missionário da Igreja, à evangelização do Congo.

Todavia, onde se revela um mestre, é no govêrno das almas, imprimindo a seu redor vigoroso impulso para a santidade.

O novo eleito entrara em seu novo cargo com tôda a boa vontade, plenamente confiante na graça e feliz por se devotar ao serviço dos irmãos. Escolhera para divisa do seu abaciado a máxima de S. BENTO: *Magis prodesse quam præesse*,

“Mais servir que mandar”. ¹²² Mais tarde, êle próprio teve ocasião de oferecer a seus monges o comentário vivo de tal divisa: “O Abade deve antes procurar fazer o bem que presidir. Alguns são levados a colocar-se à frente de tudo: *præesse magis quam prodesse*. O Abade existe, pois que há necessidade de uma cabeça, mas deve fazer todo o possível para “ser útil”, *prodesse*. Nosso bem-aventurado Pai vai mais longe ainda: *Studeat plus amari quam timeri*, “Procure antes tornar-se amado que temido”. ¹²³ Seu govêrno deve ser paternal para que os monges trabalhem antes por amor que por temor. Muito rezo por cada um de vós e por vós celebro freqüentemente a Santa Missa. Meu grande desejo é o de fazer-vos bem, meu grande prazer causar-vos prazer. Quando faço uma recusa a alguém, sofro mais do que aquêle a quem recuso. “Quando Deus dá a alguém um cargo”, diz S. BERNARDINO DE SENA, “acha-Se no dever de conceder-lhe a luz e as graças de estado”. Existem Abades “sempre inquietos”, *qui nunquam requiescunt*. ¹²⁴ Quanto a mim, detesto a vigilância, confio em vós. Deveis corresponder a essa confiança por vossa lealdade.

Meus caros filhos, quero cultivar na Abadia mais o amor que o temor. Muitas vêzes, pergunto a mim próprio como poderia agradar a êste ou aquêle. Desejo conseguir “ser mais amado que temido”, *plus amari quam timeri*, ¹²⁵ não pelo prazer de ser amado, o que seria criancice, mas para que o serviço dos monges seja um serviço de amor”. ¹²⁶

Desde a sua chegada a Maredsous, a grande bondade, o espírito sobrenatural, as riquezas de sua doutrina conquistaram-lhe todos os corações. Ele conheceu as primícias de alegria que, na vida religiosa, habitualmente acompanham os superiores, quando pela primeira vez assumem um cargo: “Meus monges são maravilhosamente dóceis e fazem todo o possível para me auxiliarem e apoiarem”. ¹²⁷ Entretanto, não

122 *Regra*, cap. LXIV.

123 *Ibidem*.

124 *Ibidem*.

125 *Ibidem*.

126 *Conferência*, Maredsous, 20 de agosto de 1916.

127 *Carta a uma Religiosa das Damas Inglesas de Bruges*, Maredsous, 12 de dezembro de 1909 (ingl.).

é fácil o govêrno das vontades livres e, menos de um ano após a eleição, já D. COLUMBA gemia sob o pêso do cargo: "Desde que sou Abade, tenho sofrido *muito*, mas em silêncio. Mais de uma vez, achando-me obrigado, por razões que não podia revelar, a deslocar pessoas, via-me intimado a explicar os motivos de minha ação, não o podendo fazer sem revelar segredos de alma... São tão esmagadores o pêso e a responsabilidade que trago comigo que, se me escutasse a mim mesmo, pediria ao Santo Padre a dispensa do cargo. Nenhum dia se passa sem essas provações. Tive *penosíssimas* nêstes últimos dias. Muitas vêzes, devo encerrá-las no meu coração, e quando, além disso, vejo que me criticam, que me julgam sem possuir elementos que não posso oferecer, não posso deixar de chorar em silêncio ao pé do tabernáculo". ¹²⁸

É o quinhão de todos os superiores, até nas melhores abadias e nas mais fervorosas comunidades religiosas. É a sua parte de expiação e de redenção. A excessiva sensibilidade de D. MARMION tornava-lhe particularmente dolorosas as menores resistências, mas sua alma, refugiando-se na oração, bem depressa ultrapassava tudo. "Tenho sofrido muito nêstes últimos dias, mas, ao mesmo tempo, experimento grandes consolações ao ver a unanimidade com que me apoiam os meus filhos". ¹²⁹

A invasão de 1914 veio transtornar brutalmente a vida tranqüila de Maredsous. A 23 de agôsto, uma onda de soldados franceses veio abater-se contra os muros da abadia, primeiro refluxo da grande batalha, logo seguido por tôda a quarta divisão do exército belga, defensora da posição de Namur e constrangida à retirada por forças superiores. D. MARMION mandou abrir de par em par as portas de sua abadia. O colégio e a escola de ofícios de arte, transformados em ambulância, abrigaram os gloriosos feridos da batalha de S. Gerardo: Depois dos primeiros choques e do estabelecimento do regime de ocupação, o abastecimento de grande número de monges reunidos numa semi-solidão encontrou insuperáveis obstáculos. Foi necessário pensar num lugar de refúgio para parte da comunidade. As relações que possuía

128 Carta a D. Thibaut, Maredsous, 1º de julho de 1910.

129 Carta, Maredsous, 25 de agosto, 1910.

com os mosteiros ingleses, designavam D. MARMION para essa difícil operação. Decidiu-se que seria êle o encarregado dessa missão.

O Abade de Maredsous, disfarçado, passou à Holanda, donde pôde alcançar a Grã-Bretanha. Trabalhou com tôdas as forças, a fim de encontrar um refúgio para os seus filhos e de lhes assegurar os recursos necessários. Durante um ano esgota-se nêsse penoso labor. Seu coração desfalece. "Tenho sofrido muito com tôda essa lida. É-me extremamente penoso o mistêr de mendicante, mas eu o faço por amor de Deus". ¹³⁰ Surgem outras penas, inelutáveis na situação de guerra onde as nacionalidades se afrontam, onde os juízos por vêzes se exasperam. Irlandês, naturalizado belga, dependente de superiores alemães em Beuron, êle sofre, retido longe de sua abadia. Oprimem-no penosas suspeitas, que se acrescentam ao sofrimento físico e às dificuldades de tôda espécie: "Tenho o corpo triturado e a alma ferida por tôdas essas contrariedades". ¹³¹

Assegurada a subsistência de seus monges, só lhe resta um desejo, o de alcançar seu mosteiro: "Partirei, apesar de todos os perigos". ¹³² Enfim, com o risco da própria vida, consegue atingir Maredsous a 16 de maio de 1916.

Logo ao ter conhecimento do seu regresso, o CARDEAL MERCIER, encarnação do patriotismo e da grandeza de alma, dirige-se a Maredsous para levar-lhe o testemunho de sua indefectível amizade.

A 11 de novembro de 1918, os sinos da abadia anunciavam a vitória. Lentamente, reconstituiu-se a família monástica a redor de seu chefe. Foi com grande júbilo que seu amor de pai acolheu, um por um, todos os filhos. Até à morte, dispensar-lhes-á, sem medida, o seu devotamento. Em certas horas mais dolorosas, saberá responder como o seu Mestre, pela força irresistível da doçura.

É profundíssima a ascendência que tem sôbre os seus monges. A bondade de pai grangeia-lhe o coração dos filhos, a sua luminosa doutrina aproxima as almas de Deus.

130 Carta, Londres, 30 de janeiro de 1915.

131 Carta, Londres, 28 de janeiro de 1915.

132 Carta, Irlanda, fim de fevereiro de 1916.

É incomparável doutor da vida espiritual. Realiza nêsse ponto, de maneira eminente, uma das mais importantes funções do seu cargo, conforme o ideal traçado por S. BENTO que quer o Abade “douto na Lei divina”.¹³³

A Regra beneditina atribui grande importância a êsses ensinamentos do Abade. É no decurso dêsses colóquios íntimos, familiares, que o pai da família monástica modela a sua comunidade. “Quase sempre, o mosteiro é o reflexo do Abade”.¹³⁴

D. MARMION tinha fé na soberana eficácia da Palavra divina. “Hoje, acaba de reler-se o *Prólogo* da Regra, que contém o âmago da doutrina cristã. Cada palavra sua deve ser aprofundada e meditada. Há uma sôbre a qual chamo a vossa atenção: *Inclina aurem cordis tui*.¹³⁵ Escutai bem as palavras do nosso bem-aventurado Pai. Diz êle: “Inclinaí o ouvido de vosso coração”, para que receba de bom grado, com as melhores disposições: *in cor de bono et optimo*,¹³⁶ o que se vos ensina. Isto é de importância capital. E eis a razão: Cristo não ordenou aos apóstolos escrevessem — a maioria dêles nada escreveu — mas disse-lhes: “Ide e ensinai”, *Euntes, docete*.¹³⁷ As palavras do pregador são como a doutrina do Verbo Encarnado, nada as pode substituir. Deus escolheu para converter as almas, afirma-nos S. PAULO, “a loucura da pregação”, *stultitia prædicationis*.¹³⁸ Quando Deus faz alguma coisa, é necessário adorá-Lo. A Providência divina de tal modo dispôs as coisas, que “a fé procede da audição”, *fides ex auditu*.¹³⁹ É a palavra do pregador, do “enviado”, *missus*,¹⁴⁰ que converte as almas. Nada há de mais útil para as vossas almas que a palavra de Deus. Poderia dirigir-me à biblioteca e transcrever, dos santos de nossa Ordem, coisas mais belas que tudo quanto vos digo, a fim de as vir ler para vós. Seria, não uma palavra, mas uma leitura.

133 *Regra*, cap. LXIV.

134 *Conferência*, Maredsous, 26 de dezembro de 1916.

135 *Prólogo da Regra*.

136 *Luc.* VIII,15.

137 *Matth.* XXVIII,19.

138 *I Cor.* I,21.

139 *Rom.* X,17.

140 *Luc.* IV,43.

‘Todavia, para que a palavra vos faça bem, é necessário, diz S. BENTO, “inclinai o ouvido de vosso coração”.¹⁴¹ Poderíeis ter os melhores pregadores, um S. ODON, um S. ODLON, um S. PAULO, o próprio Cristo; sem as disposições do coração, nada lucrariéis. Se não escutasseis a palavra do vosso Abade com um espírito de fé e humildade, mas com um espírito de crítica, sua palavra não vos faria bem, ainda que êle fôra um santo. Meus caros filhos, nunca esqueçais isto”.¹⁴²

A *Regra* é a alma da vida beneditina. D. MARMION, longamente preparado, por seus estudos teológicos e por suas funções anteriores, para uma profunda compreensão da obra de S. BENTO, dela haverá de tirar, para uso de seus monges, magníficos ensinamentos espirituais. Ele o sabe: a *Regra* é o Evangelho do monge, a forma própria de sua santidade. Sôbre ela, é que será julgado. D. COLUMBA professa, a respeito dessa *Regra*, um verdadeiro culto. “O seu melhor elogio, repete com freqüência a seus filhos, é a inumerável multidão de santos que formou”. “Quando era noviço”, contava êle, “deu-me o Abade um exemplar da *Regra*, dizendo-me: “Ai dentro, encontrareis tudo”. Então, era-me difícil acreditá-lo. Agora, por experiência, estou absolutamente convencido”. É ela que “no monge, modela o cristão à imagem viva de Cristo”.¹⁴³

A partir das máximas de S. BENTO, o Abade de Maredsous expõe amplamente a sua própria doutrina, ao mesmo tempo tão elevada e tão prática, sôbre os votos monásticos.

Na base de tudo: a pobreza, no sentido universal e absoluto de despojamento total. *Deus meus et omnia*, dizia S. FRANCISCO DE ASSIS. A pobreza é uma homenagem prestada a Deus como Bem Infinito, Suprema Beatitude, Soberana Beleza e a Perfeição mesma. A virtude da esperança — correlativa ao voto de pobreza — nos inclina a esperar de Deus todo socorro para atingir o amor perfeito: *omnia sperare a Patre*. Também quanto à pobreza monástica, diz-nos o nosso bem-aventurado Pai: *omnia sperare a patre monasterii*.¹⁴⁴

141 *Prólogo da Regra*.

142 *Conferência*, Maredsous, 4 de maio de 1917.

143 *Retiro*, Maredsous, setembro de 1916.

144 *Regra*, cap. XXXIII.

Eis uma grande palavra! Não procuremos caminhos indirectos para alcançarmos o que quer que seja. Não, nada sem a permissão do Abade. Quem, por meio de pequeninas habilidades, segura uma coisa à direita e outra à esquerda, “não espera tudo do pai do mosteiro”. Por que temer o despojamento? Renunciemos ao supérfluo. Examinemo-nos, de olhar fixo no Pobre do Presépio, de Nazaré e do Calvário. Não devemos ser pobres de teatro; juramos seguir a Cristo, abandonando “tudo”.¹⁴⁵

Sempre se baseando no texto da santa *Regra*, D. MARMION expõe agora o sentido profundo e as obrigações práticas do voto de castidade. Sem esforço, passa das mais altas elevações místicas e do sentido sublime da virgindade monástica às vigorosas palavras de ordem de desapêgo dos sentidos e do coração, salvaguarda necessária dessa pureza. Nada mais característico do que sua maneira livre, espontânea, extremamente flexível nos movimentos, reflexo vivo de sua móvel e rica personalidade.

Quibus nec corpora sua licet habere in propria potestate,¹⁴⁶ “O monge não dispõe, a seu bel prazer, do próprio corpo”. Como bom irlandês, como verdadeiro pai de família, trata do assunto com reserva e delicadeza, mas sem disfarce, sem affectação, numa atmosfera sã e pacificadora; é a pura luz de Deus. “Todo homem recebeu de Deus, ao mesmo tempo que o próprio ser, o direito de dispôr pessoalmente de si mesmo e, à imitação da Paternidade eterna, de constituir um lar de ternura doméstica. Em Deus, a Sua eterna fecundidade Lhe faz lançar o brado triunfal: *Filius meus es Tu, Ego hodie genui Te*, “Tu és meu Filho, hoje Te gerei”.¹⁴⁷ Vida de Deus é essa fecundidade infinita de um Deus a gerar um Filho semelhante e igual a Si, comunicando-Se Um ao Outro num mesmo Espírito, o seu recíproco Amor. Por conseguinte, todos os homens possuem êsse direito. A fecundidade é algo de grande no homem, e como que um reflexo da fecundidade de Deus”.

De repente, surge-lhe nos lábios de monge a evocação

145 *Retiro*, Maredsous, setembro de 1916.

146 *Regra*, cap. XXXIII.

147 *Ps.* II,7.

inesperada de um quadro cheio de encanto familiar. "Ide visitar, por exemplo, a nossa zona do carvão. Considerai o mineiro, homem forte, de músculos de aço, de caráter rude, quando necessário, altercador. Eis que Deus lhe dá as alegrias da paternidade. De noite, regressa ao lar. A esposa apresenta-lhe o fruto do amor recíproco. Imediatamente, alegra-se o homem, ilumina-se com um sorriso o semblante contraído pela fadiga, revela ternura o seu rude coração. Estendem-se as mãos que manejaram a picareta. Nada receeis pelo frágil ser que lhe é confiado: é o reflexo d'ele próprio: esse operário é pai". ¹⁴⁸

Mas por que a castidade monástica se o matrimônio é algo de tão grande? A resposta é única: consagrar todo o ser a Cristo. "Nós também, tínhamos o direito de constituir um lar; mas livremente, voluntariamente, quisemos, juramos não ter mais um desejo sequer do que abandonamos a fim de pertencermos, de corpo e alma, a Jesus Cristo". ¹⁴⁹

Ideal sublime, sôbre-humano, que exige o auxílio da graça: "A virgindade é um dom de Deus" ¹⁵⁰ É necessário ainda empregar os meios que assegurem salvaguardá-la: a humildade, a mortificação, a vigilância, a fuga das ocasiões. E afluem os conselhos, inserindo-se no pormenor da vida de seus monges: "O homem que se permite tôda espécie de leitura contra os costumes, pode estar quase certo de cair; não no momento, sem dúvida, mas introduz brasas em sua alma e, um dia, virá o incêndio. Recomendo-vos duvidar das próprias forças a tal respeito; é um ato de humildade. Expôr-se lendo, olhando coisas más, sem motivo legítimo, é cometer um ato de orgulho e dizer a Deus: "Posso ser casto por mim mesmo". ¹⁵¹

Tentação, porém, não é pecado. Santos, e grandes Santos, foram tentados por tôda a vida: "Todos nós podemos ser tentados. Das tentações, nem os muros do Mosteiro, nem a solidão nos preservam; é em nós mesmos que trazemos a nossa natureza corrompida. S. AFONSO DE LICÓRTO, que saíra pu-

148 *Retiro*, Maredsous, setembro de 1916.

149 *Ibidem*.

150 *Ibidem*.

151 *Ibidem*.

ro de Nápoles, cidade tão perversa, foi assaltado durante toda a sua vida, mesmo aos 88 anos, por tentações tais que seu confessor, para o consolar, devia absolvê-lo até quatro vezes por dia".¹⁵² A alma do monge tentado não deve surpreender-se entre as revoltas de sua natureza. "O pecado consuma-se na alma. Enquanto a vontade não abdicou, não há falta".¹⁵³

Enfim, o *leit-motiv* de D. MARMION volta aqui como sempre: "Lembremo-nos de que somos os membros de Cristo".¹⁵⁴⁻¹⁵⁵

O mesmo cristocentrismo reaparecerá qual meio supremo de praticar a obediência monástica: "Se há momentos em que a obediência vos esmaga, olhai o Crucifixo".¹⁵⁶

Cristo continua sempre no centro de todas as perspectivas de seu ensino.

A *Regra* proporciona também a D. MARMION ocasião para as mais humildes prescrições cotidianas que devem guiar a vida de uma Comunidade. É através desses mil detalhes que se forma uma alma comunitária. A cada um, cabe ser fiel a seu dever, autêntica "expressão da vontade de Deus. É tão fácil, no desempenho de um cargo, cair num falso misticismo, querendo substituir com ele uma pura vida espiritual de oração. Eis uma ilusão. O Prior é responsável, diante de Deus e diante do seu Abade, pela disciplina do mosteiro, assim como o celeireiro o é pelo material. Não se deve dizer: "Façamos tal ou qual prática de piedade e Deus tudo arranjará". É um erro, é tentar a Deus. Se de algo se resente o mosteiro, isto se voltará contra a consciência daquêle que não desempenhou a sua função, que não fez o que de si dependia".¹⁵⁷

É o amor, porém, que deve animar o exercício de todos esses deveres. Como grande espiritual que é, D. MARMION não cessa de insistir sobre esse ponto capital. "Nosso bem-aventurado Pai compara o mosteiro a uma oficina onde se

152 *Ibidem*.

153 *Ibidem*.

154 I Cor. VI,15.

155 *Retiro*, Maredsous, setembro de 1916.

156 *Ibidem*.

157 *Conferência*, Maredsous, 22 de dezembro de 1916.

exercem diferentes misteres. Uma força motriz impulsiona tudo. Na ausência dessa força, tudo se paralisa. Qual a força motriz da vida espiritual? É o amor. Por quê? O homem nunca age sem motivo e, quanto mais poderoso o motivo, mais enérgicamente trabalha. Ora, o motivo mais poderoso é o amor. Não faz Deus tudo por amor? Aumentemos em nós o hábito de *tudo* fazer por amor. Então, não mais se contará com as dificuldades. *Ubi amatur non laboratur, aut si laboratur, labor ipse amatur.*¹⁵⁸ O amor suaviza o trabalho e, sobretudo, torna-o meritório; as outras boas obras” só vêm depois. Cada um deve exercitar-se na virtude de que precisa, mas por amor, e tudo irá por si”.¹⁵⁹

A êsses avisos gerais à Comunidade, acrescentam-se os contatos individuais. D. MARMION sabe ir ao encontro de um monge que adivinha no sofrimento ou na inquietude. Em sua família monástica, nada de protocolar e de tenso entre o Abade e seus filhos. Se um luto os fere, se vão a Roma para estudos, se um motivo qualquer os detém longe do mosteiro, D. MARMION escreve-lhes com ternura cordial. Trate-se de tristezas ou de alegrias, êle quer estar associado a seus monges em todos os acontecimentos, felizes ou dolorosos. Nada do que os afeta lhe deixa indiferente o coração de pai. Nessas relações pessoais com os filhos, o que sempre dominava era a sua incsgotável bondade. Quanto mais passam os anos, mais se demonstra pai. “Uma palavrinha para dizer-vos que tudo está concedido. Pelo que experimento causando-vos prazer, compreende algo da felicidade de nosso Pai celeste em conceder-nos o que Lhe pedimos. “Se vós, *sendo maus*, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai celeste vos concederá o que Lhe pedirdes”?¹⁶⁰⁻¹⁶¹

Seria necessário fazer reviver a eminente bondade de alma de D. MARMION, a sua grande e nobre sensibilidade, a sua excepcional presteza à simpatia, a sua benevolência imprevista, qualidades das quais por vêzes se pôde abusar,

158 S. AGOSTINHO.

159 Conferência, Maredsous, maio de 1917.

160 *Matth.* VII,11.

161 *Carla*, Maredsous, 31 de março de 1922.

mas que lhe conquistaram para sempre a afeição de seus melhores filhos.

Além dos comentários sôbre a *Regra*, às segundas e sextas-feiras, D. MARMION falava à sua comunidade todos os domingos e dias santificados. O ciclo litúrgico e o Evangelho do dia proporcionavam-lhe então a substância de magníficas conferências onde êle, com o irresistível poder de uma improvisação que exprimia uma vida inteira, dava o melhor de sua alma de doutor e de contemplativo. A grande figura de Cristo dominava-lhe o pensamento, assumindo surpreendente relêvo. O acento convicto, a fé irradiante, a paixão ardente pelo Filho de Deus, irrompiam e, em certos momentos, atingiam a grandiloquência: aquela que só do coração dos apóstolos e dos santos pode jorrar. O seu eco, encontramos-lo nas mais belas páginas de *Cristo em Seus mistérios*. Mas que ondas de luz e de graça para aquêles que tiveram a felicidade de os colhêr na sua fonte viva!

“Não é minha doutrina”, protestava D. MARMION, *non est mea doctrina*. ¹⁶² Eu a colhi no Evangelho, nas Epístolas, nos ensinamentos da Tradição e da santa *Regra*”. ¹⁶³ Na realidade, através a rica matéria de suas conferências e de seus colóquios, era tôda a sua alma de monge, de apóstolo e de contemplativo, que passava, comunicando à sua palavra vibrante e apaixonada tôda a fôrça de sua personalidade. Ele possuía o dom de insuflar nas almas a mesma vida, por meio dos temas fundamentais que voltavam incessantemente: a grandeza de nossa filiação divina e as infinitas riquezas de nossa graça de adoção em Jesus Cristo, o caráter sobrenatural de nossa santidade, a fé, raiz de tôda vida de união, as grandes virtudes monásticas: a humildade e o espírito de mortificação, a compunção do coração, a obediência, bem supremo do monge; a fidelidade absoluta às observâncias conventuais, sem farisaísmo mas sob o impulso constante do amor; e, quanto ao mais, confiança nos méritos infinitos do Salvador, vindo em auxílio de nossa fraqueza, e abandono total à Misericórdia divina. Acima de tudo, o Abade eleva as

162 *Joan.* VII,16.

163 *Retiro*, Maredsous, setembro de 1916.

almas até Cristo, a fim de arrebatá-las “com Ele, por Ele, e nEle”, “ao seio do Pai”. ¹⁶⁴

O santo sacrificio da Missa é o ponto culminante de sua vida abacial, de sua missão de pontífice e de mediador entre a sua comunidade e Deus. Exceto no decurso dos últimos anos, quando prostrado pela doença, êle assiste a todo o Officio divino, profundamente recolhido, perdido, na alma adoradora do Cristo. “Sabeis o que mais me custa, quando tenho de ausentar-me da abadia? É a privação da missa conventual. Acho tão sublime oferecermos *todos juntos* ao Pai celeste a imolação de Seu divino Filho!” ¹⁶⁵

A sua maior felicidade era celebrar êle próprio, entre os seus monges, a Missa Pontifical. Então, sua alma exultava: hora privilegiada em que, numa invisível comunhão com o Sacerdote Eterno, tôda a comunidade monástica, reunida em volta de seu chefe, não fazia mais que “um” em Cristo.

Irradiação mundial

A personalidade de D. COLUMBA MARMION, já notada quando Prior de Mont-César, assumiu extraordinário realce desde a sua eleição para dirigir a grande abadia de Maredsous. Rápida e sua fama estendeu-se ao longe, pela Bélgica, Irlanda, Inglaterra, e por tôda a Ordem beneditina.

Seus dons de pregador de retiros, sua rara maestria em espiritualidade, abrem-lhe apostolado pessoal de grande envergadura junto aos mosteiros beneditinos, aos sacerdotes diocesanos, às comunidades religiosas. Com freqüência, reaparece em Louvain, em Liège, em Bruges, na Grã-Bretanha, solicitado pelos Bispos e pela amizade de Sua Eminência o CARDEAL BOURNE que o convida, repetidas vêzes e em grandes circunstâncias nacionais, para a sua catedral de Westminster.

Não se pode silenciar o papel espiritual que toma na célebre conversão dos monges de Caldey, acontecimento único nos anais da Igreja. Foi D. MARMION quem lhes pregou o retiro preparatório à abjuração e entrada na Igreja Cató-

164 *Joan.* I,18.

165 *Un Maître de la Vie Spirituelle*, pág. 227.

lica. “Acabo de chegar aqui e estou verdadeiramente deslumbrado. Todos êsses monges são encantadores. Amanhã, chegará o Bispo da diocese, MONS. MOSTYN. Todos êles serão batizados, reconciliados com a Igreja e confirmados... Acham-se todos *unânimes* na sua fé e no seu desejo de se reconciliarem com Roma... .

Amanhã, o Bispo, o ABADE BUTLER DE DOWNSIDE e eu iremos estudar a situação e ver o que se pode fazer. O Santo Pader enviou-lhes cordial e paterna mensagem. Tôda a Inglaterra *se emociona*... .

Acabo de celebrar a missa em seu *grandioso Côro* e fiz-lhes uma conferência. Texto: *Cantate Domino canticum novum, laus ejus in Ecclesia sanctorum*,¹⁶⁶ “Cantai ao Senhor um cântico novo, ressoe o louvor de Deus na Igreja dos santos”.¹⁶⁷

A 5 de março, MONS. MOSTYN, Bispo do lugar, recebia-lhes a abjuração e, dois dias depois, era a vez das trinta e sete religiosas anglicanas de Saint-Bride.

A 6 de março, já D. MARMION comunicava a seu Prior de Maredsous o relato dessa conversão sensacional. “Desde a minha última carta, quantos fatos sucederam! Desejaria que me fôsse possível referir tudo. É o acontecimento mais importante para a conversão da Inglaterra, desde o movimento de Oxford”.¹⁶⁸

A 29 de junho, D. MARMION achava-se de novo na ilha para a tomada de hábito dos monges e ereção da casa em mosteiro beneditino.

O apêlo dos bispos, as ordens de seus superiores maiores, elevadas missões de confiança obrigavam o Abade de Maredsous a freqüentes viagens. Sua correspondência permite entrever uma vida de perpétua sobrecarga: “Capítulo geral em Beuron em julho, retiro em Haywards Heath em agosto, Congresso litúrgico aqui no mesino mês, Congresso mariano em Maestricht com o CARDEAL MERCIER. Já tenho tôdas as espécies de convites que deverei recusar”.¹⁶⁹ E em

166 Ps. CXLIX,1.

167 Carta a D. Roberto, Prior, Caldey, 3 de março de 1913.

168 *Ibidem*, 6 de março de 1913.

169 Carta a uma Religiosa de Tyburn, Maredsous, 6 de fevereiro de 1912.

vão que procura ocultar-se. Escreve da Inglaterra, aonde o chamara o CARDEAL BOURNE: "Sinto-me verdadeiramente desolado e triste por não estar em minha casa, e sabeis agora que sou *obrigado* a partir para Roma". 170

Sua irradiação pessoal aumentava dia a dia. Em breve, a obra escrita, a famosa trilogia, célebre desde a publicação, *Cristo, vida da alma, Cristo em Seus mistérios, Cristo, ideal do Monge*, estendeu-lhe o renome pelo mundo inteiro.

Consumação em Cristo

A publicação dessas três obras revelou o segredo da profunda influência do Abade de Maredsous sôbre as almas: sua intimidade com Cristo.

No decurso dos primeiros anos de sua vida monástica, vira-se D. COLUMBA aplicando-se com fervor à prática da humildade, da compunção do coração, da obediência religiosa. Trabalhava fielmente, às vêzes herôicamente, pela mortificação dos sentidos e do coração, para atingir um desapêgo total. O período de Louvain acentuara a obra de purificação da alma por maravilhosas graças de união. O abaciado conclui-se, ao belo anoitecer da vida, por grandes provações exteriores e interiores, mas em uma confiança total nos méritos do Salvador e em um abandono sem reserva à Bondade e à Misericórdia do Pai celeste: é a hora suprema da consumação em Cristo.

Resta-nos percorrer essa última etapa, a mais sublime, de seu itinerário espiritual.

A medida que se acumulam as dificuldades, sua alma tende, cada vez mais, a fundir-se em Cristo. "Nosso Senhor me dá um grande atrativo pela deposição completa e *contínua* aos pés do Verbo Encarnado. Desejo imitar a Sua santa Humanidade na unidade, na submissão, na absoluta *dependência* do Verbo. Ajudai-me a realizar êste ideal, pois isso é tudo. Desde que o Pai vê uma alma assim unida a seu Verbo, não há graças nem favores que lhe recuse... A santa Humanidade é o caminho... É infinito o seu poder para nos unir ao Verbo. Por conseguinte, sejamos santos

170 *Carta a D. Roberto, Prior, Westminster, 6 de setembro de 1912.*

para Sua glória. “É glória de meu Pai que vós deis muito fruto”, *in hoc clarificatus est Pater meus, si fructum plurimum afferatis*.¹⁷¹⁻¹⁷²

O exercício do cargo aproxima-o de Deus. “Estou muito mais unido a Nosso Senhor que no início e Ele abençoa sensivelmente os esforços que faço para governar a Sua casa conforme a Sua divina vontade. Sobretudo, sinto-me atraído por Jesus a *permanecer* com Ele “no seio do Pai”, *in sinu Patris*,¹⁷³ o que, porém, exige grande fidelidade e muita abnegação”.¹⁷⁴

Entretanto, Deus o abandona às enfermidades corporais e às incertezas da alma. “Sou como um pobre animal acosado, não achando um momento entre as mil preocupações e uma prostração tão forte que muitas vêzes, durante a missa conventual, tenho de fazer grandes esforços para não cair adormecido no pavimento. Por vêzes, sou atormentado pelo pensamento de que deveria pedir demissão, por causa dessas grandes prostrações e sonolências que me impossibilitam a oração e o trabalho. Se continuassem aumentando, não sei como poderia enfrentar minhas contínuas ocupações e responsabilidades”.¹⁷⁵

Sua obesidade ia crescendo. Mas, enquanto o corpo se torna mais pesado, a alma sobe sempre: “A felicidade perfeita, a alegria suprema acha-se *in sinu Patris* e Jesus é o caminho que conduz a êsse fim. “Sem Ele, nada podemos”,¹⁷⁶ “Ninguém vai ao Pai senão por Ele”.¹⁷⁷ “Vivamos em Jesus”.¹⁷⁸

Entre os mil trabalhos do govêrno e da administração de uma grande Abadia, surgem de repente, na sua correspondência, arroubamentos dogmáticos, luminosos, que desvendam a alma de um santo, ávida de consumir sua união com

171 Joan. XV,8.

172 Carta a uma Carmelita, Maredsous, 8 de novembro de 1910.

173 Joan, I,18.

174 Carta a uma Religiosa de Tyburn, Maredsous, 11 de fevereiro de 1911.

175 Carta a uma Religiosa de Tyburn, Maredsous, 3 de maio de 1912.

176 Joan. XV,5.

177 Joan. XIV,6.

178 Carta ao Carmelo de Louvain, Beuron, 5 de junho de 1913.

Deus. "Quanto a mim, acho-me bem perto de Nosso Senhor. Ele está sempre em meu coração, onde Lhe confio todos os meus cuidados, tôdas as minhas preocupações. O pensamento de que Ele está sempre, a duplo título, diante da Face de seu Pai, enche-me de consolação e de fôrça.

Ali está:

--- enquanto Filho único, de pleno direito *in sinu Patris*, adorando-O, amando-O... etc.;

--- enquanto Cabeça de Seu corpo místico, *sempe apparet vultui Dei pro nobis*, "Ele sempre se conserva diante da Face de Deus por nós".¹⁷⁹ Ali está como *Jesus*, "por nós, pela nossa salvação", *propter nos homines, et propter nostram salutem*, "vivendo sempre para interceder por nós", *semper vivens ad interpellandum pro nobis*.¹⁸⁰ Por nós, apresenta a seu Pai êsse sacrifício, realizado uma só vez, mas *sempe subsistente*. Unidos com Ele entramos de pleno direito no *sanctuarium exauditionis*, "onde todos os pedidos são atendidos".¹⁸¹

Sua vida espiritual cada vez mais identifica com o movimento de alma de Jesus em relação a seu Pai. Basta surgir a oportunidade de um novo retiro em Maredret para que êle escolha por tema: "a vida e tôda a atividade de Jesus consideradas como decorrentes da contemplação de Sua alma a olhar incessantemente a Face do Pai, modêlo de uma *vida de fé*, haurindo tudo na contemplação habitual de Deus, em união com a alma de Cristo".¹⁸² Assim, à medida que passam os anos e as provações da vida, D. MARMION se vai elevando, cada vez mais, em sua união a Cristo. "É por desapêgos sucessivos que Ele acaba por se tornar o nosso TUDO".¹⁸³

Nada de carismático no desenvolvimento de sua vida de união a Cristo, mas uma fidelidade cada vez maior. D. MARMION encarna o tipo normal da santidade: "Que eu saiba, jamais recebi graça *extraordinária*. Nada de voz interior, de

179 *Hebr.* IX,24.

180 *Hebr.* VII,25.

181 *Carta a uma Carmelita*, Maredsous, 20 de julho de 1914.

182 *Carta a uma Carmelita*, Maredsous, 18 de dezembro de 1916.

183 *Carta a uma Religiosa das Damas Inglesas de Bruges*, Louvain, 26 de maio de 1908 (ingl.).

visão, de êxtase, nem sequer de sujeição que vincule a atividade: nada dêsse gênero. Para isso, não tenho atrativo, mas parece-me que a graça de adoção — o *germe* recebido no batismo, fortalecido na minha confirmação, alimentado pela santa Eucaristia — cada vez mais se desenvolve pela virtude de Cristo”.¹⁸⁴ Confidência capital que esclarece retrospectivamente todo o itinerário espiritual de D. MARMION. Ele seguiu o caminho normal de todos os batizados. Através de tôdas as etapas de sua existência de homem, sob a direção da Providência, foi-se deixando transformar, cada vez mais, em Cristo. Sua miséria, em vez de o desanimar, sempre o lançou nos braços de Cristo Salvador: “Completo hoje sessenta anos. O abismo de meus pecados e de minha ingratição submergiu-se no outro abismo, *infinito*, da Misericórdia do Pai”.¹⁸⁵

No decurso dos últimos anos, sua vida espiritual simplifica-se ainda: “Minha vida interior é muito simples. Durante a minha permanência aqui, Nosso Senhor muito me uniu a Si, mas *na simples fé*. Tenho a convicção de que é por êste caminho que Ele me deseja conduzir. Jamais experimento consolações sensíveis. Não as desejo. Tenho claridades, e como que vistas súbitas das profundezas das verdades reveladas. Tenho um atrativo especial pela compunção. O pai do pródigo, o bom Samaritano, Jesus com Madalena a Seus pés, encham-me de compunção e de confiança. Meu atrativo é de achar TUDO *em* Jesus e *por* Ele. É Ele o caminho que o Pai nos dá. É por Ele que devemos ir ao Pai”.¹⁸⁶

Aproxima-se a noite, só Cristo o atrai. Ele se tornou o centro único de sua vida: “Eu O encontro por tôda parte e em tudo. É o Alfa e o Ômega de tudo. Sou *tão* pobre, *tão* miserável em mim mesmo, e nEle *tão* rico! A Ele, tôda a glória para sempre!”¹⁸⁷

184 *Carta a uma Carmelita*, Maredsous, 9 de abril de 1918.

185 *Carta a uma Carmelita*, Maredsous, 1º de maio de 1918.

186 *Carta a uma Carmelita*, Beauplateau, 25 de setembro de 1918.

187 *Carta a Winefrida Kraemer*, Maredsous, 26 de junho de 1921.

Chega a hora suprema da consumação. A 30 de janeiro de 1923, após grandes sofrimentos e total abandono à Misericórdia divina: *Deus meus, misericórdia mea!*¹⁸⁸ evoluva-se a alma de D. MARMION, a fim de reunir-se com Cristo para sempre, “no seio do Pai”.

188 Ps. LVIII,18.

II

NOSSA VIDA EM CRISTO

Nossa predestinação em Cristo. — Cristo, causa “adequada” de nossa santidade. — O axioma fundamental. — A antítese cristã: morte e vida. — A morte ao pecado. — A vida em Deus. — A transformação em Cristo. — Vida de união a Cristo. — *In sinu Patris.*

Morrer ao pecado para viver em Deus: todo o cristianismo se encerra nessa morte e nessa vida.

... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..

... ..

II

NOSSA VIDA EM CRISTO

Essa posse soberana, dominadora, de Cristo sôbre a alma de D. MARMION, explica todo o impulso de sua espiritualidade. Nêle, o santo reagiu como doutor. Ele penetrou nas profundezas do mistério de Cristo, sob as iluminações de uma graça pessoal, muitas vêzes inspirado por S. PAULO e guiado pelos ensinamentos de S. TOMÁS DE AQUINO. Ao contato desses dois grandes mestres de seu pensamento, sua doutrina espiritual tomou a amplitude universal do plano divino, abrangendo em sua unidade orgânica tôda a economia da salvação do mundo e da santificação das almas em Cristo.

Nossa predestinação em Cristo

A intuição fundamental que se tornará *idéia-mãe* de sua síntese espiritual, surgiu-lhe ao contato de S. PAULO, do trecho célebre e clássico em que o Apóstolo nos entrega a sua própria visão cristã do mundo. D. MARMION mesmo indicamos essa referência esclarecedora. “Todo êsse plano sublime desvenda-se-nos magnificamente no primeiro capítulo da Epístola aos Efésios: “Bendito seja Deus, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, do alto dos céus, nos abençoou em Cristo com tôdas as bênçãos espirituais! Foi Ele que nos escolheu antes da criação do mundo, por amor, para sermos santos e imaculados diante d’Ele, tendo-nos predestinado a sermos seus filhos adotivos em Jesus Cristo”.¹

Enquanto ELISABETE DA TRINDADE haveria de descobrir nessa mesma passagem a sua vocação suprema de “louvor de glória”, D. COLUMBA é absorvido pelo mistério de nossa predestinação adotiva em Jesus Cristo. Sua reflexão de teólogo

1 *Ephes.* 1,3-5. *Retiro*, sem data (autógrafo).

se fixa neste ponto central. Ele compreendeu toda a força da palavra “predestinação”. Trata-se de um decreto de Deus, irrevogável, que vai dirigir toda a economia do mundo e todo o plano de nossa salvação. Deus resolveu “tudo restaurar em Jesus Cristo, no céu e na terra”, ² ou melhor, segundo o texto grego preferido por D. MARMION, Deus quer fazer de Cristo o Chefe, a “Cabeça” da criação. Seu olhar de contemplativo queda deslumbrado por essa luz. Doravante, a seus olhos, Cristo ocupará o primeiro lugar no universo. Então, em sua fé viva, iluminada pelos dons do Espírito Santo, vê o papel exclusivo e universal do Verbo Encarnado na Redenção do mundo, causa exemplar, meritória e instrumental de toda santidade. Ei-lo em plena luz, possuindo a sua visão universal, que se identifica com o PLANO DIVINO, onde Cristo é TUDO.

Dessa visão, decorrerá o conjunto de sua espiritualidade. Eis as articulações essenciais:

— O plano primitivo da Trindade visava, pela criação do homem, imprimir-lhe a Sua própria imagem e semelhança: *Faciamus hominem ad imaginem nostram*. ³

— Após a queda de Adão, Deus quis restaurar tudo em seu Filho. Foi assim que Cristo se tornou o centro do plano divino.

— Deus Pai comunica-lhe Sua vida divina por via de geração eterna. O Verbo Encarnado, tendo recebido em sua Humanidade uma plenitude de graça infinita, espalza-a sobre os homens na medida exata em que querem “receber” ⁴ o Filho Único do Pai por uma fé viva e pelos sacramentos. Toda a santidade cristã consiste, pois, em se deixar transformar em Cristo, que se tornou “*nossa sabedoria, nossa santificação e nossa redenção*”. ⁵

Uma preciosa nota manuscrita oferece-nos o texto sintético em que o próprio teólogo beneditino assinalou as posições-chaves de sua espiritualidade:

“Estudemos o *plano divino* em toda a sua pureza e be-

2 *Ephes.* I,10.

3 *Gen.* I,26.

4 *Joan.* I,12.

5 *I Cor.* I,30.

leza, pois tôda a nossa vida espiritual depende da perfeição com que apreendemos êsses primeiros princípios e os estabelecemos como alicerce de nossa santidade.

“Para compreender êsse plano divino, devemos considerar que a santidade, à qual estamos chamados, não é uma santidade puramente natural, a simples moralidade. A santidade à qual estamos chamados é uma vida sobrenatural, participação na vida divina: é uma conseqüência do nosso destino sobrenatural. Ora, essa vida divina, que evolui na visão beatífica, desce-nos do Pai Eterno por Jesus Cristo: *Sicut Pater habet vitam in semetipso, sic de dit et Filio habere vitam in semetipso.* ⁶ *Et de plenitudine ejus omnes accepimus.* ⁷ O Pai a comunica em plenitude ao Filho na geração eterna e, em seguida, ao Verbo Encarnado na união hipostática. Consideremos um instante Jesus Cristo, *auctor et consummator salutis.* ⁸ *In quo sunt omnes thesauri sapientiæ et scientiæ Dei.* ⁹ *In quo inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter.* ¹⁰ Ele é *perfectus Deus e perfectus homo.* ¹¹ Mas tal vida divina, que Ele possui em tôda a plenitude, eleva-Lhe tôda a atividade humana, torna-a teândrica, desabrochando em seguida na floração de tôdas as virtudes, qual um raio de luz que, passando por um prisma, sai num feixe de côres. Por isso, é Ele o Santo dos santos: *Tu solus Sanctus Jesus Christe,* ¹² e cheio de todos os dons do Espírito Santo.

“Todavia, não foi sòmente para Si que Jesus recebeu a vida divina. Ele é também a *nossa* santidade: *Christus factus est nobis sapienti a Deo.* . . . ¹³ É a Cabeça e nós os seus membros; e Ele veio para nos comunicar a Sua vida divina. *Ego veni ut vitam habeant et abundantius habeant.* ¹⁴ *Ego sum*

6 *Joan.* V,26.

7 *Joan.* I,16.

8 *Hebr.* XII,2.

9 *Coloss.* II,3.

10 *Coloss.* II,9.

11 *Simbolo de S. Atanásio.*

12 *Gloria in excelsis, Missa.*

13 *I Cor.* I,30.

14 *Joan.* X,10.

vita. ¹⁵ Eis, portanto, o plano divino: a Vida divina comunicada em sua plenitude a Jesus Cristo e, por Êle, a seus membros: *De plenitudine ejus omnes accepimus*. ¹⁶

“Como nos comunica Jesus Cristo a Sua vida divina? Comunica-a, tornando-nos como Êle: filhos de Deus. Se Jesus é o templo da Divindade, cheio de todos os dons do Espírito Santo, se é o Santo dos santos, a fonte de tudo isso é a sua Filiação divina. De modo semelhante, a fonte de tôdas as nossas graças e de todos os dons de Deus é a nossa qualidade de filhos adotivos de Deus. *Prædestinavit nos in adoptionem filiorum per Jesum Christum*. ¹⁷ Por esta adoção, deixamos de ser “hóspedes e adventícios”, ¹⁸ para sermos “herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo”. ¹⁹

“A fonte dessa adoção é a fé em Jesus Cristo, e o sacramento dessa fé é o batismo. E essa fé em Jesus Cristo não é a simples admissão teórica de sua Divindade, mas uma fé prática que nos lança em adoração a Seus pés, a exemplo do cego de nascença: “Creio, Senhor. E, prostrando-se, O adorei”. ²⁰ É uma fé que desabrocha na esperança e no amor, que vai aumentando até que Jesus Se torne a vida e a fonte exclusiva de nossa atividade: “Vivo, já não eu, mas é Cristo que vive em mim”. ²¹⁻²²

Essas vastas perspectivas onde se move o pensamento espiritual de D. MARMION identificam-se com a concepção paulina do mundo.

Com decisivo vigor e uma ponta de humorismo, êle combate a tendência do homem a querer tornar-se “arquiteto da própria perfeição”. ²³ “Muitas pessoas, até nos conventos e entre os sacerdotes, formam uma idéia falsa da santidade. Confundem a santidade com os métodos, sistemas e práticas

15 *Joan. XIV,6.*

16 *Joan. I,16.*

17 *Ephes. I,5.*

18 *Ephes. II,19.*

19 *Rom. VIII,17.*

20 *Joan. IX, 38.*

21 *Gal. II,20.*

22 *Retiro, Maredsous, 1909 (autógrafo).*

23 *Retiro, Erdington, 1902 (ingl.); fôlha autógrafa, sem data.*

de que os *homens* a envolveram: *traditiones hominum*,²⁴ e, em consequência, torna-se insuportável o "jugo" que Nosso Senhor declarou "suave e leve".²⁵ Eis um mal enorme. Há, porém, outro mais sério ainda; é que, muitas vezes, tais pessoas *substituem*, por todo êsse sistema de práticas e de métodos, a doutrina que Jesus Cristo pregou, a Lei que nos deu".²⁶

Não nos cabe a nós estabelecermos o plano de nossa santidade, mas adaptarmo-nos ao plano divino: ir a Deus "à Sua maneira",²⁷ à d'Ele.

Quer D. MARMION se dirija a simples fiéis, quer a monjas contemplativas, a religiosos ou a sacerdotes, a todos apresenta o mesmo programa: Cristo. "O plano do Pai Eterno", repete-lhes, "o mistério oculto em Deus desde séculos".²⁸ é de "restaurar tôdas as coisas",²⁹ de santificar o mundo por seu Filho. Jesus Cristo é o "caminho"³⁰ único, pelo qual se vai ao Pai".³¹

Tal é, em suas linhas gerais, a síntese gigantesca dêsse apóstolo de Cristo. Foi no seio da Trindade, em sua eterna Fonte que êle soube descobrir o Modelo supremo de nossa santidade. Apraz-lhe contemplar a imensa corrente de Vida divina que procede do Pai, pelo Filho, sob o impulso do Espírito, derramando-se primeiro com plenitude no Verbo Encarnado, e depois, através a Humanidade de Jesus, em tôda a sua Igreja, atingindo sucessivamente, no decurso dos séculos, cada um dos membros do Seu corpo místico: visão grandiosa que participa da amplitude infinita do plano divino.

Jamais teria ocorrido a D. MARMION a idéia de traçar um novo "caminho da perfeição" ou um "itinerário da alma para Deus". Para êle, só existe um "Caminho" de santidade: o Cristo. Basta perder-se n'Ele, segundo os designios de Deus.

24 *Coloss.* II,8.

25 *Matth.* XI,30.

26 *Conferência*, 1901 (autógrafo).

27 *Retiro*, Maredsous, 1909 (autógrafo)

28 *Coloss.* I,26.

29 *Ephes.* I,10.

30 *Joan.* XIV,6.

31 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, 1898 (autógrafo).

Cada homem tem seu destino incluído em Cristo, a título de membro do Seu corpo místico. O Cristo total encerra em Si tôdas as vocações individuais. Deus Pai nos contempla em seu Filho Único, solidários uns com os outros numa mesma economia de salvação. Um mesmo decreto de predestinação fixou a Encarnação do Verbo e a nossa própria filiação em Jesus Cristo.

Com êsse mistério de nossa predestinação adotiva em Jesus Cristo, chegamos ao segrêdo mais íntimo de nosso destino. A graça particular de D. MARMION foi a de ter penetrado, numa intuição fulgurante e decisiva, tôda a sua profundidade e as suas imensas repercussões na santificação das almas. Essa verdade fundamental é a chave de sua espiritualidade.

Cristo, causa "adequada" de nossa santidade

À luz dessa verdade, tudo se explica em sua doutrina espiritual. Cristo apparece-lhe como fonte única de tôda santidade. Com poder de coesão jamais igualado, prende a essa verdade todos os seus ensinamentos. Até o fim de sua vida, retoma infatigavelmente, perante os mais diversos auditórios, o que chama de "princípio tão luminoso" de S. TOMÁS DE AQUINO, mostrando-nos em Cristo "a causa adequada de nossa santidade".³²

"Lembra-nos o santo Doutor, segundo a doutrina de S. PAULO, que Nosso Senhor é para nós o Alfa e o Ômega, isto é, absolutamente tudo, e que, fora d'Ele, não há vida espiritual. Não nos disse no Evangelho o próprio Jesus: "Sem Mim nada podeis fazer".³³ *Nihil*: absolutamente nada. O que podemos por nós mesmos, os nossos planos, nossos métodos de meditação, nossos meios, se tudo isso não estiver baseado em Cristo, para nada servirá, para nada em absoluto, pois Cristo é *tudo* em nossa santificação. Como afirma S. TOMÁS, Cristo é a causa exemplar e o modêlo de nossa santidade, a causa meritória que dá seu valor a todos os atos de

32 *Retiro Sacerdotal*, Westminster, 1919 (autógrafo). *Retiro*, Maredsous, 19 de setembro de 1919.

33 *Joan.* XV,5.

nossa vida, a causa eficiente que opera nossa santidade. Temos, pois, em Cristo o perfeito modelo de nossa perfeição. Ele pagou tôdas as nossas dívidas, mereceu infinitamente mais do que era necessário à nossa salvação, *copiosa apud eum redemptio*". ³⁴ Morreu por nós e recebeu de seu Pai o poder de nos aplicar o fruto de sua Paixão: "Todo o poder me foi dado no Céu e na terra". ³⁵⁻³⁶

Sabe-se a importância magna, na síntese tomista, do mistério da predestinação. Essas elevadas perspectivas tudo dirigem. Cristo ocupa o primeiro lugar nos decretos divinos; a ordem hipostática, à qual O eleva sua Filiação divina, coloca-O no ápice do universo finalizado por Ele. Cabeça de um corpo místico a que pertencem os próprios Anjos, Ele é o Redentor dos homens, a Causa exemplar, satisfatória, meritória, impetratória, eficiente e final de nossa santidade. "Vós sois de Cristo, e Cristo de Deus". ³⁷

Dessa vasta concepção do Aquinate, o pensamento contemplativo de D. MARMION reteve sobretudo três aspectos que, como verdadeiro espiritual, soube explorar maravilhosamente em *Cristo, Vida da alma*: o Verbo Encarnado é a Causa exemplar, meritória e instrumental da nossa salvação. Mas, se o gênio intelectual de S. TOMÁS DE AQUINO proporciona a D. MARMION os princípios diretores que lhe hão de orientar o pensamento, é sempre ao contato da *Escritura* e de seu caro S. PAULO que as suas inspirações pessoais recebeu o impacto decisivo.

Isto é evidente em sua concepção de Cristo, *Causa exemplar* de nossa santidade. Através as fórmulas paulinas, seu olhar de teólogo contempla em Jesus Cristo o protótipo da nossa perfeição. Segundo o seu hábito, eleva-se sem esforço até às mais altas perspectivas de sabedoria quanto ao sentido de nossa configuração ao Verbo Encarnado, retornando com predileção ao texto favorito: "Deus nos predestinou a sermos conformes à imagem de seu Filho". ³⁸ "Ai está toda a

34 Ps. CXXIX,7.

35 *Matth.* XXVIII,18.

36 *Conferência*, Maredret, 20 de outubro de 1909.

37 *I Cor.* III,23.

38 *Rom.* VIII,29.

nossa perfeição. O Pai Eterno cumula-nos de Suas graças na proporção em que O encontra em nós. Quando Deus vê uma alma completamente transformada em seu Filho, apaixonada-Se por ela, não estabelece mais limites à comunicação que lhe faz de Si mesmo: eis o segrêdo das liberalidades de Deus".³⁹

Quanto mais nos assemelhamos a Cristo, mais nos tornamos santos. A imitação de Cristo é a lei fundamental e a medida de tôda santidade. Não se trata de visar um decalque servil dos feitos e gestos de Jesus, mas de tender a uma identificação profunda com Seus sentimentos interiores. D. MARMION zombará, humoristicamente, do SR. CAMUS, querendo "arremedar" S. FRANCISCO DE SALES até no comportamento exterior e no falar um tanto arrastado de habitante da Savoia.⁴⁰ Quanto a êle, todo o esforço da vida interior consistirá em modelar-se interiormente e em identificar-se, cada vez mais, com os sentimentos de intimidade de Jesus em relação a seu Pai.

Cristo é o ideal do cristão, "a revelação da santidade divina sob uma forma humana, um Deus colocado a nosso alcance. A finalidade do cristianismo é a reprodução dêsse tipo de tôda perfeição: *Christianus, alter Christus*. "O cristão é outro Cristo".⁴¹

*
* *

Jesus não é apenas um modelo. Seus méritos infinitos constituem-nO fonte permanente de santidade. "Quanto mais me adianto na vida, quanto mais relações tenho com as almas, mais vejo também a necessidade de lhes fazer compreender quanto são ricas em Jesus Cristo. O que importa, acima de tudo, é revelar-lhes que possuem em Cristo tôdas as riquezas e todos os meios para atingir a mais alta perfeição".⁴²

Essa verdade central do cristianismo inclui-se entre as

39 Conferência, Maredret, 17 de novembro de 1909.

40 Conferência, Maredret, 26 de novembro de 1909.

41 Conferência Sacerdotal, Louvain, dezembro de 1905 (autógrafo).

42 Conferência, Maredret, 18 de abril de 1911.

que tiveram o máximo de repercussão na vida pessoal de D. MARMION. A unidade do corpo místico de Cristo é a chave da nossa redenção. Segundo a doutrina de S. PAULO, tão familiar ao Abade de Maredsous, a Cabeça e os membros formam um só todo. Somos Cristo. Cada um dos atos de Jesus, nossa Cabeça, assume alcance social universal no plano de nossa salvação. É como se cada um de nós, a título pessoal, tivesse merecido e se tivesse resgatado em Cristo. “Tôdas as riquezas infinitas de seu Sagrado Coração são nossas, mais realmente do que tudo quanto possuímos neste mundo, desde que Lhe estejamos unidos pela graça divina. Quisera gravar esta verdade em letras de ouro no vosso coração”. ⁴³

“Nada há que não possamos obter, desde que a nossa fé esteja à altura dessas riquezas que possuímos em Cristo”. ⁴⁴ Para que, então, deixarmo-nos abater por nossas deficiências pessoais? Não temos Cristo para dar remédio a tudo? “Quaisquer que sejam as nossas misérias, as nossas infidelidades, as nossas fraquezas, se nos unirmos estreitamente a Jesus pela fé e pelo amor, de tudo triunfaremos”. ⁴⁵

Adivinha-se o poderoso reconforto que as almas encontravam nessa espiritualidade. O que dava a tal ensino uma força única, era o acento irresistível com que êle se expressava. Sentia-se transparecer o drama íntimo de sua própria vida nas afirmações de impotência e de miséria, donde jorravam súbitamente, por contraste, ímpetos de amor e de apaixonada confiança em Jesus Cristo. Quantos de seus ouvintes — eu o sei — quedaram profundamente revolucionados!

“Que nos pode, portanto, impedir de alcançar a santidade? Já tenho trinta anos de sacerdócio. Quero dizer-vos o que me revelou a experiência das almas.

“Nossa vida espiritual deve gravitar em volta de dois polos:

— de um lado, a convicção íntima de que, sem o auxílio de Deus, somos incapazes de chegar à santidade;

— de outro, a certeza de que, com a graça de Deus, podemos atingir a mais sublime santidade.

43 *Carta a uma Religiosa*, Louvain, 2 de julho de 1896.

44 *Conferência*, Maredret, 23 de dezembro de 1913.

45 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, outubro de 1893 (autógrafo).

“Isto é o que S. PAULO compreendera. Afirma que somos “incapazes de conceber, por nós mesmos, qualquer pensamento bom”,⁴⁶ mas reconhece também que, com a graça de Deus, tudo podemos: “Tudo posso naquêle que me conforta”.⁴⁷⁻⁴⁸

A verdade, porém, que mais impressionou D. MARMION, foi o papel *instrumental* da Humanidade de Cristo. Eis o que dará à sua doutrina espiritual o máximo de realismo, tornando-se “uma das características do seu ensino”.⁴⁹ Talvez não haja teólogo que tenha dado tanto impulso a essa verdade, no domínio das realizações práticas.

“Tôdas essas riquezas infinitas, que o Pai depositou no Filho e que Jesus nos mereceu, Êle mesmo no-las aplica a título de causa instrumental”.⁵⁰ “Nosso Senhor permanece como fator principal de nossa santificação: “Sem Mim, nada podeis”.⁵¹ Cristo, vivendo no centro de nossa alma, trabalha para a nossa transformação em Si. O Filho de Deus, o Verbo permanece como ideal supremo; Cristo age continuamente em nós para imprimir-nos essa imagem de Deus, da qual é Êle o tipo perfeito”.⁵²

Com raro vigor de pensamento, D. MARMION compreendeu a posição singular de Cristo em nossa vida espiritual. Enquanto para muitas almas Cristo é um simples modêlo a imitar, para êle, Jesus é TUDO. “Frequentemente, negligenciam os autores espirituais essa verdade fundamental que, por assim dizer, lhes escapou, observa D. MARMION. Pelo contrário, acrescenta êle, quando se estudou S. TOMÁS, vê-se que êste grande Doutor, cujo olhar de águia perscrutava as verdades eternas, muito insistiu sôbre êsse ponto. Ensina-nos que tudo possuímos em Jesus Cristo: o modêlo de tôdas as virtudes, a causa meritória de tôdas as graças, o instrumento de nossa santificação, a causa adequada de tôda santidade. Quanto mais me adianto na vida, mais vejo que importa, aci-

46 II Cor. III,5.

47 *Philipp.* IV,13.

48 *Conferência*, Maredred, 16 de novembro de 1917.

49 *L'Union à Dieu*, por D. THIBAUT, pág. 46.

50 *Retiro*, Maredret, novembro de 1901.

51 *Joan.* XV,5.

52 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1905.

ma de tudo, mostrar às almas que possuem em Jesus Cristo tôdas as riquezas e todos os meios para atingir a mais alta perfeição".⁵³

O axioma fundamental

Essas verdades dogmáticas, enunciadas pela teologia clássica à maneira de teses abstratas e puramente escolásticas, tinham assumido na alma contemplativa de D. MARMION uma intensa vitalidade, dando à figura de Cristo um surpreendente relêvo. Para êle, Cristo era uma Presença, fonte de luz e de vida.

Donde o axioma fundamental:

TÔDA A NOSSA SANTIDADE CONSISTE EM NOS TORNARMOS PELA GRAÇA O QUE JESUS CRISTO É POR NATUREZA: FILHO DE DEUS.⁵⁴

Daí decorre outra verdade, não menos importante: *os graus de nossa vida espiritual medem-se pela nossa conformidade a Cristo*. "Quanto mais Deus vê seu Filho em cada um de nós, mais nos cumula com Seus dons",⁵⁵ pois Deus envolve num mesmo amor o seu Filho e a multidão de irmãos que fazem um só com Êle.

A graça excepcional de D. MARMION e a fôrça única de sua espiritualidade lhe advêm dêsse retôrno à simplicidade do plano divino: *Omnia restaurare in Christo*.⁵⁶ Outros autores espirituais o sobrepujam na profundeza das análises e nas descrições dos diversos estados da vida mística; nenhum o iguala no poder do cristocentrismo.

— "Se me perguntassem em que consiste a vida espiritual, responderia: "Cristo".⁵⁷

A antítese cristã: morte e vida

Ê sôbre o acontecimento mais fundamental do cristianismo, a morte e a ressurreição de Jesus, que, a exemplo de

53 *Conferência*, Maredret, 18 de abril de 1911

54 *Retiro*, Hayward's Heath, agosto de 1905 (ingl.).

55 *Ibidem*.

56 *Ephes.* I,10.

57 *Carta*, sem data. *Union*, pág. 53.

S. PAULO, construirá D. MARMION todo o edificio de sua espiritualidade. Cristo será tudo em sua moral e em sua mística, assim como em sua visão do dogma cristão. Ele não tem preocupação alguma de construir um sistema em torno de uma idéia abstrata. Parte de um fato histórico: Cristo morto e ressuscitado. A vida cristã apresenta-se-lhe então como uma participação na morte e na ressurreição do Salvador, como um prolongamento, em cada um de nós, dêsse duplo aspecto do mistério de Cristo. “Assim como toda a existência de Cristo se pode resumir nas duas palavras: “Morreu pelo pecado, só vive para Deus”, *mortuus est semel e vivit Deo*; ⁵⁸ “assim acontece com a vida do cristão”. ⁵⁹ Todo o cristianismo se reduz a êsse mistério de morte e de vida. Foi precisamente êsse retorno à essência do cristianismo que assegurou à doutrina de D. MARMION a sua irradiação de catholicidade e a sua perenidade.

Essa antítese radical decorre, por sua vez, de uma lei religiosa mais fundamental. Toda santidade implica necessariamente num duplo elemento: um de separação, e outro de união. A natureza das coisas assim o exige; não há aproximação de Deus senão pelo afastamento de tudo quanto é criado. E a nossa condição de pecadores não fêz mais do que acentuar êsse duplo aspecto negativo e positivo de inelutável antinomia que se oculta no âmago de toda santidade. Morte e vida constituem as duas fases correlativas e complementares de toda vida cristã.

Uma nota sem data, mas remontando por certo aos primeiros anos de seu apostolado monástico, provavelmente de 1895, revela-nos, a propósito de um plano de retiro, o segredo dessa intuição que se há de tornar, em D. MARMION, a estrutura básica de sua espiritualidade, o esquema-tipo de *Cristo, vida da alma*, de *Cristo, ideal do Monge* e de *Cristo, ideal do Sacerdote*. Em duas grandes partes se dividirá o retiro:

— Primeiro, “morrer com Jesus ao pecado, às imperfeições e a nós mesmos”.

— Depois, “ressuscitar com Ele para uma vida nova”.

“Vê-se”, observa o seu biógrafo D. THIBAUT, “que toda a

58 *Rom.* VI,10.

59 *Retiro*, Maredret, novembro de 1901.

armadura de sua obra fundamental aí se descobre, clara e simples, forte e poderosa".⁶⁰

O Abade de Maredsous permanecerá inviolavelmente fiel a êsse programa de partida, do qual haverá de tirar a seguinte máxima, de imenso alcance para a direção das almas: "Os graus dessa morte ao pecado determinam a própria medida de nossos progressos nos caminhos da perfeição".⁶¹

A morte ao pecado

Forma alguma de moral pode subtrair-se à luta contra o mal. O combate espiritual é a lei de nossa natureza decaída e radica-se na própria essência do mistério de nossa redenção. Ser santo, é triunfar em si das forças do mal.

Julgando do pecado, não como simples psicólogo mas como espiritual, D. MARMION considera-o, antes de tudo, o grande obstáculo à união divina e, sobretudo, uma ofensa ao Amor. "O pecado é o "não" da criatura a seu Deus que a convida à união consigo".⁶² Por nada no mundo se deveria aceitar cometer o mínimo pecado venial, "nem mesmo para impedir os maiores males: guerras, doenças, etc... Todos os sofrimentos dos homens, considerados em si mesmos, não conseguiriam apagar um só pecado venial".⁶³ Quanto ao pecado mortal, "torna a alma incapaz de toda união divina. O homem afasta-se de Deus. Se morresse, sua vontade achar-se-ia irrevogavelmente fixada, para toda a eternidade, nêsse abandono de Deus".⁶⁴ Sua expiação e seu perdão custaram o sangue de um Deus!

Sob a influência da literatura, do cinema, do rádio e de toda uma atmosfera de civilização pagã, as nossas mentalidades modernas perderam o sentido do pecado. O motivo mais profundo é que deixamos de ter o sentido de Deus.

Quanto a D. MARMION, a fé imprimira-lhe na alma violento horror ao pecado e a experiência sacerdotal fizera-lhe compreender as devastações que produz. Donde o lugar fun-

60 *Un Maître de la Vie Spirituelle*, pág. 121.

61 *Retiro*, Maredret, 1898.

62 *Retiro*, Maredret, novembro de 1901.

63 *Retiro*, Maredret, 1898.

64 *Plano de Retiro*, sem data (autógrafo).

damental que ocupavam, em sua espiritualidade, o sacramento e a virtude da penitência, remédios contra o pecado. Êle se preparava para a sua confissão por uma intenção tôda especial no santo sacrificio da Missa e professava verdadeiro culto a êsse sacramento.

Devido talvez a essa devoção ardente, é que compreendeu os seus maravilhosos efeitos.

“Além da graça santificante”, observa êle, “o sacramento da penitência opera na alma um enfraquecimento das raízes do pecado, uma maior firmeza e estabilidade no bem. Dá à inteligência uma luz sobrenatural para ver a beleza da virtude e a fealdade do pecado, comunicando à vontade um acréscimo de força para lutar contra os atractivos do mal e permanecer fiel a Deus. Se não houvesse obstáculo em nós, cada confissão debilitaria tanto o reino do pecado em nossas almas e tanto nos estabeleceria na virtude que estaríamos, segundo a doutrina de S. PAULO, verdadeiramente “mortos ao pecado e vivos para Deus”.⁶⁵ “Cada vez que fazemos uma boa confissão, os méritos infinitos de Jesus Cristo são oferecidos ao Pai Eterno; e S. GREGÓRIO declara que, por uma boa confissão, maior é a glória que damos a Deus do que a injúria que Lhe fizemos com os nossos pecados”.⁶⁶

Quando, na qualidade de teólogo perspicaz, D. MARMION retoma, um a um, os elementos clássicos do sacramento da penitência, sua análise é tôda penetrada do pensamento de Cristo. “Os atos do penitente associam-nos aos sentimentos interiores de Cristo, expiando todos os pecados do mundo. Comungamos na dor expiatória do Agonizante de Getsêmani”.⁶⁷

Perdoado o pecado, restam os seus traços: inclinações más, viciosas, profundamente ancoradas nas almas pecadoras, constituindo temível obstáculo à união perfeita. “Impõe-se vigorosa luta contar tôdas essas tendências malsãs; do contrário, edifica-se sôbre a areia. Quantas quedas, na aparência surpreendentes, quantas apostasias — mesmo na vida religiosa ou no sacerdócio — se explicam por essa falta de

65 *Rom.* VI,11.

66 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, outubro de 1898 (autógrafo).

67 *Retiro*, Maredret, 1901.

generoso combate contra si mesmo! Desmorona tudo repentinamente, mas desde muito tempo se achavam as almas arruinadas pelo orgulho, pelo amor-próprio, pela sensualidade".⁶⁸

Por conseguinte, é de "primordial" importância mortificar-se. "Os verdadeiros discípulos de Cristo, à imitação de seu Mestre, "crucificaram a carne e suas concupiscências desordenadas".⁶⁹ O mais importante papel da mortificação, o seu papel direto, imediato, consiste em assegurar-nos o controle sobre os maus instintos e em restabelecer o equilíbrio original, destruído pelo pecado".⁷⁰

O "foco da concupiscência" permanece em nós depois do batismo. Na terra, o homem se conserva sempre no embate, entre as paixões prontas a se desencadarem; donde a necessidade de contínua vigilância sobre os nossos sentidos e de controle de todas as nossas ações. O belo equilíbrio da vida dos santos é uma vitória, fruto de longos anos de ascese, muitas vezes heróica. A compunção estabelece no homem mortificado uma paz divina.

A penitência cristã desempenha outro papel de largo alcance sobre todo o corpo místico: a expiação co-redentora. "Cristo levou a Sua cruz, mas quis ser auxiliado por Simão Cireneu; assim, deixou a Seu corpo místico uma parte de sofrimentos a serem realizados. Tal é a segunda razão justificadora da mortificação: expiar, não somente por si, mas também pelos homens, seus irmãos. Se nos colocarmos nesse ponto de vista, compreenderemos as loucuras dos santos, a sua sede de imolação".⁷¹

D. MARMION coloca, antes de qualquer outra, a mortificação do dever de estado, a mais divina. "É "o peso do dia",⁷² a monotonia da vida, as nossas mil dificuldades cotidianas e, para as almas religiosas, a fidelidade absoluta à sua *Regra*".⁷³ Seus conselhos permanecem totalmente impregnados da discreção beneditina: êle prefere, às macerações vio-

68 *Ibidem.*

69 *Gal.* V,24.

70 *Retiro*, Maredret, 1901.

71 *Retiro*, Maredret, novembro de 1901.

72 *Matth.* XX,12.

73 *Retiro*, Maredret, novembro de 1901.

lentas, algo ostentadoras, “a mortificação comum a todos, a doença e os aborrecimentos de cada dia”. ⁷⁴ Tudo isso é requerido pela Providência e traça a cada um o verdadeiro caminho da santidade.

Não que êle afaste absolutamente os caminhos extraordinários; êstes, porém, estão sujeitos à ilusão e devem permanecer como apanágio de raros privilegiados. “Muito desejo que compreendais bem o meu pensamento a êsse respeito. Quando Deus chama para isso uma alma, as mortificações extraordinárias tornam-se-lhe elemento extremamente precioso de progresso espiritual: é o caso de S. MARIA MADALENA DE PAZZI. No entanto, a mortificação extraordinária é um *dom*; e, assim como haveria temeridade em pretender a contemplação infusa sem lhe possuir o *dom*, haveria também temeridade em dedicar-se à mortificação extraordinária. Vi almas sèriamente prejudicadas por se haverem lançado, sem chamamento, nessas mortificações extraordinárias. Então, Deus cessa de amparar-nos, a natureza segue seu curso, fica-se doente e muitas vèzes imortificado para o resto da vida. Cristo possui o Seu plano estabelecido para cada alma. Ficai tranqüilos; se os superiores não permitem grandes mortificações, Cristo vos enviará as que mais vos convêm. A Sabedoria infinita sabe como proceder. Se praticarmos as mortificações ordinárias como um complemento dos sofrimentos de Cristo, serão excelentes. Estou persuadido de que essas mortificações possuem uma virtude quase sacramental para produzir e conservar a união e o fervor nas almas; é necessário, porém, estejamos convencidos de que as nossas mortificações não têm valor senão enquanto unidas às de Cristo”. ⁷⁵

Tais são os principais efeitos dessa virtude de penitência que, segundo D. MARMION, é animada pelo espírito de compunção, do qual tratará amplamente no estudo das virtudes monásticas. Essa detestação do mal que pessoalmente cometemos, mantém nas almas o inflexível e salutar ódio do pecado, uma das mais poderosas alavancas da vida espiritual para as guardar de todo mal. Tal sentimento de contrição

⁷⁴ *Ibidem.*

⁷⁵ *Retiro, Marcédret, 1901.*

expia o pecado, consolida o presente, preserva de tóda recaída e faz entrar sacramentalmente a ascese cristã na irradiação da graça de Cristo.

Tóda espiritualidade cristã baseia-se no mistério da cruz. O *agendo contra* de S. INÁCIO, como a “vereda do nada” de S. JOÃO DA CRUZ, são apenas expressões diversas de uma mesma necessidade de morte, condição indispensável de uma vida nova em Deus. Discípulo de S. PAULO, D. MARMION estabeleceu, na base de sua própria doutrina, morte implacável ao pecado e luta vigorosa contra tódas as tendências viciosas de nossa natureza. Para êle, como para todos os grandes espirituais, a mortificação não tem valor em si mesma, sendo porém, para a nossa natureza ferida, uma ascese necessária, e, por acréscimo, em união com Cristo, um meio de expiação e de redenção.

A vida em Deus

Quanto mais se analisa a espiritualidade de D. MARMION, mais transparece a dominação soberana de Cristo. Sua concepção pessoal de uma vida de intimidade com Deus não se desenvolverá segundo o ritmo hierarquizado de uma moral das virtudes, mas segundo o movimento de uma vida tóda centrada em Cristo. Tomará sua estrutura e seu dinamismo, não da sistematização de um S. TOMÁS DE AQUINO, mas da antítese pauliana e bíblica de uma morte ao pecado, seguida por uma ressurreição em Cristo, quintessência de tóda vida cristã.

O batismo é o símbolo privilegiado dessa morte e dessa ressurreição: “Pelo batismo, somos sepultados com Jesus Cristo, a fim de morrer ao pecado e iniciar uma vida nova com Cristo ressuscitado. Se fômos fiéis à graça do nosso batismo, essa morte ao pecado e essa ressurreição com Cristo tornar-se-ão cada vez mais perfeitas. Um santo é um ser morto ao pecado, e vivo dessa vida gloriosa com Jesus Cristo”.⁷⁶

A alma beneditina de D. MARMION quedara profundamente impressionada pelo sentido batismal da liturgia pas-

76 *Retiro*, Jupille, julho de 1907 (autógrafo)

cal. O suntuoso desenrolar, em sua abadia, das cerimônias do Sábado santo, o seu simbolismo tão evocador do mistério de morte e de vida de toda vocação cristã, de cada vez lhe renovavam na alma a consciência da sublime grandeza de nossa filiação divina e das riquezas da graça de adoção. Todo o seu ser exultava, e o seu reconhecimento erguia-se então para Cristo que o salvara.

De bom grado volta êle aos múltiplos textos onde S. PAULO descreve os esplendores dessa vocação batismal. O simbolismo, porém, que lhe atrai as preferências, é o da *Epistola aos Romanos*, onde o Apóstolo enuncia, com o máximo vigor, a identificação do batizado com Cristo, morrendo com Êle ao pecado e com Êle ressuscitando para uma vida nova, toda para Deus. Porque é “uma morte em vista da vida, uma misteriosa substituição que nos permite reproduzir em nós os pensamentos, as maneiras de ver, as disposições do Filho de Deus, numa palavra, que nos torna “outros cristos”.⁷⁷

Assim vinculada ao mistério de Jesus, nossa vida cristã aparece-lhe como extensão, em nós, de sua Filiação eterna. A doutrina de D. MARMION, toda orientada para a graça de adoção, não podia deixar de sublinhar êsse aspecto do sacramento de nossa regeneração. Seu pensamento toma amplitude, desde que êle toca nêsse magno tema de sua espiritualidade: “Considerai a caridade que Deus Pai nos manifestou, a ponto de nos tornar Seus filhos”.⁷⁸⁻⁷⁹ E todos os desenvolvimentos de sua doutrina espiritual vêm aqui inserir-se nas perspectivas do batismo: “Todos os batizados revestem-se de Cristo. Quando o Pai Eterno nos olha, vê-nos em seu Filho. Reconhece em nós as feições de seu Filho e, quanto mais somos imagens de seu Filho, quanto maior se torna a nossa união com Êle, mais nos tornamos também o objeto das complacências do Pai”.⁸⁰

Familiarizado com a doutrina do Concílio de Trento, D. MARMION compreendeu a profundidade com que a vida de Cris-

77 *Retiro*, Maredret, 1898.

78 *Ibidem*.

79 I *Joan.* III,1.

80 *Conferência*, Maredret, 22 de abril de 1914.

to penetra nas almas regeneradas pelo batismo. Interpreta as fórmulas de S. PAULO no sentido mais realista. O cristão "reveste-se de Cristo", isto é, torna-se verdadeiramente "outro Cristo". A Cabeça e os membros não fazem mais que um repete êle com ousadia. "No dia de nosso batismo, temos o direito de nos apresentarmos ao Pai Eterno e de dizer-Lhe: *Ego sum primogenitus tuus*, "Eu sou o vosso Filho primogênito". ⁸¹ Podemos falar-Lhe e agir em nome de Cristo. E Deus, vendo em nós os traços de seu Filho, olhar-nos-á complacente. Agradar-Lhe-á o que fazemos, não em nosso nome, como proveniente de nós, mas em nome de seu Filho". ⁸²

Ressuscitado com Cristo, o cristão comunga na Vida trinitária. D. MARMION não podia deixar de indicar êsse aspecto fundamental de nossa vocação baptismal. Se a sua graça pessoal o detém, antes de tudo, nas perspectivas paulianas de uma morte e de uma vida em Cristo, o seu pensamento de teólogo também penetrou profundamente as riquezas trinitárias da nossa graça baptismal. Esta nos dá "participar da natureza divina", "reside na essência da alma", enriquece-nos "com as três virtudes teologais" e "com os dons do Espírito Santo", permitindo-nos entrar na intimidade das Três Pessoas divinas. "O batismo contém em germe *tôda* a santidade". ⁸³

O sentido de Cristo e da Igreja sempre reconduziram o pensamento de D. MARMION a essas fontes, que são as mais autênticas de nossa vida cristã. "*Freqüentemente*, sou levado por Nosso Senhor a fazer reviver em mim a graça do meu batismo, da minha confirmação e da minha ordenação". ⁸⁴

Poucos autores radicaram tão profundamente na doutrina sacramental a sua própria espiritualidade.

A transformação em Cristo

A Eucaristia, que domina a vida cotidiana da Igreja militante, ocupa lugar primordial na síntese de D. MARMION. O momento da Comunhão aparecia-lhe como "ponto culminante" de nossa vida espiritual, instante supremo de nossa

⁸¹ *Gen.* XXVII,19.

⁸² *Conferência*, Maredret, 4 de março de 1910.

⁸³ *Carta a uma Carmelita*, Maredsous, 9 de maio de 1917.

⁸⁴ *Carta a uma Carmelita*, Saint-Gérard, 4 de setembro de 1918.

união a Cristo. E o Abade de Maredsous gostava de citar a seus monges a “notável secreta” da festa de S. INÁCIO DE LOROLA, na qual a Igreja designa a Eucaristia como “fonte de tôda santidade”.⁸⁵

O mistério do altar foi sempre o centro concreto da vida pessoal de D. MARMION. Como poderia deixar de ser assim? A Eucaristia, é *Cristo presente em Pessoa*. Jovem monge, escrevia D. COLUMBA em suas *Notas Intimas*: “Vejo, com clareza, que este Sacramento é a grande fonte de graças. Nêle, Jesus nos traz, com o Espírito Santo, tôda espécie de benefícios e favores. Compreendo claramente que, se pudesse fazer de minha vida uma continua preparação à Missa e uma incessante ação de graças, receberia no momento do santo Sacrifício graças em grau extraordinário”.⁸⁶

Talvez não haja tema ao qual volte com tanta frequência e, de seus ensinamentos, poder-se-ia extrair magnífico opúsculo de doutrina eucarística. A Missa constituiria o ápice. Guiado por um sentido profundo da liturgia, é sempre de acôrdo com as suas verdadeiras perspectivas, sacrificais, que êle penetra na compreensão dêsse sacramento: “A Comunhão conclui a nossa união com Cristo, iniciada pela oferta do Sacrifício”.⁸⁷

Fiel ao pensamento dos Padres da Igreja, considera essa Presença de Cristo entre os homens como extensão do mistério da Encarnação. De bom grado utiliza o texto clássico de S. TOMÁS, eco de tal tradição, onde se afirma que a Eucaristia, como Sacramento e como Sacrifício, aplica a cada homem em particular todos os benefícios trazidos ao mundo pela Encarnação redentora.⁸⁸ “São os mesmos efeitos que se obteriam assistindo à morte de Cristo no Calvário”.⁸⁹

85 *Retiro*, Maredsous, 19 de setembro de 1919. — *Secreta*: ... *ut sacrosancta mysteria, in quibus omnis sanctitatis fontem constituisi, nos quoque in veritate sanctificent*.

86 *Notas Intimas*, festa do Sagrado Coração, 1888 (ingl.).

87 *Retiro*, Maredret, novembro de 1901.

88 *Sicut in mundum visibiliter veniens, contulit mundo vitam gratiæ... ita, in hominem sacramentaliter veniens... Et... effectum quem Passio Christi fecit in mundo, hoc sacramentum facit in homine* (III,79,1).

89 *Sermão*, Bouvignes, 30 de junho de 1897 (autógrafo).

D. MARMION haverá sempre de considerar a Eucaristia como o foco por excelência de tôda vida cristã. Ali está Cristo, que nos quer comunicar pela Hóstia a Sua vida divina: “Assim como Eu vivo pelo Pai, assim o que Me comer a Mim, viverá por Mim”.⁹⁰ Ele interpreta essas palavras de Jesus, atribuindo-lhes um sentido de eficiência, mas também de finalidade. *Vivo propter Patrem*. Quanto a Mim, tenho o meu Ser e a minha Vida, tudo recebo de meu Pai; e, porque d’Ele recebo tudo, só vivo para Ele. Assim, tudo recebendo de Mim, Eu desejo que só vivais para Mim”.⁹¹

Esse texto de S. João dar-lhe-á, repetidas vêzes, ocasião para um profundo comentário espiritual. “Assim como procedo de meu Pai e vivo por Ele, isto é, da Vida que Ele me comunica, também aquêle que Me come viverá por Mim, da vida que Eu lhe comunico”. Viver assim da vida de Cristo, eis a perfeição suprema. Considerai a santa Humanidade de Cristo, a Sua alma, a Sua vontade, o Seu coração, tôdas as Suas energias como tomando origem nessa Divindade do do Verbo que procede do Pai. Porque tôdas as Suas faculdades e todos os Seus atos procedem dessa Divindade, é que n’Ele tudo é divino. Guardando-se a devida proporção, a Santa Comunhão deve realizar o mesmo em nós: mergulhando tôdas as nossas raízes na sua Divindade, vivemos de Cristo como Cristo vive de seu Pai”.⁹²

Ele conhece todo o valor do simbolismo sacramental, mostrando-nos nêsse “Pão da vida”⁹³ o alimento das almas, e sabe lembrá-lo na ocasião oportuna. Cristo instituiu êste Sacramento sob a forma de pão e de vinho. Ele mesmo disse: “A minha Carne é verdadeiramente comida, e o meu Sangue é verdadeiramente bebida”.⁹⁴ Alimento espiritual, sustenta as nossas fôrças, repara-as, enche-nos de vigor e de alegria, torna-nos capazes de executar com perfeição tôdas as ações de nossa vida. Quando recebemos a Sagrada Comunhão, reanima-se a fôrça de nossa alma. Temos então

90 *Joan.* VI,58.

91 *Reliro*, Maredret, novembro de 1901.

92 *Reliro*, Maredret, dezembro de 1905.

93 *Joan.* VI,35.

94 *Joan.* VI,56.

mais coragem, mais generosidade, maior capacidade para realizar, em vista da maior glória de Deus, atos acima de nossas possibilidades humanas".⁹⁵

Todavia, deixando a outros o cuidado de uma análise detalhada dos efeitos desse alimento espiritual, êle vai, segundo o instinto profundo de sua alma, direto a Cristo, "fonte de vida". Cada sacramento nos traz uma graça especial, em harmonia com as exigências de nossa vida espiritual. O batismo é o sacramento que nos incorpora a Cristo e faz de nós, pela graça, o que Jesus é por natureza, filhos de Deus. A confirmação constitui-nos perfeitos cristãos e soldados de Cristo, testemunhas de Deus no mundo, se necessário até ao martírio. A Eucaristia opera a nossa transformação em Cristo.

Eis o aspecto central que prende a atenção de D. MARMION, em harmonia com as linhas gerais de sua espiritualidade. Impressionou-o um texto de S. TOMÁS DE AQUINO, que corresponde adequadamente a suas próprias aspirações interiores e que êle explorará com vigor inigualado. O santo Doutor "ensina que o efeito formal da comunhão é de "transformar o homem em Cristo pelo amor", *transformatio hominis in Christum per amorem*".⁹⁶⁻⁹⁷

"O efeito próprio da santa Eucaristia consiste, pois, em transformar-nos cada vez mais em Jesus Cristo. A alma que recebe êsse Sacramento com as devidas disposições, une-se a Cristo e à sua Divindade, a ponto de fazer um só com Êle. Pela fé, os pensamentos de Cristo se tornam os seus próprios pensamentos; pelo amor, os desejos de Cristo os seus próprios desejos, e as vontades de Cristo as suas próprias vontades num perfeito abandono. Opera-se tal transformação que a alma pode dizer: "Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim".⁹⁸ Se me fôra possível empregar êsse barbarismo, eu diria que a ação da Eucaristia consiste em "cristificar-nos".⁹⁹

95 *Retiro*, Maredret, 1905.

96 SANTO TOMÁS, *Sentenças*, IV, D. 12, Q. 2, a. 1.

97 *Retiro*, Maredret, 1905.

98 *Gal.* II, 20.

99 *Conferência*, Maredret, 1916.

Em última análise, ainda neste caso encontramos a intuição fundamental de sua espiritualidade: pela comunhão eucarística, “tornamo-nos outro Cristo”. Cristo nos conduz ao Pai, e a nossa comunhão eucarística termina-se na intimidade da Trindade. “Jesus, segunda Pessoa da Santíssima Trindade, é inseparável das outras Pessoas divinas”. “Não sabeis que Eu estou no Pai, e que o Pai está em Mim?”¹⁰⁰ “Quando recebemos a santa Comunhão, possuímos em nossos corações tôda a Trindade, pois que o Pai e o Espírito Santo acompanham necessariamente o Filho”.¹⁰¹

“Quando, pela Humanidade de Cristo, entramos em comunhão com o Verbo, Ele nos arrebatava através o véu do Santo dos santos, *usque ad interiora velaminis*,¹⁰² e leva-nos consigo “ao seio do Pai”, *in sinu Patris*.¹⁰³ Então, consuma-se a nossa perfeita “comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo”, com tôda a Trindade, e, ao mesmo tempo — ó maravilha! — com todo o corpo místico de Cristo, pois “Cristo possui um corpo místico que é a Igreja e a nossa união com a Humanidade de Cristo não pode existir sem a nossa união com todos os Seus membros. Se quisermos estar unidos à santa Humanidade de Jesus no momento da Comunhão, forçoso nos é abraçar num mesmo amor Cristo e todos os Seus membros”.¹⁰⁴

O pensamento de D. MARMION jamais permanece encerrado na restrita moldura de uma piedade individualista e retraída em si mesma; sempre se desenvolve segundo os vastos horizontes da Igreja, cujo Sacramento de unidade é a Eucaristia.

Os outros aspectos complementares de sua doutrina eucarística acusam a constante influência de seu cristocentrismo.

A *disposição* fundamental da alma que vai comungar reduz-se a um ardente desejo de união a Cristo. “A Eucaris-

100 *Joan*, XIV,10.

101 *Sermão*, Bouvignes, 30 de junho de 1897 (autógrafo).

102 *Hebr.* VI,19.

103 *Joan*, I,18.

104 *Conferência*, Maredret, 12 de junho de 1914.

tia é o sacramento por excelência de nossa união com Cristo, *sacramentum unionis*. Que significa “união”? Fazer só “um com”, *unum esse cum*. Para que exista a união entre duas pessoas, é necessário que uma não ache na outra algo de incompatível consigo. Devemos, pois, entregar-nos totalmente a Cristo, a fim de que Ele possa identificar-Se conosco”.¹⁰⁵

O mesmo movimento de união deve animar os minutos, tão divinos, da ação de graças. “O que se impõe, desde o início, é a adoração. Cristo acha-Se presente em Sua imolação de amor; aniquilai-vos na sua Presença. Se nada sentis, não vos perturbeis, não vos surpreendais: a Eucaristia é o *mysterium fidei*,¹⁰⁶ um mistério de fé. Muitas vezes, quer Cristo que não experimentemos o sentimento de Sua presença, mas apenas a convicção de que é verdade o que Ele disse e de Ele está ali, realmente presente em nossa alma. Sendo a Santa Comunhão um “mistério de fé”, muitas vezes apraz a Nosso Senhor deixar-nos na fé pura. Tenhamos a convicção de que Deus está presente no santuário íntimo de nossa alma, muito além de qualquer sentimento, e peçamos-Lhe que nos identifique consigo”.¹⁰⁷

Tendo uma vasta compreensão das necessidades das almas, o Abade de Maredsous faz questão, acima de tudo, de respeitar-lhes a liberdade com Deus. “O melhor para cada um, é seguir as inspirações do Espírito Santo. É impossível fixar uma regra. Querer introduzir Cristo em quadros já prontos, é entrar-Lhe a ação e estorvar a nossa devoção pessoal”.¹⁰⁸ “Podeis prostrar-vos aos pés do Salvador e chorar os vossos pecados com Madalena, ou encerrar-vos no sepulcro com Cristo, ou ainda, refugiar-vos em seu Coração. Podeis também escutar serenamente as palavras de vida que saem de Seus divinos lábios”.¹⁰⁹

De acôrdo com a graça fundamental de sua vida, a sua atitude predileta consistia em perder-se em Jesus Cristo e em

105 *Retiro*, Maredret, 1905.

106 *Missa*, palavras da Consagração.

107 *Retiro*, Maredret, 1905.

108 *Ibidem*.

109 *Retiro*, Maredret, 1898.

“unir-se ao Verbo para cantar com Êle a glória do Pai”.¹¹⁰ Para êle, “a melhor ação de graças, era o próprio Jesus Cristo”.¹¹¹

Vida de união a Cristo

O autor de *Cristo, vida da alma*, de *Cristo em Seus mistérios*, e mesmo de *Cristo, ideal do Monge*, não é um moralista que disserta metódicamente sôbre os múltiplos elementos do nosso organismo sobrenatural. Não tem o cuidado de perscrutar cada uma de nossas virtudes até às suas últimas ramificações, a fim de construir, sôbre plano científico, uma completa moral das virtudes e dos dons. Não se preocupa, tão pouco, com traçar às almas um itinerário de ascensão para Deus e com fixar-lhe as etapas. Não é, nem um S. TOMÁS DE AQUINO, nem um S. JOÃO DA CRUZ. Sua graça própria é a de conduzir as almas a Cristo, de ensinar-lhes a recebê-lo pela fé, a identificar-se com Êle pelo amor e pela fidelidade. Que importam as suas fraquezas, as suas quedas até! Entreguem-se totalmente a Cristo com invencível confiança nos Seus méritos salvadores e Êle próprio as conduzirá a seu Pai. Verdadeiro sôpro místico atravessa essa espiritualidade no belo equilíbrio e no impulso de um cristocentrismo inteiramente arrebatado com o Filho para a consumação da união “no seio do Pai”.

O contato com Cristo opera-se *pela fé*. D. MARMION volta incessantemente à reflexão de S. João, a propósito da vinda do Verbo Encarnado entre os homens: “Só O receberam aquêles que creram no Seu nome”, *qui credunt in nomine ejus*.¹¹² Capital doutrina, que mostra o papel primordial da fé na base de nossa vida espiritual. É tão essencial esta primeira das virtudes teológicas que só ela permitiu aos próprios Apóstolos receberem Cristo como Filho de Deus e Salvador. Nossa adesão de fé opera ainda em nós o miraculoso contato com Cristo: o de nos tornar “contemporâneos Seus”. Nada temos que invejar aos Apóstolos e aos Discípulos de Jesus,

110 *Ibidem*.

111 *Ibidem*.

112 *Joan. I,12*.

que O encontraram nas terras da Galiléia e da Judéia. “Por que murmurar com tristeza ou pesar: “Ah! se eu pudera ver Cristo e viver com Êle, ouvir Suas palavras como a Virgem, servir o Salvador com as santas mulheres, permanecer a Seus pés como Maria Madalena, que progressos teria feito em santidade!” Todavia, considerai os Apóstolos. Tinham passado três anos na companhia e na intimidade do Mestre. Tinham ouvido os Seus discursos e visto os Seus milagres, mas forçoso é confessar que, ao fim dèsses três anos, ainda não haviam alcançado a perfeição. Por quê? Uma das razões é que Deus nos quis demonstrar, dessa maneira, ser mais proveitoso o contato com Cristo pela fé que a Sua presença corporal. “Bem-aventurados os que não viram, e creram”.¹¹³ “Quanto menos se vê, mais lugar existe para a fé. Estamos, por conseguinte, em melhores condições. Assim, quanto mais ocasiões temos de aumentar os nossos méritos, mais profunda se revela a ação de Cristo em nossas almas”.¹¹⁴ “Entra-se na posse de Cristo pela fé. Quanto mais profunda esta fé, mais se torna Cristo vivo em nós, mais nos comunica Sua filiação e tôdas as Suas virtudes”.¹¹⁵ D. MARMION é afeiçoado ao pensamento de S. AGOSTINHO: “Aproximamo-nos de Cristo, não por passos, mas pela fé”. *Propinquamus Salvatori non passibus sed fide*. “Quanto mais viva a nossa fé, mais perto nos achamos de Cristo”.¹¹⁶

Não se trata de uma fé teórica e abstrata, mas de uma viva e concreta, que nos lança em adoração diante do Filho de Deus. Não porque D. MARMION minimize o caráter de adesão intelectual de nossa fé à Verdade divina. A direção de numerosos estudantes e professores da Universidade de Louvain, em pleno período de modernismo, a sua experiência das almas contemplativas e dos meios protestantes, haviam-lhe revelado o drama íntimo da inteligência em face do mistério da fé. Seus cadernos de aulas atestam a rara profundidade com que êle penetrara as legítimas exigências da razão humana em presença da Palavra de Deus. O vigoroso tem-

113 *Joan. XX,29.*

114 *Retiro, Mare-dret, 1905.*

115 *Ibidem.*

116 *Conferência, Mare-dret, 16 de março de 1910.*

peramento intelectual do professor de Mont-César em Louvain teria protestado com veemência contra qualquer interpretação demasiado sentimental ou anti-intelectualista de sua concepção da fé. Nêle, porém, domina o espiritual; e a luz divina, recebida em sua alma, sempre se conclui numa atitude adoradora em presença de Cristo. Seu pensamento intuitivo corre por instinto à verdade suprema, animadora de sua vida: "Crer é entregar-se a Jesus Cristo".

Sua fé pessoal o atrai irresistivelmente para êsse mistério central e, através de Cristo, atinge êle tôdas as outras verdades do cristianismo. *Hoc est testimonium Dei... quoniam testificatus est de Filio suo.*¹¹⁷ O que significa: tôda a Revelação se acha contida no testemunho que Deus nos dá, afirmando-nos que Jesus é seu Filho. Tôda a nossa fé se contém na aceitação dêsse testemunho de Deus. Se cremos na Divindade de Cristo Jesus, se cremos que Êle é na verdade o Filho de Deus, simultâneamente aderimos a tôda a Revelação do Antigo Testamento, que acha sua realização em Jesus Cristo, e também à do Novo Testamento, pois todo o ensino dos Apóstolos e da Igreja se resume na revelação de Jesus Cristo. Portanto, quem crê na Divindade de Cristo aceita, de um só jacto, tudo quanto Deus revelou. Jesus é o *Verbum Incarnatum*, o Verbo Encarnado. Ora, o Verbo exprime tudo quanto Deus é, e tudo quanto Êle conhece. Êsse Verbo que Se encarna revela-nos tudo e, pela fé, aceitamos tudo quanto diz. Compreende-se então que a fé em Jesus Cristo seja o fundamento de tôda a vida espiritual. Ninguém pode estabelecer outro fundamento além dAquêle já estabelecido pelo próprio Deus: Cristo Jesus.¹¹⁸

Eis-nos reconduzidos ao texto paulino de D. MARMION não cessará de retomar em quase todos os seus retiros, até o fim da vida. Nêle existe a convicção inabalável, gravada no mais íntimo de seu ser, de que Cristo é o único fundamento de tôda santidade. A seus olhos, tôdas as outras verdades da fé se eclipsam diante dessa verdade primordial que constitui o centro de irradiação de todos os mistérios cristãos. "Tornamo-nos filhos de Deus por adoção, participamos da vida

117 I Joan. V,9.

118 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1916.

divina se cremos que Jesus é Filho de Deus". — "Nascer de Deus é identificar-se com Jesus Cristo pela fé em sua Divindade". — "Quanto mais se torna essa crença o eixo, a fonte, o princípio de nossa atividade, inais intensa é a nossa vida sobrenatural, mais somos filhos de Deus". — "Nasceram de Deus e venceram o mundo", atesta S. João, "aquêles que crêem que Jesus é o Filho de Deus". 119-120

Esta fé na Divindade de Cristo é "a base do cristianismo". 121 "Tudo aí se encerra". 122 "Um só grito de fé e amor deveria brotar a cada instante da alma cristã: "Cristo é Filho de Deus!" Seria então "dar ao Pai uma glória imensa". Semelhante ato de fé transformaria a nossa vida num eco incessante do Ato eterno pelo qual o Pai dá origem a seu Verbo, dizendo-Lhe: "Tu és meu Filho, hoje Te gerei na eternidade", *Ego hodie genui Te. Filius meus es Tu*. 123 Por essa proclamação de nossa fé, proclamação de que Jesus é Filho de Deus, "estamos em harmonia" com o Pai Eterno". 124

As conseqüências de tal atividade da fé se fazem sentir em tôda a nossa vida espiritual: "esperança, amor, efflorescência de tôdas as virtudes e de todos os dons do Espírito Santo"; há, porém, um efeito que a todos resume: "Essa viva fé entrega-nos a Jesus Cristo e O estabelece em nossos corações". 125 "Enche-nos da vida e da virtude de Jesus Cristo", 126 até que se cumpra em nós o programa, de que o próprio Apóstolo foi a viva realização: a perfeita substituição dos nossos pensamentos e sentimentos pelos de Jesus: "Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim"; *Jam non ego, vivit vero Christus in me*. 127-128

Por certo, não quer isto dizer que as obscuridades congênicas do regime da fé se tenham desvanecido para ceder

119 I Joan. V,4-5.

120 Conferência, Maredret, 26 de abril de 1911.

121 Conferência Sacerdotal, Louvain, por volta de 1905 (autógrafo).

122 Retiro, Maredret, 1905.

123 Ps. II,7. — Act. XIII,33. — Hebr. I,5;V,5.

124 Conferência, Maredret, 9 de maio de 1911.

125 Conferência Sacerdotal, Louvain, dezembro de 1905 (autógrafo).

126 Retiro Sacerdotal, Louvain, outubro de 1898 (autógrafo).

127 Gal. II,20.

128 Conferência Sacerdotal, Louvain, dezembro de 1905 (autógrafo).

lugar à plena luz. Freqüentemente, exalta D. MARMION as duas qualidades inseparáveis de nossa vida de fé sôbre a terra: a sua infalível certeza que se baseia na veracidade de Deus, mas também as suas sombras, suas hesitações, suas dúvidas até; e muitas vêzes se há de ouvir, em sua correspondência íntima, a repercussão da aridez de sua fé, todavia inabalável. Nas horas de mais profunda obscuridade e de flutuação, quando êle, celebrando o santo sacrifício, chegar ao momento da consagração, redobrará de fervor e, reunindo tôdas as fôrças vivas de sua alma, repetirá a Cristo com ardor: *Tu es Christus Filius Dei vivi*.¹²⁹ “Tu és Cristo, Filho de Deus vivo”.

Todos os santos passaram por essas tremendas purificações de sua vida de fé. Em D. MARMION, apesar de violências e rápidas trevas, a fé permanecia habitualmente luminosa e serena, imutável como rochedo. Era de um místico e de um doutor a sua fé.

Nêle, não se observa traço algum das dolorosas angústias dos incrédulos convertidos, nenhuma atitude dramática de luta contra a fé, mas a firme posse de uma verdade que o guia através de tudo, fazendo-o viver em presença de Cristo. Presença não sentida. Quase sempre, caminhava êle também “pela vereda da pura fé”.¹³⁰ Mas a lembrança de tantas luzes recebidas e a sua inabalável confiança na Palavra de Cristo ampará-lo-ão nas horas em que, como os outros santos, deverá também avançar para Deus na noite.

Mesmo num S. JOÃO DA CRUZ, a vida de fé passa por essas alternativas de obscuridade e de iluminação. Se Deus, para instrução e consolação dos contemplativos na Igreja, suscitou um Doutor místico da genial dimensão de S. JOÃO DA CRUZ, a fim de ensinar-lhes a caminharem para Deus na nudez da fé, não se deve esquecer que o santo do Carmelo permanece tanto o Doutor da luz quanto o Doutor da noite. A última fase das purificações passivas termina-se em uma noite transluminosa, aurora da visão.

Na Igreja, grandes santos haverá, tais como S. AGOSTI-

129 *Matth.* XVI,16.

130 *Notas Intimas*, 17 de fevereiro de 1895 (ingl.); *Carla*, março de 107 (ingl.).

NHO ou S. TOMÁS DE AQUINO, com a missão de manifestar um aspecto não menos essencial, o lado luminoso da fé: o *lumen fidei*. É nessa categoria que se deve classificar D. MARMION. “A fé é o coroamento magnífico da nossa inteligência, uma luz que nos permite transpor as fronteiras do mundo da natureza, um suplemento às nossas impotências intelectuais. Nosso horizonte amplia-se ao infinito, pois a fé nos concede penetrar nos segredos de Deus”.¹³¹ “É ela que produz a estabilidade e a unidade da nossa vida espiritual”.¹³² “Quando a nossa alma está cheia de fé, a nossa vida inteira se torna um reflexo da vida de Deus. Na vida de muitos cristãos, é bem escassa a contribuição da fé: nove décimos dos atos que praticam, procedem de um princípio puramente natural. Utilizam a fé quando vão à igreja, quando oram e, no resto da existência, vivem segundo as luzes naturais da inteligência”.¹³³ Quanto a Cristo, via tudo à luz do Verbo. “O filho de Deus por adoção, quando cheio de fé, vive também sob o olhar de Deus, não só no momento da oração, mas durante o dia inteiro: vê as coisas a uma luz divina, à luz da Bondade, do Poder, da Providência divina. Para êle, todo o universo canta o Senhor: as montanhas, o mar, os espetáculos da natureza. Tudo lhe fala de Deus, e êle regosija-se com as obras de Deus, regosija-se com as obras de seu Pai, acha prazer em descobri-Lo na criação”.¹³⁴

Elevando-se então até à ciência eterna do Pai, modelo de nosso conhecimento de Deus pela fé, prossegue o teólogo: “Que contempla sem cessar o Pai Eterno? O seu Verbo. O Pai contempla seu Filho. Nêle, vê tudo. Quando o Verbo se fêz carne, não deixou de ser Deus e o objeto de tôdas as complacências do Pai. O Pai Eterno conhece o Filho como jamais criatura alguma O conhecerá. Só êle sabe apreciar o valor todo divino do que faz o seu Filho. Aos olhos do Pai, os mínimos gestos de Jesus, uma oração, um suspiro, assumem valor infinito por serem as ações de seu Filho. Se possuíssemos a fé, seria ilimitada a nossa apreciação das obras

131 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1916.

132 *Retiro*, Maredret, 1898.

133 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1916.

134 *Ibidem*.

de Cristo Jesus, de Seus méritos, de tudo quanto n'Ele existe. Quando rezamos, "nossa fé é hesitante, assemelhando-se, como diz S. TIAGO, às ondas do mar, sacudidas pelo vento". ¹³⁵ É que não sabemos apreciar Cristo Jesus como O aprecia o Pai Eterno; não temos suficiente fé em Seus méritos, não possuímos a participação no conhecimento que Deus tem de seu Filho". ¹³⁶

"Uma vida na fé estabelecer-nos-ia para sempre na luz divina, veríamos tôdas as coisas com o olhar do Pai". ¹³⁷ "Deveríamos, na terra, viver de Deus na luz da fé, como no Céu os bem-aventurados na luz da glória", em face de Deus no Cristo". ¹³⁸

A fé ardente de D. MARMION desabrochava em confiança ilimitada no poder salvador de Cristo. Esse confiante olhar dirigido a Cristo, assinala tipicamente a sua concepção pessoal da *esperança* cristã. Se essa virtude teologal encontra o supremo ponto de apóio na Misericórdia de Deus e na sua Onipotência auxiliadora, não deixa de realçar-lhe as inesgotáveis riquezas da Redenção de Cristo. Desde que D. MARMION evoca a lembrança dos méritos infinitos do Salvador, sua alma exulta, sua própria miséria não mais importa. Arrebata-o a mesma confiança audaciosa dos maiores santos e, apesar da aguda consciência de sua fragilidade de pecador, êle não desespera de atingir a mais alta perfeição. Sente-se filho de Deus e, em virtude de sua graça de adoção, ousa considerar, como seu próprio bem, a infinita plenitude de graça do Filho unigênito do Pai.

Há, sobretudo, um texto do Apóstolo que será frequentemente desenvolvido por êle e que lhe fará jorrar do coração um magnífico comentário vivo onde permanece inegável o acento autobiográfico. "S. PAULO gloria-se de *tudo* receber de Jesus Cristo, de ser n'Ele imensamente rico, de não ser em si mesmo senão fraqueza, enfermidade e miséria. Eis porque, ao considerar apenas as riquezas que Cristo lhe confere, o Apóstolo, não obstante a sua humildade, não pode dei-

135 *Jac.* I,6.

136 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1916.

137 *Conferência*, Maredret, 11 de setembro de 1913.

138 *Ibidem.* — *Retiro*, Erdington, 1902 (ingl.).

nar de gloriar-se. Sente em si dois homens, um pobre e miserável, outro todo resplandescente dos méritos de Cristo. Por isso, voltando a si após o sublime êxtase, exclama: “Relativamente a êste homem — arrebatado ao terceiro céu — poderia gloriar-me; mas, quanto a mim, de nada me gloriarei, senão nas minhas enfermidades”. E acrescenta as surpreendentes palavras: *Libenter gloriabor in infirmitatibus meis*.¹³⁹ “Sim, quanto a mim, de boa vontade me gloriarei da minha fraqueza”. Para quê? “Para que resplandeça em mim o poder de Cristo”. Nós também, temos as nossas horas de tentação e abatimento. Sente-se a própria miséria; nada se vale, nada se pode. Lembremo-nos então, com S. PAULO, de que somos infinitamente ricos em Jesus Cristo. *Libenter gloriabor in infirmitatibus meis*. Se ao menos soubéssemos explorar as nossas riquezas! Somos realmente tão ricos! Dando-nos seu Filho, Deus “nos deu com Ele tôdas as coisas”.¹⁴⁰⁻¹⁴¹

Essa inabalável convicção sugerira-lhe uma fórmula que logo lhe tornou habitual e que assinala a ilimitada confiança no poder de compensação que todos os membros do corpo místico encontram em sua Cabeça: “Cristo é nosso suplente”.¹⁴² Temos apenas de perder-nos em Sua adoração infinita e no poder soberanamente eficaz de Seus méritos salvadores.

Tal é o plano divino: “Deus quer ser glorificado pela união de nossa fraqueza com a força de Cristo”.¹⁴³

Uma preciosa confiança, murmurada numa das horas mais dolorosas de sua vida, bem nos revela essa atitude básica de sua alma em luta com as dificuldades. Após dois anos de separação devida às circunstâncias de guerra, pôde enfim alcançar a sua Abadia e sente-se felicíssimo em poder logo visitar as monjas de Maredret, permitindo a seu coração de pai expandir-se na intimidade: “Não poderia exprimir-vos o sentimento de paz e de alegria que experimento ao en-

139 II Cor. XII,9.

140 Rom. VIII,32.

141 *Retiro*, Maredret, 1898.

142 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, outubro de 1898 (autógrafo). — *Conferência Sacerdotal*, Louvain, julho de 1902 (autógrafo).

143 *Conferência*, Maredret, 21 de maio de 1916.

contrar-me de novo na minha Abadia. Sinto-me tão contente de me rever entre os meus filhos! Verdadeiramente, não imaginava pudesse ser ainda tão feliz neste mundo... Sabeis que muito sofri durante êstes dois anos, tive muitas provações, mas o pensamento que permanece depois de todos êsses sofrimentos, é o de que Deus quer ser glorificado pela união de nossa fraqueza com a fôrça infinita de Cristo. Como Verbo, Cristo é "Poder e Sabedoria de Deus",¹⁴⁴ mas, ao lado dessa Fôrça infinita ou antes, não ao lado, mas hipostaticamente unida a êsse "Poder de um Deus", existe a fraqueza do homem. Para salvar-nos, o Verbo assumiu a fraqueza da carne, segundo as palavras da santa Liturgia: *Deus, qui pro salute nostra, in assumptæ carnis infirmitate...*¹⁴⁵ *Qui in Filii tui humilitate jacentem mundum erexisti...*¹⁴⁶ Tôda a existência de Cristo foi a revelação dessa fraqueza. Vêde-O "Criancinha", vêde-O sobretudo durante a Paixão. *Cœpit pavere et tædere et maestus esse.*¹⁴⁷ Viram-nO trêmulo, oprimido pelo tédio e esgotamento, mas essa união, essa aliança entre a Fôrça divina e a fraqueza humana dá glória a Deus. Donde o brado de S. PAULO: *Libenter gloriabor in infirmitatibus meis ut inhabitet in me virtus Christi.*¹⁴⁸ De boa vontade me gloriarei nas minhas enfermidades, pois nelas reluz o poder de Deus. A minha fôrça não é minha, mas de Cristo, "porque, quando estou fraco, é então que sou forte".¹⁴⁹

Eis o pensamento único que me restou. Sempre o acreditara; agora, de tal forma se me gravou na alma que essa persuasão faz, por assim dizer, parte de mim mesmo. Tenho a convicção profunda de que nada posso sem Jesus Cristo, mas de que, com Ele, tudo posso. No decurso dêsse periodo, experimentei muitas tristezas, depressões de saúde e fraquezas de tôda espécie; mais do que nunca, senti que nada

144 I Cor. I,24.

145 Coleta da Missa da Flagelação.

146 Coleta do 2º Domingo depois da Páscoa.

147 Matth. XXVI,37. — Marc. XIV,33.

148 II Cor. XII,9.

149 II Cor. XII,10.

posso mas que, por outro lado, devo ter ilimitada confiança nessa "fôrça de Cristo" que habita em mim". ¹⁵⁰⁻¹⁵¹

Essa dupla experiência, doravante inscrita nos recônditos de seu ser, inspirar-lhe-á fórmulas decisivas que se tornarão para as almas verdadeiros preceitos de vida. "Reconhecer a nossa fraqueza e a nossa miséria, mas sabendo que, na mesma medida em que delas tomamos consciência, participamos da própria Fôrça de Cristo: eis uma grande ciência, fonte de alegria e de confiança". ¹⁵² E seu último adeus às monjas de Maredret, alguns dias antes da sua morte, terminar-se-á com êsse tema fundamental de sua doutrina espiritual: "São as nossas misérias e fraquezas que nos valem a fôrça de Deus". ¹⁵³

Não existe forma de santidade cristã que não encontre seu ponto culminante no *amor*. O "primeiro de todos os mandamentos" ¹⁵⁴ é a alma do Evangelho, o sinal mais autêntico de que pertencemos a Cristo. Mas cada santo tem a sua forma pessoal de o cumprir e nada mais revelador de uma alma que a sua maneira de amar.

Uma TERESINHA DE LISIEUX dirige-se com todo o impeto de sua alma para o Menino Jesus, herôicamente fiel em não deixar fugir nenhum sacrifíciozinho, a fim de "Lhe agradecer". O amor contemplativo recolhe uma ELISABETE DA TRINDADE no céu de sua alma, não para gozar a Presença de "seus Três", como na primeira fase de sua vida, mas para cantar "a glória do Eterno, nada senão a glória do Eterno", realizando assim, já neste mundo, a sua vocação sublime de "Louvor de glória da Trindade".

No ápice da vida teologal de D. MARMION, resplandece a figura adorável de Cristo. Em Cristo, contempla êle incessantemente o Verbo em todo o fulgor de Sua divindade e na infinita grandeza de sua Filiação divina, modelo e fonte de tôda santidade, "caminho" único de salvação. Através de tôdas as etapas de sua vida espiritual, esforça-se cada vez

150 II Cor. XII,9.

151 Conferência, Maredret, 21 de maio de 1916.

152 Conferência, Maredret, dezembro de 1922.

153 *Ibidem*.

154 *Matth.* XXII,38.

mais identificar-se com Cristo, a fim de ir, com Ele e nEle, "ao seio do Pai". Só há Cristo em seu coração e em seus lábios, porque só Ele existe nas mais secretas profundezas de sua vida. Sua alma é habitada por Cristo. NEle vive. NEle se move. Só para Ele trabalha. Só para Ele tem respiração e amor. Tudo o mais, a seus olhos, é lixo e não merece um olhar sequer. Se às vêzes a sua própria fraqueza o leva a sentir excessivamente o pêso das dificuldades de seu pesado cargo, bem depressa torna a mergulhar por completo em Cristo e ei-lo de novo estabelecido na confiança e na paz. Tôda a história de sua vida espiritual — já o dissemos no decurso de um longo capítulo — resume-se nessa posse cada vez mais total e dominadora de Cristo. Foi, a princípio, o olhar de adolescente sôbre o Mestre adorado, depois a ardente paixão do jovem monge por seu "Único Amigo, Jesus". Passam os anos: é a amizade estável, cada vez mais profunda, entre Cristo e êle; enfim, ao cair da noite, a união tende a consumir-se numa identificação com o Verbo em Seu amor ao Pai e na realização de todo o seu ideal de santidade: "Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim". ¹⁵⁵

O amor, um amor cada vez mais ardente, forte e desinteressado, foi o móvel secreto dessa sublime ascensão.

Repetidas vêzes, teve D. MARMION a ocasião de afirmar o lugar primordial do amor em nossa vida espiritual, meio principal e medida de nossa união a Deus. "Procuremos ser dessas almas que tudo realizam por um motivo de amor. Trabalhar por dever está bem, mas agir por amor vale infinitamente mais. O amor é o grande meio para fazer rápidos progressos, pois nos traz tôdas as virtudes e suprime todos os obstáculos à ação divina". ¹⁵⁶ Esse amor deve ser puro, despojado de tôda preocupação de si mesmo, visando, antes de tudo, não a "sua" perfeição "pessoal", mas "a glória de Deus", a fim de "proporcionar-Lhe a alegria de contemplar em nossa alma um reflexo de Sua própria Beleza". ¹⁵⁷

Ele insistirá muitas vêzes, e com energia, sôbre êsse primado do amor. Consagrar-lhe-á conferências inteiras, com-

155 Gal. II,20.

156 Retiro, Mareillet, 1905.

157 Ibidem.

prazendo-se em citar a sutil reflexão de S. FRANCISCO DE SALES: "Um piparote suportado com quatro onças de amor vale mais que o martírio com uma só onça". ¹⁵⁸ Retoma também; por sua conta, o célebre texto de S. JOÃO DA CRUZ sobre a prodigiosa fecundidade da ação silenciosa e contemplativa dos santos que atingiram os ápices da união transformante: "Um ato de puro amor faz mais pela Igreja e pelas almas que muita atividade exterior". ¹⁵⁹ É a sua própria doutrina. As ações mais brilhantes, aquelas que nos atraem os olhares e os louvores de todo o mundo, não valem aos olhos de Deus senão enquanto *in Deo facta*, isto é, numa inteira dependência d'Ele, e por Seu amor". ¹⁶⁰ Ele bem o sabe: "Ao anoitecer da vida, seremos julgados sobre o amor". ¹⁶¹

Como grande espiritual, D. MARMION apreendeu a importância capital do amor no cristianismo. "Nosso coração é feito para o amor. Temos necessidade imensa de amar. Quanto mais rica uma natureza, quanto mais capaz de fazer grandes coisas, mais precisa de amor. Se não amarmos a Deus com um grande amor, inevitavelmente amaremos a criatura". ¹⁶²

Estas breves citações mostram a que ponto compreendeu o Abade de Maredsous o instinto profundo do coração humano. Homem algum pode viver sem amar e todo o problema da santidade consiste em estabelecer a ordem no amor.

Pouco se interessando por considerações abstratas e puras análises psicológicas sobre a natureza do amor, êsse mestre espiritual procura, antes de tudo, lembrar às almas as diversas formas do amor, os seus graus, o seu papel preponderante na vida espiritual, o seu modelo supremo: Cristo. D. MARMION é antes de tudo um prático, só quer conhecer o amor que passa à prática das virtudes.

Isto o leva a tomar posição entre as duas concepções fundamentais da espiritualidade cristã. Para atingir a mais alta

158 *Conferência Sacerdotal*, Louvain, fevereiro de 1907 (autógrafo).

159 *Carta à Irmã Cecília*, Louvain, 19 de novembro de 1902.

160 *Carta a D. Idesbald*, Louvain, 22 de abril de 1906.

161 S. JOÃO DA CRUZ.

162 *Conferência Sacerdotal*, Louvain, entre 1904 e 1906 (autógrafo):

santidade possível, por onde começar? Por uma luta violenta contra si mesmo, pela renúncia, ascese, exercício da humildade e de tôdas as outras virtudes cristãs, a fim de alcançar na alma a eclosão do amor perfeito! Ou mais vale, pelo contrário, partir do amor e contar com a força irresistível do verdadeiro amor para purificar a alma, corrigi-la de suas imperfeições, impulsioná-la a uma prática integral de tôdas as virtudes? D. MARMION, por sua parte, prefere francamente o segundo método: "Ama e faze o que quiseses", repete êle com S. AGOSTINHO. Cita, sorrindo, a reflexão de S. FRANCISCO DE SALES a uma religiosa que lhe falava de sua maneira de tender à perfeição do amor pela humildade: "E eu, retroucou-lhe o santo, prefiro ir à humildade pelo amor".

Entretanto, respeita os dois métodos, ambos experimentados por grandes Santos. "Uns se applicaram especialmente à tarefa da desobstrução por um labor assíduo, como S. VICENTE DE PAULA. Outros, como S. FRANCISCO DE SALES, alcançaram o desabrochamento de tôdas as virtudes pelo exercício e acréscimo do amor. Este é o caminho mais breve, o que Jesus recomendou: "Este é o primeiro e o maior de todos os mandamentos". ¹⁶³ Isto não exclui, em absoluto, o outro trabalho; apenas se o faz por amor, a fim de destruir todo obstáculo à ação de Deus sobre a alma". ¹⁶⁴ Deliberadamente, D. MARMION opta pelo método místico do primado do amor, mais em harmonia com a intuição central de sua espiritualidade: "É o amor que distingue o filho do servo e é o amor que corresponde à nossa qualidade de filhos, assim como o temor corresponde à nossa qualidade de criatura. Ora, como a graça de adoção eleva a nossa natureza quase infinitamente acima de si mesma, é o amor que eleva, que sobrenaturaliza a nossa vida, que lhe dá todo o seu valor". ¹⁶⁵ Aliás, como poderia a santidade cristã ser outra coisa que não o amor? "Não é a vontade a faculdade mestra no homem? É ela que dá movimento a tôdas as outras faculdades. Tôda a atividade consciente e deliberada no homem depende de sua

163 *Matth.* XXII,38.

164 *Conferência Sacerdotal*, Dinant, 1899 (autógrafo).

165 *Conferência Sacerdotal*, Louvain, janeiro de 1902 (autógrafo).

vontade; quando a vontade se dá a um objeto, entrega ao mesmo tempo o homem todo inteiro. Ora, o ato fundamental e essencial pelo qual a vontade se dá: é o amor. O homem que ama a Deus, dá-se-Lhe todo inteiro. A intensidade e a perfeição desse amor será a perfeição de sua santidade. Eis porque, interrogado sobre a natureza da santidade, respondeu Cristo: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças. É o primeiro e o maior de todos os mandamentos".¹⁶⁶ E, concluindo: "Amor e santidade são uma e mesma coisa".¹⁶⁷

A doutrina espiritual de D. MARMION, discretamente, conserva-se de sobreaviso contra um duplo excesso: um moralismo meticuloso e sem entusiasmo, onde não passa mais o sopro do Espírito, e um iluminismo perigoso, que faz consistir a santidade em belas fórmulas místicas, sem o dom de si mesmo. Para êle, uma santidade autêntica implica na prática de todas as virtudes que constituem a trama de nossos deveres de estado.

"Para ser perfeito, o homem deveria possuí-las todas; mas é muito raro: num, a austeridade prejudica a mansidão, noutro a mansidão prejudica a fortaleza, ou a fortaleza a bondade, e assim por diante. Pelo contrário, de S. FRANCISCO DE SALES, dizia SANTA JOANA DE CHANTAL que nêle se admirava perfeito equilíbrio de todas as virtudes, unindo-se inabalável firmeza a uma inalterável mansidão".¹⁶⁸

Nenhum inebriamento de palavras. D. MARMION sabia, pela experiência das almas, que só o "caminho estreito" do Evangelho conduz à plenitude do amor. Quando a Igreja quer canonizar um santo, começa por proceder ao exame minucioso das virtudes. A santidade cristã é uma síntese que exige a harmonia de todas as virtudes sob o impulso primordial do amor.

Acima de tudo, o exemplo de Cristo assumia neste ponto uma força decisiva. Vira-se o Filho de Deus observar na terra, até ao mínimo jota, as menores prescrições da Lei de

166 *Math.* XXII, 37-38.

167 *Conferência Sacerdotal*, Dinant, 1899 (autógrafo).

168 *Retiro*, Mareolat, 1905.

Deus e “tudo fazer bem”, *bene omnia*.¹⁶⁹ De olhar fixo no Pai, Cristo realizava “tudo por amor”.¹⁷⁰

In sinu Patris

Inimigo de uma concepção demasiado reflexa da vida espiritual, que se arrisca a conservar as almas retraídas em si mesmas, excessivamente preocupadas com uma análise sutil de suas virtudes e de seus defeitos, êle prefere a simplicidade dos “primeiros cristãos que agiam doutra forma. Para êles, como para S. PAULO, *Cristo* era a sua vida: *Mihi vivere Christus est*.¹⁷¹ Haviam instalado Cristo no centro de seus corações para ser a Fonte de suas vidas”.¹⁷² Então, simplifica-se a perfeição: “Consiste tôda ela em perder-se em Jesus Cristo”.¹⁷³

A alma que assim se perde em Cristo não tarda a descobrir a face do Pai, e a sua própria vida espiritual, cada vez mais identificada com a de Jesus, em breve se estabelece com Êle *in sinu Patris*. Ali, “consuma-se a união”.¹⁷⁴

Mesmo quando D. MARMION toma de outros autores pensamentos que o impressionaram, integra-os em sua própria síntese. Foi assim que, pouco a pouco, vieram múltiplos elementos enriquecer a sua espiritualidade tão simples e tão tradicional. S. PAULO forneceu-lhe os mais ricos materiais, comunicando-lhe o poder de coesão de seu cristocentrismo. Mas, por sua vez, tal movimento prossegue com as perspectivas joânicas da vida de intimidade de Jesus com o Pai. Na verdade, é aí que tudo se consoma pois, se a Humanidade de Cristo é o “caminho”, o “fim supremo” é a intimidade com o Pai. “É a extrema intimidade do amor, que supõe amor perfeito, confiança e união de vontade. Unidos a Jesus, estamos *in sinu Patris*. É a vida de puro amor que supõe o esforço de fazer sempre o que mais agrada ao Pai. Nossas fraquezas, nossas misérias não nos impedem de estar *in sinu Pa-*

169 *Marc.* VII,37.

170 *Conferências*, Maredret, 23 de junho de 1910.

171 *Philipp.* I,21.

172 *Conferência*, Maredret, 17 de novembro de 1909.

173 *Carta à Abadesa de Maredret*, Louvain, 11 de maio de 1903.

174 *Conferência*, Maredret, 26 de junho de 1912.

tris, porque é o scio do Amor e da Misericórdia infinitos. Isso, porém, supõe um profundo aniquilamento e desprêzo de nós mesmos, tanto maiores quanto mais perto nos achamos dessa Santidade infinita. Isso supõe também que nos apoiamos em Jesus que, por Deus, “foi feito para nós sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção”. ¹⁷⁵ “Tudo quanto se faz *no seio do Pai* com o espirito filial de adoção, é de imenso preço”. ¹⁷⁶

Assim se conclui a vasta síntese de vida cristã, concebida por D. MARMION. Nada mais simples e mais sublime que esta espiritualidade. Nela se encontra o sôpro tão puro do Evangelho e da espiritualidade primitiva da Igreja. Nela se percebe ainda o eco do apêlo tão comovente, ouvido por S. INÁCIO DE ANTÍOQUIA, a caminho do martírio: “Há em mim uma água viva que murmura, dizendo-me interiormente: “Vem para o Pai”. ¹⁷⁷

175 I Cor. I,30.

176 *Notas Intimas*, 22 de abril de 1906, domingo de Pascoela. — *Un Maître de la Vie Spirituelle*, pág. 186 (Nova edição, pág. 152).

177 *Rom.* VII,2 (Carta de S. Inácio).

III

A PERFEIÇÃO DA VIDA CRISTA

1. A INSTITUIÇÃO MONASTICA

A idéia fundamental: “a procura de Deus”.
— O Abade. — A família monástica.

2. A ESPIRITUALIDADE MONASTICA

O ideal beneditino de D. MARMION. — Cristo na *Regra* de S. BENTO. — A “conversão dos costumes”. — A “compunção do coração”. — A humildade. — O “bem da obediência”. — O holocausto. — Fidelidade por amor. — A caridade fraterna. — A oração contemplativa. — O *Opus Dei*.

Para a mais elevada perfeição evangélica.

\mathbb{R}^n and \mathbb{R}^m are the real coordinate spaces of dimension n and m , respectively.

Let

$$A = (a_{ij})$$

be an $n \times m$ matrix

$$A = (a_{ij})$$

A PERFEIÇÃO DA VIDA CRISTÃ

Depois de ter estabelecido em *Cristo, vida da alma* os princípios fundamentais de toda vida cristã, D. MARMION, em *Cristo, ideal do Monge*, revelou-se um mestre de vida perfeita. Sabe conduzir as almas às sumidades do amor e, vantagens infinitamente preciosa que valeu à sua doutrina repercussão imensa, descobre-nos, através as perspectivas da vida beneditina, os princípios essenciais e imutáveis de toda perfeição cristã. A fidelidade ao espírito do Evangelho e aos ensinamentos de S. PAULO, o sentido da Igreja e o cristocentrismo deram à sua concepção do ideal monástico um cunho de catolicidade onde se reconheceram todas as famílias religiosas e os próprios leigos. “No fundo, existe apenas *uma* vida religiosa: o cristianismo, isto é, a vida de Jesus Cristo em nós. Um religioso é apenas um cristão *alter Christus* que quer o desabrochamento *completo* da vida de Jesus Cristo em si próprio”.

1. A INSTITUIÇÃO MONASTICA

É sempre na vida do fundador que se deve procurar a idéia-mãe de uma instituição. O monaquismo beneditino explica-se pela resolução do jovem Bento de Núrsia, fugindo de Roma para a solidão: Deus sómente. Sem dúvida, uma concepção integral do ideal beneditino exige que se complete essa iniciativa com o gesto do Patriarca de Monte Cassino, reunindo a seu redor uma família de monges. Nada, porém, traduz melhor esse sentido primordial do monaquismo beneditino, do que o *Sacro Speco* de Subiaco. Pessoalmente, jamais esquecerei a impressão que me causou esse rochedo solitário donde saiu todo o monaquismo oci-

1 *Carta a uma Carmelita*, 17 de março de 1914.

dental. Nada revela com maior vigor a prodigiosa fecundidade do “único necessário”² e o primado do amor contemplativo, do que êsse rochedo nu, fonte de imenso rio de vida que corre, ainda em nossos dias, pela Igreja inteira.

*A idéia fundamental:
“a procura de Deus”.*

De suas origens, o ideal beneditino conserva o sentido do absoluto e do eterno. Quando se apresenta no mosteiro um postulante, quer S. BENTO que se lhe faça a simples pergunta: “Se verdadeiramente procura a Deus?”³ Será a pedra de toque da sua vocação.

Essas palavras haviam encontrado profunda ressonância na alma de D. MARMION. Para êle também, “a vida monástica consiste em deixar tudo por Deus. O mais é secundário”.⁴ Aprendera, com rara penetração, a idéia fundamental de S. BENTO: “Há um texto da santa *Regra* que permanece continuamente no fundo de minha alma como a chave, a essência, o centro de todo o ensino de nosso bem-aventurado Pai: *Si vere Deum quærit*. Tudo se contém nessas palavras, aí se acha tôda a *Regra*”.⁵ “Quando prego um retiro a monges ou a monjas da nossa Ordem, sempre insisto enérgicamente nesta palavra: “Se a alma procura Deus?” Só para isto se vem ao Mosteiro”.⁶

“Uma abadia beneditina não é uma universidade, nem uma academia, nem sequer uma casa onde se formam missionários e pregadores. É uma escola de santidade. Se se apresentasse um postulante, dizendo: “Venho para tornar-me um artista ou um cientista”, responder-lhe-ia: “Ide para a academia, ou para a universidade”.

“Estimo e admiro a arte e a ciência. Nos mosteiros de nossa Ordem, sempre houve artistas e sábios; sempre se honrou a arte e o saber. Diz o nosso bem-aventurado Pai que de-

2 *Luc. X,42.*

3 *Regra, cap. LVIII.*

4 *Conferências sobre a Regra, Louvain, antes de 1909.*

5 *Conferência, Maredret, 4 de março de 1909.*

6 *Conferência, Maredret, 15 de julho de 1914.*

vemos servir a Deus com o auxílio de todos os bens que Ele em nós depositou, e o Abade deve estimular essas disposições, desde que não haja orgulho, nem vaidade, e que se permaneça na obediência. Não é esta, porém, a finalidade de nossa vida beneditina. Entre nós, vem-se exclusivamente para procurar a Deus. Se para isso vindes, abro-vos de par em par a porta do mosteiro e a de meu coração. "Procurar Deus", eis o nosso único objetivo. Segundo a palavra de nosso bem-aventurado Pai, a abadia é "uma escola do serviço do Senhor", *Dominici schola servitii* ⁷ onde se aprende, não o saber humano ou a arte, mas "o serviço de Cristo". O objetivo direto de uma abadia é o de produzir santos". ⁸

O alto gênio de S. BENTO, ou antes, a sua missão providencial, foi a de organizar na Igreja "essa procura única de Deus". Inúmeras gerações de homens e de mulheres deveriam beneficiar-se desse novo código de perfeição cristã.

Antes de S. BENTO, a perfeição evangélica exprimira-se de maneira ideal na comunidade da Igreja de Jerusalém, onde, ao redor dos Apóstolos, viviam os cristãos no desapêgo do mundo, na posse comum de todos os seus bens, comungando na mesma fração do pão e na mesma vida de Jesus, formando "um só coração e uma só alma em Deus". ⁹ Essa primitiva comunidade, imitadora dos Apóstolos reunidos em volta de Cristo, permanecerá como tipo supremo de tôdas as formas da vida religiosa na Igreja.

Ver-se-á êsse germe evangélico desabrochar brilhantemente no monaquismo egípcio, sob dois aspectos característicos: o anacoretismo e o cenobitismo, a vida solitária e a vida em comunidade. A forma primitiva do monaquismo cristão, estabelecido por volta de 305 sob a inspiração de S. ANTÃO, foi de caráter eremítico. Entre êsses primeiros anacoretas, nenhuma *Regra* precisa existia, mas um ascetismo violento, façanhas de austeridades e de mortificações que

⁷ *Regra, Prólogo.*

⁸ *Conferência, Maredret, 24 de junho de 1918.*

⁹ *Act. IV, 32.* — Cf. *L'Idéal Monastique et la Vie Chrétienne des Premiers Jours*, por D. MORIN. D. COLUMBA MARMION, que assistira a êsse retiro (Pentecostes de 1891), assinalara em suas notas íntimas muitas passagens que particularmente o haviam impressionado.

chegavam aos limites extremos da resistência humana, com todos os perigos de uma vida puramente solitária sem controle, sem outra norma além das inspirações pessoais desses heróicos homens e mulheres, entregando-se ao sopro do Espírito de Deus e, por vêzes, também, aos caprichos da própria imaginação.

Na mesma época, S. PACÔMIO fundou no Alto Egito um primeiro mosteiro de vida comum ou cenobítica, escrevendo, por volta de 315, uma primeira *Regra* monástica. O seu próprio mosteiro contava diversas centenas de monges. Fixou um nível de observâncias mais moderado mas obrigatório para todos, deixando a cada um a liberdade de ultrapassar nas práticas pessoais o mínimo prescrito. A vida em comum: Ofício, oração, leituras da sagrada Escritura, trabalho, tudo se achava perfeitamente estabelecido.

Nesses dois tipos primitivos do monaquismo egípcio, inspirar-se-ão todos os fundadores ou reformadores do monaquismo cristão. S. BASÍLIO entrará plenamente nessa concepção cenobítica donde decorrerá todo o monaquismo da Europa oriental. Nêle, mais do que em qualquer outro legislador, haurirá S. BENTO algumas das idéias básicas de sua *Regra*. Todavia, essas apropriações materiais não devem deixar cair no esquecimento a sua poderosa e irreduzível originalidade. A legislação beneditina traz o cunho de um gênio criador.

O homem tem necessidade de ser guiado em sua marcha para Deus. A vida eremítica é um ápice aonde ordinariamente só se pode chegar após longos anos de disciplina em comum. "Os anacoretas não mais se encontram no simples fervor do início de sua vida religiosa. Formados por uma longa provação no mosteiro, aprenderam, na sociedade de seus irmãos, a lutar contra o demônio. Exercitados e adestrados, podem passar dessa milícia fraterna ao singular combate do deserto".¹⁰

A maioria dos homens necessita da comunidade de seus irmãos e, além disso, é pelo exercício constante da virtude de caridade que até os melhores se conservam em mais elevada perfeição. É a raça dos "cenobitas, isto é, dos que vivem em

10 *Regra*, cap. I.

comum num mosteiro e militam sob uma *Regra* e um *Abade*".¹¹

O gênio romano de S. BENTO organizou essa "fortíssima raça dos cenobitas", *cœnobitarum fortissimum genus*.¹² A frente: um Abade, desempenhando o papel de chefe, de pastor, de doutor e de pai; depois, a multidão dos irmãos, todos unidos "a serviço do Senhor" em uma mesma família monástica onde o *Opus Dei*, o louvor divino, permanece o principal ofício e onde a caridade fraterna é a alma dessa vida comum na estabilidade e na paz.

Compreende-se que multidões de monges se tenham levado, por êsse caminho da obediência, à mais alta perfeição.

O Abade

No pensar de S. BENTO, o Abade é o fêcho de abóbada da instituição monástica. Fiel à intuição central de seu gênio, êle o constitui guia dos monges para a união divina, Pai da família de Deus. Antes de tudo, deve imitar a Cristo em seu ofício de Pastor: "desenvolver tôda a solicitude, tôda a habilidade, tôda a arte para não perder nenhuma das ovelhas que Deus lhe confiou, lembrar-se de que recebeu o encargo de conduzir almas fracas e não de exercer sôbre espíritos robustos uma autoridade tirânica. Que receie a ameaça do Profeta: "Vós vos apropriastes das ovelhas que vos pareciam gordas, e rejeitadas as dêbeis".¹³ Que o Abade tome antes o exemplo do bom Pastor, que deixa na montanha as suas noventa e nove ovelhas para correr à procura da única ovelha desgarrada".¹⁴

Fortalecido pela experiência pessoal e, sobretudo, esclarecido por uma luz do alto, de ordem carismática e proporcionada à sua missão universal na Igreja, S. BENTO tomou grande cuidado em determinar o papel do Abade no mosteiro (cap. II). Com justiça, não poupou a tradição beneditina a sua admiração por êsse capítulo fundamental, talvez

11 *Ibidem*.

12 *Ibidem*.

13 *Ezech.* XXXIV,3.

14 *Regra*, cap. XXVII.

o mais belo da *Regra*. Príncipes e reis, chefes de Estado, Bispos e Papas nêle se inspiraram para a direção dos homens. Uma das maiores figuras de nosso tempo, o CARDEAL MERCIER, declarava não ter encontrado, em parte alguma, melhores princípios de govêrno que na *Regra* de S. BENTO.

“O Abade, a quem se julgou digno de dirigir um mosteiro, deve lembrar-se constantemente do nome que traz e realizar pelos atos o seu título de superior. Aos olhos da fé, occupa no Mosteiro o mesmo lugar de Cristo, *Christi enim agere vices in monasterio creditur*. Donde o seu nome de “Pai”, com que se o chama, como ao próprio Senhor, segundo as palavras do Apóstolo: “Recebistes o espírito de adoção que vos faz murmurar: Abba! Pai!”¹⁵⁻¹⁶

Por conseguinte, o Abade é, antes de tudo, o “Pai” da família monástica, assumiu o seu encargo e responsabilidades: “Testemunhará a cada um igual caridade; terá para todos uma só disciplina, aplicada segundo os méritos de cada qual. Considere quão difficil e laborioso é o encargo que recebeu, de guiar as almas e de se adaptar a numerosos caracteres. Um necessita de ser levado pela doçura, outro pelas admoestações, outro ainda pela persuasão. O Abade deve, pois, conformar-se e adaptar-se às disposições e à intelligência de cada um, de forma que possa, não só preservar de qualquer dano o rebanho que lhe é confiado, mas também rejubilar-se com o seu acréscimo.

“Antes de tudo, guarde-se de negligenciar ou de menosprezar a salvação das almas que lhe estão confiadas, empregando maior cuidado nas coisas passageiras, terrestres e caducas. Sem cessar, pense que se trata de almas e que êle recebeu a missão de as formar. Disso terá de prestar contas. Ora, para que não se preocupe excessivamente com os recursos do Mosteiro, lembrar-se-á de que está escrito: “Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo”.¹⁷⁻¹⁸

“Ache mais prazer em servir que em dominar. Deve

15 *Rom.* VIII,15.

16 *Regra*, cap. II.

17 *Matth.* VI,33.

18 *Regra*, cap. II.

ser douto na lei divina, . . . perferir sempre a misericórdia à justiça, a fim de alcançar, para si mesmo, idêntico tratamento. Até na correção, agirá com prudência e sem excessos, para que não quebre o utensílio, por querer raspar demais a ferrugem. Terá sempre diante dos olhos a sua própria fraqueza e lembrar-se-á de que não se deve esmagar a cana já rachada”.¹⁹

Qualquer comentário debilitaria a fôrça de experiência e a plenitude de pensamento dessas páginas célebres, que constituem, no plano das instituições da vida religiosa na Igreja, um código perfeito de govêrno.

“É tão perfeito êsse ideal de govêrno”, observa D. MARMION, “que não só os Doutores e os Santos, mas até os Concílios da Igreja atribuem sua inspiração ao Espírito Santo. Dai o fato, tão notável, de que grande número de Abades, através dos séculos, inspirando-se nos princípios da santa *Regra*, governaram vastas Abadias com rara perfeição. E, fato mais notável ainda, considerável número de Bispos e Arcebispos, sendo muitos dêles santos canonizados, passaram de sua sede abacial ou do claustro ao govêrno de vastas dioceses, que ilustraram com a sabedoria de seu govêrno e com a santidade de sua vida”.²⁰

Repetidas vêzes no decurso de sua vida, em Mont-César, em Maredsous, em Capítulos gerais, teve D. MARMION de inclinar-se sôbre êsses textos legislativos beneditinos. Ele lê ou comenta a *Regra*, não como jurista, mas como espiritual. Soube vincular a sua concepção da instituição beneditina e do papel do Abade ao sentido profundo da organização da própria Igreja.

“A Ordem de S. BENTO”, diz êle, “é imagem perfeita da Igreja. Ora, quando Jesus quis fundar a sua Igreja, começou por colocar a pedra fundamental: *Tu es Petrus*, “Tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja”.²¹ Da mesma forma, a exemplo, S. BENTO colocou na base da sociedade monástica um pai e um chefe que detém os próprios poderes de Deus, cuja autoridade e paternidade divinas en-

19 *Regra*, cap. LXIV.

20 *Nota Autógrafa*, 1918.

21 *Matth.* XVI,18.

carna junto a seus monges. *O Abade ocupa no Mosteiro o mesmo lugar de Cristo, Christi enim agere vices in monasterio creditur.* ²² Eis o princípio supremo que ilumina pelos ápices todo o sentido da vida monástica; isso, porém, só se apreende à luz da fé: *creditur*.

“Eleito por seus irmãos e delegado por Deus, o Abade assume como que uma “dupla personalidade”: a sua personalidade de homem, muitas vezes envolvida de fraquezas e imperfeições e, ainda, por sua missão divina, a própria personalidade de Cristo, de Quem é o “representante oficial”. O Abade desempenha no mosteiro tôdas as funções de Cristo: é o “Bom Pastor” que conduz as almas às pastagens de vida, o “Senhor” a quem se deve obediência e veneração, o “Doutor” que ensina a Lei divina, o “Médico” que cura as feridas, o “Intendente” da “Casa de Deus”, o “Pontífice” sacrificador e santificador cujo papel mediador acaba de consumir tudo na unidade com Deus”. ²³

A alma contemplativa de D. MARMION compraz-se na consideração dessa missão sublime do Abade, “ocupando o próprio lugar” de Cristo Sacerdote, Doutor e Pastor. É preciso ler e reler em *Cristo, ideal do Monge* as páginas verdadeiramente magistrais que consagrou à exposição de sua ampla e sobrenatural concepção do Abade segundo a *Regra* de S. BENTO. Algumas notas manuscritas, de 1918, revelam-nos esta rica compreensão do papel do Abade, no momento em que êle próprio atingira, pelo estudo e pela experiência, a síntese de seu pensamento. Ainda neste caso, tôda a sua doutrina se acha imbuída do seu vigoroso cristocentrismo.

“*Pastor* das almas, o Abade participa da dignidade e do ofício do Pastor Eterno.

“Ora, o primeiro dever do pastor é de alimentar o seu rebanho. *Nonne greges a pastore pascentur?* ²⁴ O alimento é “a palavra que sai da bôca de Deus”. ²⁵ O filho de Deus vive

22 *Regra*, cap. II.

23 *Passim*. Cf. *Conferências Monásticas*, Louvain, antes de 1909; *Conferência*, Maredsous, 20 de dezembro de 1916; *Notas Autógrafas*, 1918.

24 *Ezech.* XXXIV, 2.

25 *Matth.* IV,4.

da fé, cuja fonte é a Palavra de Deus. ²⁶ Eis porque a primeira qualidade, que S. BENTO exige do Abade, é a posse desse alimento: “a sã doutrina”. ²⁷ A ciência, de que S. BENTO fala em sua *Regra*, é um conhecimento de Deus e das coisas santas, haurido nas sagradas *Escrituras*, todo iluminado pelos raios do Verbo Eterno e fecundado pelo Espírito Santo. É a ciência de que fala o Espírito Santo, dizendo ser a verdadeira prudência: *scientia sanctorum prudentia*. ²⁸ Numa palavra, é uma santa ciência haurida na oração, assimilada e vivida pelo Abade, e jorrando-lhe do coração como raios de luz e de calor celeste para fecundar as almas de seus monges. É por esta ciência que o Abade deve formar as almas à imagem de Jesus Cristo.

“O pastor não deve apenas alimentar o seu rebanho; deve também, com o risco da própria vida, *defendê-lo* contra os inimigos. Ora, os maiores inimigos do rebanho são os que lhe apresentam um alimento envenenado. O Abade deve vigiar, com permanente cuidado, para que o êrro ou as opiniões temerárias não alcancem penetrar no mosteiro. É por isso que deve ser, não somente piedoso, mas “douto na Lei de Deus”, *doctus in lege divina*, ²⁹ a fim de estar em condições de discernir os erros, de condená-los, de exterminá-los sem temor nem respeito humano. Eis porque S. BENTO faz ao Abade as seguintes advertências graves e solenes: “Jamais deve ensinar, estabelecer ou ordenar qualquer coisa fora do preceito divino. Deve lembrar-se de que, no temível juízo final, será severamente examinado sobre a sua doutrina e sobre as ordens que tiver dado a seus monges”. ³⁰

“Disse Cristo: “Eu sou a Verdade”. ³¹ “Vim ao mundo para dar testemunho da Verdade”. ³² O Abade, que ocupa o lugar de Cristo no mosteiro, deve ser como um farol de verdade.

“Nada pode substituir êsse ensino oral e vivo do Abade.

26 *Rom.* X,14.

27 *Regra*, cap. LXIV.

28 *Prov.* IX,10.

29 *Regra*, cap. LXIV.

30 *Regra*, cap. II.

31 *Joan.* XIV,6.

32 *Joan.* XVIII,37.

Sempre que os Abades negligenciaram êsse dever primordial, sempre que permitiram ao veneno da heresia e do êrro penetrar em seus mosteiros, como a simonia e a investidura na Idade Média, o jansenismo no século XVII, constituiu tal fato o sinal da decadência da Ordem Monástica”.³³

Nessa época de modernismo, agrada ouvir afirmar com tal energia êsse sentido das responsabilidades doutrinárias confiadas pela Igreja àquêles que assumem o pesado encargo das almas. D. MARMION possuía essa ciência das coisas divinas. E a graça própria do seu abaciado foi precisamente a sua missão de doutor.

Há outro aspecto do papel do Abade, do qual S. BENTO não fala diretamente, mas que se manifesta pelo desenvolvimento histórico da vida beneditina e que, em nossos dias, a Igreja expõe amplamente no cerimonial da bênção do novo eleito: seu ofício de pontífice. D. MARMION foi sempre sensível a essa função suprema de seu cargo.

“O Abade ocupa o lugar de Cristo. Ora, Cristo foi “Pontífice Supremo”, ao mesmo tempo que “Príncipe dos Pastores.” É êste ideal sublime que êle deve imitar em seu govêrno. Pastor e pontífice, o Abade participa dêsse duplo ofício de Cristo Redentor.

“Pontífice, intermediário entre os homens e Deus, é por suas mãos que os dons, as preces, os votos do povo são apresentados a Deus. O pontífice deve ser agradável a Deus, amigo de Deus, santo e puro, a fim de aproximar de Deus para advogar a causa do povo. A santidade é de importância capital, não só por causa do exemplo que assim apresenta a seu rebanho, mas também por causa da irradiação vital da cabeça a todos os membros. Cristo foi santo, infinitamente santo em sua Pessoa, *Tu solus Sanctus, Jesu Christe*,³⁴ mas também como Cabeça da Igreja. Sempre foi sob o govêrno dos santos Abades que floresceram nos claustros as virtudes heróicas.

“No decurso da cerimônia da bênção solene do Abade, o Bispo, tendo colocado a mão sôbre a cabeça do eleito, pede a Deus “derrame sôbre êle o Espírito de Sua bênção abun-

33 *Notas Autógrafas*, 1918.

34 Missa: *Gloria in excelsis*.

dante". A partir dêsse momento, o Abade não vive mais para si só, não mais se santifica somente para si. Vive para a sua Comunidade, santifica-se para os seus filhos. Pode dizer, com o eterno Pontífice: "Santifico-me para êles", *Et ego pro eis sanctifico meipsum*.³⁵ Cada passo que dá na santidade, cada grau de união de sua alma com Deus, torna-o mais poderoso como pontífice junto a Deus, mais fecundo na ação sobre a sua comunidade. No dia de sua profissão monástica, entregara-se sem reserva a Deus em vista de sua santidade pessoal; no dia de sua benção abacial, entrega-se a Deus para O glorificar pela santidade de sua família monástica, "pelo seu acréscimo em valor e em número", *ut merito et numero populus tibi serviens augeatur*.³⁶

"S. GREGÓRIO muito insiste sobre êsse ofício de *mediador*. Diz que se um embaixador, em vez de ser *persona grata* junto ao soberano, é indigno e mal visto por êle, longe de promover a causa que advogado, arrisca-se a comprometé-la. Portanto, não é exclusivamente por causa do exemplo de santidade que o Abade, como pastor, está obrigado a dar ao seu rebanho, que deve ter um comportamento puro e irrepreensível, mas também porque, como pontífice, deve ser amigo de Deus, poderoso como mediador junto a Êle, capaz de aplacar-Lhe a cólera e de O tornar propício para com a sua família monástica".³⁷

Assim, o mosteiro é como a Igreja em miniatura: o Abade ali ocupa, por delegação, o mesmo lugar de Cristo.

A família monástica

Definindo com tanto cuidado o papel do Abade, S. BENTO imprimia virtualmente à instituição monástica todo o seu sentido, convidando os monges, membros dessa família, a se aproximarem do Abade como do próprio pai e a venerarem nêle, apesar das fraquezas pessoais, quem ocupa entre êles o lugar de Cristo. A alma da sociedade monástica, através de tôdas as engrenagens de sua organização, consiste nessa livre

35 *Joan. XVII,19.*

36 *Oração sobre o povo, terça-feira da Paixão.*

37 *Notas Autógrafas, 1918.*

e perfeita submissão a Cristo por meio de um Abade, e por Cristo à vontade do Pai. É uma "procura de Deus" em comum, sob a direção de uma *Regra* e de um Abade, num grande espírito de família e de caridade fraterna.

Impressiona o respeito mútuo, prescrito por S. BENTO, entre os diversos membros da família monástica: "Não é só ao Abade que todos os irmãos devem obedecer, mas uns aos outros, convictos de que, por êsse caminho da obediência, marcham diretamente para Deus.

"Colocando acima de tudo as ordens do Abade e dos oficiais do mosteiro por êle designados, quanto ao mais, os jovens obedecerão aos velhos com tôda a caridade e solícitude".³⁸

"Os mais jovens honrarão os mais idosos e os velhos terão afeto pelos jovens. Quando se chamarem uns aos outros, a ninguém será permitido designar outrem apenas pelo nome, mas os velhos darão aos mais moços o nome de "Irmãos", e os jovens aos mais idosos um têrmo que expresse a reverência devida a um pai. Quanto ao Abade, porque se o considera ocupando o lugar de Cristo, *quia vices Christi creditur agere*, será chamado "Senhor" e "Pai", por causa da honra e do amor devidos a Cristo. Quando os irmãos se encontrarem, o mais jovem saudará o mais idoso. Assim se cumprirá o que está escrito: "Adiantar-se em honrar uns aos outros".³⁹⁻⁴⁰

Esses textos evocam maravilhosamente a atmosfera de respeito, de cordial afeição e de fraterna caridade, da família monástica. Nêles, todo o desenrolar da vida acha-se penetrado de fé sobrenatural, não só nos capítulos sôbre o Ofício divino e a vida de oração, mas até nos mínimos detalhes materiais da existência do Mosteiro.

Tal é o quadro e o espírito da instituição monástica. Foi nêsse clima que desabrochou a alma religiosa de D. MARMION. Além dos textos, soube êle descobrir na sua *Regra* o seu ideal vivo de santidade.

38 *Regra*, cap. LXXI.

39 *Rom.* XII,10.

40 *Regra*, cap. LXIII.

2. A ESPIRITUALIDADE MONASTICA

A instituição monástica tem uma alma. E essa alma, segundo uma lei geral de psicologia religiosa, D. MARMION a descobre em seu fundador. Assim como, para todo cristão, a perfeição consiste em reproduzir Cristo, também “o beneditino deverá ser um imitador de Cristo, mas à maneira de S. BENTO”.⁴¹ Uma só e mesma predestinação envolve o Patriarca e todos os membros da sua família espiritual. Ele é o protótipo de sua santidade. Donde o axioma fundamental: “Quanto mais um religioso se assemelha a seu fundador, mais realiza a idéia divina”.⁴² A esta elevadíssima luz é que D. MARMION se ergue para contemplar a perfeição beneditina. S. BENTO recebeu de Deus “uma graça de chefe para tôda a sua raça”.⁴³ “Quanto mais reproduzimos os traços de nosso bem-aventurado Pai, mais corresponderemos à nossa santidade”.⁴⁴

O ideal beneditino de D. Marmion

Dois traços caracterizam, aos olhos de D. MARMION, a fisionomia espiritual de S. BENTO: “um grande espírito de adoração e uma imensa caridade”.

“Tipo do monge contemplativo, S. BENTO foi por excelência “o homem de Deus”, *vir Dei*. A santa *Regra* acha-se tôda impregnada dêsse espírito de adoração. Ao fixar a disposição do Officio divino, prescreve-nos S. BENTO que nos “conservemos tomados de respeito e de santo temor em presença da Divindade”.⁴⁵ Devemos escutar o santo Evangelho, a Palavra, o Verbo de Deus, “com temor e veneração”.⁴⁶ A cada “Glória”, “todos se erguerão dos lugares por honra e reverência à Santíssima Trindade”, *omnes surgant ob honorem et reverentiam Sanctæ Trinitatis*.⁴⁷ No pensamento de nosso

41 Conferência, Maredret, 18 de julho de 1917.

42 *Ibidem*.

43 Conferência, Maredsous, 20 de março de 1917.

44 Conferência, Maredret, 18 de julho de 1917.

45 *Regra*, cap. XIX.

46 *Regra*, cap. XI.

47 *Regra*, cap. IX.

bem-aventurado Pai, êsse espírito de adoração não nos deve invadir apenas no momento da oração, mas prolongar-se no decorrer de tôda a nossa vida. “O celeireiro deve considerar todos os objetos do Mosteiro como vasos sagrados”,⁴⁸ e tratá-los com o mesmo respeito. “Os irmãos devem adiantar-se em honrar uns aos outros”⁴⁹ e, chegando hóspedes, que fazer em primeiro lugar? Manifestar a alegria de recebê-los? Não, mas, antes de tudo, “prostrar-se para adorar a Cristo”, *Christus in eis adoretur*.⁵⁰ O cunho de um Mosteiro beneditino, é o espírito de adoração, não só na hora da prece, mas em tôdas as circunstâncias da vida.

“O segundo traço distintivo de S. BENTO é um espírito de imensa caridade.

“Por certo, deseja o santo Patriarca que os seus monges vivam afastados do mundo, dedicados à oração e ao louvor divino, mas sabe que, por ser monge, não se deixa de ser cristão e que a base de tôda vida cristã implica no amor de Deus e do próximo. Impelido por essa caridade, vemo-lo deixar sua cara solidão para colocar-se à frente de monges indisciplinados; estar sempre pronto, não obstante o seu atrativo pelo recolhimento, a socorrer os necessitados de sua assistência. Realiza numerosos milagres para acudir às necessidades espirituais e mesmo corporais de seu próximo. Lembra-se de que Cristo, embora Deus, não se mostrou insensível às enfermidades do corpo e, por duas vêzes, quis multiplicar os pães a fim de sustentar as multidões que O seguiam.

“Quer que sejam recebidos todos os hóspedes que se apresentarem no Mosteiro. Certos monges poderiam dizer, talvez: “Viemos para o Mosteiro a fim de fugir ao mundo; havendo continuamente hóspedes, permaneceremos ainda em contato com êle”. O nosso bem-aventurado Pai tomou o cuidado de prevenir êsse perigo. Não se poderá, sem permissão, conversar com os hóspedes, mas êle faz questão extrema dessa hospitalidade para todos quantos se apresentem. Um Mosteiro cujas portas se fechassem, deixaria de ser um Mosteiro beneditino.

48 *Regra*, cap. XXXI.

49 *Regra*, cap. LXXII.

50 *Regra*, cap. LIII.

“Tal é, portanto, o verdadeiro retrato de S. BENTO: “Antes de tudo, *vir Dei*, “um grande adorador de Deus”. Eis porque ordena que nenhuma obra seja preferida à “obra de Deus”, *nihil operi Dei præponatur*.⁵¹ O louvor divino permanece como primeiro dever do monge. S. BENTO é o imitador de Cristo que foi, acima de tudo, o grande adorador do Pai. Todavia, não esquece que Cristo foi também o Salvador dos homens e que deu por eles até à última gota de Seu sangue. Se S. BENTO amava a vida “a sós com Deus”, como diz S. GREGÓRIO, *In superni spectatoris oculis habitavit secum*;⁵² é ainda êsse grande Papa que afirma: “não hesitava em renunciar às delícias da solidão para ir pregar Cristo a seu redor”, *commorantem circumquaque multitudinem prædicatione continua ad fidem vocabat*.⁵³

“Foi por terem compreendido o espírito de nosso bem-aventurado Pai que tantos monges ilustres como S. BONIFÁCIO, S. AGOSTINHO, S. VILIBRORDO, e tantos outros, evangelizaram os povos e conquistaram para Cristo nações inteiras. Pode dizer-se que as Gálias, a Germânia, a Inglaterra e, por assim dizer, tôda a Europa, foram evangelizadas pelos monges.

“É preciso, ainda compreender bem o espírito de nossa Ordem. Nas famílias religiosas particularmente votadas ao apostolado, os apóstolos são enviados à procura das almas. Não é o que sucede conosco. Funda-se uma abadia onde os monges cantam no côro o Ofício divino e rodeiam o altar. Antes de tudo: deve salvaguardar-se o Ofício divino. Então, os monges podem dar-se, sem medida, aos membros de Cristo, permanecendo sempre nos limites traçados pela obediência e e pelo espírito da *Regra*. Assim, nossos mosteiros beneditinos tornam-se focos de irradiação, cujo calor atinge as almas”.⁵⁴

A essa clareza de vistas, a essa firmeza de princípios e, em particular, do primado do louvor divino no ideal beneditino, aliava-se em D. MARMION uma ampla compreensão de suas múltiplas formas históricas de realização. “Desde que se conserve inviolavelmente o essencial”,⁵⁵ êle acolhe com

51 *Regra*, cap. XLIII.

52 S. GREGÓRIO, *Diálogos*, cap. III.

53 S. GREGÓRIO, *Diálogos*, cap. VIII.

54 *Conferência*, Maredret, 18 de julho de 1917.

55 *Conferência*, Maredret, 15 de julho de 1914.

simpatia as mais diversas concepções do monaquismo beneditino. A semelhança do cristianismo, a idéia beneditina deve poder assumir o mesmo caráter de catholicidade.

“Não se vê, na Igreja única de Cristo, manifestarem-se as mais diversas aspirações legítimas: gôsto pela oração silenciosa, pela prece litúrgica ou pelas formas mais ativas do apostolado? Uns glorificam a Deus com a arte e os talentos, outros tudo imolam. O que é verdadeiro para a sociedade cristã, também o é para a vida monástica. Não se deve dizer que um mosteiro não é beneditino porque se consagra exclusivamente à oração. “O Espírito sopra como quer”.⁵⁶ A determinado mosteiro, Deus comunicará poderoso impulso para a conversão dos povos.

“Quando, pelo contrário, descubro um mosteiro sem obra alguma, sem contato algum com o mundo, será que o critico? Em absoluto: é excelente. O Espírito Santo inspira a essas almas o atrativo pelo essencial, sem lhe acrescentar atividade exterior alguma. A outras, sugere a prática do ministério. Desde que nêstes mosteiros não seja prejudicada a vida monástica, êstes monges serão tão bons quanto os outros. Dizer o contrário, é não ter compreensão alguma a êsse respeito. É necessário saber ampliar a alma e não ter idéias acanhadas. Assim como na sociedade cristã há lugar para todos os matices, também na Ordem monástica. Desde que se preserve o essencial, há lugar para tudo. Mas se deixarem de ser respeitadas as coisas essenciais, então não se é mais beneditino. Chegando-se a êste ponto, não mais se é filho de S. BENTO. Embora usando o escapulário e o hábito, não mais se é beneditino. Um mosteiro pode ser magnífico e construído segundo tôdas as regras da arte gótica; se não tiver a organização dada por nosso bem-aventurado Pai, não será verdadeiramente beneditino. A vida beneditina, só com a organização beneditina pode existir.

“Mas, assegurada essa condição necessária, pode servir-se a Deus por meio dos bens que Ële em nós colocou, segundo os diferentes atrativos da inspiração do Espírito Santo. Os monges de Beuron muito se ocupam de ministério, o que não os impede de serem ótimos beneditinos. Os de Caldey não têm

ministério algum e desejam um Mosteiro absolutamente contemplativo. E eu lhes disse: “Está muito bem, continuai assim; é o sôpro do Espírito Santo, desde que conserveis o essencial à Ordem Beneditina”.⁵⁷

Cristo na Regra de S. Bento

É sempre necessário recolocar a doutrina espiritual do Abade de Maredsous no seu clima monástico. D. MARMION viveu na qualidade de monge o Evangelho da perfeição cristã.

Ora, a figura de Cristo domina a *Regra* de S. BENTO.

Ao postulante que se apresenta em sua “Escola do serviço do Senhor”,⁵⁸ o Patriarca dos monges só pergunta uma coisa: “Se verdadeiramente procura a Deus”⁵⁹ e se está resolvido a “combater sob o estandarte de Cristo Rei”.⁶⁰ Em caso afirmativo, aliste-se na milícia monástica e avance para a perfeição “à luz do Evangelho, em seguimento de Cristo”.⁶¹ Não olhe mais para traz, mas leve com valor a sua cruz, “participando, pela paciência, dos sofrimentos de Cristo, a fim de ter parte em Seu reino”.⁶²

Tendo entrado no mosteiro, é acolhido pelo Abade, “que ocupa o lugar de Cristo”.⁶³ Sua existência de monge desenrolar-se-á até à morte nessa presença transparente de Cristo; êle não se acha em face de um homem, mas “do próprio Cristo”. Em seu Abade, “vê, ama o Cristo”, só procura “a honra de Cristo”.⁶³ É ao próprio Cristo que obedece, com uma obediência pronta, total e alegre, porque, para êle, “nada

57 *Conferência*, Maredret, 15 de julho de 1914.

58 *Dominici schola servitii*, Prólogo.

59 *Si revera Deum quærit*, *Regra*, cap. LVIII.

60 *Domino Christo vero Regi militaturus*. *Regra*, Prólogo.

61 *Per ducatum Evangelii pergamus itinera ejus*. *Regra*, Prólogo.

62 *Passionibus Christi per patientiam participemus, ut et regno ejus mereamur esse consortes*. *Regra*, Prólogo.

63 *Abbas autem, quia vices Christi creditur agere, dominus et abbas vocetur: non sua assumptione, sed honore et amore Christi*. *Regra*, cap. LXIII.

mais caro que o seu Cristo".⁶⁴ Só possui uma vontade: "imitar Cristo obediente até à morte".⁶⁵

No interior do mosteiro, achou tôda uma família de irmãos. Seja qual fôr a sua origem: ricos ou pobres, "livres ou escravos, são um em Cristo. Usam todos as mesmas armas a serviço do mesmo Senhor".⁶⁶

Em sua vida cotidiana, e à medida que se eleva para a perfeição suprema, "não age mais senão pelo exclusivo amor de Cristo".⁶⁷ Segundo o conselho do Evangelho: "Renunciou-se a si mesmo, deixou tudo para seguir a Cristo".⁶⁸ É livre, com a soberana liberdade dos filhos de Deus. Tem por máxima constante "nada preferir ao amor de Cristo".⁶⁹ Sôe a hora do Ofício ou do trabalho, pouco importa! Acha-se todo consagrado, como Jesus, à glória do Pai, reza e trabalha em constante união com Cristo. Na hora da tentação, vai, sem tardança, "quebrar os pensamentos maus contra Cristo"⁷⁰ e sai vitorioso.

Trata a cada um de seus irmãos, aos doentes sobretudo, como "a Cristo em pessoa".⁷¹ Recebe os hóspedes que se apresentam no Mosteiro "como ao próprio Cristo".⁷² Quanto mais fracos e pobres, "mais sabe descobrir nêles o semblante de Cristo".⁷³

Cristo é a atmosfera que sua alma respira. Vive e morre em Cristo. Amparado pela sociedade dos irmãos, pode reali-

64 *Nihil sibi a Christo carius. Regra, cap. V.*

65 *Imitans Dominum de quo dicit Apostolus: Factus obediens usque ad mortem. Regra, cap. VII.*

66 *Sive servus liber, omnes in Christo unum sumus et sub uno Domino æqualem servitutis militiam. Regra, cap. II.*

67 *Amore Christi et consuetudine ipsa bona et delectatione virtutum. Regra, cap. VII: Décimo segundo grau de humildade.*

68 *Abnegare semetipsum sibi ut sequatur Christum. Regra, cap. IV.*

69 *Nihil amori Christi præponere. Regra, cap. IV.*

70 *Cogitationes malas cordi suo advenientes mox ad Christum allidere. Regra, cap. IV.*

71 *Ut sicut revera Christo. Regra, cap. XXXVI.*

72 *Omnes supervenientes hospites tamquam Christus suscipiantur. Regra, cap. LIII.*

73 *Pauperum et peregrinorum maxime susceptionis cura sollicitè exhibiatur, quia in ipsis magis Christus suscipitur. Regra, cap. LIII.*

zur o seu único ideal: amar a Cristo, "nada preferit: nada, absolutamente nada, a êsse Cristo que o conduzirá, junto com êles, à vida eterna".⁷⁴

Na escola de S. BENTO, a vida monástica é uma "procura de Deus",⁷⁵ "pelo caminho do Evangelho, seguindo os passos de Cristo".⁷⁶

D. MARION conhece todos êsses textos. Ele próprio se compraz em reuni-los nas suas notas manuscritas. Nêles, sua alma encontra constante apóio. Para ele, "Cristo é o grande meio para ir a Deus".⁷⁷ "Por tôda parte, em sua *Regra*, o nosso bem-aventurado Pai nos coloca diante dos olhos: Cristo".⁷⁸

A graça própria e excepcional de D. MARION foi a de viver a fundo, com extraordinário vigor, esse ponto central do cristianismo. Ele não pode conceber o ideal de sua vida monástica, como tão pouco o ideal de tôda vida cristã, fora de Cristo. "Como tantas vêzes já vos tenho dito, a Ordem de S. Bento não é senão o desabrochamento, em tôda a sua amplitude, da vida cristã. Procuramos simplesmente praticar, com o máximo de perfeição possível, o que Cristo ensina e prescreve: queremos viver segundo os Seus preceitos e conselhos. Nossa vida deve ser a expressão perfeita do Evangelho".⁷⁹

A "conversão dos costumes"⁸⁰

Há múltiplas maneiras de viver o Evangelho, fonte de tôdas as formas da espiritualidade cristã. A santidade bene-

⁷⁴ *Christo omnino nihil proponant, qui nos pariter ad vitam aeternam perducat. Regra, cap. LXXII.*

⁷⁵ *Si revera Deum querit. Regra, cap. LVIII.*

⁷⁶ *Per ducculam Evangelii pergamus itinera eius. Regra, Prólogo.*

⁷⁷ *Conférence Monástica, Louvain, 1915 (autógrafo).*

⁷⁸ *Conférence Monástica, Louvain, antes de 1909.*

⁷⁹ *Conférence, Mercredi, 18 de julho de 1917.*

⁸⁰ O texto crítico traz *conversio morum suorum*. D. MARION utilizou o texto recebido *conversio morum suorum*, incluído na fórmula de sua profissão. Observa D. FEUSSBART SCHMITZ, em sua edição da *Regra de S. Bento* (pág. 166): "As duas expressões são muito próximas e se equivalem". — "Bem poderia acontecer que, na época de S. BENTO, a linguagem popular con-

ditina encarna um dos mais ricos aspectos dessa perfeição evangélica.

Desde o *Prólogo* de sua *Regra*, S. BENTO, com um traço decisivo, soube vincular a sua concepção do ideal monástico ao vasto movimento de “retorno” de tôdas as criaturas a Deus. Perspectivas grandiosas, que mais tarde se encontram em S. TOMÁS DE AQUINO, e que dão a tôda santidade o impulso de uma “conversão” do homem para Deus.

“Para bem compreender êsse pensamento, observa D. MARMION, devemos remontar até à origem de nossa raça.

“Deus criara o homem num estado de retidão, de justiça e de inocência perfeita. Adão e Eva, criados sem mácula, foram elevados, logo após a sua criação, à união sobrenatural. Deus lhes fêz o dom da graça santificante, a fim de os divinizar e unir a Si. Suas inteligências estavam iluminadas pelas luzes divinas, suas vontades submissas ao beneplácito de Deus, suas almas orientadas para Ële, seus corações repletos do divino amor. O dom de integridade decorria da graça até nas faculdades inferiores, submetendo-as sem resistência às superiores, achando-se estas, por sua vez, submetidas a Deus. Era a paz, a tranqüilidade perfeita, a harmonia. *Pax omnium rerum, tranquillitas ordinis.* ⁸¹

“Todavia, no momento da prova, por pusilanimidade e amor-próprio, o primeiro homem preferiu-se a Deus. Desviou-se do seu Criador, arrastando consigo na queda tôda a sua raça.

“Desde então, para todos os sêres humanos, à exceção de Cristo e da Imaculada, a santidade assume a forma de uma “conversão”, achando-se todos afastados de Deus.

“Para reparar essa culpa original, Deus nos enviou um “segundo Adão.” ⁸² Deus constituiu o Cristo, chefe de todos os homens, causa única de sua salvação, da graça, de todos os dons divinos. Tendo nós imitado o primeiro Adão por nossa desobediência, devemos “retornar” a Deus por Cristo”. ⁸³

“Cristo é a fonte dessa “conversão”, essência de tôda san-

fundisse praticamente as palavras “*conversatio*” e “*conversio*”, tão próximas uma da outra” (A. WILMART).

81 S. AGOSTINHO, *De Civitate Dei*, XIX,13.

82 I Cor. XV,46-47.

83 *Retiro*, Maredret, 1905.

tidade cristã. No primeiro momento de Sua existência, Ele se orientou para o Pai com todo o Seu coração, com tôda a Sua alma, com tôdas as Suas fôrças e com todo o Seu espirito, afastando-Se infinitamente de tudo quanto é pecado ou imperfeição. Eis a santidade perfeita: *Tu solus sanctus Jesu Christe*.⁸¹ “Todo o cristianismo consiste em seguir a Jesus Cristo nêsse movimento para seu Pai”.⁸²

A “compunção do coração”

S. BENTO, que acolhia, em seus mosteiros, pagãos apenas evangelizados, criaturas incultas e bárbaras como o gôdo de que fala S. GREGÓRIO, — insistia sôbre “a compunção” do coração, a fim de fixar o “convertido” num estado permanente de morte ao pecado, conservando-o ao abrigo de tôda recaída. Eis aí, incontestavelmente, um dos “traços dominantes da sua *Regra*”.⁸⁶

À primeira vista, surpreende-nos. O têrmo de “compunção” não agrada à mentalidade moderna. Evoca uma atitude de retraimento em si mesmo, de opressão, de tristeza, que vem paralisar todo impulso de entusiasmo e de conquista apostólica. Na realidade, porém, essa profunda aquisição de consciência da nossa condição de pecadores acha-se radicada no próprio coração do Evangelho. Foi pela pregação da penitência que se iniciou o ministério de Jesus. O espirito de compunção acha-se na própria base da espiritualidade cristã, é o sentimento normal do “convertido”, a garantia de sua perseverança. S. BENTO não fêz mais do que retomar nêste ponto, como nos outros pontos fundamentais de sua *Regra*, os ensinamentos de Cristo.

Parece paradoxal que D. MARMION, tão jovial e tão espontâneo, possa ter encarnado êsse aspecto do Evangelho. No entanto, a “compunção do coração” constitui um dos magnos temas de sua espiritualidade. Nos mosteiros beneditinos, é costume compor o “elogio” dos Abades falecidos, para ser lido anualmente no refeitório. O de D. MARMION, redigido, no

84 *Missas: Gloria in excelsis*.

85 *Conferência a Beneditinas*, sem data (autógrafo).

86 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, outubro de 1898 (autógrafo).

dia seguinte ao de sua morte, por um dos que mais intimamente o conheceram, D. BERNARDO CAPELLE, Abade de Mont-César em Louvain, conservou a nota de “compunção” como uma das componentes de sua alma beneditina: “Tendo entrado na “escola do serviço do Senhor”, exercitando-se com fidelidade numa vida de fé, humildade, obediência e *compunção*, D. COLUMBA MARMION mereceu penetrar nas mais íntimas profundezas dos mistérios de Cristo, conhecer êsse amor que ultrapassa tôda ciência, o qual hauria com tanta avidéz numa cotidiana meditação dos escritos de S. PAULO.

Desde os primeiros dias de sua iniciação na vida monástica, D. COLUMBA sentiu-se tomado por essa necessidade da “conversão dos costumes.” As *Notas Intimas* acham-se repletas de tais confidências: “Hoje, recebi preciosas luzes sôbre a compunção e a mortificação, ao mesmo tempo que sôbre a devoção a S. BENTO e a estabilidade”.⁸⁷ “Os Anjos, diante do trono de Deus, velam o próprio semblante. Cheios de pasmo e de admiração à vista da infinita Santidade de Deus, não cessam de proclamar em alta voz: “Santo, Santo, Santo é o Senhor...” Quanto a nós, pobres pecadores caminhando ainda nêste mundo, surgem outros sentimentos à luz de nossa fé. Contemplando em espírito essa infinita Santidade do Senhor, devemos gemer no íntimo de nossos corações: “Misericórdia, Misericórdia!” Eis o nosso *Sanctus* e a Igreja adotou o brado cotidiano: *Kyrie eleison!* Senhor, tende piedade de nós”.⁸⁸

No retiro pregado por D. GERMANO MORIN, anota êle: “A compunção é a disposição primordial de uma verdadeira vocação monástica”. E, imediatamente, toma como resolução: “Vivendo embora numa santa alegria e mesmo na jovialidade, corrigir e banir tôda trivialidade e tôda dissipação, inimigas fidalgas da compunção”.⁸⁹

“A compunção do coração” tornar-se-á um dos temas prediletos de suas pregações de retiro. Seu ensino sôbre êsse ponto será magistral, haurido em origem, conforme o seu hábito, nos textos clássicos da *Regra* de S. BENTO, mas rápida-

87 *Notas Intimas*, entre abril e junho de 1888 (ingl.).

88 *Ibidem*.

89 *Notas Intimas*, 17 de maio de 1891 (ingl.).

mente integrado na síntese pessoal de uma vida espiritual tôda centrada em Cristo.

A humildade

A ascensão heróica do “convertido” deve prosseguir num clima de “compunção” e de “humildade”.

Há, na *Regra* de S. BENTO, um capitulo fundamental que a tradição beneditina sempre considerou com a síntese da espiritualidade monástica, e que contém, segundo afirmava D. MARMION, a substância de sua concepção “ascética e até mística”.

Nêsse capitulo VII sôbre os doze graus da humildade, nada de sistemático nem de escolástico como em nossos tratados modernos de espiritualidade, mas a evocação sóbria e vigorosa de um retrato de conjunto do monge ideal “à procura de Deus.” Na base de sua existência, uma consciência aguda da própria miséria e do próprio nada em face de Deus; e, em presença dessa divina Majestade, um temor todo filial que conserva na alma dos filhos de adoção o sentido da transcendência divina. Essa profunda reverência diante do Ser Infinito é uma atitude característica da piedade beneditina. Esse santo “temor de Deus”, cheio de amor, nada tem de um sentimento trágico de pavor. A alma beneditina sente-se filha de Deus. Quer cantar a glória do Único que É. Em face do Incriado, tudo é nada.

Clamat, a Escritura o proclama: “Todo aquêle que se exalta será humilhado, todo aquêle que se humilha será exaltado”. Tal é a lei fundamental que o santo Patriarca lembra vigorosamente a seus monges, querendo conduzi-los ao “ápice da humildade e da glória celeste”. E desrolam-se os doze graus, na maioria tomados de Cassiano, mas pelos quais passa um novo sôpro. O monge os transpõe com coragem e perseverança, atingindo o supremo grau da perfeição cristã, onde sua vida logo se estabiliza no puro amor, *mox ad caritatem Dei perveniet*.

D. MARMION meditara longamente essas páginas de alta espiritualidade. Haviam-lhe prendido a atenção de jovem monge. Comentá-las-á como Prior de Mont-César em Louvain e, mais tarde, como Abade de Maredsous. “Na Escola de

S. BENTO”, declarava êle, “a vida espiritual é extremamente simples. Temos sòmente que desbravar o terreno, exterminar o pecado, desenraizar os vícios, humilhar-nos e Deus fará o resto. Se fômos perfeitamente humildes, não haverá graça com que Deus não nos cumule”.⁹⁰

Desde os primeiros passos na vida monástica, D. COLUMBA foi atraído para a humildade: “Recebi, ùltimamente, uma luz que me parece preciosíssima: Deus, nêste momento, contempla-me. Vê o abismo da minha miséria. Sabe tudo, até “os futuros condicionais”. Sabe perfeitamente em que abismos eu sossobrarria se Êle me privasse de Sua graça. Conhece com exatidão aquilo de que sou capaz. Eu mesmo posso adivinhá-lo recordando o meu passado, e resvalaria mais baixo ainda, porque o abuso da graça seria tão grave que me arrastaria a cometer os maiores crimes. Isto é rigorosamente verdadeiro a qualquer momento, até quando me sinto todo abrasado pelo desejo de agradar a Deus. Sou tão inconstante! Êste pensamento me humilha e me faz compreender quanto Deus é bom ao suportar-me e como só nos méritos de Jesus Cristo posso apoiar a minha confiança. “A humildade”, observa S. FRANCISCO DE SALES “não é senão a coragem da verdade, aplicada a si mesmo em todo o seu rigor e consequências”.⁹¹

D. COLUMBA esquadrinha então a *Suma Teológica* de S. TOMÁS DE AQUINO e anota cuidadosamente as análises do santo Doutor que vão direto ao âmago do problema: “A humildade considera a submissão do homem em relação a Deus e, por êsse motivo, submete-se aos outros homens”.⁹² “A humildade mede-se, antes de tudo, por Deus.”⁹³ “O humilde só descobre em si nada e pecado. Sem mentir, pode colocar-se abaixo do próximo, seja qual fôr, por causa dos dons de Deus que nêle reverencia”.⁹⁴

90 *Conferência Monástica*, Louvain, antes de 1909.

91 *Notas Intimas, Retiro*, maio de 1889 (ingl.).

92 *Humilitas respicit reverentiam qua homo Deo subijcitur et ideo quilibet homo debet se cuilibet proximo subijcere*. IIa-IIae, Q. CLXI, art. 3.

93 *Per humilitatem debemus nos subijcere omnibus proximis propter Deum*. IIa-IIae, Q. CLXI, art. 3, ad 1.

94 *Aliquis absque falsitate potest se credere et pronuntiare omnibus viliozem secundum defectus occultos, quos in se recognoscit et Dona Dei, quæ in aliis latent*. Ha-Hae, Q. CLXI, art. 6, ad 1.

Como verdadeiro espiritual, D. MARMION sente o lugar fundamental da humildade no edifício da perfeição: “Quando cessamos de progredir na humildade, cessamos de avançar em santidade”.⁹⁵ E ei-lo retomando os textos de S. TOMÁS que assinalam o papel primordial da humildade na vida espiritual, pela eliminação do maior obstáculo à santidade: o orgulho *Humilitas primum locum tenet in quantum scilicet expellit superbiam cui Deus resistit et præbet hominem subditum et paratum ad suscipiendum divinæ gratiæ, in quantum evacuat inflationem superbiæ.*⁹⁶⁻⁹⁷

“Deus quer exaltar-nos, “deificar-nos”. Ele nos destina a gozar de Sua própria beatitude, a contemplar a Sua infável Essência, a entrar em sociedade com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, mas é preciso seja Ele que o faça. O grande pecado do anjo foi, não o de desejar essa elevação sublime, mas o de querer atingi-la com as próprias forças. Presunção intolerável para Deus. Lúcifer foi imediatamente precipitado no inferno. O pecado de Adão foi também o de ter querido, por si mesmo, possuir o conhecimento do bem e do mal”.⁹⁸

“Deus é essencialmente o Primeiro Princípio. Nossa homenagem para com Ele consiste em reconhecê-LO como Fonte de todo bem: *Omne datum optimum et omne donum perfectum desursum est descendens a Patre luminum.*”⁹⁹ Eis o que nega, na prática, aquêle que tenta agir por si mesmo. Não se acha tôda criatura, em relação a Deus, num vínculo de total dependência? *Tota a Deo et ad Deum?* A humildade é o reconhecimento prático dêsse vínculo. É infinita a elevação à qual Deus nos destina. *Só Ele* pode fazer com que a alcancemos. Disso, tem consciência o humilde, de um modo habitual. O orgulhoso, de maneira quase inconsciente, coloca-se a si mesmo em lugar de Deus. Exalta-se em pensamento, em palavra, em ação, constituindo o seu próprio “eu” como princípio de tudo. Pouco a pouco, deseja que o admirem, constitui-se fim supremo e centro de tudo.”¹⁰⁰

95 *Notas Intimas*, setembro de 1895 (ingl.).

96 *Ila- Ilae*, Q. CLXI, art. 5, ad 2.

97 *Conferência Sacerdotal*, Dinant, Epifania de 1899 (autógrafo).

98 *Retiro*, Maredsous, setembro de 1916.

99 *Jac.* I, 17.

100 *Retiro*, Erdington, dezembro de 1907 (autógrafo ingl.).

O orgulhoso tenta roubar de Deus o de que Ele é mais zeloso: a Sua glória. E Deus não pode tolerar que se toque em Sua glória. Não discute com os orgulhosos, quebra-os: *Deus superbis resistit*.¹⁰¹⁻¹⁰²

O Abade de Maredsous se compraz achando em S. BENTO essa grandiosa concepção da humildade que situa a alma em face de Deus e, com a tradição beneditina, tem razão em considerar êsse capítulo como a própria essência da santidade monástica:

“Na base — *Timor Domini* — um temor reverencial e todo filial que conserva a alma sempre em adoração diante de Deus. Depois, a subida para a perfeição sob a direção exterior e a autoridade do Abade, tendo, como atitudes virtuosas e correspondentes ao interior da alma, uma profunda humildade, expressão da obediência, sendo esta, por sua vez, a expressão do amor e achando seu ponto culminante no *Opus Dei*. Enfim, no têrmo, *caritas perfecta*,¹⁰³ a consumação no amor.

“Nêste grau, não há mais necessidades de *Regra*; o próprio Espírito de Deus dirige a alma ao sôpro do Amor”.¹⁰⁴ “Chegado ao décimo segundo grau de humildade, o monge vive então exclusivamente para Deus: é um santo!”¹⁰⁵

O “bem da obediência”¹⁰⁶

A obediência ocupa lugar central na vida monástica. Assegura, de maneira infalível, o retôrno do homem a Deus em Cristo. “Com efeito, tendo-se afastado de Deus a raça humana na pessoa de seu chefe pela desobediência de Adão, o plano da Sabedoria eterna foi o de reconduzir os homens a Deus pela obediência do segundo Adão, ao qual nos devemos associar por nossa própria obediência. Todo o cristia-

101 *Jac.* IV,6.

102 *Conferência Sacerdotal*, Dinant, Epifania de 1899 (autógrafo).

103 *Conferência Monástica*, Louvain, antes de 1909.

104 *Ibidem*.

105 *Conferência*, Maredsous, fevereiro de 1917.

106 *Regra*, cap. LXXI.

nismo nisto se resume: aceitar Jesus Cristo, e n'Ele, tôda a vontade do Pai".¹⁰⁷

D. MARMION admirava essas considerações simples e profundas, cujo teocentrismo refulgente eleva a obediência religiosa à dignidade de uma perfeita conformidade ao plano de Deus, revestindo de altíssimo valor moral as mínimas atividades monásticas, permitindo, no quadro de uma existência ordinária, atingir uma vida sublime, identificada com a de Cristo realizando a vontade do Pai.

O modernismo acusava a obediência religiosa de ser uma abdicação da personalidade humana, por não ter compreendido o lugar dessa virtude no conjunto do govêrno divino. Repetidas vêzes, teve o Abade de Maredsous que erguer-se contra essa nova forma do individualismo, relembando enêrgicamente que a submissão a Deus, através de Seus representantes, inclui-se nas leis que regem tôdas as criaturas. Essa indispensável subordinação das causas assegura a ordem e a harmonia do universo. Deus governa os homens pelos homens, é o que se encontra na lógica da Encarnação. Mas, através dos homens, é sempre a Deus que se obedece.

Fiel a seu cristocentrismo, D. MARMION considera a obediência monástica como "fazendo parte da economia divina pela qual Deus quer que tôda criatura se conserve prostrada aos pés de Cristo. É a disposição em virtude da qual o homem, por amor de Deus, consente em prostrar-se diante de Cristo na pessoa escolhida pelo próprio Deus, quer se trate de um Superior simpático ou não, perfeito ou imperfeito. Em meu Abade, devo considerar Cristo e submeter-me inteiramente a Ele. Nada avilta tanto o homem quanto a obediência servil. Assim, para que a nossa obediência seja sobrenatural, é preciso ver em tôda autoridade uma participação na autoridade de Deus: *Non est potestas nisi a Deo*.¹⁰⁸⁻¹⁰⁹ Isto, porém, só se descobre na luz de Deus, "é uma questão de fé", *Creditur*.¹¹⁰ "Quanto maior a vossa fé, mais o vosso Abade será para vós o Cristo".¹¹¹

107 *Notas Autógrafas*, janciro de 1903.

108 *Rom.* XIII,1.

109 *Conferência Monástica*, Louvain, antes de 1909.

110 *Retiro*, Maredsous, setembro de 1916.

111 *Conferência*, Maredret, 1905.

Assim compreendida, a obediência pode atingir o mais alto valor místico. Tôda penetrada de humildade, opera em nós como que uma misteriosa substituição da nossa personalidade pela própria personalidade de Cristo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”.¹¹²

Libertadora do nosso próprio “eu”, a obediência torna-se então um meio infalível de santidade, coloca-nos na escola dos santos. E D. MARMION gostava de lembrar a seus monges a força única das grandes famílias religiosas onde, a exemplo dos santos canonizados, os seus discípulos e os seus irmãos se reconhecem numa autêntica “escola de santidade”. *Schola Dominici servitii*.¹¹³ “O melhor monge num mosteiro é aquele a quem o Abade pode recorrer em qualquer oportunidade, a quem pode impor qualquer tarefa, com a certeza antecipada de que êle colocará à disposição do seu Abade tudo quanto possui de talento e de energia física, conformando seu juízo e seu modo de ver ao do Superior. Tal monge é um holocausto contínuo à glória de Deus. Como Jesus, pode dizer: “Faço sempre o que agrada a meu Pai.” *Quæ placita sunt ei, facio semper*.¹¹⁴ Sua vida é um cântico de amor, como a do Verbo Encarnado. Tal monge, embora com recursos medíocres, fará grandes coisas por Deus e triunfará em tôda ocasião, *loquetur victorias*,¹¹⁵ pois dispõe da Onipotência divina, *voluntatem timentium se faciet*.¹¹⁶ Um monge perfeitamente obediente não pode deixar de se tornar um santo”.¹¹⁷

O holocausto

Todo êsse movimento de “procura de Deus” pelo desapego do mundo e pela abnegação de si mesmo acha a expressão suprema nos votos monásticos.

O monge deixa tudo para se dar a Deus para sempre. A

112 Conferência, Maredsous, 6 de dezembro de 1916.

113 Regra, Prólogo.

114 Joan. VIII,29.

115 Prov. XXI,28.

116 Ps. CXLIV,19.

117 Notas Autógrafas, por volta de 1901.

profissão religiosa opera uma consagração de todo o seu ser a Deus, em união com Cristo, em “holocausto de amor”,¹¹⁹ A partir desse momento, a virtude de religião envolve cada um de seus atos. Como a de Cristo, sua existência é inteiramente votada à glória do Pai.

Reduzir a perfeição religiosa à prática do jejum, da abstinência, do silêncio perpétuo e de outras observâncias monásticas, é desenhar-lhe uma caricatura. A santidade religiosa consiste na perfeição do amor pela perfeição do sacrifício. Os três votos de religião, libertando o homem de todo o criado e de si mesmo, permitem-lhe, tanto quanto é possível neste mundo, fazer de sua vida um continuo exercício de amor. A alma não vive mais senão para Deus, a serviço de Sua glória e pelo bem de sua Igreja.

D. MARMION possuía em raro grau o sentido teologal dos votos de religião e de tôdas as observâncias monásticas. A prática da pobreza, ensinava êle, “conduz ao desapêgo de tôda criatura. Realiza um exercício muito elevado da virtude teologal de esperança, pela qual desejamos Deus como nosso único e verdadeiro Bem. Deus ultrapassa infinitamente tôdas as riquezas criadas. Quanto mais nos desaparegamos de tudo quanto não é Êle, quanto mais somos “pobres de espirito”,¹²⁰ mais entramos na posse de Deus. Por êsse motivo, o nosso voto de pobreza torna-se uma homenagem à Perfeição divina. Renunciamos a todo o criado para afeiçoar-nos exclusivamente a Deus: é um holocausto”.¹²⁰

O mesmo sucede com o voto de castidade. A virgindade é uma homenagem à suprema Beleza do Criador. A alma virgem não conhece outro desejo além de Deus: “Senhor, que nem uma fibra do meu coração deixe de ser vossa. Não tenho necessidade alguma das criaturas. Vós, sòmente Vós me bastais”.¹²¹

O voto de obediência sobretudo, quintessência da profissão religiosa, realiza essa universal consagração de todo o ser à glória de Deus. D. MARMION sublinha êsse sentido pri-

118 *Retiro*, Damas Inglesas, Bruges, agosto de 1907 (autógrafo ingl.).

119 *Matth.* V,3.

120 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1905.

121 *Ibidem.*

mordial de homenagem do compromisso monástico em relação às fórmulas mais recentes de vida religiosa.

As Ordens modernas salientaram admiravelmente o lado social da obediência e o seu papel de primeira importância a serviço do corpo místico de Cristo. Ela designa a cada um o seu lugar na sociedade cristã. As diversas famílias religiosas têm cada uma o seu objetivo determinado; entra-se em vista de uma missão especializada: Ordens missionárias, Congregações hospitalares ou docentes, e a multidão dos Institutos que tão maravilhosamente se adaptam às múltiplas exigências de cada época e à penetração da mensagem cristã. A obediência religiosa fixa a cada um o seu pôsto de combate e prepara à Igreja, em todos os meios, militantes qualificados. D. MARMION compreendia perfeitamente êsse sentido social da obediência: “Ela é útil”, observa êle, “não só para a nossa perfeição pessoal. É, sobretudo, de importância capital para o bem da Igreja”.¹²²

Todavia, a sua concepção monástica da obediência inclina-o, acima de tudo, a considerá-la em relação a Deus: “Os modernos consideram a obediência, a partir da experiência, como uma necessidade da vida comunitária. S. BENTO a faz princípio vital e ponto de origem da vida monástica. A obediência lhe dá sua unidade”.¹²³ Este, porém, não é ainda senão o seu aspecto de utilidade pessoal. É preciso elevar-se mais: “Ela constitui a suprema homenagem do homem a Deus”.¹²⁴ “Eu me fiz monge para obedecer”,¹²⁵ proclamava D. MARMION. “Quanto a nós, tornamo-nos monges exclusivamente para “procurar a Deus”, para dar-Lhe tôda glória pela homenagem que Lhe resulta de nossa submissão. Todo o resto não é mais que um lado acidental da vida monástica. Essa homenagem, porém, é a maior que o homem possa dirigir a Deus. Considerai Cristo. Qual foi o Seu primeiro ato ao entrar neste mundo? Um ato de obediência: *Eccè venio ut faciam, Deus, voluntatem tuam*.”¹²⁶⁻¹²⁷

122 *Retiro*, Maredret, 1898.

123 *Notas Intimas, Retiro*, maio de 1891 (ingl.).

124 *Retiro*, Damas Inglesas, Bruges, 1907 (autógrafo ingl.).

125 *Retiro Sacerdotal*, Tournai, agosto de 1922.

126 *Hebr. X,7*.

127 *Conferência Monástica*, Louvain, antes de 1909.

Sem dúvida, toda forma de obediência religiosa visa Deus antes de tudo. Mas a profissão monástica assume, com maior energia ainda, em sua formulação exterior quase ritual, esse sentido de um ato de culto e de consagração a Deus. A profissão monástica é pronunciada, não no Capítulo conventual, mas na Igreja ou na Capela, durante a Missa, com “a Carta sobre o altar”,¹²⁸ a fim de melhor simbolizar a união do novo professo com Cristo, Sacerdote e Hóstia, num mesmo impulso de oblação à glória do Pai: *una cun Christo hostia*.¹²⁹

Com predileção, volta D. MARMION a esse sentido de imolação e de culto perpétuo de uma profissão religiosa em união com Cristo. Sente-se que ele mesmo a constituíra centro de sua vida. Renovava freqüentemente essa fórmula de oblação no momento do Sacrifício Eucarístico e na XII estação de sua Via Sacra cotidiana. Em seus retiros monásticos, de bom grado tomava como tema de pregação: “Hóstia com Cristo pela profissão”.

A seus olhos, toda a santidade do monge se contém em germe na sua profissão, como para o cristão no seu batismo. Nela se encontra o duplo aspecto: de morte ao pecado e de vida em Deus, essência de toda santidade. Só resta ao monge, no decurso de sua existência, entrar cada vez mais nêsse espírito de imolação e de consagração que o conduzirá infalivelmente, se fiel, à mais elevada santidade. “No leito de morte, renovar-se-á sua profissão monástica num ímpeto de amor, puro e perfeito, antes de ir cantar sua oblação diante do trono da Santíssima Trindade”.¹³⁰

Fidelidade por amor

Na medida em que D. COLUMBA MARMION professava um verdadeiro culto pela obediência, queria também fôsse ela proveniente do amor. “Segundo as próprias palavras de S. BENTO, o monge pratica “uma obediência absoluta”, *omni*

128 *Regra*, cap. LVIII.

129 Cf. *Retiro*, Maredsous, setembro de 1916; *Retiro*, Maredsous, setembro de 1919; *Retiro*, Maredret, dezembro de 1921.

130 *Retiro*, Maredsous, setembro de 1900.

obedientia, mas por um motivo de amor: *pro Dei amore*.
 131-132 A obediência monástica aparecer-lhe-á sempre como a submissão livre e jubilosa dos filhos de adoção para com o Pai celeste, e, de acôrdo com a sua fórmula familiar: “a expressão adequada do amor”. 133 “Isto é capital”, insiste D. MARMION, “a obediência beneditina é uma obediência de amor”. 134

O Abade de Maredsous sempre lutou vigorosamente contra um dos maiores perigos da vida espiritual: o farisaísmo. “Em si, a *Regra* e tôdas as suas prescrições materiais são algo de absolutamente exterior, por conseguinte, acessório e secundário na obra de nossa santificação. É possível observar exteriormente a *Regra* inteira e ser, apesar disso, um pobre monge. Mas a obediência, por si pequenina em relação a Deus, como tudo quanto é humano, adquire um valor quase infinito se a praticamos com amor”. 135

“O Antigo Testamento tinha por objetivo encaminhar o povo eleito para Cristo pela obediência à Lei. No Novo Testamento, tudo visa o interior: “O reino de Deus está dentro de vós”. 136 “O exterior só vale na medida das disposições íntimas da alma, só vale como expressão de nosso amor a Cristo e ao Pai”. 137

Há, na verdade, duas maneiras de praticar a *Regra*: a primeira, puramente exterior e legal, a do fariseu; a outra, não menos fiel, mas por amor, à maneira da Virgem de Nazaré. Sem dúvida, por coisa alguma do mundo quereria D. MARMION “desacreditar ou depreciar a observância”. 138 A letra é guardiã do espírito. O próprio Cristo mostrou-Se fiel à lei até ao mínimo jota, mas “a nossa observância só tem valor enquanto animada pelo Espírito de Deus”. 139

A doutrina do Abade de Maredsous permanece num per-

131 *Regra*, cap. VII, 3º grau de humildade.

132 *Retiro*, Maredsous, setembro de 1919.

133 *Conferência Monástica*, Louvain, antes de 1909.

134 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1916.

135 *Conferência Monástica*, Louvain, antes de 1909.

136 *Luc.* XVII,21.

137 *Conferência Monástica*, Louvain, antes de 1909.

138 *Ibidem*.

139 *Ibidem*.

feito equilíbrio entre todo laxismo dissolvente, fonte de decadência para as comunidades religiosas, e um literalismo rígido, por demais escravo da letra, obstáculo à liberdade do Espírito. “A realização exata da santa *Regra*, por amor de Deus, conduz infalivelmente a um grau heróico de santidade”,¹⁴⁰ e êle citava com freqüência o exemplo de S. JOÃO BERCHMANS: “Que fêz êle para ser santo? Simplesmente, observou sua *Regra* por amor”.¹⁴¹

“Que importa sejamos aproveitados nas mais humildes funções, desde que as desempenhemos com amor? Podemos, assim, fazer mais pela Igreja que um grande pregador, porque todo ato de puro amor tem repercussão na Igreja inteira. É como um afluxo de novo sangue que se derrama em todo o corpo místico de Cristo”.¹⁴² Essa fidelidade absoluta e sem brilho é de imenso valor.

A caridade fraterna

A caridade é a lei da sociedade cristã e a alma de tôda vida comunitária. A *Regra* de S. BENTO, em particular, é um código perfeito de amor fraterno. Os monges devem auxiliar-se reciprocamente para atingirem a perfeição, animados uns para com os outros “de zêlo transbordante de caridade, num mútuo respeito, suportado com paciência as fraquezas alheias”,¹⁴³ de coração voltado para as grandes necessidades da Igreja, prontos a servir quem quer que se lhes apresente em nome de Cristo. “Considero êste ponto como sendo talvez o mais importante de tôda a vida espiritual”,¹⁴⁴ afirmava D. MARMION. Será de admirar? SANTA TERESINHA DE LISIEUX, que descobrira, “no fim de sua vida”,¹⁴⁵ tôda a profundeza dêsse preceito do Mestre, fazia observação análoga: “A caridade fraterna, é tudo na terra”.

Longa experiêcia revelara ao Abade de Maredsous o lu-

140 *Conferência Monástica*, Louvain, antes de 1909.

141 *Retiro*, Maredret, 1921.

142 *Conferência Monástica*, Louvain, antes de 1909.

143 *Regra*, cap. LXXII.

144 *Retiro*, Maredret, 1901.

145 *História de uma alma*, IX.

gar primordial dessa virtude em tôda vida cristã. Ela é, conforme dizia, o “barômetro” ¹⁴⁶ do fervor de uma comunidade e da santidade de uma alma. “Conheci um religioso que passava cada dia duas horas em oração; mas depois deixava abandonado a quem lhe fôsse pedir um obséquo. Que fazia, pois, em sua oração? Brincava com as próprias idéias. Se se houvesse ocupado de Deus, o Senhor lhe teria ensinado a dar-se sem reserva ao próximo, em vez de se retrair. O efeito da oração teria sido, pelo contrário, de lhe fazer aceitar Cristo nos seus irmãos. Só as almas dedicadas ao próximo amam verdadeiramente a Cristo”. ¹⁴⁷

D. MARMION gostava de contar o episódio referido por S. JERÔNIMO: “O Apóstolo S. João, já velho, não cessava de repetir a seus fiéis: “Amai-vos uns aos outros”. E como êstes lhe perguntassem porque repetia sempre a mesma coisa, deu-lhes uma resposta digna do discípulo amado: “É o preceito do Senhor e basta”. ¹⁴⁸ “Todos os outros mandamentos apresentam-se como prescrições da Lei; êste, porém, é o preceito mesmo do Senhor: *Hoc est præceptum meum*. “Este é o Meu preceito: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei”. ¹⁴⁹⁻¹⁵⁰ E à pena de D. MARMION afluem os textos que reúnem todos os ensinamentos de Cristo sôbre “êsse ponto de importância capital.” ¹⁵¹ Vê nisto o sinal autêntico de que pertencemos a Cristo, o preceito novo que nos prescrevem amar o nosso próximo à maneira de Jesus, *sicut dilexit nos* ¹⁵² apesar de suas deficiências naturais e de suas fraquezas de tôda espécie. Quer um amor puro, desinteressado, ativo, esquecendo-se a si mesmo no serviço alheio, vencendo as próprias repugnâncias para ver apenas a Cristo no próximo: “Amai-vos uns aos outros, apesar das dificuldades que podereis encontrar no exercício dessa caridade, e “Eu” pedirei a meu Pai que vos cumule com o seu Espírito de Amor, a fim de que,

146 *Retiro*, Maredret, novembro de 1905.

147 *Retiro*, Maredret, 1901.

148 *Retiro*, Maredret, novembro de 1905.

149 *Joan.* XV,12.

150 *Retiro*, Maredret, 1898.

151 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1921.

152 *Joan.* XV,12.

tornando-vos perfeitos na caridade, não mais existam em vós obstáculos à efusão das graças divinas".¹⁵³

E eis que lhe surge no pensamento a evocação da cena grandiosa do Juízo final onde, conforme a advertência do Mestre, tudo quanto tivermos feito ao mais pequenino dos Seus, terá sido a Ele mesmo que o fizemos: *Mihi fecistis*.¹⁵⁴

Doutrina clássica, na verdade, mas à qual D. MARMION soube comunicar a amplitude e o poder de expansão do seu cristocentrismo: "O verdadeiro monge faz bem a todos como ao próprio Cristo".¹⁵⁵ "Os que aceitaram a Encarnação sabem que Deus está no próximo; se não amamos a Deus sob esta forma na qual Ele se apresenta, não O podemos amar na Santidade, onde Ele se oculta".¹⁵⁶ "O Verbo, encarnado em sua Humanidade, encarna-Se também no Seu corpo místico. É impossível dissociá-los. A medida de nossa união a Cristo é a medida exata de nosso amor e de nossa união com o Seu corpo místico".¹⁵⁷

D. MARMION reage enérgica e humoristicamente contra certa literatura mística cujas fórmulas exageradas queriam reduzir êsse amor fraternal a uma vaga afeição das almas "em Deus." "Não": "Devemos amar como o próprio Deus. Ora, o amor de Deus dirige-se a cada um de maneira pessoal. Ele ama a cada um de nós com êsse algo que nos distingue um do outro. De cada um se pode dizer com verdade: "Não há ninguém semelhante a êle". *Non est inventu similis uti*.¹⁵⁸ Cristo não nos ama teoricamente e de maneira absolutamente geral, mas a cada um de nós em particular, como se deseja ser amado. Um amor *in globo* não satisfaz. Assim, devemos amar o nosso próximo, não de maneira puramente abstrata e geral, como se todos os nossos irmãos fôsem "cabecas de repólho..." A verdadeira caridade diz: "Meu Deus, eu Vos amo, a Vós, de todo o meu coração e abraço num mes-

153 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1921.

154 *Malth.* XXV,40.

155 *Retiro*, Maredsous, setembro de 1919.

156 *Retiro*, Maredret, 1901.

157 *Ibidem*.

158 *Job.* I,8; II,3.

mo amplexo de amor a santa Humanidade de Cristo; e, nEla, a cada um de Seus membros". ¹⁵⁹

"Deus une em um mesmo amor todos os membros de seu Filho, eis o Seu grande segrêdo. Assim, para receber plenamente a Cristo, o nosso coração deve ser bastante vasto para abranger tôda a humanidade". ¹⁶⁰ E a visão de D. MARMION conclui-se, como a de Cristo, pelo desejo da "consumação de todos os homens na unidade". ¹⁶¹⁻¹⁶²

A oração contemplativa

A importância primordial da oração não podia passar despercebida a um espiritual como D. MARMION. Considerava-a "fôrça de todos os santos" e segrêdo de sua "extraordinária firmeza" entre as vicissitudes da existência. "A criança que se agarra a um rochedo no momento da tempestade acha-se mais firme que o mais robusto homem". ¹⁶³ Ele mesmo, nas horas difíceis, sempre se refugiava na oração. Esse encontro vivo com o seu Deus o estabelecia na paz e comunicava-lhe novo entusiasmo. A atitude de uma alma em oração é reveladora de sua vida. Nossa santidade mede-se por esse contato íntimo com Deus.

A graça e os outros dons de Deus só desabrocham nas almas pela oração. "Não quero dizer que a oração possua objetivamente maior valor que o Santo Sacrificio da Missa, os Sacramentos ou o Oficio divino, não. O Oficio divino dá a Deus imensa glória, o Santo Sacrificio proporciona ao Pai Eterno louvor infinito pois que Lhe oferecemos o Seu divino Filho, e os Sacramentos são os canais instituídos por Deus para nos comunicar a graça. "Em si", nada lhes pode igualar a eficácia. Mas, na prática, a oração permanece como indispensável condição de eficácia de todos os outros meios. Uma alma que não faz oração pode recitar o Oficio, assistir à Missa e receber os Sacramentos; pouco avançará na perfeição.

159 *Retiro*, Maredret, 1905.

160 *Ibidem*.

161 *Joan.* XVII,23.

162 *Retiros*, Maredret, 1901 e 1905.

163 *Retiro Sacerdotal*, Tournai, agosto de 1922.

S. AFONSO DE LIGÓRIO, S. TERESA DE ÁVILA e todos os autores espirituais ensinam que o nosso progresso no amor depende da nossa oração: estado de oração e estado de nossa alma constituem praticamente uma mesma coisa".¹⁶⁴

É necessário ainda guardar-se de confundir os métodos de oração com a própria oração. Esse equívoco detivera o próprio D. MARMION, antes de sua entrada na vida monástica. "Muitas pessoas pensam que a oração consiste em fazer tais ou quais atos, em percorrer determinado ciclo, em observar as práticas indicadas pelos livros. Por certo, esses métodos podem ser úteis, mas não se deve julgar que, não os seguindo, não se faça em absoluto oração. Muitos o imaginam e eu mesmo o acreditei por longo tempo. No seminário, seguia-se um desses métodos: no início do livro de meditação, umas vinte páginas explicavam o seu uso e nós pensávamos que, não observando tudo isso, não fazíamos oração. Assim procedi durante anos, com maior ou menor fidelidade. Achava muito aborrecido. Seria meritório talvez, mas eu colhia poucas luzes.

"Da mesma forma, encontrei sacerdotes persuadidos da necessidade da oração, que tinham começado a praticá-la assim mas que, ao fim de dois ou três anos, tinham abandonado tudo. Por conseguinte, importa saber que a oração e o método de oração constituem duas coisas diferentes".¹⁶⁵

Significa isso que se deva dispensar todo método? D. MARMION não o pensava. Sua experiência das almas conhecia por demais a necessidade de encaminhar os principiantes por etapas para a união divina. Convidava-os a utilizar processos adaptados a seu estado. Sobretudo, o que êle fazia questão de assinalar, é a soberana liberdade que deve conservar a alma de oração em sua intimidade com Deus. Nêsse ponto, êle era apenas o eco de tôda a tradição beneditina. O segredo da vida de oração consiste, antes de tudo, em se deixar conduzir pelo Espírito Santo; e o Abade de Maredsous gostava de repetir o conselho de S. INÁCIO a S. FRANCISCO DE BORJA: "O melhor método é aquêle em que Deus mais Se comunica."¹⁶⁶

164 *Retiro*, Maredret, fevereiro de 1914.

165 *Ibidem*.

166 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1916.

Cabe a cada um escolher o método mais conforme a seu próprio temperamento, a suas exigências pessoais. “Quando se lêem os melhores escritos sôbre a vida de oração — os de uma S. TERESA ou de um S. JOÃO DA CRUZ — encontra-se tal ou qual maneira de fazer oração e de conversar com Deus. Então, certas almas se vêem tentadas a incluir-se no mesmo quadro, dizendo: “Eis o que devo fazer”. Ora, nunca vos esqueçais de que cada um possui a sua personalidade. Entre vós, não há duas que se assemelhem. O mesmo acontece com a oração. Não há duas almas com a mesma maneira de orar, isto é, de falar a Deus. Portanto, só se podem traçar linhas gerais quanto a êsse tema da oração. Deus se adapta ao caráter de cada um”.¹⁶⁷

Os textos da Sagrada Escritura, o Evangelho principalmente, constituem o alimento privilegiado dessa vida de oração.

A primeira coisa a fazer, não é “encher vossa alma do conhecimento de Deus e de Jesus Cristo? No início da vida espiritual, imagina-se, às vêzes, que a oração se fará por si mesma, sem esforço da nossa parte. Em absoluto. Deus quer que nos utilizemos de nossas faculdades. Muitas vêzes, é preciso aplicar-nos durante anos a conhecer Deus e o Cristo, a nos familiarizarmos com as Suas palavras, *Verbum Christi habitat in vobis abundanter*.¹⁶⁸ Lê-se no Ofício de S. CECÍLIA: “Essa gloriosa virgem trazia continuamente sôbre o coração o Evangelho de Cristo. Não cessava, dia e noite, de entreter-se com Deus e de fazer oração”. Se quisermos conhecer, com uma ciência verídica e profunda, Deus e tudo quanto Ele revelou em Jesus Cristo, devemos estudar as Sagradas Escrituras e meditá-las na oração. É preciso ter sempre diante dos olhos a vida e os mistérios de Cristo”.¹⁶⁹

O Evangelho possui êsse poder evocador da Presença de Jesus.

O próprio Ofício divino é maravilhosa “fonte de luz” para a oração e a contemplação. Quando se vai ao côro, desa-

167 *Conferência, Marearet, 9 de maio de 1911.*

168 *Coloss. III,16.*

169 *Retiro, Marearet, dezembro de 1905.*

pegado de tudo e recolhido na Presença de Deus, chega-se, quase sem dar por isso, a uma contemplação seguríssima e transcendente.

Muitas vêzes, murmurou Jesus os Salmos, quando passava as noites em oração, *pernoctans in oratione Dei*.¹⁷⁰ Oração sublime, expressão das relações do Verbo Encarnado com o Pai. Se recitarmos o Ofício nêsse espírito, em união com o Verbo Encarnado, nêle descobriremos um tesouro repleto de graças e de luzes, verdadeira revelação de Deus para as nossas almas”.¹⁷¹

O que mais importa na oração, não é pensar, mas multiplicar os atos de amor. Com todos os mestres espirituais, D. MARMION acentua êsse ponto capital. “Nossa oração deve ser muito mais impulso do coração do que um raciocínio”.¹⁷² “Na oração, o essencial é amar”.¹⁷³

Doutor da adoção divina, D. MARMION considera a oração “um colóquio do filho de Deus com o Pai celeste, sob a influência dos dons do Espírito Santo, e num espírito de adoção”.¹⁷⁴

O protótipo dessa vida de oração encontra-se na união dos bem-aventurados, contemplando Deus face a face, num amor imutável. Na terra, é “o contato íntimo com Deus nas trevas da fé”.¹⁷⁵

O Opus Dei

A curva ascendente da perfeição monástica assume um caráter de extrema simplicidade. O cristão “convertido”, tendo entrado para sempre no Mosteiro, ali vive na lembrança penitente de suas faltas, na “compunção do coração”, na “humildade” e na prática de tôdas as virtudes monásticas, numa perfeita abnegação de sua vontade própria, isto é, numa obediência sem limite, chegando ao ponto de tentar o

170 *Luc.* VI,12.

171 *Conferência*, Maredret, 24 de outubro de 1919.

172 *Retiro*, Maredret, fevereiro de 1914.

173 *Carta sem data a uma Carmelita*.

174 *Conferência*, Maredret, 9 de maio de 1911.

175 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1905.

impossível e achando sua expressão suprema na fórmula de profissão incessantemente renovada, em união com Cristo, em holocausto de amor. Fixado, pelo voto de estabilidade, no quadro familiar e na atmosfera de caridade fraterna da sua família religiosa, o monge concentra tôdas as suas energias em Deus sômente, numa profunda e continua oração, que prorrompe em acentos litúrgicos na hora do Ofício divino.

Opus Dei é o ponto culminante da vida beneditina. Ali se completa, no louvor divino, todo o movimento da espiritualidade monástica. Dessa eminência onde as almas cantam a Deus na paz, derivam imensos benefícios para a Igreja inteira.

Um dos primeiros efeitos da formação monástica sôbre a alma de D. MARMION foi a descoberta das riquezas espirituais da liturgia. A vocação beneditina encanta-o por causa desse officio de louvor que deve cumprir perante Deus, em nome de tôda a Igreja. "O pensamento de que sou verdadeiramente o embaixador da Igreja, delegado por Ela para dirigir minhas homenagens, várias vêzes por dia, diante do trono do Altíssimo, muito me auxilia na recitação do Ofício".¹⁷⁶ A liturgia permanecerá como centro de sua vida espiritual. Essa vocação de louvor sempre lhe aparecerá, não como o fim exclusivo, mas como a obra principal e a missão essencial da Ordem Beneditina. O *Opus Dei* é a herança da nossa Ordem; devemos estimá-lo acima de tudo o mais. Existimos, antes de tudo, para realizar essa "Obra", temos a honra de rodcar o trono de Deus. As outras Ordens podem ocupar-se de outras coisas; quanto a nós, nada devemos preferir ao Ofício divino, *nihil operi Dei præponatur*.¹⁷⁷

"Sem dúvida, a humanidade inteira tem o dever de louvar a Deus, mas são muitos, até entre os cristãos, os que só conhecem a oração de súplica. Muitos poucos se preocupam com adorar, agradecer e louvar. Então, Deus escolheu para Si um grupo de homens, encarregando-o de realizar a "Sua" obra: *Opus Dei*. Eis aí, repetia a seus monges o Abade de Ma-

176 *Notas Intimas*, 1º de maio de 1887 (ingl.).

177 *Retiro*, Maredret, fevereiro de 1914.

redsous, a grande coisa que Deus nos confia, que Ele espera de nós, para a qual nos reservou. Nós cantamos Deus". 178

Na vida do Mosteiro, tudo se acha subordinado ao Ofício divino. É possível dedicar-se a obras diversas conforme as circunstâncias; o Ofício divino ali permanece com "a obra por excelência".

Essa primazia do Ofício divino sôbre tôdas as atividades monásticas decorre do eminente lugar da virtude de religião em tôda vida cristã: "Deus, o Primeiro servido". Ela considera diretamente o culto de Deus e "impele-nos a render-Lhe a homenagem, a glória e a honra que Lhe são devidas. Eis porque a Igreja, intérprete das vontades divinas, impõe a todos os cristãos atos dessa virtude. Permite-lhes a escolha das ocupações de acôrdo com as respectivas aptidões, mas impõe-lhes a assistência à Missa e a aproximação dos Sacramentos. De certa maneira, diz a Igreja a todos os cristãos: "Nada prefirais à Obra de Deus". Isso não significa que os fiéis devam consagrar ao culto a maior parte do seu tempo, mas que, em sua estima, devem colocar acima de tudo o culto e os seus deveres de religião.

"Quanto à Ordem monástica, visto que forma, segundo o pensamento do nosso bem-aventurado Pai, uma sociedade onde se procura praticar com perfeição o cristianismo, é fácil conceber que êle tenha imposto como obra primordial: o *Opus Dei*. 179

"Com efeito, o Ofício divino chama-se "Obra de Deus" porque, pela sua natureza íntima, essa obra se refere diretamente a Deus. Em certo sentido, tôda obra pode ser chamada uma "obra de Deus", devido à intenção que a anima e ao desejo de agradar a Deus. Tais obras contudo, por sua natureza própria, não têm relação direta com a glória de Deus, proporcionando-a em virtude do fim do agente, *fine operantis*. Em si, continuam a ser obras ordinárias. Inteiramente oposto é o que sucede com o Ofício divino. Êste, por sua própria natureza, *fine operis*, pela própria finalidade do ato, tende diretamente à glória de Deus.

"Achando-Se Deus infinitamente acima da criatura, sua

178 *Retiro*, Maredsous, setembro de 1919.

179 *Regra*, cap. XLIII.

Obra deve preceder a tudo. Eis porque no Mosteiro, onde se deve viver o cristianismo tão perfeitamente quanto possível, tudo se concentra ao redor do *Opus Dei*. Antes do século XVI, não existia Ordem religiosa sem a recitação conventual do Ofício divino. Atualmente, em certas Congregações, os religiosos dizem o Ofício em particular. Tais Congregações têm um objetivo especial. Em outras, o Ofício divino é recitado em público, mas ocupando apenas lugar secundário na organização do tempo. Procura-se dispor a recitação das Horas de maneira a não estorvar as ocupações às quais está votado o Instituto.

“Entre nós, não é assim. O Ofício divino ocupa as melhores horas do dia; é a nossa Obra principal, não só pela estima que lhe dedicamos, mas também, na prática, pelo lugar que lhe reservamos. Em nossa Ordem, sempre se considerou o Ofício divino como a Obra principal de nossa vida, tanto que não se poderiam admitir as ocupações que a estorvassem”.¹⁸⁰

“Eis porque escreveu o nosso bem-aventurado Pai: *Nihil operi Dei præponatur*.¹⁸¹ “Nada preferir ao Ofício divino: nada: nem ministério, nem leitura, nem trabalho: *nihil: nada*”.¹⁸²

A excelência do Ofício divino lhe advém da própria natureza: é o cântico do Verbo prolongado no louvor da Igreja. “Enquanto Verbo, Jesus é a glória de seu Pai,” o Seu esplendor, a figura da Sua substância, a Sua glória subsistente, essencial, infinita, inefável, *splendor gloriæ et figura substantiæ ejus*.¹⁸³ O Verbo é o cântico que o Pai canta eternamente a Si mesmo e que Lhe proporciona uma glória infinita, ou antes, que é a Sua Glória, pois Deus é para Si mesmo a Sua própria glória. É por isto que a glória de Deus é tão incompreensível quanto o próprio Deus. No Céu, veremos que o Verbo, por essa Palavra que é Ele mesmo, dá a seu Pai um louvor infinito.

“Pelo Ofício divino, associamo-nos ao Verbo. A Igreja

180 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1905.

181 *Regra*, cap. XLIII.

182 *Retiro*, Maredsous, setembro de 1916.

183 *Hebr.* I,3.

faz um só com Ele; é a voz da Espôsa, unida a Cristo nessa obra de glorificação do Pai".¹⁸⁴ Sublime concepção, que se confunde com a grandiosa perspectiva de Pio XII, relacionando a liturgia católica com o exercício, sempre atual, do sacerdócio de Cristo perpetuado na sua Igreja.

A Igreja é o complemento de Cristo; nEla e por Ela se continua a Redenção em todos os planos: ação apostólica, sofrimento expiatório e co-redentor, oração e louvor. Cristo continua a glorificar o Pai pela voz de sua Igreja, *vox Sponsæ*.

Assim se conclui, em clima de Igreja, todo o movimento da espiritualidade beneditina. Cada família religiosa exprime um dos aspectos do mistério de Cristo: o monge consagra tôda a sua vida à exclusiva "procura de Deus" e, quando O encontrou, êle O canta.

184 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1905.

10

11 12 13 14 15

16 17 18 19 20

21 22 23 24 25

26 27 28 29 30

31 32 33 34 35

36 37 38 39 40

41 42 43 44 45

46 47 48 49 50

51 52 53 54 55

56 57 58 59 60

61 62 63 64 65

66 67 68 69 70

71 72 73 74 75

76 77 78 79 80

81 82 83 84 85

86 87 88 89 90

91 92 93 94 95

96 97 98 99 100

101 102 103 104 105

106 107 108 109 110

111 112 113 114 115

116 117 118 119 120

121 122 123 124 125

126 127 128 129 130

131 132 133 134 135

136 137 138 139 140

141 142 143 144 145

146 147 148 149 150

151 152 153 154 155

156 157 158 159 160

161 162 163 164 165

166 167 168 169 170

171 172 173 174 175

176 177 178 179 180

181 182 183 184 185

186 187 188 189 190

191 192 193 194 195

196 197 198 199 200

201 202 203 204 205

206 207 208 209 210

211 212 213 214 215

216 217 218 219 220

221 222 223 224 225

226 227 228 229 230

231 232 233 234 235

236 237 238 239 240

241 242 243 244 245

246 247 248 249 250

251 252 253 254 255

256 257 258 259 260

261 262 263 264 265

266

IV

SACERDOS ALTER CHRISTUS

1. O ETERNO SACERDOTE

O supremo exemplar do Sacerdócio na Trindade. — A consagração sacerdotal de Cristo. — O *Ecce venio*. — O sacrifício da Cruz. — O sacrifício do Altar. — O eterno Sacerdócio.

2. O SACERDÓCIO NA IGREJA

Grandeza e poder do Sacerdote. — A santidade sacerdotal. — Princípio fundamental: *Sacerdos alter Christus*. — Eminente santidade do Sacerdote. — Espírito de fé. — Virtude de religião. — A Missa do Sacerdote. — O espírito de oração. — As outras virtudes sacerdotais. — Cristo, ideal do Sacerdote.

O Sacerdote é outro Cristo

1874

1874

1874

1874

1874

1874

1874

1874

SACERDOS ALTER CHRISTUS ¹

Predestinado ao sacerdócio desde a adolescência, sujeito durante longos anos a uma formação clerical no Seminário de Clonliffe, depois no Colégio da Propaganda em Roma, votado por cinco anos ao ministério pastoral e ao professorado na diocese de Dublin, D. MARMION quedará profundamente assinalado por êsses inícios. Dêles conservará profunda compreensão da grandeza do sacerdócio. Sempre haverá de sentir-se à vontade, e como em seu elemento, entre os numerosos sacerdotes que terá de encontrar. Ele mesmo possuía uma alma eminentemente sacerdotal. Tornando-se monge, a Missa permanecerá como centro de sua vida. Em face dos problemas de sua época, reagirá sempre com uma alma de sacerdote. Se menos do que nós se preocupou com a tarefa propriamente pastoral do sacerdócio, o seu sentido da Igreja mostrar-lhe-á sempre o sacerdote a serviço das almas e em sua vocação sublime de mediador. O recente aparecimento de *Cristo, ideal do Sacerdote* acaba de o revelar mestre de espiritualidade sacerdotal.

Sem dúvida, não é completa a sua síntese. Mas por que admirar-se? Ainda hoje, a teologia do sacerdócio está em pleno estaleiro. É possível verificar o enriquecimento progressivo que a própria Igreja traz a essas grandes questões, comparando os diversos documentos pontifícios que se sucedem, refletindo em suas diretrizes as preocupações contemporâneas. A magistral *Encíclica* de Pio XI sobre o Sacerdócio católico apenas menciona o encargo pastoral do sacerdote, enquanto, pelo contrário, a exortação mais recente de S. S. Pio

¹ Título previsto pelo próprio D. MARMION. Cf. Carta de 8 de março de 1918.

XII lhe consagra amplos desenvolvimentos.² Os ensinamentos de Pio XI, porém, não menos se conservam de grande riqueza doutrinal, sempre atual.

O mesmo acontece com a doutrina sacerdotal de D. MARMION. Um sacerdote, profundamente embrenhado no movimento contemporâneo, rendia-lhe o belo testemunho: "Sem dúvida, quem não compreendesse a pastoral senão como um conjunto de receitas preparadas... só poderia quedar desiludido ao contato de D. MARMION. Como sempre, êle foi direto ao essencial: o Evangelho, S. PAULO. Imergindo a alma de seu discípulo num banho do mais autêntico sobrenatural, nada lhe ocultando das exigências do Senhor: deixar tudo e segui-LO, colocando-O num plano superior ao dos triunfos humanos ou das decepções, isto é, o da fé pura, do abandono ao Pai no Filho, da docilidade ao Espírito, da fidelidade à Igreja, êle preparou uma alma vigorosamente temperada que amanhã poderá abandonar-se ao impulso da graça: militante leigo, coadjuter de arrabalde, pároco rural, missionário ou monge. pouco importa, será com absoluta certeza um bom instrumento de Cristo para o advento de seu Reino".³

Se D. MARMION não traz uma solução imediata a todos os nossos problemas de hoje, traça-lhes com clareza as linhas de orientação. Êle soube dar relêvo único aos valores imutáveis do sacerdócio e, por êsse motivo, a sua doutrina, tal como a sua espiritualidade cristã e monástica, participa da atualidade do eterno.

1. ETERNO SACERDOTE

No pensamento de D. MARMION, o Sacerdócio é o ponto culminante de nossa identificação com Cristo. Se já o simples cristãos ou o monge acham em Cristo o modêlo supremo, quanto mais o sacerdote, cuja sublime missão é de passar pela terra como "outro Cristo".

2 Encíclica de Pio XI, *Ad catholici sacerdotii*, 20 de dezembro de 1935. Exortação apostólica de S. S. Pio XII, *Menti nostræ*, 23 de setembro de 1950.

3 Testemunho de PIERRE JOUNEL, em *Présence de dom Marmion, Dom Marmion formateur de prêtres*, págs. 178-185.

O supremo exemplar do sacerdócio na Trindade

É no próprio mistério da Santíssima Trindade que o olhar do teólogo beneditino se compraz em contemplar o exemplar eminente do sacerdócio de Cristo. A primeira vista, causa surpresa essa inesperada comparação. Mas, sempre cioso de exatidão doutrinal, D. MARMION vem logo trazer as necessárias precisões embora conservando em sua exposição sobre o Sacerdócio o benefício dessa elevadíssima perspectiva de sabedoria.

“Decerto” - - e o Abade de Maredsous tem o cuidado de o frisar - - “o sacerdócio é um atributo exclusivo da santa Humanidade de Jesus, pois que implica na adoração e em outros atos de religião que não convêm a Deus, como Deus. Todavia, encontra-se em Deus o exemplar do sacerdócio. E como? Vou explicar-vos. Deus, em sua Essência, é “grande e infinitamente digno de louvor”, *magnus et laudabilis nimis*.⁴ É necessário, pois, que Deus receba o que corresponda a essa grandeza e a essa dignidade. Convém que Deus seja louvado pelo que é em Si mesmo e por tudo quanto faz, se Ele se decide a criar. Deus poderia ter permanecido no isolamento sacrossanto da Santíssima Trindade. Ali se oculta uma vida infinita, uma doação recíproca das Pessoas divinas num mútuo amor. As Três Pessoas constituem a vida íntima e a alegria de Deus. Ele de nada precisa fora de Si mesmo.

“Agora, se contemplamos essas Três Pessoas divinas e Suas relações mútuas, descobrimos o exemplar do sacerdócio. Conheceis a etimologia da palavra *sacerdos*: *sacra dans*. O Filho recebe do Pai o dom sagrado por excelência, o dom da própria vida do Pai. De fato, gerando-O, o Pai Lhe comunica Sua natureza, Sua vida, Sua perfeição, Sua beatitude, tudo quanto é, salvo a Sua propriedade de ser Pai. O Filho, por uma retribuição de Sua filiação divina, refere ao Pai, num impulso de amor infinito, tudo quanto d’Ele recebe, exceto a Sua propriedade de ser Filho. Dessa mútua doação, procede o Espírito Santo que tudo recebe do Pai e do Filho, e que, num movimento de infinita dileção, faz “refluir” para

⁴ Ps. XLVII,2 e CXLIV,3.

o Pai e o Filho, tudo quanto d'Elles recebe. Nessa inefável doação que as divinas Pessoas fazem Uma à Outra no seio da Santíssima Trindade, entrevemos o exemplar, o protótipo do sacerdócio. Ali, sem dúvida, não poderia ser caso de adoração, de imolação nem dos outros atos, elementos constitutivos do sacerdócio pròpriamente dito, pois que, entre as Pessoas divinas, não há superioridade, nem inferioridade alguma; mas ali descobrimos o exemplar do sacerdócio em grau absolutamente transcendente, pois tudo quanto é criado, existe em Deus de maneira super-eminenté". ⁵

Nada há que censurar nesta doutrina. Ela ilumina pelos ápices tóda a teologia do Sacerdócio do Verbo Encarnado. Nenhuma confusão no pensamento do Abade de Maredsous. Em sua exposição, êle próprio apela para distinções de escola, as quais permitem determinar com exatidão o sentido e o alcance dessa concepção sublime que de há muito Lhe era familiar. "O sacerdócio de Cristo é uma consequência do mistério da Encarnação, mas, para comprehender-Lhe tóda a profundidade, torna-se necessário penetrar mesmo na santa e adorável Trindade. *A segunda Pessoa da Trindade*, o Verbo, dá a seu Pai infinita glória. Êle é *Sua* glória essencial, *splendor gloriæ et figura substantiæ*. ⁶ Como Verbo, antes da Encarnação, Êle não oferecia ao Pai sacrificio pròpriamente dito porque o sacrificio supõe a adoração, a confissão de inferioridade em relação Aquêle a que se adora; é reconhecer Sua grandeza abaixando-se a si próprio. O Verbo, Igual ao Pai, fazendo um só com Êle, não Lhe podia oferecer sacrificio no sentido formal, *formaliter*, mas proporcionava-Lhe, de maneira eminente, *eminenter*, tóda a glorificação que procede do sacrificio". ⁷

A conclusão de D. MARMION é firme: "No sentido pròprio, o sacerdócio não se pode encontrar em Deus". ⁸ "Como Verbo, Cristo não podia ser sacerdote". ⁹

5 Conferência sôbre o Sacerdócio, Maredret, 21 de agosto de 1919.

6 Hebr. I,3.

7 Conferência sôbre o Sacerdócio, Maredret, 8 de julho de 1914.

8 Retiro, Maredret, dezembro de 1921.

9 Ibidem.

A consagração sacerdotal de Cristo

Para apreender, com precisão, o sentido do sacerdócio do Verbo Encarnado, “é necessário ir a Nazaré e lá assistir à cena sublime” em que Deus realizou, simultaneamente com a Maternidade divina de Maria, a Consagração sacerdotal de seu Filho. D. MARMION gosta de fixar seu olhar contemplativo nêsse momento decisivo da história do mundo, o qual, segundo a fórmula de S. PAULO, deu-nos “como Pontífice, o próprio Filho de Deus”, *habemus Pontificem... Filium Dei*,¹⁰ um Deus Sacerdote, mas Sacerdote por sua condição humana, assumida no seio da Virgem no dia de sua Encarnação. “Quando o Anjo anunciou a Maria que Ela haveria de ser a Mãe de Deus, quando Lhe disse: “O Espírito Santo descerá sôbre Ti e a virtude do Altíssimo Te cobrirá com a Sua sombra, e por isso, O que nascer de Ti será chamado: Santo, Filho de Deus”,¹¹ respondeu-lhe a Virgem: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”. Então, “o Verbo se fêz carne”; no mesmo instante, foi consagrado o Primeiro Sacerdote e ouviu-se no Céu o brado: “Tu és Sacerdote para tôda a eternidade”. Sacerdote por vocação divina. “Cristo não teve a presunção de arrogar-Se o Sacerdócio, mas recebeu-o de seu Pai, que Lhe disse: “Tu és meu Filho amado. Eu hoje Te gerei, Tu és Sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec”.¹²⁻¹³

Esse sacerdócio do Verbo Encarnado procede, em Cristo, de Sua qualidade de homem, como tão enérgicamente o assinala a Epistola aos Hebreus: *ex hominibus assumptus*,¹⁴ mas toma sua origem, sua grandeza sublime e tôda a sua poderosa eficácia de sua “radicação” na união hipostática. A Encarnação realizou em Cristo a união das duas naturezas na Pessoa única do Verbo. “Por uma dessas naturezas, podia Êle dizer: “Eu e o Pai somos Um”,¹⁵ e, pela outra: “O Pai é maior

10 *Hebr.* IV,14.

11 *Luc.* I,35.

12 *Hebr.* V,5-6.

13 *Conferência*, Maredret, 8 de julho de 1914.

14 *Hebr.* V,1.

15 *Joan.* X,30.

do que Eu". ¹⁶ Foi enquanto *Homem-Deus* que Jesus pôde oferecer um sacrifício ao Pai". ¹⁷

D. MARMION conhece a doutrina clássica sobre a natureza do Sacerdócio de Cristo, encontrando sua origem profunda na união hipostática que valorizava infinitamente os Seus mínimos atos pessoais de *Homem-Deus*. Pouco lhe importa estabelecer numa dissertação erudita a essência íntima do sacerdócio; êle tem sempre, e antes de tudo, avidez de prescrutar-lhe os esplendores, a fim de os incorporar à sua própria vida, à imitação do Verbo Encarnado.

O Ecce venio

O Abade de Maredsous voltava com frequência a um de seus textos favoritos da Epístola aos Hebreus, tão maravilhosamente evocador da atitude fundamental de Cristo Sacerdote, "ao entrar neste mundo:

"Não quiseste sacrifício nem oblação, mas Me formaste um corpo.

Não Te foram agradáveis holocaustos nem sacrifícios pelos pecados.

Então Eu disse: "Eis-me que venho", *Ecce venio!*

Segundo está escrito de Mim na testada do Livro, para fazer, ó Deus, a Tua vontade. . .

E é em virtude desta vontade que somos santificados mediante a oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma só vez por todas". ¹⁸

Essa passagem capital que assinala a rejeição dos antigos sacrifícios, a vocação sacerdotal do Messias e a resposta do Filho Encarnado ao mandato de seu Pai, encontrou imenso eco na tradição cristã e provoca ainda hoje ressonâncias profundas num coração de sacerdote. O gênio místico de S. MIGUEL GARIGÓIS tornou-a idéia-mãe de sua espiritualidade sacerdotal, querendo fazer, de cada um dos membros de seu Instituto, como que um *Ecce venio!* vivo e permanente,

¹⁶ *Joan. XIV,28.*

¹⁷ *Conferência sobre o Sacerdócio, Maredret, 8 de julho de 1914.*

¹⁸ *Hebr. X,5-10.*

numa identificação total com o movimento interior do Coração de Jesus.

Diante desse mesmo texto, D. MARMION reagirá, não como fundador de Ordem, mas como teólogo contemplativo, descobrindo nêsse impulso inicial do Verbo Encarnado a orientação de toda a Sua existência de Cristo e de Sua morte redentora. “Nessa primeira oblação, Jesus abrangeu com um só olhar a série das ações de Sua vida. Tudo quanto Ele fez, a partir desse momento e até ao Seu último suspiro, foi apenas a realização e o desenvolvimento natural desse primeiro ato. Eis porque S. PAULO pôde dizer que todo o valor da vida e dos sofrimentos de Jesus Cristo achava-se antecipadamente contido e, por assim dizer, *in radice*, nessa primeira oblação”.¹⁹ Esse ato inaugural foi “a chave de toda a Sua vida”.²⁰

O sacrifício da Cruz

Tôdas as diligências do Verbo Encarnado, todos os sentimentos do Seu coração já assumiam, por sua orientação para o Sacrifício redentor, um modo sacerdotal. “Cristo permanecia, por assim dizer, acompanhado pelo pensamento da Cruz. Isto se trai, de quando em quando, no Evangelho: “Eis que o Filho do homem será entregue aos gentios. Será escarnecido, açotado e cuspido”.²¹ Ele trazia sempre diante dos olhos a traição de Judas, a flagelação e todos os vexames que Lhe inflingiriam os soldados de Pilatos. Mesmo no Tabor, resplandescendo de glória, “fala de sua Paixão”.²²⁻²³

Assim, D. MARMION considera toda a vida de Cristo como sacerdotal, mas sem dar à existência do Verbo Encarnado a continuidade de um estado de vítima iniciado na Encarnação, prosseguindo através o desenvolvimento de Seus mistérios terrestres para completar-se no Sacrifício do Céu. Segundo a concepção tradicional, êle quer assinalar simplesmente, mas com energia, que a imolação redentora permanece

19 *Conferência Sacerdotal*, Dinant, junho de 1897 (autógrafo).

20 *Conferência Sacerdotal*, Louvain, janeiro de 1906 (autógrafo).

21 *Luc.* XVIII,32.

22 *Luc.* IX,31.

23 *Retiro*, Maredsous, 8 de setembro de 1919.

qual “ponto culminante” do Sacerdócio de Cristo. “Tôda a Sua existência foi apenas uma preparação ou um eco dêsse Sacrificio”.²⁴

Discípulo de S. PAULO, possuía D. MARMION o sentido da Cruz e de sua posição dominadora na economia da salvação. Seus escritos acham-se repletos de fulgores sôbre o mistério do Gólgota. “O Calvário é o centro luminoso ao qual se dirige o olhar de Deus desde antes da Encarnação, o único lugar donde fluem sôbre o mundo as divinas misericórdias”.²⁵

Assim, a modo de mérito, de adoração, de ação de graças, de expiação e de súplica, mas sob forma de sacrificio, isto é, de um modo essencialmente sacerdotal, a oferta do Sacrificio cruento do Calvário ao Pai permanece como o ato supremo do Sacerdócio de Cristo.

O sacrificio do Altar

Cristo deixou à sua Igreja um memorial de Seu sacrificio redentor, a fim de permanecer com Ela num ato de perpétua oblação ao Pai, para aplicar aos homens de tôdas as gerações os frutos infinitos de Sua redenção e associá-los, pelo oferecimento pessoal de cada um, ao ato central do culto cristão. Eis todo o papel do sacrificio do Altar.

Eco fiel dos ensinamentos dogmáticos do Concílio de Trento, D. MARMION tinha consciência da profunda unidade existente entre o Altar e a Cruz. “O Sacrificio da Missa e o do Calvário constituem um só e mesmo Sacrificio. O mesmo Cristo, que uma vez Se ofereceu a Si mesmo na Cruz com efusão do Seu sangue, acha-Se na Missa contido e imolado de maneira incruenta. Mas é uma só e mesma Hóstia. Apenas o modo de oblação é diferente...”²⁶ Consagrar a hóstia é tor-

24 *Ibidem.*

25 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1921.

26 *In divino hoc sacrificio quod in missa peragitur idem ille Christus continetur et incruente immolatur qui in ara crucis semel seipsum cruenta obtulit... Una eadem hostia, idem nunc offerens sacerdotum ministerio qui seipsum tunc in cruce obtulit sola offerendi ratione diversa* (Concilio de Trento, Sess. XXII, can. 2).

nar presente aos olhos do Pai Eterno a morte que Cristo sofreu uma vez por toda a raça humana. Em Deus não há passado nem futuro; Ele vive num instante eterno. Quando se consagram as santas Espécies, o drama realizado no Calvário está todo ali, desenvolvido sob o olhar de Deus".²⁷

Nessa perpétua oferenda de Seu sacrifício, Cristo permanece como Sacerdote "principal" de sua Igreja da terra, oferecendo-Se Ele mesmo ao Pai pela salvação do mundo e fazendo com que os homens participem, segundo o grau de fervor, de todos os benefícios de Sua redenção.

O eterno Sacerdócio

No Céu, Cristo continua a guardar uma atitude de vítima, Sacerdote para toda a eternidade.

Não que haja, em sentido estrito, um Sacrifício celeste. O Sacrifício único da Cruz só é perpetuado em substância pela Eucaristia e cessará, no fim dos tempos, com a ordem sacramental. Para os bem-aventurados, é já o culto sem véu da grandeza infinita de Deus na visão face a face da Trindade, longe das obscuridades da fé. Os eleitos se unem, em plena luz, à vida adoradora da alma sacerdotal de Cristo. "Lá em cima, o Sacrifício é a adoração com cânticos de alegria e de triunfo. Cristo Se oferece ao Pai como vítima, não mais triturada mas glorificada, e glorificada na proporção de Seus sofrimentos, de Suas humilhações neste mundo. "Eu Me ofereci como vítima de expiação e de dor, diz Cristo na glória. Durante a Minha agonia, despedi o brado angustioso: "A Minha alma está numa tristeza mortal", *tristis est anima mea usque ad mortem*.²⁸ Na Cruz, clamei: "Deus meu, Deus meu, por que Me abandonaste?"²⁹ Agora, tudo mudou, e "segundo a multidão das Minhas dores, ó Pai, as Tuas consolações alegraram a Minha alma".³⁰ A cada uma das dores de Jesus, corresponde uma consolação eterna; a cada uma de Suas humilhações, uma nova exaltação. "Cristo humilhou-Se... Eis

27 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1921.

28 *Matth.* XXVI,38.

29 *Matth.* XXVII,46.

30 *Ps.* XCIII,19.

porque Deus O exaltou e Lhe deu um Nome acima de todo nome, para que todo joelho se dobre diante d'Ele e tôda lingua proclame que Cristo Jesus está na glória do Pai".³¹⁻³²

Na consumação da glória, entre os eleitos remidos por Seu sangue, Cristo triunfa em todo o resplendor do Seu eterno Sacerdócio.

Assim se concluem as perspectivas dogmáticas de D. MARMION. O Sacerdócio do Verbo Encarnado acha seu protótipo eminente na Trindade, sua raiz na união hipostática, sua natureza no ofício mediador do *Homem-Deus*, seu ato inicial no *Ecce venio*, sua consumação no sacrificio da Cruz perpetuado pelo Altar e, enfim, o seu desabrochamento supremo na glória.

2. O SACERDÓCIO NA IGREJA

Grandeza e poder do Sacerdote

Para medir a grandeza e o poder do sacerdote, D. MARMION considera Cristo, de Quem o Sacerdócio da Igreja toma a sua origem, o seu exemplar e a sua eficiência. Antes de subir novamente ao Céu, o Verbo Encarnado escolheu homens para perpetuar a Sua missão na terra. "O Sacramento da Ordem é como um prolongamento da Encarnação. Quem o recebe torna-se verdadeiramente "outro Cristo". Em virtude do caráter que se lhe imprime na alma, o Sacerdote reproduz, aos olhos do Pai, a própria pessoa do Filho. Deus Pai pode dizer d'Ele como de Jesus: "Este é o meu Filho dileto", *Hic est Filius meus dilectus*.³³ "Tal é a maravilha que se opera no dia da ordenação".³⁴

É tão grande essa identificação do sacerdote com Cristo que êle fala e age sempre "na pessoa de Cristo", *in persona Christi*.

No dia da ordenação, como na hora da Encarnação do Verbo, tôda a Trindade está em ação para imprimir na alma

31 *Philipp.* II,8-11.

32 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1921.

33 *Matth.* III,17; XVII,5. — *Luc.* IX,35. — *II Petr.* I,17.

34 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1921.

do novo sacerdote o sêlo indelével dos ministros de Cristo. "No momento em que a Santíssima Virgem pronunciou o *Fiat*, o Espírito Santo pairou sobre Ela, o Verbo se fez carne e o Pai Eterno, contemplando seu Filho com infinita complacência, reconheceu-O por seu Filho Único e seu Sacerdote com as seguintes palavras: "Tu és meu Filho. Hoje Te gerei. Tu és Sacerdote para a eternidade..."³⁵ Da mesma forma, no momento em que o pontífice da Igreja estendia as mãos sobre a nossa cabeça, o Espírito Santo pairava também sobre nós, o Pai nos olhava com amor e complacência, vendo ali a imagem de Seu próprio Filho, pois "o Sacerdote é outro Cristo". Nesse momento, sublime e super-abundante graça se derramou em nossa alma, consagrando todo o nosso ser à glória de Deus".³⁶

"Essa graça sacerdotal consagra irrevogavelmente a Deus tudo quanto existe no Sacerdote: seu corpo, sua alma, seu coração e todos os seus afetos, elevando-os quase infinitamente acima desta terra. Em virtude dessa graça, o Sacerdote é elevado acima dos Anjos: *Cui enim dixit aliquando angelorum: Filius es tu... Et ad angelos quidem dixit: qui facit angelos suos spiritus et ministros.*"³⁷ Não são os Anjos simples ministros do Senhor, enquanto Jesus é seu Filho? Podemos dizer do sacerdote o que S. PAULO, na Epístola aos Hebreus, dizia de Cristo. Ele chama aos Anjos Seus servos, mas a vós, ó Sacerdote, Ele vos chama Seus filhos".³⁸

Tôda a sublimidade do sacerdote lhe advém dessa identificação com Cristo. "Aos olhos da multidão, é um homem comum; aos olhos do incrédulo, é até um ser desprezível a quem apenas se concedem as atenções e direitos concedidos aos últimos dos homens. E, no entanto, nesse vaso frágil, que sublimes prerrogativas! *Assimilatus Filio Dei*,³⁹ por sua ordenação, foi tornado semelhante ao Filho de Deus".⁴⁰ Esse "outro Cristo" oculta, sob as aparências de um homem ordi-

35 *Hebr.* V,5-6.

36 *Conferências Sacerdotais*, Dinant, novembro de 1897 (autógrafo).

37 *Hebr.* I,5-6.

38 *Conferências Sacerdotais*, Dinant, antes de março de 1899 (autógrafo).

39 *Hebr.* VII,3.

40 *Sermão Para Uma Primeira Missa*, entre 1902 e 1909 (autógrafo).

nário, o dom inefável de seu sacerdócio. “No Santo Sacrifício da Missa, o Sacerdote é elevado a uma dignidade de certo modo divina, pois Jesus Cristo identifica-Se de maneira inefável com o Seu sacerdote. No momento da Consagração, Cristo e o Seu sacerdote fazem apenas um. Ó! inefável dignidade do sacerdote!” ⁴¹

A grandeza suprema do sacerdote Ihe advém do poder de oferecer Cristo à Trindade em Sacrifício, em nome de tôda a Igreja. *Suscipe Sancta Trinitas.* ⁴²

A alma contemplativa de D. MARMION possuía em raro grau o sentido dêsse poder principal do nosso sacerdócio. Para êle, e com razão, é-se sacerdote antes de tudo para a Missa, a fim de perpetuar entre os homens o Sacrifício redentor que salvou o mundo, e para associar a Igreja militante ao louvor infinito do Verbo Encarnado. “Ainda que um Sacerdote não fizesse mais do que oferecer cada manhã o Santo Sacrifício — ainda que o tivesse oferecido uma só vez na vida — teria feito algo de infinitamente maior do que tôdas as grandes ações que apaixonam os homens, pois essa glória infinita prestada a Deus será eterna como o próprio Deus, enquanto as maiores obras dos homens passarão. Nada é eterno como o divino”. ⁴³

O Sacerdote dispõe de um segundo poder de ordem, sobre o corpo místico de Cristo. Tem a missão de comunicar aos homens os benefícios da Redenção. “Pois, subindo os degraus do altar, leva em seu coração a Igreja inteira e, do cálice de benção que consagra, esparze sobre todos os membros dessa Igreja graças e bênçãos infinitas”. ⁴⁴ O papel do Sacerdote, porém, não se limita exclusivamente à celebração do culto divino; Cristo confiou aos Apóstolos e a seus sucessores tôda a Igreja, com a missão de a evangelizar, santificar e conduzir até à casa do Pai: “Ide, ensinai tôdas as nações, bati-zai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensina-lhes a observar os Meus mandamentos”. ⁴⁵

41 *Ibidem.*

42 *Ofertório da Missa.*

43 *Sermão Para Uma Primeira Missa, entre 1902 e 1909 (autógrafo).*

44 *Ibidem.*

45 *Matth. XXVIII,19.*

D. MARMION conhece as múltiplas tarefas que esperam o sacerdote no serviço dos homens. Ele mesmo as praticou com tanta freqüência! ⁴⁶ O sacerdote é o colaborador de Cristo em toda a obra da Redenção e, como Ele, é Sacerdote, Doutor e Pastor das almas. No coração do sacerdote, o juízo do homem deve permanecer inseparável do juízo de Deus. O Fundador da Igreja depositou-lhe nas mãos as chaves do reino. "Nêsse homem tão frágil reside um poder divino. Ele fala e o Céu obedece. A sua palavra, o Filho de Deus desce ao altar para ser imolado, por suas mãos, à glória do Pai e pela salvação do mundo. O pecador, esmagado sob o peso de uma vida de crimes, ajoelha-se diante dêle, e o Sacerdote, falando mais uma vez em nome do Deus que nêle habita, diz-lhe: "Perdoo-te os teus pecados. Vai em paz." Aquêle criminoso, há poucos instantes merecedor do inferno, levanta-se perdoado e justificado, pois essa palavra do Sacerdote é uma palavra divina. Em suma, desde a Sua gloriosa Ascensão, Cristo acha-Se substituído pelo Sacerdote na terra; e é pelo ministério sacerdotal que Cristo santifica tôdas as etapas de nossa vida mortal, desde o batismo até às supremas consolações com que a Igreja envolve os últimos momentos de seus filhos". ⁴⁷

Quando oportuno, D. MARMION sabe caracterizar o papel do Sacerdote, Doutor e Pastor. "Luz do mundo", ⁴⁸ é de seus lábios que os homens ouvem os ensinamentos da Revelação e os Preceitos da Lei divina. O Abade de Maredsous atribuía extrema importância a essa missão sacerdotal de evangelização do mundo. Ao Sacerdote, cabe também conduzir o rebanho de Cristo à mais elevada perfeição. É diretor de almas. "No meu país, a pobre Irlanda que passou por três séculos de uma perseguição religiosa sem igual nos anais da história, foi o Sacerdote que, não só conservou a fé intata, mas permaneceu sempre o consolador e o melhor amigo dêsse povo". ⁴⁹

46 O melhor comentário da espiritualidade sacerdotal de D. MARMION é a sua própria vida. A vocação missionária assinalou-lhe a alma para sempre. Seu zelo e outras virtudes apostólicas brilharam sobretudo no período de Louvain e de abaciado em Maredsous.

47 *Sermão Para Uma Primeira Missa*, entre 1902 e 1909 (autógrafo).

48 *Matth.* V,14.

49 *Sermão Para Uma Primeira Missa*, entre 1902 e 1909 (autógrafo).

Finalmente, depois de ter oferecido Cristo a seu Pai, o Sacerdote dá êsse mesmo Cristo às almas. É o duplo movimento de seu Sacerdócio. “O grande officio do Sacerdote”, conclui D. MARMION, “é dar Jesus Cristo ao mundo”.⁵⁰

A santidade sacerdotal

Em D. MARMION, as mais elevadas considerações dogmáticas sempre se terminam em ordens de vida e de ação. A profunda unidade que vincula as múltiplas perspectivas de sua doutrina espiritual ao redor da pessoa de Cristo, integrará sem esforço as suas diretrizes de santidade sacerdotal. A seus olhos, o sacerdote é o cristão mais semelhante a Cristo.

Princípio fundamental: Sacerdos alter Christus

O cristocentrismo, que dá a tôda a obra espiritual de D. MARMION tal força de coesão, encontra aqui, na fórmula tradicional, a mais adequada expressão do seu pensamento: *Sacerdos alter Christus*. Ele a tornará *leit-motiv* de sua mística do Sacerdócio. Se já pelo Batismo e pela Confirmação, o cristão traz em si a effigie de Cristo, o Sacramento da Ordem imprime em todo o seu ser “a maior semelhança possível com Cristo, completando nêle a evolução suprema da graça do Batismo”.⁵¹ “No dia da ordenação, depois de ter recebido a unção sacerdotal, êle se ergue transformado em outro Cristo”.⁵² Possui o Seu poder, deve revestir-se de Sua santidade e de todos os Seus sentimentos interiores. Pois que o sacerdote é “outro Cristo” pelo poder, que o seja também pela alma. Tôda a sua santidade consistirá em identificar-se com Cristo. À medida que sua vida se adianta, o Sacerdote deve desaparecer cada vez mais para deixar todo lugar para Cristo. “Pouco a pouco, êsse divino fogo destruirá nêle tudo quanto é pecado, tudo quanto é imperfeito, e êle não mais vi-

50 *Conferências Sacerdotais*, antes de março de 1899 (autógrafo).

51 *Retiro Sacerdotal*, Tournai, 31 de julho de 1922.

52 *Retiro*, Maredsous, 15 de setembro de 1919.

verá senão em Jesus Cristo. Como S. PAULO, poderá dizer então: "Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim".⁵³

Eminente santidade do Sacerdote

Assim como o CARDEAL MERCIER, seu ilustre amigo, D. MARMION trabalhou com tôdas as fôrças para restituir aos sacerdotes o sentido da transcendência de seu sacerdócio. Queria nêles "disposições análogas às de Cristo".⁵⁴ "Nenhum êrro mais funesto", observa êle, "que a minimização do ideal sacerdotal. Se o sacerdote julga poder contentar-se com a santidade dos cristãos comuns, se julga que lhe basta evitar o pecado mortal, que não está obrigado a visar mais altos objetivos, corre grande risco de perder a sua alma. Ainda que a salve, terá passado a vida inteira sem experimentar as alegrias íntimas que Deus reserva a Seus sacerdotes e sem ter realizado a grande obra que Deus esperava dêle, conferindo-lhe a graça sacerdotal".⁵⁵ A graça de estado de sua ordenação lhe dá uma alma de Cristo mediador, glorificador do Pai e redentor das almas. "Essa graça sacerdotal, assim como a união hipostática em Jesus, é a raiz de todos os dons, de todos os carismas que elevam o sacerdote quase infinitamente acima do cristão ordinário".⁵⁶ Ela o identifica com Cristo em Suas relações de intimidade com o Pai. Ali se oculta, como para o Filho de Deus, o mais profundo segrêdo da vida interior do sacerdote. "Ele participa, no mais alto grau, do que há de mais santo, de mais elevado em Jesus Cristo: o Seu ministério sacerdotal em relação ao Pai".⁵⁷ A exemplo de Cristo, o sacerdote deve conservar-se, por excelência, o adorador e o glorificador do Pai.

Quando se trata do sacerdote, de seus poderes sublimes ou de sua eminente santidade, D. MARMION tem larga visão. O sacerdote sempre lhe aparece revestido, por delegação, do

53 *Conferências Sacerdotais*, Dinant, 1897 (autógrafo).

54 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1921.

55 *Conferências Sacerdotais*, Dinant, novembro de 1897 (autógrafo).

56 *Conferências Sacerdotal*, Dinant, antes de março de 1899 (autógrafo).

57 *Conferências Sacerdotais*, Dinant, novembro de 1897 (autógrafo).

poder e da santidade de Cristo. D. MARMION meditou longamente os textos do Pontifical em que a Igreja, no dia da ordenação, traça ao novo sacerdote o seu ideal de perfeição. “Que nêle resplandeça a forma de tôda santidade. *Eluceat in eis totius forma justitiæ*. O Sacerdote deve estar ornado de tôdas as virtudes: a perfeição da caridade para com Deus e o próximo, uma sabedoria celeste, a justiça, a constância, a misericórdia, a fortaleza, uma grande probidade, a ciência, uma grave maturidade em seu proceder e em suas obras, uma fé perfeita, uma castidade exemplar; enfim, em tôda circunstância, a integridade de uma vida santa, de modo que o homodor das virtudes do sacerdote seja a alegria da Igreja, Espôsa de Cristo”.⁵⁸

O Abade de Maredsous tem um sentido aguçado da transcendente perfeição que o Sacerdócio exige para o bem da Igreja. Devido às sublimes funções no altar e ao papel de santificador das almas, o sacerdote está chamado por Deus a uma santidade mais elevada que todos os outros membros do corpo místico. Sôbre êsse ponto capital, lembra o Abade de Maredsous o ensinamento de S. TOMÁS, que consiste apenas em resumir a doutrina dos Padres, a saber: “Embora exteriormente o estado de um religioso seja mais perfeito que o do sacerdote, sua santidade interior deve ultrapassar a do religioso”⁵⁹ e “tendo cura de almas, deveria superar de muito a de um simples sacerdote religioso”.⁶⁰ “Essa graça do sacerdócio é tão forte, tão abundante que, não encontrando obstáculo, pode elevar as almas mais simples à mais alta santidade: exemplo, o Santo Cura d’Ars”.⁶¹

Fiel à tradição doutrinal da Igreja, D. MARMION jamais deixará de lembrar a transcendência da santidade sacerdotal em relação a tôdas as outras formas da perfeição cristã.

58 *Ibidem*.

59 *Quia per sacrum ordinem aliquis deputatur ad dignissima mysteria, quibus ipsi Christo servitur in sacramento allaris; ad quod requiritur major sanctitas interior, quam requirat etiam religionis status* (II,II,184,8).

60 *Conferências Sacerdotais*, Dinant, novembro de 1897 (autógrafo).

61 *Conferência Sacerdotal*, Dinant, antes de março de 1899 (autógrafo).

Espírito de fé

Na doutrina sacerdotal de D. MARMION, reaparecem os temas fundamentais de sua espiritualidade, mas adaptados à vida do sacerdote. Como poderia ser de outra maneira num homem em que a doutrina fazia um só com a vida?

Na base de tudo: uma fé ardente em Jesus Cristo. "Nada pode substituir essa fé em Jesus Cristo, pois a essência de nosso sacerdócio é justamente a de sermos dignos ministros de Jesus Cristo: *Sic nos existimet homo ut ministros Christi et dispensatores mysteriorum Dei*.⁶²⁻⁶³

A fé é "a grande virtude fundamental" do sacerdote, a "raiz que deve subsistir, sustentando e alimentando continuamente a vida de sua alma".⁶⁴

Tôdas as nossas atividades sacerdotais devem desdobrar-se numa atmosfera de fé "e aumentar à medida que avançamos na vida espiritual".⁶⁵ Sem ela, a existência do Sacerdote "seria apenas uma comédia".⁶⁶ "Deus colocou em nossas mãos os meios mais poderosos para fazer grandes coisas pela Sua glória. Não há limite para os efeitos de salvação que podem ser produzidos por êsses meios, mas, por uma lei da Providência, tais efeitos dependem, em grande parte, das disposições daquêles que os utilizam. Todo o valor da nossa vida depende, pois, da nossa fé. Deus nos pedirá rigorosas contas das riquezas infinitas que nos confiou. É por nós que Jesus deve ser dado ao mundo, mas para isso, é preciso que Ele habite em nossos corações pela fé, *Christus habitare per fidem in cordibus nostris*.⁶⁷⁻⁶⁸ Sem essa fé ardente, os sacerdotes administram válidamente os sacramentos, em virtude da consagração sacerdotal, mas então êles próprios "não tocam em Jesus Cristo".⁶⁹ O sacerdote deve ser o primeiro a crer

62 I Cor. IV,1.

63 *Conferência Sacerdotal*, Louvain, por volta de 1905 (autógrafo).

64 Cf. *Conferências Sacerdotais*, Dinant, janeiro de 1898 (autógrafo).

65 *Ibidem*.

66 *Ibidem*.

67 *Ephes.* III,17.

68 *Conferências Sacerdotais*, Dinant, janeiro de 1898 (autógrafo).

69 *Ibidem*.

no sacerdócio e nessa identificação com Cristo, a título de instrumentos de comunicação de Sua graça. ⁷⁰

Esse papel da fé é capital na vida do sacerdote para lhe permitir libertar-se da rotina ou de um naturalismo prático, esterilizante, e para conservar seu ministério em clima sobrenatural. Sem isso, dá-se o ativismo. “A fé deve ser o fundo e o principio de nossa vida, se queremos que esta seja meritória: *sine fide impossibile est placere Deo*. ⁷¹ Diz S. CATARINA DE SENA que cada passo dado na perfeição deve ser acompanhado por um acréscimo na fé. Quanto mais a nossa vida fôr uma vida de fé, tanto mais será sobrenatural e agradável a Deus. A salvação das almas, a santificação do mundo são coisas essencialmente sobrenaturais e tôda a atividade humana, se não fecundada pela graça e unção divina, é impotente para converter ou para santificar uma só alma. Eis porque os Santos, que julgam as coisas com os olhos da fé, embora empregando tôda a sua atividade nas obras de zêlo, depositam muito maior confiança na oração e no auxílio da graça. Assim é que dois Santos dos mais ativos dos tempos modernos, S. FRANCISCO DE SALES e S. AFONSO DE LIGÓRIO, instituíram duas Ordens de religiosas contemplativas; e, se me é permitido falar de meus antepassados na Ordem monástica, os grandes monges que converteram a Europa, sempre começaram por fundar um mosteiro como foco de oração, de graça e de luz, donde irradiava, sôbre as populações circunvizinhas, a graça da fé”. ⁷²

Esse espírito de fé dá ao sacerdote “ver Deus por tôda parte”, assim como os hem-aventurados contemplan Deus e tudo consideram na grande luz divina. Eles descobrem “traços de Deus por tôda parte”. Da mesma forma, o homem de fé percebe a seu redor “mil coisas de cuja existência o incrédulo nem sequer suspeita: o mundo da Redenção e da graça santificante, os títulos de membros de Cristo e de templos do Espírito Santo, as riquezas infinitas de Jesus Cristo, etc. . .” ⁷³

A fé do sacerdote não é uma “fé filosófica e fria”, ⁷⁴ mas

⁷⁰ *Retiro*, Maredsous, setembro de 1919.

⁷¹ *Hebr.* XI,6.

⁷² *Retiro Sacerdotal*, Louvain, outubro de 1898 (autógrafo).

⁷³ *Conferência Sacerdotal*, Dinant, janeiro de 1898 (autógrafo).

⁷⁴ *Conferência*, Maredsous, Epifania de 1917.

uma "fé viva", ⁷⁵ "que nos lança em adoração aos pés de Cristo:

"Imola sua inteligência ao Verbo.

"Entrega-nos inteiramente à Sua vontade.

"Dá-nos uma confiança ilimitada nos Seus méritos.

"Mostra-nos Jesus Cristo no próximo, Sua autoridade nos superiores, Sua grandeza nos Santos, Suas necessidades nos membros de Seu corpo místico". ⁷⁶

Com zeloso cuidado, quer D. MARMION manter viva essa fé no coração dos Sacerdotes. Acentua-lhes "o grande perigo das más leituras ou simplesmente das leituras mundanas. Sobretudo os que habitualmente se ocupam no estudo dos clássicos, têm necessidade de um corretivo: precisam de viver da fé". ⁷⁷

Em seus retiros pastorais, insiste muito particularmente num ponto: a fé do Sacerdote deve ser *esclarecida* pois, explica êle, o movimento de coração segue o conhecimento da inteligência, *ignoti nulla cupido*. Se conhecermos Deus e as Suas perfeições, se nos penetramos do sentimento de Sua majestade, de Sua grandeza, de Sua bondade, de Sua misericórdia; se, pela fé, tivermos submetido nossa inteligência a tôdas essas grandes verdades, Deus descera de nossa inteligência ao nosso coração. Esse ponto é de grande importância. O coração do sacerdote deve ser o foco de um imenso amor de Deus, de um amor que não é impressão de sensibilidade, mas espírito de fé, esclarecido pelo estudo e pelo conhecimento teológico de Deus". ⁷⁸

Donde o lugar considerável que deve ocupar o estudo na vida do Sacerdote. "Devemos aplicar-nos com grande zelo na aquisição da ciência sagrada, não com o objetivo de sermos conhecidos como grandes sábios, *ut sciantur ipsi*, dizia S. BERNARDO, *est turpis vanitas*. Para os que estudam com êsse espírito, o estudo não se torna principio de santidade, mas de orgulho e de queda. É da ciência adquirida com êsse objetivo,

75 Conferência Sacerdotal, Dinant, janeiro de 1898.

76 Conferência Sacerdotal, Louvain, por volta de 1905 (autógrafo).

77 Conferência Sacerdotal, Dinant, janeiro de 1898 (autógrafo).

78 Retiro Sacerdotal, Louvain, outubro de 1898 (autógrafo).

que disse o Espírito Santo: *scientia inflat*,⁷⁹ e é dela que está escrito alhures: *Sapientia hujus sæculi stultitia est apud Deum*,⁸⁰ e posso acrescentar *apud homines*, pois nada mais desprezível e merecedor de compaixão que um Sacerdote cheio da convicção de seu saber. Jamais nos deixemos deslumbrar por nossos conhecimentos. Devemos aplicar-nos ao estudo pela glória de Deus, a fim de estarmos em condições de combater pela Igreja e de conservar a fé no coração dos fiéis em toda a sua pureza e vigor, mas sobretudo para encher os nossos próprios corações com o conhecimento de Jesus Cristo e dos sublimes mistérios da fé, que produzem em nós essa teologia viva, coração da santidade sacerdotal”.⁸¹ Noutra circunstância, escreverá êle a fórmula magnífica: “O clero deve ser uma teologia viva”.⁸²

“Por estudo, não entendo o dos pequenos manuais, tão úteis para adquirir os conhecimentos necessários em vista de um exame de ordenação, mas o estudo dos grandes mestres da ciência sagrada: S. TOMÁS, S. BOAVENTURA, os Padres, e principalmente a Escritura santa. A Sagrada Escritura é o grande tesouro da Igreja. Foi no estudo e na meditação desses Livros sagrados que se formaram os Padres da Igreja e os maiores teólogos. Serão, até ao fim dos séculos, a fonte primeira da ciência sagrada. Um Sacerdote que estuda e que ama as Sagradas Escrituras terá sempre na alma e no coração uma fonte borbulhante até à vida eterna.

“Nisto, como em tudo o mais, é preciso começar com paciência pelo lado árido e penoso do estudo, resignar-se, nos primeiros tempos, a nada ver, a nada sentir além do trabalho. Ótima será um dia a recompensa. Sem isso, fica-se a vida inteira na vulgaridade. Quantos sacerdotes tratam dos santos mistérios sem os compreender, sem pensar nêles, sem os conhecer até! Passam a vida entre coisas santas e em perpétuo contato com os poderes sobrenaturais, no altar, no confessionário, no púlpito, sem lhes prestar atenção e sem lucrar proveito algum para a sua alma. O sacerdote dispõe de tan-

79 I Cor. VIII,1.

80 II Cor. III,19.

81 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, outubro de 1898 (autógrafo).

82 *Nota Autógrafa*, por volta de 1901.

las graças que, antes de chegarem por suas mãos aos fiéis, passam necessariamente por seu coração. Se não possui a fé esclarecida, a piedade teologal, essas graças não o tocam, não lhe aquecem o coração; êle continua faminto no meio da abundância. Não estudar sem orar, a exemplo de S. TOMÁS DE AQUINO.

“Esse espirito de fé é, por conseguinte, a raiz e o fundamento de tôda a nossa vida espiritual, o principio da fecundidade de nossa vida sacerdotal. O Sacerdote necessita de uma fé muito mais robusta que a dos fiéis comuns.

“A fé dum povo logo degenera em superstição quando não esclarecida e conservada pela ciência e instrução do clero. . . Insisto muito especialmente aqui, dirigindo-me a vós, pois esta Universidade de Louvain tem sido para tôda a Europa, há séculos, como que um foco de ciência e de ortodoxia”.⁸³

E para justificar essas palavras de ordem práticas, segundo o seu hábito, eleva-se o teólogo de súbito às mais sublimes considerações que lhe arrebatam o pensamento contemplativo à grande luz do Verbo. “Se o Coração de Jesus é o foco do Amor infinito do Verbo”, conclui êle, “é também o Coração dAquele que é “a Sabedoria a proceder eternamente do Altissimo, *Sapientia quæ ex ore Altissimi prodiit*.⁸⁴⁻⁸⁵

Virtude de religião

O pensamento beneditino de D. MARMION tinha de assinalar brilhantemente o lugar privilegiado que a virtude de religião deve ocupar em tôda vida sacerdotal. O Sacerdote é por excelência o homem de Deus, o ministro do culto cristão. Sacerdotes, “devemos estar penetrados, até ao intimo d'alma, dêsse espirito de religião que não é senão um sentimento de grande reverência e de aniquilamento perante a Majestade infinita de Deus. Assim como a santa humanidade de Jesus, em virtude da união hipostática, foi inteiramente consagrada e imolada à glória de seu Pai, de modo que

83 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, outubro de 1898 (autógrafo).

84 *Eccli.* XXIV,5.

85 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, outubro de 1898 (autógrafo).

tudo n'Ele, até os atos mais indiferentes, foram atos sublimes de religião, também todo o nosso ser, em virtude da nossa consagração sacerdotal, foi consagrado à glória de Deus. Tudo em nós, até os atos mais indiferentes, deveriam ser atos de religião, ações sacerdotais".⁸⁶ Esse espírito de religião constitui "a virtude característica do Sacerdote".⁸⁷

Sobre esse assunto, suas conferências sacerdotais encerram imensas riquezas. Deixam transparecer tôda a convicção de uma existência beneditina. "O sacerdote não cessa de ser sacerdote quando deixa o altar. Ele o deve ser por tôda parte e em tudo. Foi escolhido, antes de tudo, para o culto divino: "Todo pontífice é tomado dentre os homens para tudo quanto se refere ao culto de Deus".⁸⁸ Eis a sua razão de ser o seu primeiro dever, a exemplo do Mestre: "Não sabieis que devo ocupar-me inteiramente no que é de meu Pai?"⁸⁹ E o Abade de Maredsous dirigia aos olvidados e aos negligentes a breve e enérgica ordem: "Antes de tudo, sêde Sacerdotes".⁹⁰ Tal foi o seu ideal: Sacerdote, por tôda parte e sempre.

A Missa do Sacerdote

A Missa ocupa lugar primordial na vida do sacerdote. A oferta do Sacrifício Eucarístico é, para o sacerdote, o momento de sua identificação suprema com Cristo, o instante de seu mais elevado poder sobre as almas, a serviço de todo o corpo místico. "Suas disposições deveriam ser as de Jesus, Sacerdote e Hóstia".⁹¹ "Unido a Cristo, Supremo Pontífice, cumpre de maneira perfeita todos os seus deveres para com o Pai: adoração, ação de graças, expiação, impetração. O sacerdote, identificado com Jesus Cristo, atinge a perfeição de adoção possível neste mundo".⁹² A oferta do sacrifício da

86 *Conferências Sacerdotais*, Dinant, dezembro de 1897 (autógrafo).

87 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, outubro de 1898 (autógrafo).

88 *Hebr.* V,1.

89 *Luc.* II,49.

90 *Conferências Sacerdotais*, Louvain, ano letivo de 1902-1903 (autógrafo).

91 *Retiro*, Maredret, dezembro de 1921.

92 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, novembro de 1901 (autógrafo).

Missa constitui, para o sacerdote, “o grande meio de transformação em Jesus Cristo”.⁹³

Tôda a atividade sacerdotal do Padre deve exercer-se “na irradiação da sua Missa”.⁹⁴ Mede-se o fervor do Sacerdote pela sua Missa. “Considerai dois sacerdotes que sobem ao altar. Suponho ambos em estado de graça. Um deixa o altar todo cheio do amor de Deus ou, como diz S. JOÃO CRISÓSTOMO, *spirans flammis, dæmonibus terribilis*. Tem o coração cheio de alegria, Deus está com êle e sua felicidade consiste em estar com Deus. O outro deixa o altar frio, distraído, cheio de tédio, sem vigor, sem entusiasmo. O quarto de hora de ação de graças parece-lhe uma eternidade. No coração, nada acha para dizer a Nosso Senhor. Donde provém essa diferença? A Missa era a mesma. O primeiro estava cheio da virtude de religião, enquanto o segundo não a possuía”.⁹⁵

Mestre de vida interior, D. MARMION não se deixa deslumbrar pelo talento ou pelo fulgor do gênio. O Sacerdote de Jesus Cristo dá Deus na medida em que é santo. O segrêdo de todo apostolado reside na união a Deus. Essa intimidade divina é “o fundamento do espirito sacerdotal”.⁹⁶

O espirito de oração

Para permanecer fiel à graça do seu Sacerdócio, à sua dupla missão de glorificador do Pai e de santificador das almas, deve o Sacerdote ser um homem de oração. Sem espirito de oração, não pode haver vida sobrenatural. As funções sacerdotais exigem uma atmosfera de oração. A oração é “de todos os meios, o mais necessário; deve ser o fundo e, por as-

93 *Ibidem*.

94 *Retiro Sacerdotal*, Tournai, setembro de 1922.

95 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, outubro de 1898 (autógrafo). Alhures, D. MARMION dá como causa da diferença a virtude da fé; praticamente, vem a dar no mesmo, pois que a fé ilumina as outras virtudes.

96 *Conferências Sacerdotais*, Louvain, fevereiro de 1902 (autógrafo).

sim dizer, a respiração de nossa alma". ⁹⁷ O incessante recurso do sacerdote a Deus pela oração assegura-lhe o continuo amparo de Deus. "Aquêlê que se acha unido a Deus pela vida de oração, torna-se um foco de graça, de luz e de paz para todos quantos se lhe aproximam. Por quê? Porque tôdas as suas potências naturais são, por assim dizer, divinizadas, elevadas a uma esfera quase infinitamente acima da natureza. O Espírito Santo Se torna, pela graça que Lhe é própria, o principio de seus pensamentos, palavras e ações. É verdade que o homem continua fraco, imperfeito, por vêzes até agitado por violentas tentações para que — afirma-o S. PAULO, exemplo vivo dessa verdade — reconheça não serem provenientes de si as maravilhas que opera, e para que nenhuma carne se glorie em Sua Presença, *ut non glorificetur omnis caro in conspectu ejus*, ⁹⁸ *ut sublimitas sit ex Deo non ex nobis*. ⁹⁹⁻¹⁰⁰

"Não temos desculpa. Se continuamos fracos, se não progredimos, se caímos no pecado, se perdemos a nossa alma, é porque não quisemos haurir as fôrças e as graças necessárias nos inexauríveis tesouros divinos que sempre nos estão franqueados pela oração" ¹⁰¹

Para o Sacerdote, a vida de oração tem sua expressão cotidiana no Breviário, sob a condição de não resmungar apressadamente alguns Salmos, mas de se unir com tôda a Igreja no louvor do Verbo. "O pároco rural, o missionário que ora sòzinho no sertão, fala "em nome da Igreja", *os totius Ecclesiae*. ¹⁰² Por essa recitação permanente do Officio divino, é tôda a Igreja que se conserva em prece continua diante de Deus. "A Igreja não se contenta em recomendar ao Sacerdote seja um homem de oração; prescreve-lhe a sua forma e obrigação. Quanto ao fiel comum, exceto a assistência à santa Missa e a recepção dos Sacramentos, tudo se lhe deixa à de-

97 *Conferências Sacerdotais*, Dinant, agosto de 1897 (autógrafo).

98 I *Cor.* I,29.

99 II *Cor.* IV,7.

100 *Conferências Sacerdotais*, Dinant, agosto de 1897 (autógrafo).

101 *Ibidem*.

102 *Retiro Sacerdotal*, Tournai, agosto de 1922.

voção particular; mas a oração do sacerdote é tão importante para o bem da Igreja e a salvação das almas, que Ela lhe prescreve a oração mais agradável a Deus, a mais eficaz para nós, a mais cheia de unção e de luz: a oração litúrgica que compreende o Ofício divino e a santa Missa.

“O sacerdote que recita seu Breviário e celebra sua Missa com devoção será um santo sacerdote e muito fará pela glória de Deus, enquanto o negligente em relação a êsses grandes deveres de seu estado será tívio e sem vida interior; terá pouquíssima ação sôbre as almas. Não o digo por confundir a santidade com a oração, que é apenas um meio de santidade, mas por saber que, se o sacerdote fôr fiel nêste ponto, receberá tanta luz de Deus, tanta graça e fôrça que não poderá deixar de fazer grandes progressos. Por isso, respondeu S. JOSÉ DE CUPERTINO a um Bispo que o consultara sôbre a maneira de santificar o seu clero: “Faça com que os sacerdotes recitem devotamente o Breviário e celebrem bem a santa Missa. Quanto ao mais, eu me responsabilizo”.¹⁰³

As outras virtudes sacerdotais

Tôdas as virtudes cristãs deveriam resplandecer no sacerdote. D. MARMION o sabe e, segundo as circunstâncias, insiste sôbre a prática de tal ou qual virtude, em particular sôbre a mais elevada das virtudes teologais: a caridade. O coração do sacerdote deveria estar repleto de um imenso amor de Deus e das almas. Sôbre êsse ponto, *Cristo, ideal do Sacerdote* contém vastíssimas riquezas.

Duas virtudes sacerdotais prendem a atenção do Abade de Maredsous: o espírito de desapêgo e de obediência.

O Sacerdócio exige uma abnegação total. O sacerdote é um segregado. “Deixa sua família e as alegrias do lar. Nem sequer lhe é permitido desejar essas alegrias; seria para êle um sacrilégio. Ële renuncia ao direito de dispor de sua pes-

103 *Conferências Sacerdotais*, Louvain, ano letivo de 1902-1903 (autógrafo).

soa e de seu tempo". ¹⁰⁴ Vive numa "solidão virginal acima de todo amor puramente humano". ¹⁰⁵ Deve passar pela terra "desapegado de tudo quanto é terrestre". ¹⁰⁶

Livre de sua pessoa e de seus bens por essa renúncia, o sacerdote dedica-se todo a Deus, ao serviço do bem comum da Igreja e das almas. Então, a virtude da obediência transforma-o no mais precioso colaborador do Bispo. Com profundíssimo sentido sobrenatural da estrutura hierárquica da Igreja, o Abade de Maredsous recomenda instantemente aos Sacerdotes a submissão à autoridade religiosa, segundo a palavra de ordem de S. INÁCIO DE ANTIÓQUIA: "Nada façais sem o Bispo". ¹⁰⁷ "Na ocasião de vossa ordenação, prometestes obediência ao vosso Bispo. Sei que essa obediência não é tão completa, tão radical quanto a dos religiosos; é a obediência dos apóstolos. É uma promessa feita entre as mãos do Bispo no momento mais solene da vossa vida, em presença de Deus e diante do altar onde, pela primeira vez ides oferecer o Santo Sacrifício em união com o pontífice que vós ordenou. Por essa promessa, destes ao Bispo o direito de dispor da vossa pessoa, de vos colocar onde bem lhe parecer, de transferir-vos de lugar e de função, de destinar-vos a uma tarefa de acôrdo com a sua vontade. Sacrifício extremamente meritório e agradável a Deus. O que há de maior no homem é a sua liberdade, o seu direito de dispor da própria pessoa e da própria atividade. Ninguém pode privar o homem dêsse direito e Deus mesmo o respeita. Ainda ao conduzir o homem por meio de Suas poderosas graças, deixa-lhe intata a liberdade. Ora, por essa promessa, depositamos, por amor de Deus, a nossa pessoa, o nosso talento, a nossa atividade entre as mãos do Bispo, para o bem da Igreja". ¹⁰⁸

Um clero submisso a seu Bispo num esforço comum a serviço das almas, forma um conjunto invencível e realiza

104 *Conferências Sacerdotais*, Dinant, antes de março de 1899 (autógrafo).

105 *Conferências Sacerdotais*, Dinant, julho de 1897 (autógrafo).

106 Cf. *Retiro Sacerdotal*, Louvain, outubro de 1898 (autógrafo).

107 *Ephes. IV*.

108 *Conferências Sacerdotais*, Louvain, entre 1904 e 1906 (autógrafo).

maravilhas de apostolado. “De uma diocese, como de uma comunidade religiosa, pode dizer-se que sua força está na obediência dos sacerdotes”.¹⁰⁹ E cada sacerdote lucra, em sua vida pessoal, a certeza de cumprir a vontade de Deus e de encontrar assim um caminho infalível de santidade. “Destá maneira”, assegurava D. MARMION, “a vida de Jesus torna-se nossa e, nas mais indiferentes de nossas ações, podemos dizer como Cristo: “Faço sempre o que agrada a meu Pai”.¹¹⁰⁻¹¹¹

Cristo, ideal do Sacerdote

Cristo domina a mística sacerdotal de D. MARMION como todos os outros aspectos de sua espiritualidade.

É no Verbo Encarnado que o Sacerdócio da Igreja encontra sua origem, seu exemplar e sua eficácia. O sacerdote, que é “outro Cristo” pelo poder no exercício de suas funções sagradas, deve entrar nas disposições interiores do Filho de Deus, ser outro Ele mesmo diante da Face do Pai e junto aos homens. Entre os membros do Seu corpo místico, o sacerdote é o chamado à mais perfeita identificação com Cristo. A intuição central da espiritualidade de D. MARMION acha em sua mística sacerdotal a suprema aplicação: “Para mim, Jesus é Tudo. Não posso celebrar, nem exercer o santo ministério, senão em uma total dependência de Sua ação e de Seu Espírito”.¹¹²

No momento de celebrar o santo Sacrifício, ao revestir-se dos paramentos sacerdotais, sua alma unia-se profundamente à de Cristo. Tudo desaparecia. “Sinto que, pela Igreja, entro em grande união com o Grande Pontífice Jesus, e que, com Ela e por Ela, participo das disposições de Jesus Cristo”.¹¹³

Certo dia, numa igreja da Bélgica, o Abade de Maredsous

109 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, outubro de 1898 (autógrafo).

110 *Joan.* VIII,29.

111 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, outubro de 1898 (autógrafo).

112 *Carta à Madre Garnier*, 2 de dezembro de 1908.

113 *Carta a uma Carmelita*, Maredsous, 4 de abril de 1917.

pediu para celebrar a Missa. O sacristão apressou-se a preparar-lhe os paramentos. O Pároco, chegando de improviso à sacristia, quis saber o nome do celebrante. E como insistisse com o sacristão, impacientando-se: “Quem vai celebrar a Missa?”

D. MARMION interveio simplesmente: “É Jesus Cristo”.

V

A MÃE DE CRISTO

Cristocentrismo marial. — Maternidade divina. — Imaculada Conceição. — Plenitude de graça. — Medianeira de tôdas as graças. — “Eis aí a tua Mãe!” — Forma pessoal de intimidade marial.

Ser para Maria um outro Jesus

V

A MÃE DE CRISTO

Há uma lei de psicologia religiosa que se verifica em todos os santos: sua vida marial assume a forma de sua espiritualidade. Em D. MARMION, apresenta-se na irradiação do mistério de Cristo.

Cristocentrismo marial

Para êle, Maria é antes de tudo a Mãe de Jesus, com a missão de formar-nos à Sua imagem, Mãe do Filho Único e da multidão dos filhos de adoção, Mãe do Cristo total.

Enquanto muitas almas vão “a Jesus por Maria”, é a partir de Cristo que D. MARMION se aproxima da Mãe. Para caracterizar êsse movimento típico de seu pensamento, não encontramos melhor fórmula do que falar em “cristocentrismo marial”. Nêle, até no mistério de Maria, é Cristo que tudo atrai.

Em suas *Notas Intimas*, o jovem monge de Maredsous permite-lhe escapem algumas confidências, raríssimas, mas por isso mesmo mais preciosas, sôbre a sua intimidade marial. Êle próprio acentua enèrgicamente a conexão dessa intimidade com o princípio básico de tôda a sua vida espiritual. “No dia da Festa de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora da Piedade experimentei grande acréscimo de devoção para com a Bem-aventurada Virgem Maria. A nossa perfeição mede-se pelo grau de semelhança com Jesus Cristo. “Êste é o meu Filho amado em Quem pus tôdas as Minhas complacências”. ¹ O amor e o respeito de Jesus pela Mãe eram imensos; por conseguinte, *devo procurar imitar Jesus*

¹ *Matth.* XVII,5.

nêsse ponto. Isso é particularmente necessário para um sacerdote, que é “outro Cristo”, *alter Christus*.²

Apreendemos em plena luz o movimento de alma de D. COLUMBA; êle só tem um ideal: “imitar Jesus”. Portanto, quer aproximar-se da Mãe de Jesus com os sentimentos de um “outro Cristo”. Mais tarde, para exprimir a lei básica dessa intimidade marial, achará uma fórmula que diz tudo em sua concisão: “Devemos *ser pela graça o que Jesus é por natureza: filho de Deus e filho de Maria*. Deus só reconhecerá por seus verdadeiros filhos aquêles que, como Jesus, são filhos de Maria”.³ Cristo, causa exemplar de nossa predestinação, deve ser o modelo de nossa filiação divina e de nossa filiação marial. Assim, tôda a doutrina de D. MARMION se acha reunida num ponto de síntese que prende sua concepção marial à intuição central onde sua espiritualidade encontra a fôrça de coesão e todo o seu relêvo: o lugar dominador de Cristo no plano de Deus.

Maternidade divina

Como no conjunto de sua obra, em D. MARMION as perspectivas dogmáticas iluminam do alto todo o mistério de Maria. NEla, contempla sobretudo a Mãe de Deus. A seus olhos de teólogo, aí se oculta o sêgrêdo de tôdas as graças, de todos os privilégios de Maria, o princípio supremo da mariologia.

No seu ensino escolástico, insistia êle sôbre o princípio fundamental: “Eis” dizia, “o princípio básico em tôda essa matéria: A Maternidade divina de Maria, embora ulterior na ordem das realizações temporais, é a razão suprema, a fonte eminente de tôdas as graças, de tôdas as prerrogativas de Maria. NEla, tudo decorre daí”.

Admirava, na doutrina marial de S. TOMÁS DE AQUINO, êsse primado da Maternidade divina. Meditara longamente os seus textos clássicos, aos quais volta com prazer. “Há três coisas que, por um lado, tocam o infinito: a União hipostá-

2 *Notas Intimas*, setembro de 1888 (ingl.).

3 *Sermão*, Carmelo de Louvain, 16 de julho de 1899 (autógrafo).

tica, a Maternidade divina, a nossa própria bem-aventurança. Deus nada pode realizar de maior". ⁴ "Segundo S. TOMÁS", frisa êle, "é impossível ao próprio Deus criar mais elevada dignidade. É a maior honra que Êle poderia ter feito a Maria. Essa dignidade A eleva acima de tôdas as criaturas. "Tôdas as gerações Me chamarão Bem-aventurada, porque o Onipotente fêz em Mim grandes coisas", *Beatam me dicent omnes generationes quia fecit mihi magna qui potens est.* ⁵

Por conseguinte, em Maria tudo se relaciona com a Sua maternidade divina, fêcho de abóbada de tôdas as Suas grandezas. Por ocasião da Imaculada Conceição ou das outras Festas litúrgicas, D. MARMION não deixará de se referir tôdas as riquezas mariais a êsse dogma primordial. "Maria é Mãe de Deus: eis a maior de Suas glórias, a primeira de Suas prerrogativas. Eis porque Ela é Imaculada. Convinha que essa bendita criatura, chamada a trazer nas Suas castas entranhas o Filho do próprio Deus, não estivesse um só instante sob o poder do demônio. Maria, Mãe de Deus, não pode deixar de ser Imaculada. Êste fato decorre naturalmente daquele". ⁶

No ápice de sua visão moral, resplandece êsse primado da Maternidade divina, iluminando todo o mistério da Mãe de Cristo. "Os que duvidam da grandeza de Maria, jamais sondaram todo o conteúdo das palavras do Evangelho: "Maria, da qual nasceu Jesus". ⁷

Imaculada Conceição

"O primeiro" dos dons divinos, "o mais resplendente", em dependência dessa Maternidade divina, foi a Imaculada Conceição.

Em 1904, o cinquentenário da proclamação dêsse Dogma deu origem a festas comemorativas em tôda a catholicidade.

4 *Suma teológica*, I,25,6, ad 3.

5 *Conferências Sacerdotais*, Dinant, 1897-1898 (autógrafo).

6 *Conferências*, Carmelo de Louvain, 5 de dezembro de 1904.

7 *Sermão*, Bruxelas, 8 de dezembro de 1904 (ingl.).

D. MARMION foi convidado a expor, em Bruxelas, êsse grande privilégio marial. Como sempre, êle o fêz à maneira de teólogo habituado a contemplar pelos mais altos cimos os mistérios cristãos.

D. MARMION conhecia bem a célebre passagem da Bula *Ineffabilis*, de tão extraordinária densidade doutrinal, onde a Igreja nos revela a eleição eterna predestinando Maria, em virtude das predileções divinas, à dignidade suprema de Mãe do Filho de Deus, mais amada e, por conseguinte, mais cumulado da abundância de tôdas as graças que a universalidade das criaturas, indissociavelmente unida a Cristo num mesmo decreto de Encarnação redentora, revestida de tal plenitude de inocência e de santidade que nenhum pensamento, exceto o de Deus, lhe pode medir a grandeza.

De conformidade com êsse ensinamento da Igreja, D. MARMION comprazia-se em perscrutar êsse mistério da Imaculada em suas eternas origens, na Trindade. “Todos os benefícios da natureza e da graça que honramos nos Santos: sua perfeição, seus milagres, suas graças pessoais, seus carismas extraordinários, tudo isso lhes brota de uma Fonte Única: a adorável Trindade. S. TIAGO no-lo recorda, “todo dom perfeito descende do Pai das luzes”.⁸ Como fariam exceção a essa regra a eminente grandeza e os privilégios de Maria? Não. NEla, tudo deriva dessa Fonte essencial de tôda graça e de tôda santidade”.

Cristo, porém, permanece como Único Mediador. Fiel ao pensamento da Igreja e conhecendo a susceptibilidade de nossos irmãos protestantes quanto a êsse ponto capital, D. MARMION tem o cuidado de relacionar êsse privilégio excepcional de uma Conceição imaculada com os méritos de Jesus Cristo, único Redentor do mundo.

“De fato, a Igreja nos ensina que êsse privilégio de uma Conceição imaculada foi conferido a Maria “em previsão da morte de seu Filho”, *ex morte Filii sui prævisa*,⁹ assim como

8 Jac. I,17.

9 Coleta da Festa da Imaculada Conceição.

a salvação dos justos do Antigo Testamento dependia dos vindouros sofrimentos de Cristo. Que dom magnífico do Filho à própria Mãe! É o primeiro fruto de sua Paixão, a mais elevada prova de Seu amor, um privilégio que ultrapassa toda potência criada e é digno do próprio Filho de Deus.

“Com que maravilhado júbilo não depositou Jesus aos pés da Mãe esse régio diadema, adquirido com o Seu precioso Sangue! E em retribuição, com que ternura, com que reconhecimento soube Maria corresponder a tão liberal amor, consagrando-Se a amá-IO com todas as fibras do Seu coração!

“Por belo que seja em si mesmo esse “glorioso privilégio”, permanece ordenado à glória de Cristo. Anuncia, qual aurora, a santidade perfeita dAquele que é o Sol de justiça. Antes de surgir no horizonte, o sol dá, como presságio de seu aparecimento, a irradiação de luz que doura as montanhas. Também o Altíssimo, antes de deixar o seio do Pai, prepara o tabernáculo destinado a recebê-IO durante nove meses, por uma pureza toda imaculada que nem o mínimo labéu do pecado virá jamais empanar.

“Como imaginar o Filho de Deus, santo, inocente, a própria Pureza no seio do Pai, nascendo na terra de uma mãe maculada, embora com a mais leve mácula? *Sanctificavit tabernaculum suum Altissimus*.¹⁰ “O Altíssimo santificou o Seu tabernáculo”. Aquêle a Quem dizemos cada dia na Missa: *Tu solus sanctus, Jesu Christe*, “Só Vós sois Santo, ó Jesus Cristo”, não podia nascer e revestir-se de nossa natureza humana de pessoa, senão de um ser puro e imaculado”.¹¹

Com clareza e precisão, vai agora o teólogo analisar a natureza desse privilégio, primeiro sob o seu aspecto negativo: a isenção da mácula original; depois, sob o aspecto positivo: a incomparável plenitude de graça que eleva a Imaculada acima de todos os Anjos e de todos os Santos.

Isto obriga a entrar, a título preliminar, na exposição do estado de inocência e da queda primitiva. “Para compreen-

10 *Ps. XLV,5.*

11 *Sermão*, Bruxelas, 8 de dezembro de 1904 (ingl.).

der essa doutrina da Imaculada Conceição, devemos remontar até à origem da raça humana e considerar nossos primeiros pais no momento em que saíram das mãos do Criador, revestidos de inocência e de santidade.

“Pela desobediência de nossos primeiros pais, entrou-lhes na alma o pecado, e com o pecado a morte. Mas Aquêlê que impera aos ventos e ao mar, podia suspender, por seu Verbo Onipotente, a vaga dessa torrente de iniquidade. Proibiu-lhe tocasse a alma dAquele a Quem escolhera para Mãe. Jamais, nem mesmo por um só instante, estêve Maria incluída entre os “filhos da ira”. Não foi atingida pelo pecado de Adão. Permaneceu pura e imaculada. *Tota pulchra es, o Maria*. “Sois tôda bela, ó Maria, e mácula original não há em Vós”.

Por fulgurante que seja êsse modo de preservação do pecado em Maria, o aspecto positivo de Sua incomparável plenitude de graça merece, acima de tudo, prender-nos o olhar. “Se queremos compreender a excelência do dom de Jesus à própria Mãe, não devemos esquecer que êsse privilégio da Imaculada Conceição não significa tão sòmente a isenção da mácula original, mas também, e sobretudo, a comunicação da graça, verdadeira “participação da natureza divina”.¹²

“Estamos destinados a entrar em sociedade com a adorável Trindade, a contemplar Deus como Ele mesmo Se contempla. A graça santificante nos torna capazes dessa elevação sublime. Reveste-nos, por assim dizer, “de um vestido de justiça e de beleza que nos torna semelhantes a Deus. Eis porque, cantamos nós no Introito da Festa, Maria “alegra-se com grande júbilo, pois Deus A revestiu com as vestes de salvação e A envolveu com o manto da justiça. *Gaudens gaudebo in Domino*...”

“Êsse “vestido de justiça” é a graça santificante que Lhe adorna a alma desde o primeiro instante da Sua conceição. Todavia, prossegue Ela em Seu cântico de louvor e de reconhecimento: “Cobriu-me com o manto da justiça, como Espôsa adornada com Suas jóias.” Quais são essas “jóias”. Inspira-

12 II Petr. I,4.

do pelo Espírito Santo, assim canta o Salmista a magnificência do futuro Redentor: “Ultrapassais em formosura todos os filhos dos homens. A graça derramou-se nos Vossos lábios; eis porque Deus Vos abençoou para sempre. O cetro do Vosso reino é um cetro de retidão. A Rainha está de pé à Vossa dextra, em vestes de ouro, refulgentes de pedrarias”.¹³ O Rei: é Jesus. E a Rainha: Maria”.

E o douto pregador explana as riquezas dessa insondável plenitude de graça: uma fé luminosa que Lhe faz contemplar o Verbo eterno, o Filho Unigênito do Pai, através de todos os mistérios de Sua humanidade; uma esperança inflexível, até na noite do Gólgota; um amor imenso, ilimitado, que Lhe invade a alma e que dá ao mínimo de Seus atos uma perfeição absoluta, um valor incomensurável. “Tôdas essas graças, todos êsses dons do Espírito Santo acompanham a Sua immaculada Conceição.” A Trindade inteira comprazeu-Se em cumular Maria de Seus dons.

E conclui D. MARMION, num ímpeto de ação de graças: “Unamo-nos, pois, com Ela para dizer: “Minha alma glorifica o Senhor”, *Magnificat!* “Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo!”¹⁴

Plenitude de graça

Não se deve procurar na doutrina de D. MARMION uma exposição sistemática e completa da Mariologia. Como os Padres da Igreja, êle trata de tal ou qual aspecto dos mistérios cristãos, de acôrdo com as exigências de seu cargo e de seu apostolado. Sem as festas do cinqüentenário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição, não possuiríamos as belas páginas que nos conservaram o vibrante eco de seu pensamento pessoal sôbre êsse grande privilégio marial.

Habitualmente, brevíssimas intuições, fugindo-lhe do coração ao sabor das circunstâncias e da improvisação, revelam-nos com que profundidade penetrara êle na alma de Ma-

13 Ps. XLIV.

14 *Sermão*, Bruxelas, 8 de dezembro de 1904 (ingl.).

ria. NEla, descobre-nos uma criatura excepcional, “mais amada por Deus”¹⁵ que todos os Anjos e Santos, simples e sublime em Sua existência obscura como nos grandes atos de Sua vida. Nada de pseudo-maravilhoso em sua concepção marial. Vê a Mãe de Deus passando pela terra como qualquer das outras mulheres dêste mundo, ocupada nas mais humildes tarefas cotidianas “sem êxtases”¹⁶ e sem milagres, mas elevada “à mais sublime contemplação”¹⁷ e à união constante com Deus. “A Santíssima Virgem realizava as ações mais ordinárias, cuidando de seu lar, consertando as roupas de S. José, mas que amor em cada uma dessas ações!”¹⁸ “No cumprimento da Lei, que diferença entre a Virgem e o fariseu!”¹⁹

Em cada um dos Seus mistérios, vê nEla um perfeito modelo de santidade, quedando maravilhado com a Sua fé, a Sua humildade, a Sua vida de amor. O *Fiat* da Virgem de Nazaré aparece-lhe como a síntese viva de tôdas as Suas virtudes e “a chave de Sua vida,”²⁰ onde as almas cristãs encontrarão sempre um maravilhoso exemplo de santidade. “Vossa vida deve ser como a Sua: *Ecce ancilla Domini*.”²¹ Repetidas vêzes, comentará com todo o entusiasmo de sua fé a célebre oração de M. OLIER: *O Jesu vivens in Maria*.²² Um dos mistérios da infância de Jesus, que mais o atrai, é o da Apresentação. Mas D. MARMION logo ultrapassa a fragilidade das aparências para ver desenrolar-se tal mistério nas grandiosas perspectivas da Redenção do mundo. A Virgem, oferecendo seu Filho ao Pai Eterno, preludia, com êsse gesto de oblação, como num ofertório, o sacrificio que amanhã se consumará de maneira cruenta no Gólgota.

Assim, por ocasião das diversas Festas litúrgicas, a alma contemplativa do Abade de Maredsous encontrava perpétua-

15 *Conferência*, Maredret, 23 de junho de 1910.

16 *Retiro*, Maredret, fevereiro de 1914.

17 *Ibidem*.

18 *Retiro*, Maredret, 1898.

19 *Retiro*, Erdington, 1902 (ingl.).

20 *Retiro*, Maredret, 1901.

21 *Carla*, agosto de 1908.

22 *Conferências*, Maredret, maio de 1909; Carmelo de Louvain, julho de 1909.

mente a Mãe ao lado do Filho, inseparáveis no seu coração como na economia da salvação.

Medianeira de tôdas as graças

Ainda neste caso, — e tratando-se de um ponto que lhe era caríssimo, — podemos tão somente respigar. Restam-nos algumas indicações apenas — felizmente decisivas — sobre esta mediação universal, centro de interesse dos atuais estudos mariais.

Já em 1893, escrevia D. COLUMBA em suas *Notas Intimas* de retiro: “Foi esplêndida a conferência sobre a mediação de Maria. Encheu-me de confiança o coração e deu-me grande desejo de ser um verdadeiro filho de Maria”.²³ Tornando-se, por sua vez, professor e pregador, associa-se com prazer ao “grande número de teólogos” que ensinam: “Tôdas as graças concedidas por Deus aos homens, passam pelas mãos de Maria”.²⁴ “Deus só quis dar o seu Filho por meio dEla. Da mesma forma, quer que tôda graça e tôda benção nos venham por Maria”.²⁵

Não ignora êle o lugar primordial do *Fiat* da Virgem da Encarnação, que já importava na aceitação de Sua dupla maternidade, sobre o Cristo total, mas se compraz, sobretudo, em contemplar a maternidade espiritual de Maria sobre o corpo místico na cena do Calvário. Ele A vê ao pé da Cruz. Ousa até chamá-LA “Co-redentora com Seus divino Filho na redenção do mundo”.²⁶ “Decerto”, frisa êle, “devemos tudo a Jesus Cristo, mas a Mãe é inseparável do Filho”.²⁷

Perante os seus alunos de teologia, desenvolve o tema tradicional da nova Eva, associada a Cristo em tôda a obra da nossa salvação. “É preciso manter, como princípio fundamental, que a Virgem Mãe ocupa, na ordem da restauração

23 *Notas Intimas*, setembro de 1893 (ingl.).

24 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, outubro de 1898 (autógrafo).

25 *Sermão*, Carmelo de Louvain, 16 de julho de 1899 (autógrafo).

26 *Ibidem*.

27 *Sermão*, Carmelo de Louvain, 16 de julho de 1899 (autógrafo).

do gênero humano, o mesmo lugar que Eva em nossa ruína. Com efeito, segundo o oráculo do Gênesis, sabemos que um plano de desforra dirige tôda a economia de nossa redenção. Ao novo Adão, acha-se inseparavelmente associada uma nova Eva”.

Essas perspectivas mariais, que mais tarde deveriam tomar tal amplitude sob o impulso de seu ilustre amigo e dirigido, o CARDEAL MERCIER, achavam-se ainda no ponto de partida. O Abade de Maredsous, tornando-se membro da Comissão teológica instituída pelo CARDEAL, foi encarregado de redigir, em nome de todos os seus membros, a súplica em vista da definição do Dogma da Mediação Universal de Maria. Possuímos êsse precioso documento. Sob as reservas necessárias e lealmente assinaladas, sente-se o pensamento pessoal do teólogo inclinando-se para êsse título de Maria Medianeira de tôdas as graças: por causa de Sua maternidade divina, de Sua dignidade, de Seu poder de intercessão, de Seu papel de Associada a Cristo ao pé da Cruz, mas em total dependência e subordinação em relação ao único Mediador.

Eis aí a tua Mãe!

“Portanto, a devoção a Maria não é de super-rogação, mas essencial”, observa D. MARMION, “é uma consequência da Encarnação”.²⁸ “Eis porque os que não conhecem a Santíssima Virgem, os que não A amam, correm grave risco de não compreender o mistério da Encarnação e os outros mistérios da Humanidade de Cristo. As nações que perderam o amor de Maria, perderam também a fé na Encarnação. Se queremos amar a Cristo, se queremos que Òle seja todo nosso e nós totalmente d’Òle, precisamos de ter uma verdadeira e grande devoção à Santíssima Virgem”.²⁹

Para D. MARMION, essa devoção se resume em tomarmos consciência do papel de Maria sôbre cada um de nós. No decorrer de suas pregações, de seus retiros, de suas direções, não

28 *Retiro*, Louvain, novembro de 1901 (autógrafo).

29 *Conferência*, Maredret, 1º de fevereiro de 1911.

cessa de repetir às almas as palavras de Cristo na Cruz: *Ecce Mater tua*, “Eis aí a tua Mãe!” Isto lhe prescreve a atitude fundamental de nossas relações de intimidade com Maria. Pois que Ela é nossa Mãe, devemos, a exemplo de Cristo Jesus, amá-*LA* e venerá-*LA* com um coração de filho.

Forma pessoal de intimidade marial

Poder-se-á dizer que D. MARMION foi uma alma marial?

Ele mesmo vai responder-nos como verdadeiro mestre de espiritualidade e revelar-nos, em algumas frases densas, de extrema profundidade, a sua maneira personalíssima de compreender essa vida de intimidade marial.

Com raro vigor de pensamento, une suas perspectivas mariaais à grandiosa síntese de nossa predestinação em Jesus Cristo segundo o plano divino que constitui o eixo de sua espiritualidade. “Tôda a nossa perfeição consiste em expressar a imagem de Jesus Cristo. Deus nos predestinou a nos tornarmos conformes à imagem de seu Filho”, *Prædestinavit nos conformes fieri imaginis Filii sui*.³⁰⁻³¹

“Ora, em Jesus Cristo, há atributos, há perfeições que são fundamentais e essenciais, e outros que dêles decorrem e que julgamos secundários. Quanto aos atributos essenciais, todo cristão os deve reproduzir, e a perfeição dêles em cada alma é a medida de sua própria perfeição, enquanto os outros atributos de Nosso Senhor são reproduzidos com maior ou menor perfeição pelas almas, segundo as circunstâncias e o atrativo do Espírito Santo. Há, porém, dois atributos fundamentais que constituem, por assim dizer, a essência do *Homem-Deus*, e sua imitação, sua reprodução em nós constituem a essência da nossa santidade: Jesus é *Filius Patris* e *Filius Mariæ*. Quanto mais fôrmos n’Ele “filhos de Deus” e “filhos de Maria”, mais participaremos de Sua infinita santidade, mais perfeitos seremos. É pelo batismo, revestindo-nos de Jesus

30 *Rom.* VIII,29.

31 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, novembro de 1901 (autógrafo).

Cristo, que n'Ele nos tornamos necessariamente os filhos do Pai Eterno e os filhos de Sua própria Mãe".³² "Não se trata de uma figura, de uma metáfora. Como diz S. João: "Não é só de nome, mas na realidade, que nos tornamos filhos de Deus".³³ De modo análogo, somos realmente filhos de Maria porque Ela é Mãe de Seu corpo místico. Na Cruz, Jesus nos confiou oficialmente à sua própria Mãe, pois, se Ela deu à luz na alegria o seu Filho que era Imaculado, na dor haveria de dar à luz os pecadores".³⁴

A nós, cabe ratificar essa graça de adoção, enchendo o nosso coração das disposições de Jesus Cristo para com a Mãe. "Sendo Jesus essencialmente "Filho de Deus" e "Filho de Maria", nós também *devemos ser pela graça o que Jesus Cristo é por natureza: filhos de Deus e filhos de Maria*. Deus só reconhecerá por seus verdadeiros filhos aqueles que, como Jesus, são filhos de Maria".³⁵

Nestas linhas, apreendemos tôda a espiritualidade marial de D. MARMION, simultaneamente em suas vistas dogmáticas e na atitude fundamental do cristão para com Maria. Elas inserem a nossa vida espiritual e marial no âmago do mistério da Encarnação redentora e conservam-nos inseparavelmente unidos a Jesus em tôda a economia da salvação. Tal fórmula de vida marial toca a própria essência do cristianismo.

Tôda a diligência do cristão em sua vida marial consistirá, pois, em modelar-se pelos mais íntimos sentimentos de Jesus para com a própria Mãe. "Jesus Cristo é o nosso Modelo. E, assim como encontramos n'Ele o tipo perfeito do filho de Deus, n'Ele encontraremos também o tipo perfeito do filho de Maria".³⁶

Que fazer para realizar êsse sublime programa?

32 *Retiro*, Maredsous, setembro de 1900 (autógrafo).

33 *I Joan.* III,1.

34 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, novembro de 1901 (autógrafo).

35 *Sermão*, Carmelo de Louvain, 16 de julho de 1899 (autógrafo).

36 *Retiro*, Maredsous, setembro de 1900 (autógrafo).

“Jesus escolheu a Sua própria Mãe desde tôda a eternidade. Conferiu-Lhe, com a Maternidade divina, todos os outros privilégios que nEla admiramos e que Ele pagou com o próprio Sangue. Nós também, devemos livremente *escolher Maria por Mãe*, rejubilar-nos com todos os Seus privilégios, dando por êles graças a Deus”.³⁷

“Jesus era submisso à Mãe”. *Erat subditus illis*.³⁸ E nós também, *obedeçamos a Maria*. Sejamos dóceis a Seus conselhos de imitar Jesus. Não diz Ela a cada um de nós: “Fazei tudo o que Ele vos disser”,³⁹ “Este é o meu Filho amado, escutai-O”?⁴⁰

“Jesus amou e honrou a Mãe. Cabe-nos *honrá-la, amá-la, achar nossa alegria em todos os Seus privilégios*. Rejubilarse com os atributos divinos é uma forma elevadíssima do amor.

“Amemos Maria, mais que tôdas as mães. De Sua parte, há um coração de Mãe que perdoa sempre. Maria vê Jesus em cada um de nós”.⁴¹

Por ocasião das numerosas pregações de retiro, D. MARMION volta infatigavelmente a êsses temas fundamentais. Quer ver as almas identificarem-se a Jesus em Seus sentimentos de Filho para com a Mãe. Gosta de repetir a Cristo, vida de sua alma, a súplica de S. GERTRUDES: “Senhor, digei por mim à vossa Mãe: *Ecce filius tuus*, “Eis aí o teu filho”. Necessário seria também destacar o final de sua magnífica consagração à Santíssima Trindade, culminância de sua vida espiritual em Louvain (Natal de 1908): “Ó Maria, Mãe de Cristo, Mãe do santo Amor, *formai-nos Vós mesma segundo o Coração de vosso Filho*”. É o mais puro Evangelho.

Assim, D. MARMION é uma alma marial, mas à sua maneira muito pessoal, na linha de sua própria espiritualidade

37 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, novembro de 1901 (autógrafo).

38 *Luc.* II,51.

39 *Joan.* II,5.

40 *Marc.* IX,6.

41 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, novembro de 1901 (autógrafo).

que o impele constantemente a buscar em Cristo a fonte e o modelo vivo de toda santidade. A Seu exemplo, quererá tornar-se um filho amante de Maria, ser junto dEla "outro Cristo".

Sobre esse ponto, nada mais sintomático que o seu encontro com os escritos de GRIGNON DE MONTFORT. "Conheço *O segredo de Maria*", escrevia êle em 1906. "Sem dúvida alguma, essa devoção é fecunda e santificante para certas almas, a ela atraídas pela graça. Mas para isso, é preciso ser atraído pela graça do Espírito Santo. Quanto a mim, experimentei-a; todavia, lançava antes a distração e o desassossêgo em minha alma. Diz o próprio PADRE FABER que, nos inícios, experimentava séria repulsão por essa devoção, mas que, prosseguindo, obtivera a graça de a praticar, com grande suavidade e benefício para sua alma.

"Na prática, não a emprego para mim. *Vou a Deus por Jesus*. Maria ajuda-me a conhecer seu Filho e a dirigir-me para Êle. Quanto aos outros, se experimentam atrativo para isso, animo-os, porque essa devoção foi propagada por um Santo e talvez só nos pareça exagerada por não nos acharmos ainda no diapasão de sua santidade".⁴²

Cada alma vai a Deus por seu próprio caminho. Isto em nada diminui o alto valor do "Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem", que continua a ser na Igreja a mais pura obra-prima de nossa literatura marial e, provavelmente, o caminho mais breve para se deixar transformar em Maria e, por Ela, em Jesus Cristo. A riqueza da Igreja lhe advém da admirável variedade de seus Santos. Cada um expressa, de sua maneira, um dos aspectos da graça capital de Cristo e de Sua plenitude infinita.

D. MARMION achava diretamente em Cristo o ideal de sua própria vida de intimidade marial.

Isso não o impedia, quando impellido pela graça, de identificar-se com os sentimentos da alma de Maria, de "recitar o

42 *Carta ao Pe. Francisco de Sales, Carmelita, Louvain, 23 de julho de 1906.*

Ofício divino” na pessoa da Virgem Maria, *in persona B. M. Virginis*, “dirigindo meus louvores e minhas preces em Seu nome”, diz-nos êle, “assim como deve ter feito Ela própria ao Pai Eterno por Jesus Cristo, procurando penetrar nos sentimentos de Sua adoração profunda, de Sua humildade, de Sua confiança e também de Sua alegria ao pensar no triunfo do Filho. “Outra luz,” acrescenta êle, “me fêz compreender que todo louvor, dirigido a Maria, volve-se puríssimo para a glória da adorável Trindade como no seu *Magnificat*. Se me consagro a Maria, Ela só recebe êste dom de mim mesmo para oferecê-lo imediatamente a Deus”. ⁴³ “Um dos melhores meios de aproveitar bem o Santo Sacrifício da Missa, recomendará mais tarde aos Sacerdotes, é revestir-nos das disposições de Maria”. ⁴⁴

È Maria na Sua vida oculta que êle propõe como modelo para as almas contemplativas. Convida-as a imitarem a Virgem fiel, realizando tôda a Lei, não com um espírito farisaico, mas por uma vida tôda de amor. A Virgem da Encarnação pronunciando o seu *Fiat*, aparece-lhe como o ideal de tôda vida religiosa. Em cada um dos seus retiros, consagra uma palestra à exaltação de Maria, exorta as almas a viverem em Sua intimidade, impele-as para Ela em suas direções: “Sêde o apóstolo da Santíssima Virgem... Ide a Ela em tôdas as dificuldades”. ⁴⁵ Êle próprio, cada manhã, consagra-se especialmente à Virgem Santa: “Rogo-Lhe que me aceite por filho: *Ecce filius tuus*. No decurso de uma peregrinação a Lourdes, escreve: “Recebo aqui grandes graças”. ⁴⁶

Não lhe agrada ver as almas “sobrecarregarem-se de práticas”. “As devoções particulares são como as flôres de um jardim: é preciso saber escolher. Uma vale tanto quanto a outra, seja qual fôr, mas desde que haja perseverança”. ⁴⁷

Quanto a êle, além do Santo Sacrifício e do Ofício divino,

43 *Notas Intimas*, setembro de 1888 (ingl.).

44 *Conferências Sacerdotais*, Dinant, maio de 1898 (autógrafo).

45 *Carta Sem Data*.

46 *Carta a Winefrida Kraemer*, 24 de setembro de 1922.

47 *Retiro Sacerdotal*, Louvain, novembro de 1901 (autógrafo).

apegava-se com amor ao Rosário. “Sei,” dizia, “que se encontram liturgistas que desdenham e menosprezam o têrço, sob pretexto de que esta devoção é boa para as mulheres e as crianças. Mas, para entrar no Céu, é preciso “ser pequenino”. “Se não vos tornardes como meninos, não entrareis no Reino dos Céus”.⁴⁸ “Os grandes senhores não são para o Céu”.⁴⁹ “O Rosário rezado com devoção”, afirmava, “pode conduzir as almas à mais elevada perfeição”.⁵⁰ Com rara penetração, apreendera-lhe a essência. Sua alma de contemplativo sentte-se à vontade, movendo-se nesses vastos horizontes dos mistérios de nossa Redenção. “Cada mistério da vida de Cristo contém uma virtude secreta para aquêles que o meditam com fé e amor. Sucede aos mistérios do Rosário o mesmo que ao ano litúrgico: Cristo não é sòmente um Modêlo para nós, mas a Fonte viva de tôda santidade. Daí, o extraordinário poder santificador dessa devoção... Enquanto contemplamos os mistérios, imploramos ao Pai Eterno, em nome de seu Filho e pela intercessão de Maria, nos comunique uma graça de imitação própria para cada um dos mistérios, segundo a súplica da Igreja na oração da Festa: *et imitemur quod continent*.

“Que maravilhosa fonte de graça e de santidade se torna assim o Rosário para os que se dedicam, segundo o seu verdadeiro espírito, a essa magnífica devoção, tão cara a todo coração católico!”⁵¹

Se tanto se afeiçoa ao Rosário, é por ver nêle, como na liturgia, um compêndio de todos os mistérios de Cristo. E para êle é sempre necessário voltar a êsse ponto: Cristo é tudo.

Releia-se em *Cristo, vida da alma* o belo capítulo consagrado à Mãe do Verbo Encarnado, ou as sublimes elevações sôbre a vida oculta de Maria na obra *Cristo em Seus mistérios*, e compreender-se-á claramente a que ponto, para D. MAR-

48 *Matth.* XVIII,3.

49 *Retiro*, Maredsous, setembro de 1919.

50 *Sermão*, Bruxelas, outubro de 1905 (ingl.).

51 *Ibidem*.

MION, permanece o mistério de Maria indissociavelmente unido ao mistério de Cristo.

A invocação livremente escolhida por êle e por êle formulada, antes de suas instruções, com singular acento, bem traduz o movimento mais íntimo de sua alma e a grande paixão de sua vida: *Mater Christi*. Em Maria, D. MARMION vê, antes de tudo: a Mãe de Cristo. Daí brotou a forma tão pessoal e tão profunda de sua intimidade marial: êle quer ser para Maria outro filho, "outro Cristo".

.

.

.

.

EPÍLOGO

DOUTOR DA ADOÇÃO

*Tôda a santidade consiste em ser
pela graça o que Jesus Cristo é por
natureza: filho de Deus.*

1990-1991

1990-1991

1990-1991
1990-1991
1990-1991

EPILOGO

DOUTOR DA ADOÇÃO

Colocando Cristo no coração de sua espiritualidade, D. MARMION alcançou a mais íntima essência do cristianismo. E em Cristo, foi diretamente ao fundo do mistério, à sua Filiação divina, fonte e modelo da nossa. Antes dêle, outros autores haviam explorado as magnificências da nossa graça de adoção; êle, com força única, soube fazer desta graça o todo de sua espiritualidade. Eis, na verdade, a intuição inspiradora, a idéia mestra e o ponto de convergência de todos os seus pensamentos.

Esse privilégio de filho de Deus reveste o cristão de infinita grandeza por uma participação real na Filiação eterna do Verbo, e essa graça de adoção torna-se a raiz de nossa santidade, assim como a união hipostática foi para Jesus a causa de tôdas as graças e de todos os carismas. Nossa vida espiritual toma então um novo sentido; é uma extensão, em cada um de nós, da Encarnação do Verbo que eleva todos os membros do Seu corpo místico à dignidade pessoal do Filho de Deus. S. TOMÁS DE AQUINO ousa falar em “uma mesma personalidade mística”, *quasi una persona mystica*.¹

Por ter visto isto com simplicidade e profundidade, por ter feito disto, sem espírito de sistema, com a espontaneidade e o ímpeto de uma vida, o centro de suas aspirações e de seu ensino, mereceu D. MARMION, na história da espiritualidade, o título de *Doutor da adoção divina*.

1 III,48,2,ad 1. — E alhures: *Tota Ecclesia, quæ est mysticum corpus Christi, computatur quasi una persona cum suo capite, quod est Christus* (III,49,1).

Poderosa unidade enfeixa os múltiplos aspectos de sua obra. É “no seio do Pai”² que êle contempla a nossa vida espiritual em suas origens eternas. O conceito que faz da nossa santidade expande-se por êsses infinitos horizontes. O Pai comunica ao Filho tôda a sua Divindade por via de geração eterna. Êle cumulou a Humanidade de Jesus de uma plenitude de graça que se deve derramar sôbre os membros do Seu corpo místico na medida em que O quiserem receber pela fé e pelo amor. Os homens estão chamados a participar de sua Filiação divina, “predestinados por Deus para serem conformes à imagem de seu Filho Único”.³ Êsse plano divino é a chave de tudo. “Considerai que amor nos mostrou Deus Pai em querer que sejamos, e não só de nome mas na realidade, Seus filhos”.⁴ Eis a explicação de tôdas as misericórdias de Deus para conosco, o ponto de partida de tôdas as graças e a própria essência da vida cristã”.⁵

Por conseguinte, nossa filiação adotiva pela graça permanece inseparável da Filiação de Cristo. O Verbo Encarnado é a causa exemplar, meritória, eficiente, de nossa predestinação. Essa intuição suprema, entrevista por D. MARMION na leitura de S. PAULO, ilumina pelos ápices tôda a sua visão do universo. Deus não vê senão o seu Filho através dos homens. Quer que sejam semelhantes a Êle e a sua perfeição varia segundo o grau de conformidade a Cristo.

“O dia de nossa adoção é o de nosso Batismo”,⁶ a Confirmação e os outros Sacramentos desenvolvem em nós essa graça de filiação; a Eucaristia acaba, nêste mundo, de gravar em nossas almas os traços de Jesus Cristo.

Essas elevadas perspectivas dogmáticas inspiram tôda a sua doutrina. Se é verdade que a nossa concepção de Deus dirige tôda a nossa vida moral, a paternidade divina e o espírito filial, duas verdades extremas e correlativas, constituem

2 *Joan.* I,18.

3 *Rom.* VIII,29.

4 *I Joan.* III,1.

5 *Conferências Sacerdotais*, Dinant, julho de 1897 (autógrafo).

6 *Retiro*, Maredret, fevereiro de 1914.

o eixo de sua espiritualidade. "Somos os filhos de Deus por adoção. Devemos tratar com Êle como com um Pai". ⁷ É-se filho de Deus, cristão perfeito, na medida em que se imita Cristo. E êle lança ao acaso, em suas notas, a reveladora equivalência:

"Santo = filho de Deus".

Santo é aquêle que "deixou desabrochar em si a graça de adoção". ⁸ *Tôda a santidade consiste em ser pela graça o que Jesus Cristo é por natureza: filho de Deus.* ⁹

Tal é a vasta síntese de espiritualidade que D. MARMION deixou à Igreja. Êle nos reconduziu ao Evangelho, a S. PAULO, à mística dos primeiros cristãos. Deus Pai enviou-nos o seu Filho Único para nos tornar Seus filhos de adoção. Nossas almas devem, pois, voltar ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. Só existe um caminho. Cristo nos conduz *in sinu Patris*, ¹⁰ e lá, com Êle e n'Êle, em seu Espírito, podemos dizer a Deus com o mesmo acento de ternura filial: ABBA! PAI! ¹¹

7 *Notas Intimas*, Festa do Sagrado Coração, 1887 (ingl.).

8 *Conferências Monásticas*, Maredret, junho de 1914.

9 *Retiro*, Hayward's Heath. Cônego de Bruges, agosto de 1906: "All sanctity consists in being by grace what Jesus is by nature: a child of God".

10 *Joan.* I,18.

11 *Rom.* VIII,15.

11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

Composto e impresso nas oficinas gráficas
de CIA, EDITORA AMERICANA
— Rua Visc. de Maranguape, 15 — Rio
